

NOVA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

Anexo 1 - Memorial descritivo de conteúdos para multimídia

MÓDULO 1 - Territórios e Fronteiras

M1.AV1 - Projeção Territórios e Fronteiras

a) Conteúdos para locuções

Texto 1 - Fronteiras

Texto 2- Identidade e território

Texto 3- Divisões e resistência

b) Imagens de referência

Imagens de contextualização para texto nº 1

Imagens de contextualização para texto nº 2

Imagens de contextualização para texto nº 3

MÓDULO 2 - Viagens

M2.AV1 - Projeção imersiva Viagens

a) Conteúdos para locuções

Texto 1 - A partida

Texto 2 - A viagem

Texto 3 - A chegada

b) Imagens de referência

Fluxos migratórios

Viagens

c) Depoimentos

A partida

Depoimento 3 - Herbert Isnenghi

Depoimento 4 - Jaime Corominas Valls

Depoimento 5 - Mariana Bernadette Sanhenga (Depoimento novo)

Viagens

Depoimento 1 - Maria Verchev Rascov

Depoimento 2 - Maria Dragojevic Jorge.

Depoimento 3 - Maria José Pereira de Oliveira

Depoimento 4 - Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)

Depoimento 5 - Ana Rita de Souza

Depoimento 6 - Christina Tsantekidou (Depoimento novo)

Chegada

[Depoimento 1 - Umberta Kanasawa](#)

[Depoimento 2 - Herbert Isnenghi](#)

[Depoimento 3 - Antonia Rozendo de Araujo](#)

[Depoimento 4 - Iracema \(Maria de\) Souza](#)

[Depoimento 5 - Clarice Josivania da Silva \(Clarice Pankararu\)](#)

Ficha de crédito dos depoentes

MÓDULO 4 - Imigração no Brasil

[M4.AV1 - Composição de monitores com dados](#)

[Conteúdos - Textos, imagens e outros documentos](#)

[A migração e a miscigenação](#)

[Texto](#)

[Frase destaque](#)

[Imagens](#)

[O governo brasileiro na busca por mão-de-obra](#)

[Texto](#)

[Venham para o Brasil!](#)

[Texto](#)

[Imagens](#)

[Núcleo Colonial e trabalho rural](#)

[Texto](#)

[Imagens - Núcleo Colonial](#)

[Imagens - Trabalho rural](#)

[Trabalhos urbanos](#)

[Texto](#)

[Imagens](#)

[A greve](#)

[Texto](#)

[Imagens](#)

[Crianças na Migração](#)

[Texto](#)

[Imagens](#)

[M4.AV2 - Interativo das bandeiras](#)

[Textos M4.AV2](#)

MÓDULO 5 - Hospedaria de Imigrantes do Brás

[M5.AV1 - Livro de Registros da Hospedaria](#)

[Conteúdos - Livro de Registros da Hospedaria](#)

M5.AV2 - Áudio das Cartas de Chamada

Conteúdos - Cartas de chamada

Pré-seleção das cartas para leitura

M5.AV3- Projeção Serviços da Hospedaria

Conteúdos - Trechos de depoimentos - Refeitório

Alimentação

Estranhamento

Sabores

Utensílios

Curiosidades

Horários

Legendas depoimentos - Refeitório

M5.AV4 // M05M5 - Áudio das Camas

Trechos de depoimentos - Dormitórios

Legendas depoimentos - Dormitório

M5.AV5 - Depoimentos em animação

M5.AV5.a - Nicho central 1 -

Depoimentos Alimentação

Depoimentos Alimentação (Farnel De Viagem)

Depoimentos Cotidiano

Depoimentos higiene

Legendas depoimentos Nicho central 1

M5.AV5.b - Nicho central 2

Depoimentos temáticos: política, administração e funcionamento

Legendas depoimentos 2 - Nicho central

MÓDULO 6 - Pessoas que Migram

M6.AV1 - Mosaico de Pessoas

Vitrine a: Caixa de ferramentas

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Botão 2 Motivos: Econômico

Vitrine b: Mala de mascate

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Botão 2 Motivos: Redes familiares e comunitárias

Vitrine c: Broche

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Vitrine d: Tecido de Angola

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Botão 2 Motivos: Sonho

Vitrine e – “O nada”

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

[Botão 2 Motivos: Sem escolhas](#)

[Ficha de crédito dos depoentes:](#)

[Ficha de crédito dos depoentes:](#)

[MÓDULO 7 - Migrações Internas](#)

[M7.AV1 - Vídeo / Poesia migrante](#)

[M7.AV2 - Depoimentos antigos](#)

[Trechos de depoimentos antigos](#)

[Ficha de créditos depoimentos antigos](#)

[M7.AV3 - Depoimentos novos](#)

[Trechos de depoimentos novos](#)

[Ficha de crédito dos depoentes:](#)

[M7.AV4 - Projeção Migrações Internas](#)

[Dados quantitativos](#)

[Decretos para promoção das migrações internas](#)

[MÓDULO 8 - Diáspora Brasileira](#)

[M8.AV1 - Projeção Diáspora Brasileira - com depoimentos](#)

[Brasileiros pelo mundo:](#)

[M8.AV1.c-Depoimentos - Vídeos](#)

[M8.AV1.d-Depoimentos - Transcrições](#)

[M8.AV1.e-Depoimentos - Ficha de crédito](#)

[M8.AV2 - Projeção Diáspora Brasileira](#)

[Tabela e gráfico com números de brasileiros no exterior](#)

[Mapa](#)

[Imagens de brasileiros no exterior](#)

[M8.AV2 - Projeção Diáspora Brasileira](#)

[MÓDULO 10 - Observatório das Migrações](#)

[M10.AV1 - Projeção Interativa Mapa-Múndi](#)

[Descrição de conteúdo](#)

[Mapa-múndi com as localidades definidas:](#)

[M10.AV2 - Terminais de Consulta Plataformas de Imigração](#)

[M10.AV3 - Projeção Plataformas de Imigração](#)

[M10.AV4 - Terminais de Consulta Desvendando Fotografias](#)

[M10.AV5 - Terminais de Consulta MI Indica](#)

[M10.AV6 - Terminais de Consulta Sobrenomes Site do MI](#)

[MÓDULO 11 - Sobrenomes](#)

[M11.AV1 - Projeção Sobrenomes](#)

MÓDULO 1 - Territórios e Fronteiras

M1.AV1 - Projeção Territórios e Fronteiras

a) Conteúdos para locuções

Texto 1 - Fronteiras

A fixação das populações em territórios e a subsequente demarcação de fronteiras têm raízes complexas e multifacetadas ao longo da história. Inicialmente nômades, alguns agrupamentos humanos perceberam vantagens estratégicas na estabilidade proporcionada pelos territórios, permitindo o desenvolvimento de comunidades. A fixação permitiu que essas comunidades cultivassem a terra de maneira continuada, domesticassem animais e estabelecessem assentamentos permanentes. A agricultura, em particular, desempenhou um papel crucial nesse processo, pois oferecia uma fonte constante de alimentos e possibilitava o acúmulo de excedentes. Essa mudança para uma vida sedentária não apenas garantiu a subsistência, mas também propiciou o surgimento de novas estruturas sociais, com maior capacidade de centralização do poder. A delimitação de fronteiras, por tanto, gerou um novo paradigma desde o qual a fixação em territórios passou a orientar o desenvolvimento das sociedades humanas.

Não existe uma única razão para as comunidades terem adotado as fronteiras nacionais como forma de definir limites territoriais. Porém, o que se observa historicamente é que muitas vezes essas divisões estiveram no centro de competição por recursos, proteção contra invasões ou processos de consolidação de identidades distintas. O desenvolvimento histórico de um país está intrinsecamente ligado à formação de suas fronteiras. Guerras, tratados e processos de independência moldam não apenas a geografia política, mas também a narrativa histórica do país, influenciando a percepção de sua identidade cultural ao longo do tempo.

sincronizado com imagens de contextualização nº1

Texto 2- Identidade e território

A identidade cultural é um componente significativo para “se sentir” pertencente a um lugar. A noção de pertencimento é constituída por aspectos subjetivos. Língua, tradições, costumes e diversas expressões de uma determinada região desempenham relevante papel na formação da identidade. A apreensão desses elementos culturais contribui para a sensação de pertencimento, pois compartilhar uma cultura comum com os outros habitantes do local cria bases para uma identidade compartilhada. Nossa relação com um lugar muitas vezes é moldada por experiências pessoais, memórias afetivas e laços emocionais. A infância vivida em um determinado local, as relações familiares e as interações com a comunidade podem criar vínculos profundos que influenciam nosso sentido de pertencimento. Assim, a territorialidade torna-se uma construção multifacetada e dinâmica.

Os movimentos migratórios são uma parte intrínseca da cultura humana e têm ocorrido desde os primórdios de sua história. Ao longo do tempo, diversos foram os motivos que impeliram milhões de pessoas a se deslocarem de um lugar para outro: guerras, escassez de alimentos, conflitos religiosos ou

a busca por condições de vida melhores para si e para suas famílias. Os desafios começam antes mesmo de entrarem no país escolhido. As fronteiras que determinam os limites da autoridade governamental exercem uma influência significativa nas políticas internas e externas. Esse controle se manifesta nas políticas de imigração e refúgio, nas quais são criados critérios e procedimentos muitas vezes inacessíveis para os grupos em busca de oportunidades ou fugindo de conflitos, resultando em marginalização e discriminação. Isso perpetua desigualdades e contribui para a formação de estruturas sociais excludentes com base na origem, etnia e situação econômica. As fronteiras impactam ainda o acesso a recursos essenciais, como educação, saúde e emprego, criando disparidades entre populações de diferentes regiões e segregando aqueles que residem em áreas menos favorecidas. A condição de migrante é complexa, moldada por trajetórias individuais e coletivas, marcada por despedidas, adaptações e construções de novas identidades.

Texto 3- Divisões e resistência

As fronteiras ultrapassam a demarcação geográfica, transformando-se em elementos simbólicos e políticos que influenciam a criação de uma identidade coletiva, gerando um sentimento de pertencimento ou exclusão. Quando a segregação reforça identidades culturais, acaba por marginalizar grupos étnicos e/ou culturais que não se encaixam nos critérios normativos. As fronteiras culturais são construções sociais que definem e delimitam grupos com base em características culturais, identidades e práticas. Em diferentes épocas e contextos, surgem movimentos de resistência e manifestações desafiando essas fronteiras.

As fronteiras separam e reforçam divisões marcadas pelo peso da história. Uma pessoa nasce em um território, de um determinado país, e vive dinâmicas marcadas por fronteiras culturais construídas por outras pessoas, de outros tempos. Ao desafiar essas normas impostas, esses lugares em que cada um deveria estar, há um encontro constante com essas várias camadas da história. Quando se busca um caminho fora dessas normas é que se percebe mais nitidamente a força atribuída pelas sociedades às fronteiras. E a você, como as fronteiras te afetam?

b) Imagens de referência

No total serão disponibilizadas 42 imagens que irão compor o vídeo junto com os depoimentos.



Imagem de referência

Obs. As imagens deverão conter as legendas

MÓDULO 2 - Viagens

M2.AV1 - Projeção imersiva Viagens

a) Conteúdos para locuções

Texto 1 - A partida

A partida do migrante representa o início de sua jornada. Ele deixa para trás sua terra, seus pertences, memórias e pessoas. O medo e a tristeza acompanham cada despedida, mas é a esperança que os move, mesmo que isso signifique atravessar oceanos, caminhar quilômetros e encarar trajetos perigosos.

Levam consigo suas roupas, ferramentas e utensílios, representando não apenas bens materiais, mas também uma conexão com sua identidade e com seu passado. Fugindo de conflitos e perseguições, alguns partem apenas com a roupa do corpo, carregando consigo não só a esperança de um possível recomeço, mas também a dor da partida e a incerteza.

Texto 2 - A viagem

À medida que o movimento das águas, o sacudir dos trens ou a longa caminhada se torna familiar, os corpos dos migrantes são atravessados por inúmeras emoções: o receio, a nostalgia, a felicidade, o desconforto da jornada, o pranto, o sorriso, a amizade. Esses sentimentos contraditórios ou complementares, refletem essa nova jornada cheia de obstáculos.

Neste percurso as diferenças de língua, costumes e tradições se tornam obstáculos a serem superados.

Enquanto alguns embarcam nesta jornada fugindo de conflitos, carregando consigo traumas profundos e feridas abertas, outros buscam novas oportunidades. A viagem do imigrante é marcada por processos contínuos de reinvenção e descobertas.

Texto 3 - A chegada

A chegada carrega consigo as aspirações que motivaram todo o percurso, tornando o desembarque o primeiro passo concreto de uma nova vida em uma nova terra. A alegria do recomeço se mistura com a saudade do que foi deixado para trás. A pessoa que migra a cada passo, nova é envolvida por descobertas e desafios. Para muitos, é a primeira vez que se encontram com outras culturas, o que gera uma mistura de sentimentos, desde a curiosidade até o medo. Além disso, o contraste climático também é marcante, especialmente para aqueles que migram de regiões com temperaturas mais quentes.

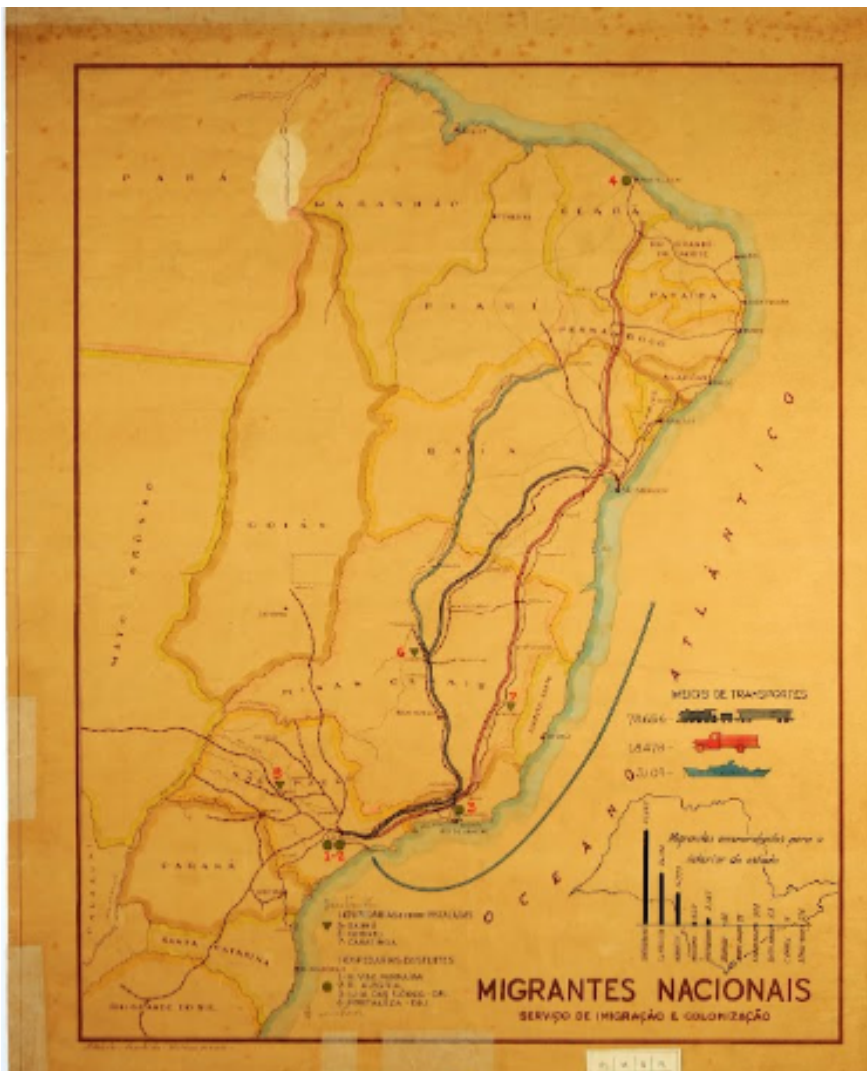
Os diferentes costumes, tradições, aromas e sabores exigem que o migrante se reinvente a todo o momento. Assim, a jornada do migrante se torna um processo de reinvenção pessoal e coletiva, onde as fronteiras entre o que era conhecido e o desconhecido se misturam, dando lugar a uma nova identidade moldada pela experiência da migração. Migrar é mais do que simplesmente mudar de lugar, é renascer em meio às incertezas do futuro.

b) Imagens de referência

Fluxos migratórios

Serão utilizadas imagens de mapas, gráficos e ou fotografias sobre fluxos migratórios, como por exemplo a localização dos maiores fluxos de pessoas, locais com maior número de refugiados, dentre outros.

Referência



Mapa com rotas e meios de transporte nacionais de migração para São Paulo.
Acervo Museu da Imigração

Viagens

Serão utilizadas imagens ou fotografias que ilustrem as viagens dos migrantes.



Primeira visão da cidade de Santos dentro de um navio de imigrantes
Acervo Museu da Imigração

c) Depoimentos

Serão utilizados trechos de depoimentos de pessoas que, por diferentes motivos, migraram ao Brasil, ao longo do século XX, que relatam as vivências e lembranças desde que saíram dos locais de origem até sua chegada.

A continuação, está a transcrição de partes destes depoimentos onde se destacam em vermelho as partes selecionadas pela curadoria para a projeção. Os depoimentos estão agrupados por tema: Partida, viagem e chegada.

Os áudios dos depoimentos podem ser solicitadas à equipe do MI

A partida

Depoimento 1 - Maria Dragojevic Jorge

Nacionalidade: Dalmácia - Croácia

Chegada ao Brasil: 1925

00:06:11 - 00:07:11

Museu: Agora eu gostaria que a Sra. falasse da saída da ilha até chegar no Brasil. Conta tudo como foi.

MDJ: Ah, minha filha, **o dia mais triste acho que foi o dia que nós saímos de lá.** Olha, até chorei esse dia, quando estava lendo aquele livro. Porque, sabe, como saiu muita gente, então todo mundo deixou parente lá. Então aquele dia foi uma tristeza maior da vida, viu? E quando nós estava pra embarcar o Padre chamou famílias, né? E ele deu um livro, como de lembrança, pra ensinar, né? E ele falou pra nós que ele sentia muito de deixar nós irmos, tudo, mas ele falou: "A vida aqui já está um pouco dura, então, o que que eu vou fazer, né? E na hora que nós estava embarcando veio a banda de música e começou a tocar. Aí que foi a maior tristeza ainda.

Depoimento 2- Bárbara Tânia Podsivasek

Nacionalidade: Iugoslávia

Chegada ao Brasil: 1959

00:35:18 - 00:35:26

[...]

B - Olha, quase perdi o navio, bom a coisa que me marcou, que são coisas, sabe tem coisas da vida que me marcam [...]

00:37:00 - 00:38:16

[...] então você me perguntou do meu pai né, como foi a minha viagem? **Quando eu pedi para minha mãe, até o último instante pedindo pelo amor de Deus: "mãe, não me deixe ir embora", a minha mãe falava: "você tem que ir, porque você é mais velha, você já está na faculdade, pra você não vai interferir nem nada nos seus estudos",** e eu me lembro depois essa vizinha até sempre falava pra minha mãe isso, eu me despedi de uma senhora, eu falei: "olha, eu acho que é a última vez que vamos nos ver, porque eu não vou voltar mais", eu tinha aquele pressentimento dentro de mim, que eu não ia voltar mais e de fato eu não voltei, então eu pedia para minha mãe, o trem saiu às 2 de madrugada para Gênova, porque eu peguei o navio em Gênova na Itália, eu pedia, me ajoelhava pedindo pelo amor de Deus: "mãe não me deixa eu ir embora", a minha irmã queria ir no meu lugar, mas ela estava 2 anos atrás de mim nos estudos, porque eu acho que ela perdeu um ano, não me lembro isto, e minha mãe falou não, porque meu primeiro nome é Barbara, o segundo é Tânia, mas meus pais me deram o nome Tânia do que Barbara, então minha mãe falava: "não Tânia que vai, Tânia que vai" [...]

00:38:35 - 00:38:52

[...] Era um navio argentino, que levou 19 dias para vir ao Brasil e foi um fato curioso Sonia, tinha todos os passaportes eram verde o meu era o único vermelho, porque eu fui com passaporte, até hoje tenho o meu primeiro passaporte

Depoimento 3 - Herbert Isnenghi

Nacionalidade: Áustria

Chegada ao Brasil: 1919

00:11:30 - 00:12:16

[...]

Museu: O Sr. se lembra dos preparativos dessa viagem?

HI: **Bom, os preparativos eram arranjar dinheiro e arranjar utensílios para a vida da fazenda, porque todo mundo achava que aqui não tinha nada,** era bom de trazer, então comprava-se cada coisa inútil, por exemplo celas de cavalo, que era uma cavalaria que tem lá que nem um burro agüentava - quando o burro fazia assim, o cavaleiro com a cela, o cavaleiro já foi para o chão. Então cada um veio com espingarda e livros, principalmente livros, como criar galinhas, como tratar de vacas, sabe? (risos), só que a vaca não atendia aquilo que estava escrito no manual, né? Nem as galinhas se interessavam.

Depoimento 4 - Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanha

Chegada ao Brasil: 1953

01:36:36 - 01:37:23

[...] Mas me recordo sempre que os italianos estavam lá, cheio de italianos ... e começaram a cantar ... e cantaram uma canção que eu sempre guardei ... **que é aquela de "vola, Colomba bianca vola ..."**, alguma coisa assim ... uma canção que ainda se canta agora. **E lá uns 500 italianos cantavam essa música.** Me parece que estava na moda, que tinha sido lançada no Festival de San Remo ... alguma coisa ... por aqueles anos e todo mundo cantava essa música. É uma canção muito bonita ... e essa foi a minha despedida, em 53.

Depoimento 5 - Mariana Bernadette Sanhenga (Depoimento novo)

Nacionalidade: Angola

Chegada ao Brasil: 2014

[00:04:14]

Pensando na sua viagem mesmo, pensando estruturalmente. Se você veio de lá para cá, gostaria que você contasse um pouquinho dessa trajetória de viagem. Do transporte, quantas horas duraram e se você tem alguma memória, alguma recordação de algum objeto ou alguma referência de memória que te marcou nesse processo da viagem mesmo, de Angola para cá, para o Brasil.

[00:04:43]

Nossa, o processo foi, no princípio, o processo de vir para cá foi uma questão...

Eu fiquei alegre, fiquei feliz porque eu podia conhecer o outro país, porém sabia que eu largaria uma parte de mim em Angola. **O processo foi difícil, não foi fácil, tanto burocrático para poder ter o visto, que é o aval para poder entrar cá no Brasil. No dia da viagem foi corrida, como todos sabem que viagem é corrida, estressante. Eu fiquei empolgada, empolgada, deixei tudo.**

Viagens

Depoimento 1 - Maria Verchev Rascov

Nacionalidade: Bessarábia - Romênia

Chegada ao Brasil: 1926

00:12:58 - 00:14:00

[...]

Museu: E como foram esses dias dentro do navio? Comida? As amizades?

MVR: Ah, comida é bom, tudo; **a gente de primeiro ficava doente, dor de cabeça tudo, depois acostumou, fiquei 18 dias viajando, acostumei, não é?** mas eu lá, nós se ajunta, moços, moças, rindo, conversando correndo prá lá e prá cá, nem apercebia se era feio, se era bonito, onde nós vai, onde não vai, tudo isso prá nós era muito bom, não era? nós não sabia tudo assim o que vai acontecendo aqui mas quando já fomos nessa Ilha, nós vimos que 5 ficamos já presos lá 15 dias. Então o Navio não tem passagem, não tem nada, então onde que nós vai sair? No meio de água? Estamos esperando. Os nossos pais ficaram um pouco apavorados, não é? Nós pouco compreendíamos as coisas.

Depoimento 2 - Maria Dragojevic Jorge.

Nacionalidade: Dalmácia - Croácia

Chegada ao Brasil: 1925

[...]

Museu: Conta como é que foi a viagem.

MDJ: A viagem graças a Deus foi boa porque tinha pra comer bem, tinha pra beber bem. Depois fomos... passamos na Itália, em Palma, Nápoles, depois passamos pela Inglaterra, depois passamos pela África, é, depois viemos direto para o Brasil.

Museu: Mas como...

IRMÃO: Equador.

MDJ: Equador, né?

Museu: Como é que era o dia-a-dia dentro do navio desde que acordava? Conta como é que era.

MDJ: Ah, foi bom, né? Não faltou nada. **Nós como era criança, sabe, pra gente era tudo novidade, né? É, mas foi tudo bem; quando chegamos no Equador... Ai todo mundo faz festa. Foi a maior festa, viu, no navio!** Brincadeira de criança, dos adultos... Era uma festa muito bonita, viu!

Museu: O que a criançada ficava fazendo dentro deste navio durante tantos dias?

MDJ: Ah, brincavam, né? Quando era criança brincava, sabe como é? Criança, né? A gente nunca tinha... quer dizer, mar a gente viu, mas depois que tivemos oceano, quatorze dias pra atravessar o oceano, não via nada, só o céu e a terra e algum navio de vez em quando, algum tubarão... [risos].

Depoimento 3 - Maria José Pereira de Oliveira

Nacionalidade: Portugal

Chegada ao Brasil: 24/02/1938

00:07:17 - 00:08:12

Museu- Você lembra da viagem? Conta para mim como foi.

MJPO- Se lembro da viagem! Na viagem, nós fomos como o que?, no porão do navio. E a gente não aguentava, vomitava tudo ali, porque a gente **não se agüentava no porão do navio. Já imaginou a minha mãe, uma família, seis crianças e muitos, porque o navio vinha cheio né? Ali era horrível e pronto.** O que valia é que você ia pro convés, em cima, então ali a gente ficava. Agora, eu mais o meu irmão, a gente era levinho, mesmo. O que a gente aprontou naquele navio não teve igual, mas era curiosidade de criança, né?

00:08:52 - 00:08:56

[...]

Museu- Mas conta mais. Essa viagem durou quanto tempo?

MJPO- 19 dias e 19 noites. E esse navio depois...

Depoimento 4 - Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)

Nacionalidade: Brasileira

Data da migração: novembro de 2003

00:10:37 - 00:10:41

[...] **eu estudei até a oitava série. E na oitava eu parei e vim para cá, para São Paulo.**

00:13:37 - 00:13:45

[...] E eu lembro que a passagem, acho que era 150. Mas ela não tinha esse dinheiro para trazer a gente. Ai eu esperei até, eu falei "mãe, eu não aguento mais ficar aqui" [...]

00:13:54 - 00:13:59

Eu vou dar mais um tempo, para a senhora juntar um dinheiro, conseguir pagar a passagem para poder trazer nós dois [...]

00:14:07 - 00:14:12

E daí eu fui trabalhar na casa da minha prima, de babá, para ganhar 50 reais. [...]

00:15:04 - 00:15:21

Eu trabalhei, eu fiquei do mês de junho até novembro. Porque **eu vim para cá em novembro. Para poder juntar alguma coisa e, ainda assim, não tinha o dinheiro todo para vim. Não tinha dinheiro para comer no caminho, não tinha dinheiro para poder pagar a passagem toda.**

00:16:06 - 00:16:30

[...] E a gente vem mais um parente. E eu lembro que ele só tinha um peixe para comer no caminho. Peixe com farinha. E eu não tinha nada. Eu tinha umas moedinhas só para comer, para comprar alguma coisa. Aí ele falava - está vendo? Já quero chorar. Aí ele falava - "come, come o peixe"; eu falei "não, eu não quero". Mas eu não comia com vergonha, porque eu estava com fome. "Não, eu não quero". [...]

00:16:35 - 00:16:36

E eram três dias de viagem. [...]

00:16:59 - 00:17:36

[...] E daí foi bem puxado, mas como a gente era criança, aguentava. E eu passava, assim, só nas vitrines olhando. **Todo mundo comendo, todo mundo almoçando e a gente não tinha. Só tinha esse parente que tinha esse peixe, mas eu não comi o peixe de jeito nenhum. Então, por isso que eu falo: eu não migrei porque eu quis.** E eu vim. E eu vim assim, nessa situação. Porque a minha mãe não tinha dinheiro, a gente não tinha dinheiro. A pessoa, que trouxe a gente, o dinheiro que eu tinha, que não era muito, eu tinha que dar para completar pelo menos uma passagem, que eu acho que era 150, era 200, não lembro. Ou então ele não trazia a gente.

Depoimento 5 - Ana Rita de Souza

Nacionalidade: Brasil

Data da migração: 1914

00:01:37 - 00:01:44

[...]

ANA- Não lembro da cidade, **eu lembro da viagem porque nós viemos de barco, viemos pelo rio São Francisco.**

00:01:48 - 00:02:14

[...]

ANA- Olha eu me lembro que foi de barco até nós chegá numa cidade para pegar o trem para vir para o Estado de São Paulo, lembro das figuras que tinham no barco e eu tinha muito medo, era leão, cachorro e grande, eu me lembro disso, me lembro do rio São Francisco, [...]

00:02:35 - 00:03:01

[...] depois nós pegamos um trem que veio para São Paulo, mais aí eu não me lembro.

MUSEU- Pirapora?

ANA- É Pirapora, Pirapora sim, **lá nós fomos roubados e aí atrapalhou nossa viagem**, porque depois precisou pedir socorro pela polícia pra ajudar nós chegar até São Paulo isso eu me lembro.

[...]

00:03:14 - 00:05:05

ANA- [...] não tinha dinheiro não tinha nada, tudo foi embora, meu avô era ourives e deu jóias pra gente trazer e também foi roubada, eu me lembro que nós ficamos no Hotel São Bento, ajeitaram pra nós ficar lá, São Bento, e como... sabe baiano sempre tem muito filho e era muito e tudo miudinho começava a correr, via o corredor, achou espaço e começava a correr pra lá e pra cá, aí veio o gerente e falou pra minha mãe que fechasse nós no quarto para que não atormentasse os outros

visitantes, os outros visitantes porque era hotel, eu me lembro muito bem que o hotel chamava São Bento, daí nós fomos para Ururá, que era um lugar chamado Taquara, e depois mudou para Ururá.

MUSEU- O que vocês foram fazer em Ururá?

ANA- Meu tio que pagou... ajudava meu pai vim, que meu pai foi trabalhar com o meu tio, que é irmão do meu pai, nós fomos ficar na casa deles que meu pai não tinha nada, era uma mão adiante e outra atrás e os filhos, então nós ficamos com esse meu tio, esse meu tio depois com o correr do tempo... meu pai aprendeu a trabalhar no comércio, que ele era negociante, aí pôs ele como sócio, e meu pai trabalhou muitos anos aqui no Estado de São Paulo como sócio do meu tio. [...]

Depoimento 6 - Christina Tsantekidou (Depoimento novo)

Nacionalidade: Rússia

Chegada ao Brasil: 2023

00:13:08:09 - 00:13:45:27

So for sure, we we didn't really plan the whole trip with my partner. it was kind of a little bit. Not necessarily unexpected, but I've decided it. And then I was already pregnant, so it was a lot around the baby. And when Boris, our son, was born, then it was so much about the bureaucracy and a lot of bureaucracy, and we had to deal with that.

00:13:45:28 - 00:14:23:19

We weren't really thinking about the future, what took me so, so long in Brazil. And that was very, very interesting as I took my time to so much time to say goodbye to everything I'm leaving behind. My job, my, my freelancing freelancer life. I was independent financially and all this. So I know I'm entering an area that I don't know how to be fed by somebody else, by my partner, but it's still a feelings that I had to process.

00:14:23:21 - 00:15:57:13

And, all my travel, I was on this plane. I was wondering, are we doing the right thing? Because I still have three months visa. We need to get married. We need to gather all the papers. There is so much to do and we were not prepared for it. So we actually still currently waiting, expecting papers, documents to arrive for me to be actually able to stay, which will eventually happen because of our son, which helps a lot. But, the expectations were zero, and that's something that I've learned throughout my life is the less expectations you have, the less disappointments you have. So I was rather not expecting anything for me to enjoy the little things that this country will have to give me. thinking of being alone at home, just sitting with my baby.

And if any little thing happens in my life, that's a blessing. And I'll be grateful for that little thing that came. If I have expectations, then that leads usually to disappointments. If the expectations will not be fulfilled. And go out of love your everything.

Chegada

Depoimento 1 - Umberta Kanasawa

Nacionalidade: Italia

Chegada ao Brasil: 02/03/1957

00:14:15 - 00:15:46

[...]

MUSEU- O desembarque foi em Santos e quem estava esperando?

UMBERTA- É meu pai foi nos esperar com meu irmão e um amigo vizinho, então depois que fomos liberados tomamos a vacina e descemos, abraçamos, meu irmão trouxe chocolate, uns doces, porque criança... ele sabia que criança gostava muito de doce, depois então nós tomamos o ônibus expresso brasileiro, e ele fazia uma parada na serra e tinha uma baiana na fonte vendendo cocada e então nesse dia eu não morri porque não devia ter morrido porque eu comi tanta cocada e eu não queria parar, porque na nossa cidade coco nem tinha, eu só comia coco quando passava as férias em Viarejjo, então nunca havia experimentado cocada, meu irmão falou: - você quer experimentar, é um doce daqui típico, gostoso", eu gostei tanto que comia, comia e não parava mais de comer, mas felizmente não fez mal não e foi muito gostoso; aí nós chegamos e a mãe desse rapaz, desse vizinho, que era a proprietária da casa que meu pai tinha alugado, dona Adalgisa, o apelido dela era

dona Zica e ela era casada com o senhor Paulo, que era filhos de italianos da Campania, então eles prepararam macarrão prá nós, frango, salada e muitas frutas, então tinha jabuticaba, abacate, banana, foi assim um dia muito...

Depoimento 2 - Herbert Isnenghi

Nacionalidade: Áustria
Chegada ao Brasil: 1919

00:13:18 - 00:15:06

[...]

Museu: E o senhor desembarcou no Rio de Janeiro? HI: Não, não, nós desembarcamos aqui em Santos. Desembarcamos em Santos e fomos diretamente para a Hospedaria da Imigração.

Museu: Qual foi a sua primeira impressão quando desembarcou no Brasil?

HI: Bom, aquela impressão de exótico, né?, é tudo diferente, chovia à bessa, fazia um calor, aquele bafo de Santos, e o pessoal também era estranho, naturalmente. **O que impressionou foi em São Paulo ver a estrada de ferro, que era bonita, sabe?**, pena que aquilo foi tão abandonado!

Museu: Tinha alguém para receber vocês lá no porto?

HI: Não, só tinha um que nos dirigia para o trem e depois os vagões foram engatados e subimos a serra. Fomos até a estação do Brás, desembarcamos, pegamos a bagagem e fomos a pé até a estação da Moóca, onde é a imigração...

Museu: E essa viagem de Santos para São Paulo?

HI: Ah, isso passou tão depressa, são duas horas... e não deu para fazer grandes impressões. A última coisa era naturalmente a estrada de ferro, a construção com aquele vale cheio de neblina e as árvores exóticas, a estação do Alto da Serra - eu olhei para Paranapiacaba lá, naquele tempo chamava só Alto da Serra, que era diferente, né?

Depoimento 3 - Antonia Rozendo de Araujo

Nacionalidade: Brasil
Data da migração: 1954

MUSEU- Agora conta da chegada em S. Paulo?

ANTONIA- **A chegada me assustou um pouco, era o mês de maio, chuvoso, naquela época tinha muita garoa, aonde eu senti assim até o nariz gelado, chegamos a noite ali no Brás, já havia um certo lugar onde aqueles caminhões paravam e os viajantes**, vamos dizer assim, desciam e dali cada um tomava o seu rumo, o meu rumo foi muito bom porque eu me assustei só na chegada por estar muito frio sem agasalho, porque lá nós não usávamos agasalho é muito calor e eu senti um pouco de frio, mais ali o noivo do lado já começou a aquecer e já pegou um táxi, esse o meu noivo, pegou um táxi já foi direto até a casa dele que ele já tinha casa aqui, já residia com a mãe e com outras irmãs e ali foi onde eu fiquei em Vila Carrão, [...]

Depoimento 4 - Iracema (Maria de) Souza

Nacionalidade: Brasil
Data da migração: 1960

[...]

IS: Uma maravilha, você vai e volta no mesmo dia não é, se quiser? Então, mais foi difícil.

Museu: E quando a senhora chegou em São Paulo qual foi a primeira impressão que a senhora teve quando viu a cidade?

IS: Ah então, eu achei bonita, aí já chegamos, já fui para o bairro do Cambuci que foi o primeiro lugar onde eu... a primeira noite onde eu fiquei em São Paulo, que o meu cunhado tinha um amigo que trabalhava com ele e trabalhava no Cambuci, e esse meu cunhado pediu para esse amigo ir nos buscar na rodoviária e nós fomos no Cambuci, depois no dia seguinte é que nós fomos para a Vila Galvão.

[...] São Paulo 60 anos atrás, minha filha, não era bonito não. Sendo claro que sendo nova não conhecia. Mas São Paulo era pequena, não tinha quase que nada, né, e metrô não tinha naquela época, e as estações, os viadutos, os prédios, a tecnologia que tem hoje não existia. Então era bem simples aqui. Bem simples. Lá também tinha lugar simples e lugar bonito. Aqui também, entendeu? Mas eu acho que São Paulo era bem pobre. Pelo tamanho que ele era e todo mundo falava, eu esperava mais. [...] Agora quando eu vejo Recife, através de uma reportagem, alguma coisa, eu falo nossa que bacana né, eu pensei que só aqui que tinha desenvolvido, mas lá também! Então agora também tem tanta coisa bonita, mas eu não sinto vontade de ir pra lá!

Depoimento 5 - Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)

Nacionalidade: Brasileira

Data da migração: novembro de 2003

00:17:41 - 00:17:50

[...] E daí eu vim para São Paulo, cheguei aqui e morria de medo de sair na rua. Quando eu cheguei, o primeiro choque foi: a comunidade. [...]

00:17:58 - 00:18:05

[...] Então foi um choque de realidade que, quando eu botava o pé no chão, para sair de dentro de casa, o coração começava "tu, tu, tu, tu, tu", parecia que eu ia dar um treco.

Ficha de crédito dos depoentes

Nas narrações dos depoimentos, após a fala, citar somente o nome do depoente e a nacionalidade.

Adele Bast de Vicente

Nacionalidade: Bessárbia - Romênia

Data de nascimento: 20/02/1918

Chegada ao Brasil: 1925

Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)

Data do depoimento: 24/07/1997

Ana Rita de Souza

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 21/10/1906

Naturalidade: Bela Flor (BA)

Data da migração: 1914

Tipo de transporte/ nome: Barco/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 05/12/2000

Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituânia

Data de nascimento: 14/05/1908

Chegada ao Brasil: 21/01/1926

Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé

Data do depoimento: 30/09/1999

Antonia Rozendo de Araujo

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 10/12/1935

Naturalidade: Barreiros (PE)

Data da migração: 1954

Tipo de transporte/ nome: caminhão "pau de arara"
Data do depoimento: 24/11/2000

Barbara Tânia Podsvasek

Nacionalidade: Iugoslávia
Data de nascimento: 06/04/1940
Chegada ao Brasil: 1959
Tipo de transporte/ nome: Navio Corientes
Data do depoimento: 15/05/2000

Christina Tsantekidou

Nacionalidade: Rússia
Idade: 37 anos
Chegada ao Brasil: 2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 10/01/2024

Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)

Nacionalidade: Brasileira (indígena - Povo Pankararu)
Data de nascimento: 11/01/1988
Naturalidade: Aldeia Brejo dos Padres (PE)
Data da migração: novembro de 2003
Tipo de transporte/ nome: Ônibus
Data do depoimento: 01/12/2022

Fatala Antibas

Nacionalidade: Síria
Data de nascimento: 26/03/1919
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Julio César
Data do depoimento: 15/03/1994

Herbert Isnenghi

Nacionalidade: Áustria
Data de nascimento: 1902
Chegada ao Brasil: 1919
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 18 de julho de 1994.

Hortelina de Lima Paiva

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/06/1932
Naturalidade: Mari (PB)
Data da migração: 1951
Tipo de transporte/ nome: Barco/ Trem Pirapora ou Montes Claros (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 08/11/2000

Iracema (Maria de) Souza

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 07/07/1943
Naturalidade: Bezerros (PE)
Data da migração: 1960
Tipo de transporte/ nome: ônibus

Data do depoimento: 23/03/2012

Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanha
Data de nascimento: 1925
Chegada ao Brasil: 1953
Tipo de transporte/ nome: Navio Augustus
Data do depoimento: 13/02/1997

João Adriano Mucuapera

Nacionalidade: Moçambique
Idade: 43 anos
Chegada ao Brasil: 2011
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 08/01/2024

José Francisco Martínez

Nacionalidade: Colômbia
Idade: 35 anos
Chegada ao Brasil: 08/09/2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 09/01/2024

Majd Ali

Nacionalidade: Síria
Idade: 32 anos
Chegada ao Brasil: 2021
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 10/01/2024

Maria Dragojevic Jorge.

Nacionalidade: Dalmácia - Croácia
Data de nascimento: 09/01/1914
Chegada ao Brasil: 1925
Tipo de transporte/ nome: Navio Sofia
Data do depoimento: 12/03/1994

Maria José Pereira de Oliveira

Nacionalidade: Portugal
Data de nascimento: 19/03/1930
Chegada ao Brasil: 24/02/1938
Tipo de transporte/ nome: Navio Cap Norte
Data do depoimento: 23/03/2004

Maria Verchev Rascov

Nacionalidade: Bessarábia - Romênia
Data de nascimento: 22/12/1908
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 01/02/1994

Mariana Bernadette Sanhenga

Nacionalidade: Angola

Idade: 30 anos
Chegada ao Brasil: 2014
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 08/01/2024

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923
Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)
Data da migração: 1939
Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 22/11/2000

Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 1918
Chegada ao Brasil: 1937
Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru
Data do depoimento: 20/10/1998

Takeo Hirata

Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 1919
Chegada ao Brasil: Outubro de 1929
Tipo de transporte/ nome: Navio Hawaii Maru
Data do depoimento: 29/07/1999

Umberta Kanasawa

Nacionalidade: Itália
Data de nascimento: 16/03/1946
Chegada ao Brasil: 02/03/1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Bretanha
Data do depoimento: 13/09/2001

Yusuichi Kojima

Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 24/02/1934
Chegada ao Brasil: 1953
Tipo de transporte/ nome: Navio Santos Maru
Data do depoimento: 17/05/2001

MÓDULO 3: Deslocamentos indígenas e negros

M3.AV1 – Vídeo dos curadores

Conteúdo será definido junto à equipe da curadoria

M3.AV2– Memórias fotográficas

Vídeo composto por imagens de álbuns de fotografia de famílias indígenas. O vídeo deve apresentar fotografias que não apenas ilustrem, mas principalmente apoiem a narração de suas vidas em contexto de migração ou mobilidade entre aldeia e cidade e na cidade. As imagens do vídeo devem alternar a apresentação da família, da coleção de fotos, de algumas fotos selecionadas e, finalmente, de zoom que ponha em destaque detalhes sensíveis dessas fotos. Essas imagens devem vir acompanhadas de trechos de áudios das entrevistas com as famílias, narrando os contextos das fotos, assim como de intervenções gráficas sobre as imagens com palavras ou frases de destaque.

Conteúdo em desenvolvimento

M3.AV3 – Dados sobre a migração indígena

Essa instalação deve oferecer uma abordagem interativa ao visitante, por meio da qual ele possa fazer perguntas e obter respostas na forma de mapas e infográficos.

Conteúdo em desenvolvimento

M3.AV4 - Vídeo de entrevistas

Ref de conteúdos

[link](#)

MÓDULO 4 - Imigração no Brasil

M4.AV1 - Composição de monitores com dados

Conteúdos - Textos, imagens e outros documentos

A migração e a miscigenação

Texto

A política migratória passa a ser central nas discussões políticas do século XIX, uma vez que o fim da escravidão se tornava iminente. Para substituir a mão de obra dos escravizados nas fazendas de café, as elites passaram a regulamentar e controlar o trabalho assalariado no país, facilitando a entrada de migrantes estrangeiros. Além disso, a partir do século XIX, foram elaboradas as teorias científicas de "branqueamento", que propunham a miscigenação da população negra e indígena com a branca, envolvendo também os migrantes europeus, ao longo das gerações, com o objetivo de transformar progressivamente o perfil "racial" do país, passando de negro para branco.

Frase destaque

“Fato inquestionável que as leis de imigração nos tempos pós abolicionistas foram concebidas dentro da estratégia maior: a erradicação da “mancha negra” na população brasileira” (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

Imagens

Imagens e fotos representativas dos conceitos do texto inicial



Referência - A Redenção de Cam

Obs. As imagens deverão conter as legendas

O governo brasileiro na busca por mão-de-obra

Texto

O processo de independência, em 1822, dinamizou as iniciativas para a fixação de estrangeiros no Brasil. Entre 1823 e 1830 houve a edição de 25 Decisões, Portarias, Decretos e Leis que regulavam ou davam instruções sobre a entrada e fixação de não-nacionais em solo pátrio. Entre 1822 e 1960 ingressaram no país mais de 5,38 milhões de estrangeiros no Brasil. Os fluxos de entrada de migrantes internacionais não foram uniformes, prevalecendo a última década do século XIX com a entrada de cerca de 1,9 milhões desses migrantes. Já a primeira década do século XX foi a que recebeu a proporção menor, cerca de 1 milhão de migrantes internacionais.

Venham para o Brasil!

Texto

Muitos trabalhadores, principalmente da agricultura, eram motivados por uma intensa propaganda feita em seus países de origem, que lhes prometiam muitas terras e novas oportunidades na América, além dos subsídios para o transporte aos que tinham menos de 45 anos e com família. No entanto, ao chegarem aqui, os migrantes internacionais logo percebiam que a realidade não correspondia às promessas feitas. Diante das dificuldades de adaptação, muitos optavam por retornar à sua terra de origem e outros buscavam permanecer nas cidades encontrando maneiras alternativas de se estabelecerem.

Imagens

Cartazes, fotos, imagens e outros documentos sobre políticas públicas e/ou propagandas incentivando a migração para o Brasil

Ref



Legenda: Cartão com rotas de navios até o Brasil. Neste aparece o caminho via África, com as escalas em: China, Singapura, Gabão e Cidade do Cabo. Destino final Porto de Santos.

Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

Núcleo Colonial e trabalho rural

Texto

Durante a primeira metade do século XIX, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram as regiões que mais receberam atenção do Estado para fixação de estrangeiros. Com o objetivo de servir como estratégia nacional para impedir a invasão dos vizinhos hispânicos, os migrantes internacionais foram destinados a ocuparem os platôs do Sudeste e Sul do Brasil. Surgiram 10 núcleos coloniais que dinamizaram o crescimento de cidades como Petrópolis (RJ), Blumenau e Florianópolis (SC), e São Francisco do Sul (RJ).

O Estado de São Paulo recebeu, entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, o maior contingente de migrantes desembarcados no Brasil. O migrante internacional que vinha para o Brasil era, em sua maioria, o camponês de condição econômica modesta. Geralmente, chegava ao país com sua família, buscando estabelecer-se na zona rural.

Imagens - Núcleo Colonial

Imagens e fotos com registros históricos de mapas das colônias, núcleos coloniais, infraestrutura viária e demais obras de modernização, etc.



Capa final da revista "O Imigrante nº 1", jan. de 1908. Mapa do Estado de São Paulo com a localização das colônias existentes na época.

Imagem: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Imagens - Trabalho rural

Imagens e fotos com registros históricos da população migrante realizando trabalhos no ambiente rural.



Trabalhadores batendo arroz no Núcleo Colonial Barão de Antonina.
Acervo do Museu da Imigração.

Trabalhos urbanos

Texto

Embora o fluxo migratório internacional no Brasil tenha tido um foco em áreas rurais, não se pode desconsiderar a influência da migração urbana. Desde o início da migração em massa, ficou evidente o crescimento das cidades em diversas regiões do país. A partir da segunda metade do século XIX os migrantes internacionais começam a sair do campo e passam a ocupar espaço nas cidades. Insatisfeitos com as condições de trabalho nos latifúndios, esses estrangeiros passaram a ver as cidades como um lugar de novas possibilidades, melhor acesso à saúde e à educação.

Imagens

Imagens e fotos com registros históricos da população migrante realizando trabalhos no ambiente urbano.



Migrantes em um armazém na cidade.
Acervo do Museu da Imigração.

A greve

Texto

As jornadas diárias dos operários eram, normalmente, de catorze horas por dia e seis dias por semana. Os salários eram baixíssimos, e os locais e as condições de trabalho, subumanos. Os lugares insalubres frequentemente arruinavam a saúde dos trabalhadores. Todos esses fatores, somados com as ideias socialistas e anarquistas que estavam borbulhando na Europa, levaram às primeiras mobilizações dos operários das grandes cidades, especialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a então capital do país. “Em julho de 1917, 50 mil operários paralisaram as fábricas de São Paulo – de tecidos, chapéus, sapatos, móveis, fósforos, parafusos, cerveja, farinha –, exigindo o fim das condições desumanas de trabalho. Foi a primeira grande greve do Brasil” (Agência Senado).

Imagens

Fotos e imagens de registro, jornais, documentos, ou outro suporte gráfico que retrata as greves e paralisações operárias



Paralisação no Cottonificio Crespi (1917)

Registro fotográfico que simboliza o início da paralisação das mulheres e homens operários da fábrica têxtil Cottonificio Crespi, na Mooca (SP), a partir de 8 de junho de 1917.

Crianças na Migração

Texto

A política migratória categorizava os migrantes internacionais conforme a faixa etária, dividindo-os em menores e maiores de 12 anos. Os menores eram agrupados em três categorias: abaixo de 3 anos, de 3 a 7 anos e até 12 anos. De acordo com Bassanezi (2013), estima-se que 30% dos migrantes internacionais que chegaram entre 1886 e 1902 tinham menos de 12 anos, totalizando cerca de 350 mil crianças. Uma pesquisa realizada em 1911 em 23 fábricas de São Paulo mostrou que 72% dos operários eram do sexo feminino e 30% desse total tinha menos de 16 anos. Em 1920, 50% dos operários eram mulheres ou crianças com menos de 14 anos de idade. Após a proibição do trabalho infantil pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1919, o Brasil também adotou a medida, estabelecendo que o trabalho era "[...] proibido em todo o território da República o trabalho dos menores de 12 annos" (Brasil, 1927, art. 101).

Imagens

Fotos e imagens retratando crianças em diferentes contextos



Crianças na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo
Acervo do Museu da Imigração.

M4.AV2 - Interativo das bandeiras

Conteúdo interativo sobre diversas nacionalidades que emigraram para o Brasil.

Terminais de consulta / telas touchscreen.

Ícones de bandeiras, a pessoa seleciona uma e expande os conteúdos das migrações desses países

Conteúdo em texto sem áudio

Local: Terminais de consulta

Textos M4.AV2

Textos das 92 comunidades que passaram pela Hospedaria:

1. Afeganistão

Brasil e Afeganistão estabeleceram relações diplomáticas em 1952. A situação no Afeganistão tem sido afetada por conflitos armados, instabilidade política e, mais recentemente, a tomada do poder pelo Talibã em agosto de 2021. Esses eventos têm levado muitos afegãos a buscar refúgio em outros países na busca de estabilidade e escapar da perseguição. No Brasil, cerca de 200 migrantes ficaram acampados no Aeroporto Internacional de Guarulhos aguardando abrigo em 2023. Entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023, mais de 8 mil afegãos vieram refugiados para o Brasil. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 543 afegãos no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e ACNUR.

2. Albânia

Brasil e Albânia estabeleceram relações diplomáticas em 1961. Em 2010, ambos os países abriram suas embaixadas diplomáticas em Brasília e em Tirana, com o objetivo de estreitar os laços de amizade entre os dois países, promover exportações e investimentos, difundir a cultura brasileira e aumentar o intercâmbio cultural. O Brasil consolidou posição importante no mercado albanês, tornando-se, em 2021, o principal fornecedor de carnes para o país. Os cidadãos de ambos os países podem visitar a Albânia e o Brasil sem necessidade de visto. Segundo o Registro Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 220 albaneses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 12 albaneses.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

3. Alemanha

A migração alemã para o Brasil foi um dos principais fluxos migratórios europeus para o país ao longo do século XIX. Entre 1824 e 1969 mais de 250 mil migrantes alemães vieram para o Brasil. Nem todos que vieram para o Brasil foram ou se tornaram proprietários de terras na ocasião de sua chegada. Muitos deles eram artesãos, industriais, comerciantes e profissionais do meio urbano, bem como religiosos e professores. Os migrantes alemães se estabeleceram em diferentes regiões do Brasil, com maior concentração em áreas como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. No sul do Brasil, em particular, sua presença é bastante notável, e as comunidades germânicas contribuíram significativamente para o desenvolvimento agrícola, cultural e educacional dessas regiões.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 27.258 alemães.

Fonte: MAUCH, C., VASCONCELOS, N.(Org). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p. 165.

4. Angola

O Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola, em novembro de 1975, mesmo ano em que fixou sua embaixada em Luanda. No ano de 1992, ao receber aproximadamente 1200 angolanos em busca de refúgio da guerra civil, o Brasil acolheu esses migrantes garantindo-lhes proteção no território. Em Angola reside a maior comunidade brasileira no continente africano, com cerca de 15 mil pessoas. O grande interesse de angolanos em visitar, estudar e trabalhar no Brasil tornou a Embaixada em Luanda o segundo maior posto da rede consular brasileira no exterior em termos do movimento de concessão de vistos. Segundo o Registro Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 21.377 angolanos no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores, ACNUR e O Brasil na Proteção de Refugiados (MI).

5. Apátridas

Apátrida é a "pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto 4.246/2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro". Em 2020 o Ministério da Justiça e Segurança Pública reconheceu 16 migrantes como apátridas. Os apátridas reconhecidos passam a ter autorização de residência no Brasil por prazo indeterminado, sendo-lhes assegurado o exercício de todos os direitos e garantias conforme a Constituição Federal e pela Lei de Migração, excetuado o direito ao voto. Passam também a ter direito à Carteira de Registro Nacional Migratório, documento que facilita o acesso ao emprego e a serviços públicos e bancários.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1490 apátridas

Fonte: Ministério da Justiça e Segurança Pública.

6. Argentina

A Argentina é um dos principais parceiros políticos e econômicos do Brasil. Os países são unidos por uma linha de fronteira que se estende por 1.261 quilômetros. Somadas, as capacidades de Brasil e Argentina representam cerca de dois terços do território, da população e do PIB da América do Sul. O processo de aproximação política entre Brasil e Argentina, iniciado com

a redemocratização dos dois países na década de 1980, esteve na base do projeto de integração sul-americana que levou à criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), em 1991. Segundo o Registro Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 79.744 argentinos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 390 argentinos

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

7. Armênia

Brasil e Armênia estabeleceram relações diplomáticas em 1992. Desde então, observa-se maior aproximação entre os dois países, que visa garantir os direitos da grande comunidade armênia residente no país – estimada em 40 mil pessoas, 25 mil das quais no Estado de São Paulo. A adoção de regime de isenção de vistos para viagens curtas de turismo e negócios, em novembro de 2015, foi importante contribuição para estimular os intercâmbios entre os dois povos. A Embaixada em Yerevan também tem promovido a cultura brasileira na Armênia por meio de exposições de fotografias, artes plásticas e mostras de cinema. O Brasil e Armênia são coprodutores do curta-metragem sobre a vida de Santos Dumont, intitulado "The Wild Bird from Brazil".

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 165 armênios

Fonte: Ministério das Relações Exteriores.

8. Austrália

A Austrália é um país com uma grande diversidade social e cultural devido às migrações, que desde 1945 somam cerca de 6 milhões de migrantes. Em 2021, ano em que entrou em vigor o Acordo para cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação, o número de estudantes brasileiros na Austrália foi estimado em 14.000 pessoas. Antes das restrições às viagens internacionais devido à pandemia, o número de estudantes brasileiros na Austrália chegou a mais de 27 mil. Segundo o Registro Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 4144 australianos no Brasil.

Fonte: GUIMARÃES, Flávia Fortuna. Brasil e Austrália: As relações bilaterais. UniCEUB, 2004.

9. Áustria

As relações bilaterais entre Brasil e Áustria tiveram início em 1817, por ocasião do casamento do então príncipe herdeiro do trono de Portugal, Dom Pedro I, com Leopoldina de Habsburgo. O Brasil recebeu migrantes e refugiados austríacos, que se estabeleceram durante a segunda metade do século XIX e primeira do século XX, sobretudo nos estados do Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná. Intensificado pelo fluxo migratório no contexto da Segunda Guerra Mundial, muitos migrantes austríacos passaram pela Hospedaria de Imigrantes do Brás. A comunidade de origem austríaca no Brasil, conta hoje com aproximadamente 20 mil pessoas. Em 2013 foi assinado o Acordo de Cooperação da Educação e da Educação Superior.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 26.970.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores.

10. Bangladesh

A Embaixada do Brasil em Daca, a primeira de um país latino-americano, foi instalada em 1974. Os primeiros bengalis começaram a chegar no Brasil no fim dos anos 2000 e a onda migratória começou a ganhar força no início dos anos 2010. Em 2018, o governo brasileiro doou ao Bangladesh medicamentos antimaláricos e em 2020, kits de teste de COVID-19. Com o objetivo de ampliar e diversificar o intercâmbio bilateral, foram instituídas câmaras de comércio Brasil-Bangladesh nas respectivas capitais. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 4342 bengalis no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

11. Bélgica

O Brasil e a Bélgica mantêm laços históricos de amizade e cooperação desde a independência quase simultânea dos dois

países. As relações bilaterais estão ancoradas nos valores compartilhados e nos densos fluxos de comércio e investimentos. Em 1843 chegou no porto do Rio de Janeiro o barco "François Curieux" após uma travessia de 56 dias. 56 solteiros, 9 casais, 6 jovens e 15 crianças, todos belgas. Desde o início do século XX, empresas belgas desempenham papel de destaque na industrialização brasileira, sobretudo no ramo siderúrgico. Estima-se haver 48.000 brasileiros residindo na Bélgica, sobretudo nas cidades de Bruxelas, Bugres, Antuérpia e Ghent. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 5691 belgas no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1643 belgas.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e Patrimônio belga do Brasil.

12. Bolívia

A vinda dos migrantes bolivianos para o Brasil se intensificou em 1980 durante a "década perdida". Atraídos pela promessa de bons salários, estes migrantes apostaram que o ramo da confecção traria melhores condições de vida para eles e suas famílias. Mais de 10 mil bolivianos vieram para o Brasil entre a década de 1970-90. As relações com a Bolívia são prioritárias para o Brasil, abrangendo iniciativas em áreas como cooperação energética e fronteiriça e combate ao tráfico transnacional, visando trazer melhorias à população fronteiriça. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 140.544 bolivianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 29 bolivianos.

Fonte: BAENINGER, Rosana (Org.). Imigração boliviana no Brasil. NEPO/UNICAMP. Campinas, 2012.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: Entre o sonho e a realidade. Dossiê Migração, 2006.

13. Bulgária

O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência da Bulgária, em 5 de maio de 1909. As relações diplomáticas com a Bulgária foram estabelecidas em 1934. De acordo com o IBGE, cerca de 62 mil brasileiros declararam possuir ascendência búlgara no ano de 2006, o que faz com que o país abrigue a nona maior colônia búlgara do mundo. No âmbito cultural, a Embaixada do Brasil na Bulgária tem-se dedicado a divulgar a cultura brasileira e a promover o ensino da língua portuguesa. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 1325 búlgaros no Brasil principalmente em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 198 búlgaros.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

14. Cabo Verde

As relações diplomáticas entre Brasil e Cabo Verde foram estabelecidas em 1975. Cabo Verde é um dos principais parceiros em projetos desenvolvidos com recursos da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), em áreas como saúde, educação, agropecuária e agências reguladoras. Desde o ano 2000, mais de 3 mil cabo-verdianos vieram para o Brasil para estudar através do Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG). Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 4630 cabo-verdianos no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

15. Canadá

Em 1896 o esforço do estado de São Paulo para atrair mão-de-obra migrante para as lavouras cafeeiras levou à chegada de 500 canadenses ao porto de Santos em 1896, todos provenientes de Montreal. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a reaproximação dos países, foi estabelecido em 1944 uma embaixada canadense no Rio de Janeiro. A cooperação educacional tem-se destacado como um dos segmentos mais dinâmicos das relações bilaterais entre os países. O Canadá é o país que mais recebe estudantes brasileiros no exterior. De acordo com dados do governo do Canadá, em 2021 um total de 11.420 brasileiros receberam a autorização de residir permanentemente no país. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 9000 canadenses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 488 canadenses.

Fonte: Câmara de Comércio Brasil-Canadá e SISMIGRA.

16. Chile

Logo após o golpe militar de 1973, o Chile vê agravar seu quadro econômico. Os salários foram reduzidos e os índices de desemprego cresceram. Foi nesse contexto que muitos chilenos decidiram sair do país em busca de melhores condições de vida. Os chilenos passaram a se concentrar na região do Grande ABC, permanecendo ali até os dias de hoje. Segundo dados da Polícia Federal, atualmente há 25.561 migrantes chilenos no Brasil. Em 2018, o Brasil foi o principal parceiro comercial chileno na América Latina. Entre os principais produtos exportados ao Chile pelo Brasil encontram-se óleos brutos de petróleo, carnes, automóveis e tratores. O Brasil, por sua vez, importa do Chile principalmente derivados de cobre, salmão e vinhos. Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 29 chilenos.

GONZALEZ, Mariela Toro. Fronteira: a construção da identidade transcultural dos imigrantes chilenos no Brasil. Ponto e Vírgula/PUC. São Paulo, 2016.

17. China

A primeira entrada oficial de chineses em São Paulo ocorreu em 15 de agosto de 1900. O grupo era formado por 107 pessoas que desembarcaram no Rio de Janeiro, sendo conduzidos em seguida para a Hospedaria em São Paulo. O grande fluxo migratório chinês se deu em 1950 motivado pelas guerras chinesas e desde o fim da década de 1990, a quantidade de migrantes chineses vem aumentando bastante. Estima-se que no Brasil vivam cerca de 300 mil chineses. A grande maioria vive no estado de São Paulo, em especial na capital. Desde de 2009 a China é o principal parceiro comercial do Brasil, mantendo diálogo também em mecanismos como BRICS, G20 e OMC.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 280 chineses.

Fonte: LEITE, José Roberto Teixeira. A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras. Editora Unicamp. Campinas, 1999. e IBRACHINA

18. Colômbia

A Colômbia, com um conflito de mais de quatro décadas, ocupa o segundo lugar no mundo em número de deslocados internos, com mais de três milhões desde 1990. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) considera que cerca de 15.000 colombianos se deslocaram para povoados brasileiros fronteiriços por causa do conflito interno, que envolve guerrilheiros, forças do governo e paramilitares. O Brasil apoia o processo de paz colombiano assessorando em diversos pontos do território. O Brasil intermedia diálogos entre o governo colombiano e o Exército de Libertação Nacional (ELN), última guerrilha ativa na Colômbia.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 34 colombianos.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e ACNUR.

19. Coreia do Norte

Em 1956 três migrantes de Pyongyang, na Coreia do Norte, foram matriculados na hospedaria. Os migrantes desembarcaram no aeroporto do Rio de Janeiro após passarem dois anos vivendo na Índia. Esses exilados ficaram "estrangeiros", no meio de dois grupos: os do Norte os enxergam como desertores, e os do Sul os veem como comunistas. As relações diplomáticas entre o Brasil e a Coreia do Norte foram estabelecidas apenas em 2001 e, a partir de 2010, o governo brasileiro tem feito doações de caráter humanitário, em favor do povo norte-coreano, por meio do Programa Mundial de Alimentos (PMA), das Nações Unidas. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 65 norte coreanos no Brasil.

Fonte: Norte-coreanos exilados no Brasil são discriminados por comunidade de imigrantes (UOL), Ministério das Relações Exteriores e Hospedaria de histórias: Norte Coreanos na Hospedaria do Brás (MI).

20. Coreia do Sul

O primeiro grupo de 109 migrantes partiu de Busan, em 1962, aportando em Santos, em fevereiro de 1963. Entre os países americanos que mais receberam migrantes coreanos a partir da década em questão, o Brasil está em terceiro lugar, precedido apenas pelos Estados Unidos e Canadá. eles se concentraram principalmente em bairros centrais da cidade de São

Paulo, e se dedicaram a uma série de diferentes atividades econômicas até se estabilizarem no ramo da confecção e comercialização de roupas prontas. O número de coreanos estabelecidos principalmente na cidade de São Paulo é estimado atualmente em 50 mil pessoas.

BASTOS, Sênia; MONTEIRO, Rafael. Imigração Coreana: A questão da reemigração e do retorno. *Travessia/Revista do Migrante*, nº69, 2011.

21. Costa do Marfim

O Brasil reconheceu a independência da Costa do Marfim em 1960. Em 1972 o Brasil assinou um acordo de Cooperação Técnica e Científica. O país tem sua economia baseada na exploração de bens primários, sendo o maior produtor de cacau do mundo, além de produzir café e algodão também em grande escala. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 530 costa-marfinenses no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

22. Costa Rica

Estima-se que a comunidade brasileira na Costa Rica seja composta por cerca de 1.300 pessoas. Principalmente nas cidades costeiras, encontram-se muitos brasileiros praticantes do "surf". Os principais destinos dos turistas brasileiros são São José, Alajuela, Heredia e Cartago e em 2019, ingressaram mais de 26 mil brasileiros no país. Além de temas tradicionais como agricultura e saúde, o Brasil coopera com a Costa Rica nas áreas de bicombustíveis e modernização do setor de energia. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 1929 costarriquenhos no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

23. Croácia

Não há dados concretos a respeito da data de chegada dos primeiros croatas ao Brasil como migrantes. Algumas fontes apontam para a metade do século XIX. As entradas foram mais volumosas em 1896 com 1.098 pessoas e em 1897 com 826 entradas, gerando as restrições de emigração pelo governo da Croácia mediante os abusos cometidos pelos latifundiários brasileiros. Analisando a idade e o gênero dos migrantes vemos que 18% eram solteiros e 65,5% eram casados ou menores de idade, evidenciando que se tratava de famílias em busca de um recomeço em outras terras. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 2700 croatas no Brasil. Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 15 croatas.

LUCCA, Renato de. A imigração croata no Brasil através da família Fusek Marko. *Revista da ASBRAP*.

24. Cuba

As relações diplomáticas entre Brasil e Cuba foram interrompidas com o golpe militar em 1964 e posteriormente retomadas em 1986. A partir de 2013, mais de 11 mil médicos cubanos vieram para o Brasil recrutados por meio do Programa Mais Médicos, fruto de uma parceria entre o Ministério da Saúde do Brasil e o Ministerio de Salud Pública de Cuba. Segundo dados da OBMigra, mais de 4.200 pedidos de refúgio foram expedidos para o Brasil vindos de cubanos. O país passa por umas das piores crises econômicas em virtude da pandemia. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 35.000 cubanos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 13 cubanos.

Fonte: ARAÚJO, Sidlei; CYRINO, Eliana; FIGUEIREDO, Alexandre; MATOS, Mateus; OLIVEIRA, Felipe; PINTO, Hêider; SANTOS, Jerzey; VANNI, Tazio. Mais Médicos: um programa brasileiro em uma perspectiva internacional. *Revista Interface*. Botucatu, 2015.

25. Dinamarca

A migração dinamarquesa no Brasil se deu do fim do século XIX até o começo do século XX, conjuntamente com outras migrações europeias. O Brasil conta, na Universidade de Aarhus, com um programa de leitorado do Centro de Estudos

Brasileiros. O leitorado é o único na Escandinávia e contribui para o ensino do português brasileiro e para a divulgação da cultura nacional. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 4414 dinamarqueses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 879 dinamarqueses.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

26. Egito

Estabelecidas em 1924, as relações diplomáticas entre Brasil e Egito ganharam maior dinamismo após a instauração da República do Egito, em 1953. Em dezembro de 2003, o Presidente Lula tornou-se o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar o Egito desde a viagem de D. Pedro II ao Oriente Médio, 127 anos antes. Como consequência da Guerra do Sinai, mais de 10 mil egípcios judeus vieram para o Brasil em 1957. Vieram famílias inteiras: marido, mulher e filhos e a família da esposa. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 2200 egípcios no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 30 egípcios.

Fonte: LEFTTEL, Ruth. A Comunidade Sefaradita Egípcia de São Paulo. Tese de doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, 1997.

27. Equador

Brasil e Equador estabeleceram relações diplomáticas em 1844, quando D. Pedro II designou Manuel Cerqueira Lima encarregado de negócios junto ao Governo do Equador. Em 1873 foi aberta a legação diplomática do Brasil residente em Quito. De acordo com o Censo de 2010 os migrantes internacionais que nasceram no Equador e que viviam no Brasil totalizavam 1.730 indivíduos, o que representava aproximadamente 0,3% dos estrangeiros residentes no Brasil naquele ano. A maioria dos equatorianos residentes no Brasil eram homens (50,6%), em idade laboral (média de 34 anos), casados (48,3%), com o ensino médio completo (60,1%) e se concentram principalmente em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 9 equatorianos.

Fonte: CUNHA, Daniela; SILVA, Romerito. Imigração equatoriana no Brasil: análise espacial dos dados a partir de 2010. Caderno de Geografia, v.31, n.64, 2021.

28. Escócia

A partir do século XIX, muitos escoceses migraram para o Brasil em busca de novas oportunidades. Entre os motivos estavam a crise econômica na Escócia e as políticas de incentivo à migração do governo brasileiro. Os escoceses contribuíram para a formação da cultura e da economia brasileiras, deixando marcas como o esporte do futebol e a cerveja Antarctica. O patrimônio arquitetônico é outra herança escocesa no Brasil. Em algumas cidades brasileiras, como São Luís e Recife, é possível encontrar prédios históricos em estilo neoclássico escocês.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 24 escoceses.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores.

29. Eslováquia

Os primeiros migrantes da Eslováquia a desembarcar no Brasil foi em 1823. Ao longo do século XX, chegaram ao Brasil três grandes ondas de migrantes eslovacos em 1930, 1948 e 1968. A maioria dessas pessoas fixaram-se na região sul do país, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. As cidades de Batayporã e Bataguassu foram fundadas por esses migrantes. A Embaixada brasileira na Eslováquia tem contribuído para divulgar a cultura brasileira por meio de projetos relacionados ao cinema, à capoeira, à música, à literatura e à arquitetura. Em 2017, organizou-se o primeiro festival de cultura brasileira ("Brazilslava") no país, com 13 eventos que tiveram ampla repercussão na mídia eslovaca.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 3 eslovacos.

Fonte: Assembleia Legislativa do Mato Grosso do Sul.

30. Eslovênia

O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência da Eslovênia, em maio de 1992. A migração eslovena para o Brasil ocorreu principalmente durante o final do século XIX e início do século XX, no contexto das grandes ondas de migração europeia para o país. Os eslovenos fazem parte do grupo de eslavos do sul e vieram principalmente da região que hoje é a Eslovênia, que na época fazia parte do Império Austro-Húngaro. Eles se estabeleceram em várias regiões do Brasil, como o estado de Santa Catarina, onde formaram comunidades agrícolas. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 445 eslovenos no Brasil.

Fonte: SIMENC, Andreja. Imigração Eslovena no Brasil e a Integração dos Imigrantes no Exemplo da Comunidade Eslovena no Estado de São Paulo. União dos Eslovenos do Brasil (UEB), 2002.

31. Espanha

Nos séculos XIX e XX houve um grande fluxo migratório espanhol para o Brasil, representando o terceiro maior contingente que escolheu o país como segunda pátria. O censo realizado em 1920 indicou que havia no país 219.142 espanhóis. 78,2% dos espanhóis migrantes residiam no Estado de São Paulo. A cidade de Santos não só abrigava uma numerosa colônia espanhola, que se espalhava nas cercanias da zona portuária - o que lhe valeu, no início do século XX, o apelido de "Barcelona Brasileira", mas também se tornou um centro de agitação e organização operárias, dominado pelos migrantes ibéricos.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 255.804 espanhóis.

Fonte: IBGE, site da Prefeitura de São Paulo.

MARTINS, José de Souza. A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA O BRASIL E A FORMAÇÃO DE FORÇA-DE-TRABALHO NA ECONOMIA CAFFEEIRA: 1880-1930. Revista História; Universidade de São Paulo, n.121, p. 5-26, São Paulo, 1989.

32. Estados Unidos

A partir de 1866, após a Guerra de Secessão, migrantes estadunidenses chegaram ao Brasil. Derrotados, parte dos Confederados saíram do seu país buscando reconstruir suas vidas em solo estrangeiro. Parte desses migrantes foram para o Brasil, México, Antilhas e Egito. Entre 1866 e 1890 estima-se que 10 mil estadunidenses tenham vindo para o Brasil. Essas pessoas se fixaram principalmente na Região Sul, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A presença destes migrantes, de maioria protestantes, acaba contribuindo para a implantação e expansão do protestantismo na região.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 140 estadunidenses.

Fonte: FILHO, Ailton Gonçalves Dias. A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara d'Oeste, SP. Revista Nures. Ano XI. Nr. 31. São Paulo, 2015.

33. Estônia

O Brasil reconheceu a independência da Estônia em 1921, tendo votado a favor de sua admissão na Liga das Nações mesmo antes do reconhecimento formal. Os primeiros migrantes estonianos chegaram ao Brasil no fim do século XIX. Entre 1917-1925 o Governo brasileiro custeou a viagem e doou terra aos que chegaram ao país. E anos após, com o fim da Segunda Guerra Mundial, outro grupo de estonianos migraram para o país. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 331 estonianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 176 estonianos.

Fonte: FEBRAF, Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

34. Etiópia

Brasil e Etiópia estabeleceram relações diplomáticas em 1951. A Embaixada do Brasil em Adis Abeba foi aberta nos anos 1960. A Etiópia, por sua vez, estabeleceu embaixada residente no Brasil em 2011, a primeira na América do Sul. Segundo país mais populoso da África e oitava maior economia do continente, a Etiópia figura entre os países cujas economias mais crescem no mundo. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 212 etíopes no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

35. Finlândia

A migração finlandesa no Brasil ocorreu na primeira metade do século XX onde criaram um povoado chamado Penedo aos pés do Parque Nacional de Itatiaia. Com objetivo de fundar uma colônia naturalista e vegana, Toivo Uuskallio, líder da colônia, achava que as pessoas tinham que viver em contato com a natureza. Porém, a agricultura se mostrou insuficiente para sustentar a população. Aos poucos, o turismo passou a ser a maior atividade econômica de Penedo, com cerca de 100 mil turistas ao ano. Há mais de duas décadas a Finlândia organiza seu próprio carnaval, nos moldes do carnaval brasileiro, com desfiles de escolas de samba e bailes. O país conta com mais de dez grupos de capoeira. Estima-se haver atualmente cerca de 2.000 brasileiros residentes no país.

Fonte: BBC e Ministério das Relações Exteriores.

36. França

Entre 1882 e 1891, aproximadamente 1.922 refugiados bonapartistas franceses desembarcaram no porto de Santos, buscando refúgio político longe da perseguição em seu país. Enquanto a migração da Europa mediterrânea, nesse mesmo período, estava centrada principalmente na oferta de mão de obra para as regiões agrícolas brasileiras, a migração francesa para o Brasil tinha uma dinâmica diferente. Os franceses que chegaram a São Paulo desempenharam um papel significativo no comércio, onde sua influência ditava as tendências da moda e os produtos de consumo para as classes mais abastadas. Presente no cotidiano dos brasileiros que viveram entre os séculos XIX e XX, a cultura francesa ditava o comportamento e as formas de sociabilidade das elites. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 44.000 franceses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 4313 franceses.

Fonte: LUCA, Tania Regina de; VIDAL, Laurent (Orgs.). Franceses no Brasil: séculos XIX e XX. Ed. Unesp, São Paulo, 2009.

37. Gana

Brasil e Gana estabeleceram relações diplomáticas em 1960. A embaixada em Acra, aberta em 1961, foi a primeira do Brasil na África Subsaariana e a embaixada de Gana em Brasília é a única na América do Sul. Apesar disso, a migração ganense é recente. A maioria entrou no Brasil com visto provisório de turista emitido para a Copa do Mundo em 2014, e decidiram ficar em busca de melhores condições de vida. Mais de 300 ganenses foram para a cidade de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul na busca de um visto para refúgio. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 2374 ganenses no Brasil.

Fonte: Agência Brasil, Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

38. Geórgia

O Brasil reconheceu a independência da Geórgia em dezembro de 1991 e estabeleceu relações diplomáticas com o país em abril de 1993. Um maior número de georgianos entrou no país a partir de 2008 em virtude da Guerra da Ossétia do Sul que a Geórgia travou com a Rússia. Entre 1887 e 1978 há registro de apenas 1 georgiano que passou pela Hospedaria de Imigrantes do Brás. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 379 georgianos no Brasil.

Fonte: G1, Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

39. Grécia

Os primeiros registros oficiais de gregos vivendo no Brasil datam da época do Império de Dom Pedro II, sendo o mais antigo dos registros, um de 1841, quando desembarcaram no Rio de Janeiro. O segundo período da migração grega para o Brasil (1918-1940), fez com que chegassem ao país cerca de 1500 migrantes. Esses estrangeiros se dedicavam principalmente a atividades comerciais em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. O terceiro período entre 1952-1965 foi marcado pela chegada de aproximadamente 13 mil gregos ao país, em sua maioria trabalhadores não qualificados, que se instalaram no Brasil buscando novas oportunidades de vida, fugindo da Grécia pós-guerra.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 3968 gregos.

Fonte: BARBOSA, Raul Felix. ENTRE HELENOS E FILELENOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE IMIGRANTES GREGOS E DESCENDENTES DA COMUNIDADE HELÊNICA DO ESPÍRITO SANTO. Caderno de Anais/UFES, Espírito Santo, 2016.

40. Guatemala

O Brasil mantém relações cordiais com a Guatemala há mais de um século. Nos últimos anos, contatos políticos e econômicos intensificaram-se em diversas áreas, entre as quais a cooperação técnica e humanitária. A Guatemala possui a maior economia da América Central. A migração guatemalteca no Brasil é pouco expressiva em relação a outras migrações latinas. Entre 1887 e 1978 há registro de apenas 2 guatemaltecas que passaram pela Hospedaria de Imigrantes do Brás. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 1676 guatemaltecas no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

41. Guiné

O Brasil reconheceu a independência guineense em 1958 e, em 1973, foram estabelecidas relações diplomáticas. A Embaixada no Brasil em Conacri foi inaugurada em 2006, e a Embaixada da Guiné em Brasília foi aberta em 2005. Em 2011 foi assinado o memorando de entendimento estabelecendo um Mecanismo de Consultas Políticas entre os dois países, bem como a conclusão do Acordo de Cooperação Técnica, em vigor desde 2016. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 600 guineenses no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

42. Guiné Bissau

A partir de 1970 registrou-se a vinda dos primeiros estudantes guineenses para o Brasil no momento em que foi promulgado o decreto nº 15/1976. A Guiné-Bissau fez acordos bilaterais com alguns países a fim de enviar jovens guineenses para formar-se no exterior. Através do Programa de Estudantes Convênio de Graduação e Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação, esses estudantes continuam ainda a vir para o Brasil, devido ao acordo renovado entre os dois estados. Assim como o Brasil, a Guiné-Bissau é um estado membro fundador da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), organismo internacional no âmbito do qual os dois países mantêm concertação político-diplomática e promovem projetos de cooperação e de difusão da língua portuguesa. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 6 mil bissau-guineenses no Brasil.

Fonte: IÉ, Nivaldo Casimiro. A IMIGRAÇÃO TEMPORÁRIA DOS ESTUDANTES GUINEENSES NA BAHIA/BRASIL: A PROCURA DE UMA FORMAÇÃO SUPERIOR PARA O DESENVOLVIMENTO NACIONAL. Monografia. Unilab, São Francisco do Conde, 2016.

43. Guiné Equatorial

Brasil e Guiné Equatorial estabeleceram relações diplomáticas em 26 de maio de 1974. A Embaixada da Guiné Equatorial em Brasília foi inaugurada em 2005, e a embaixada do Brasil em Malabo, em 2006. A entrada da Guiné Equatorial na Comunidade de Países de Língua Portuguesa em 2014 contribuiu para impulsionar as relações bilaterais com o Brasil. Estudantes equato-guineenses participam, desde 2019, do Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G), pelo qual obtêm formação de nível superior em universidades públicas brasileiras. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 138 equato-guineenses no Brasil.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

44. Haiti

Em janeiro de 2010, dificultando a frágil situação sociopolítica haitiana, o país, que se recuperava de três furacões, que o atingiu em 2009, sofreu as consequências de um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter. O recente fluxo migratório de haitianos para o Brasil iniciou-se de forma tímida, após o tremor de 2010, porém intensificou-se no final de 2011

e começo de 2012. Estima-se que, neste período, cerca de 4.000 migrantes haitianos, segundo dados do Ministério Da Justiça, se refugiaram no país. O Brasil, como forma de impulsionar o desenvolvimento do Haiti, mantém diversos projetos em seu território, com destaque para o auxílio na construção da usina hidrelétrica no Rio Artibonite, no sul do país. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 170.000 haitianos no Brasil.

Fonte: ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa; MORAES, Isaias Albertin de. A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL: CAUSAS E DESAFIOS. Revista Conjuntura Austral/UFRGS, 2013.

45. Holanda

Não se tem dados seguros do número de holandeses que entraram no país, pois a Holanda tem uma lei para garantir a privacidade de seus cidadãos fora do país, garantindo-lhes o direito da não obrigatoriedade de registro. Sem estatísticas oficiais, apenas estimativas podem ser feitas. Estas variam entre dez e trinta mil. São Paulo, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul abrigam os maiores grupos de holandeses ou descendentes. No início do século XX, um grupo vindo de Roterdã se instalou nos Campos Gerais do Paraná, formando depois a comunidade de Carambei e abrindo caminho para os que vieram depois da Segunda Guerra Mundial, a partir do final da década de 1940. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 11.000 holandeses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 876 holandeses.

Fonte: História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) - Grupo de Estudos e Pesquisas/UNICAMP.

46. Hungria

Segundo as estimativas, o número de húngaros e/ou descendentes de húngaros no Brasil é de 80-100 mil. Os húngaros do Brasil chegaram em diferentes etapas. A primeira onda chegou na segunda metade do século XIX, devido à promessa do estado brasileiro de providenciar pedaços de terras para os migrantes. Os seus descendentes moram em Santa Catarina. A segunda grande onda de migração desembarcou por causa da Primeira Guerra Mundial, principalmente dos territórios que a Hungria perdeu depois dos tratados de paz. A terceira grande onda (3-4 mil pessoas) emigrou depois da revolução de 1956.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 3247 húngaros.

Fonte: Embaixada da Hungria em Brasília.

47. Índia

Entre 2003 e 2017, o número de migrantes indianos no Brasil chegou a 19.000, tornando-os um dos vinte maiores grupos do país. De acordo com estudos realizados por agências brasileiras, os brasileiros migrantes na Índia são de aproximadamente 5.000, uma das maiores concentrações de brasileiros na Ásia. A migração indiana para o Brasil ocorre por duas rotas principais: Etiópia e Europa (principalmente Alemanha, Itália, Holanda, Suíça e Reino Unido). Os brasileiros preferiram migrar para a Índia via Qatar e Emirados Árabes Unidos devido às facilidades de isenção de visto e acordos bilaterais.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 306 indianos.

Fonte: VAZQUEZ, Karin Costa (Org.). RELAÇÕES BRASIL-ÍNDIA: ALÉM DOS 70 ANOS. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2019.

48. Inglaterra

Entre os anos de 1866 e 1874, o Brasil se tornou o país de destino para vários grupos de trabalhadores britânicos. No Brasil, as autoridades do governo brasileiro responsáveis pela execução das políticas de migração e de colonização pretendiam que os migrantes britânicos fossem estabelecidos nas colônias agrícolas do Estado. As colônias a que foram enviados esses migrantes situavam-se em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O século XX representou o período de diminuição da presença britânica no Brasil. A comunidade brasileira no Reino Unido é estimada pelo Itamaraty em cerca de 180 mil pessoas – a maior na Europa.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1465 ingleses.

Fonte: LAMB, Roberto Edgar. Imigrantes Britânicos no Século XIX - A Experiência nas Colônias do Império Brasileiro. Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas (AGIR). Ponta Grossa, 2013.

49. Irã

Brasil e Irã iniciaram sua relação diplomática em 1908. A Revolução de 1979 no Irã transformou o país em uma República teocrática e aumentou a repressão contra outras religiões. Os primeiros iranianos a chegarem ao Brasil foram na década de 1980, quando o país acolheu 50 famílias que foram perseguidas por seguirem a fé baháí. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 1710 iranianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 22 iranianos.

Fonte: A Comunidade Iraniano Bahai no Brasil. Blog O Estrangeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2021.
Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

50. Iraque

O primeiro contato entre os governos brasileiro e iraquiano foi realizado em 1935, tendo as relações diplomáticas sido oficialmente estabelecidas em 1967. O Brasil se opôs à invasão estadunidense no Iraque em 2003. A partir desse ano houve um fluxo maior de iraquianos vindos para o Brasil. Segundo o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), cerca de 250 refugiados chegaram ao Brasil entre 2004 e 2016. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 707 iraquianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1 iraquiano.

Fonte: Para fugir da guerra, 250 iraquianos escolheram o Brasil como lar. Correio Braziliense, 2016.
Ministério das Relações Exteriores e SISMIGRA.

51. Irlanda

Os primeiros irlandeses vieram para o Brasil após a emancipação política do país. A escassez de pessoal no exército levou à incorporação de estrangeiros no primeiro reinado. Em 1827, o governo imperial recrutou irlandeses para reforçar as tropas durante o conflito na região da Cisplatina. Há mais de 70 mil descendentes de irlandeses no Brasil atualmente, concentrados principalmente nos estados da Amazônia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 3 irlandeses.

Fonte: POZO, Gilmar Paiva dos Santos. Imigrantes Irlandeses no Rio de Janeiro: Cotidiano e Revolta no primeiro reinado. Dissertação de Mestrado em História da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

52. Israel

O movimento migratório judaico foi impulsionado pela promulgação da Constituição do Império em 1824, que garantiu a liberdade de culto. Os judeus marroquinos expulsos da Península Ibérica pelos "Reis Católicos", encontraram refúgio em terras brasileiras, estabelecendo-se em Pernambuco, Bahia e na região amazônica.

Durante as décadas de 1920 e 1930, a migração judaica no Brasil aumentou. Diversos judeus vindos da Turquia, Grécia e Rodes almejavam acumular recursos para um retorno às suas terras de origem. No entanto, com o crescente antissemitismo na Europa, acabaram por trazerem suas famílias para o Brasil, em busca de uma vida melhor e mais segura.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 265 israelenses.

Regiões de origem dos imigrantes judeus. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/judeus/regioes-de-origem-dos-imigrantes-judeus.html>>

53. Itália

Entre 1870 e 1920, os italianos constituíram aproximadamente 42% do total de migrantes que ingressaram no Brasil, totalizando cerca de 1,4 milhão de indivíduos. Essa migração estava em consonância com os ideais da política de branqueamento adotada pelo país na época.

Durante o período da migração subvencionada, os italianos encontraram como destino principal as fazendas de café em São Paulo e os núcleos coloniais. Nas fazendas cafeeiras, as famílias dos migrantes eram submetidas a contratos de trabalho que exigiam a participação também de mulheres e crianças. Muitos italianos também migraram para as cidades, com destaque

para São Paulo, que chegou a ser reconhecida como uma "cidade italiana" no início do século XX. Nesse contexto, os italianos representavam até 90% dos 50.000 trabalhadores empregados nas fábricas paulistas em 1901.

Os migrantes italianos atuavam ativamente em movimentos grevistas e participavam de diversas associações, ligas e sindicatos, contribuindo significativamente para a organização e a luta dos trabalhadores no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 756.067 italianos.

Território brasileiro e povoamento: Italianos. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/os-imigrantes-nas-cidades.html>>

54. Iugoslávia

A migração vinda da região da Iugoslávia para o Brasil teve início durante os anos 1920, porém, foi após os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial que esse fluxo ganhou maior intensidade. Mais recentemente, houve a chegada de refugiados oriundos dos conflitos que marcaram o desmembramento da Iugoslávia no início dos anos 1990, os quais também encontraram abrigo no Brasil. Atualmente, estima-se que a comunidade iugoslava conte com aproximadamente mil indivíduos no país. Em São Paulo, onde reside cerca da metade desses migrantes, é comum encontrá-los reunidos no restaurante do Clube Sérvio Brasileiro, localizado na Vila Mariana.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 2189 iugoslavos.

STAROBINAS, Marcelo. Sérvios no Brasil temem por parentes. Folha de São Paulo, 1999. Disponível em: <[#### 55. Japão](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft31039911.htm#:~:text=A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20iugoslava%20ao%20Brasil,por%20S%C3%A3o%20Paulo%20em%201992.>></p></div><div data-bbox=)

Em 18 de junho de 1908, ocorreu a chegada dos primeiros migrantes japoneses ao Brasil, desembarcando no porto de Santos através do navio Kasato Maru. Para os japoneses, a migração para o Brasil representava a oportunidade de buscar melhores condições de vida e, eventualmente, planejar um retorno à sua terra natal. As agências de migração, por sua vez, buscavam incentivar os migrantes a se estabelecerem definitivamente no país, criando obstáculos para evitar que acumulassem recursos para uma possível volta ao Japão.

Entre a década de 1930 e o período da Segunda Guerra Mundial, ocorreu o ápice do fluxo migratório de japoneses para o Brasil. Muitos desses migrantes encontraram no comércio urbano uma fonte de renda, porém, a maioria foi direcionada para atividades agrícolas. Um grande número deles foi empregado nas plantações de café em São Paulo, atuando como colonos.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 84.565 japoneses.

Território brasileiro e povoamento: Japoneses. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/japoneses.html>>

56. Letônia

Os primeiros migrantes provenientes da Letônia desembarcaram no Brasil por volta de 1890, encontrando abrigo inicial na colônia de Rio Novo em Santa Catarina. Mais tarde, em 1906, outro grupo se estabeleceu em Nova Odessa, em São Paulo. A decisão de migrar foi impulsionada pelas condições econômicas adversas na Letônia, aliadas às oportunidades e incentivos oferecidos pelo governo brasileiro.

Além das cidades pioneiras mencionadas, atualmente há concentrações de descendentes de migrantes letões em outras localidades, como Ijuí, Jacu-Açú e Orleans, no Rio Grande do Sul, e também em São Paulo. Por conta da diferença linguística, as negociações entre os migrantes e os administradores das colônias eram mediadas por intérpretes.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 2593 letões.

Leto ou Letão. Enciclopédia das línguas no Brasil. Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB)/UNICAMP.

57. Líbano

Em 1880, ocorreu a partida do primeiro navio com migrantes libaneses do porto de Beirute com destino ao Brasil, marcando o início oficial da migração libanesa para o país. Esse movimento migratório foi motivado pela instabilidade religiosa e política que assolava o Líbano, levando muitos cristãos a fugirem do domínio Otomano.

Ao longo dos anos, o Brasil recebeu outras levas de migrantes libaneses, contribuindo significativamente para o crescimento da comunidade no país, especialmente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), estima-se que o Brasil abrigue atualmente cerca de 3,2 milhões de habitantes de origem libanesa ou seus descendentes.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 64 libaneses

GORHAM, Manuela Dacca. Dia da imigração libanesa: lei criada pela ALESP tem sua primeira comemoração no Estado de São Paulo. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP). Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=443463#:~:text=Atualmente%2C%20o%20territ%C3%B3rio%20brasileiro%20tem,C%C3%A2mara%20de%20Com%C3%A9rcio%20%C3%81rabe%20Brasileira.>>

58. Lituânia

Até 1918, a Lituânia estava sob domínio russo, e somente em 1923 a República Lituana começou a coletar dados detalhados sobre a migração. Conforme o Relatório da Secretaria da Agricultura (SP) de 1927, aproximadamente 11.844 lituanos desembarcaram no porto de Santos.

A primeira grande onda de migração lituana para São Paulo ocorreu em 1926, composta principalmente por camponeses em fuga da Europa devastada pela Primeira Guerra Mundial. Embora a maioria desejasse migrar para os Estados Unidos e Canadá, optaram pelo Brasil devido aos custos subsidiados da passagem. Estima-se que entre os anos de 1884 e 1933, cerca de 44.803 lituanos tenham ingressado no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 4888 lituanos

Hospedaria de Histórias: O problema da década de 1920 - o caso dos lituanos como exemplo. Blog do Museu da Imigração, 2019.

BELAPETRAVICIUS, Walkiria Savira. A imigração lituana para o Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Geografia/USP, 2001.

59. Luxemburgo

As relações diplomáticas entre Brasil e Luxemburgo foram estabelecidas em 1911. Apesar de possuir território e população pouco expressivos, a parceria com Luxemburgo é relevante para o Brasil pela presença de uma considerável comunidade lusófona no país (cerca de 16%). No âmbito multilateral, Brasil e Luxemburgo compartilham perspectivas em temas como direitos humanos, autodeterminação dos povos, não intervenção e solução pacífica de conflitos. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 194 luxemburgueses no Brasil.

Ministério das Relações Exteriores.

60. Malta

O conjunto de ilhas conhecido como Malta está situado no mar Mediterrâneo, entre o sul da Europa e o noroeste da África. Composta por três ilhas, sua capital é Valeta. Malta conquistou sua independência em 1964. Atualmente, possui uma população de 443 mil habitantes e é reconhecida por sua significativa produção de mel. As relações diplomáticas entre Brasil e Malta foram estabelecidas em 1975. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 113 malteses no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 335 malteses.

61. Marrocos

As relações entre Brasil e Marrocos têm raízes no século XIX, com o estabelecimento de migrantes de origem marroquina na região Norte do Brasil. Os laços diplomáticos foram oficializados em 1906, e durante os anos 1960, foram inauguradas a Embaixada do Brasil em Rabat e a Embaixada do Marrocos em Brasília, em 1963 e 1967, respectivamente. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 2494 marroquinos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 26 marroquinos.

62. México

De acordo com dados oficiais do Governo do México em 2020, a população mexicana no Brasil era estimada em 2.132 indivíduos, composta principalmente por membros de comunidades empresariais e educacionais para migrantes mexicanos. Ao contrário de outros destinos, a maioria dos mexicanos que migram para o país provêm principalmente da Cidade do México, de Veracruz, de Nuevo León e de Jalisco. A comunidade mexicana no Brasil é considerada a terceira maior da América do Sul e registra um crescimento significativo. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 22.656 mexicanos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 6 mexicanos.

Mexicanos residentes em Brasil 2020. Polícia Federal do Brasil. Disponível em: <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/684107/brasil_mundo20.pdf>

63. Moçambique

A migração moçambicana é recente, muitos estão no país como “migrantes temporários” apenas com visto de estudante. Na escolha de um país para continuar os estudos, o Brasil apresenta vantagens devido aos laços de amizade que unem as nações, com destaque para suas especificidades históricas, sociais, econômicas, educacionais e culturais. A língua portuguesa, oficial em ambos os países, torna-se um dos atrativos para esses estudantes. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 5175 moçambicanos no Brasil.

SUBUHANA, Carlos. Revista Imaginário, v.13, n.14. São Paulo, 2007.

64. Montenegro

Em 2006, Montenegro exerceu seu direito à independência, oficializando-a em 3 de junho. O Brasil reconheceu o país em 14 de junho e estabeleceu relações diplomáticas em 20 de outubro do mesmo ano. A comunidade brasileira residente em Montenegro é pequena, e não existem consulados ou consulados honorários brasileiros no país. De acordo com estatísticas de Montenegro, em 2017, 1.658 turistas do Brasil visitaram o país. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 103 montenegrinos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 24 montenegrinos.

Ministério das Relações Exteriores.

65. Nigéria

Aproximadamente dez mil cidadãos da Nigéria residem no Brasil, com a maioria concentrada em São Paulo. Essa comunidade iniciou sua migração para o Brasil há mais de quatro décadas. Atualmente, a Nigéria enfrenta desafios em diversas esferas, incluindo economia, política, religião e segurança. A organização extremista Boko Haram, que existe há mais de duas décadas, advoga pela criação de uma República Islâmica na Nigéria e busca impor a fé muçulmana a toda a população. Segundo dados do ACNUR, aproximadamente 3,2 milhões de nigerianos foram deslocados devido à violência perpetrada pelo Boko Haram. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 6819 nigerianos no Brasil.

MARTINS, Elisa. 'Maior desafio da comunidade nigeriana no Brasil é emprego', diz liderança africana após caso de resgate em navio. O Globo, 2023.

66. Noruega

A migração norueguesa no Brasil teve início no final do século XIX, assim como diversas migrações europeias. Em 1851 um grupo de migrantes noruegueses co-fundou o assentamento Colônia Dona Francisca, que se tornou o que é hoje a cidade de Joinville, no sul do Brasil. Brasil e Noruega mantêm parcerias nas áreas de energia, ciência, tecnologia, educação e meio ambiente. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 10.868 noruegueses no Brasil. Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 21 noruegueses.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. From Adventurers to Settlers: Norwegians in Southern Brazil. IN: Expectations Unfulfilled: Norwegian Migrants in Latin America, 1820-1940.

67. Palestina

Nos últimos anos do século XIX e início do século XX, os primeiros migrantes palestinos chegaram ao Nordeste do Brasil, predominantemente homens jovens e em sua maioria solteiros. Após a Primeira Guerra Mundial, durante o período do mandato britânico, houve outra onda de migração de palestinos para a mesma região. Esses migrantes, em sua maioria, também eram agricultores, pastores ou artesãos.

Atualmente, em meio aos contínuos conflitos com Israel, o número de palestinos refugiados tem aumentado. De acordo com os dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, o Brasil concedeu reconhecimento de refúgio a 174 palestinos entre os anos de 2016 e 2021. Nos cinco anos anteriores, de 2010 a 2015, foram reconhecidos 118 refugiados palestinos no país. Além disso, a Palestina figura como o sexto país com maior número de solicitações de refúgio no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 9 palestinos.

BRONZE, Giovanna. Em 2023, mais de 20 palestinos e de dez israelenses pediram refúgio no Brasil. CNN Brasil, 2023.

HAZIN, Hissa Mussa. Imigrantes Palestinos, identidades brasileiras: Compreendendo a identidade palestina e as suas transformações. Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPE.

68. Panamá

A migração panamenha é pouco expressiva se comparada a outras migrações da América Latina como Bolívia, Argentina e Paraguai. O Panamá registrou o maior crescimento na América Latina durante os últimos dez anos. Cada vez mais os cidadãos brasileiros utilizam as conexões através do Panamá para viajar para a América do Norte, América Central e Caribe. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 1171 panamenhos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1 panamenho.

Ministério das Relações Exteriores.

69. Paraguai

Nos últimos anos, observa-se um aumento significativo na migração de paraguaios para São Paulo, principalmente a partir das décadas de 1990 e 2000. Esse movimento migratório tem se expandido por diferentes bairros da cidade e para outros municípios da Região Metropolitana, bem como para o interior do estado. A crise econômica na Argentina no final dos anos 1990 e os impactos da crise de 2008 na Espanha foram fatores determinantes que impulsionaram essa migração para o Brasil. Esses eventos resultaram em restrições à presença de migrantes em outros países, direcionando parte desses fluxos migratórios para o Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 2 paraguaios

DOMINGUES, Vanessa. Imigração Paraguaia para São Paulo a partir dos dados da Missão Paz. Travessia - Revista do Migrante, 2019.

70. Peru

A migração peruana para o Brasil teve início na década de 1950, através de acordos bilaterais para intercâmbio estudantil. A migração regional se intensificou a partir dos anos 70, com crises econômicas e políticas, embora a maioria dos migrantes tenha sido absorvida por países como Argentina e Venezuela. O Brasil se tornou um destino mais significativo a partir dos anos 1980, devido à violência política em seu país de origem. Segundo o Consulado Geral do Peru no Brasil, cerca de 35 mil peruanos residem no país, com a maior concentração, aproximadamente 25 mil, no estado de São Paulo. Os bairros mais frequentados por essa comunidade na capital paulista incluem Brás, Pari e Bom Retiro, bem como áreas comerciais como Santa Ifigênia e Parque Dom Pedro.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 12 peruanos.

MANIEZO, Gabriele Tres. A comida como memória e cultura do imigrante peruano em São Paulo. Trabalho de Conclusão de curso da Escola de Comunicação e Artes/USP, 2020.

71. Polônia

A migração vinda da Polônia para o Brasil, especialmente para São Paulo, está relacionada ao grupo conhecido como "deslocados de guerra", que chegaram entre 1947 e 1951. Esses migrantes foram retirados de seus países e enfrentaram trabalhos forçados em campos de detenção durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, foi registrado um total de 41.039 indivíduos de origem polonesa no Brasil, com maior concentração nas regiões Sul (57%) e Sudeste (42%) do país, de acordo com dados do IBGE.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 11.002 poloneses

BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. Imigração polonesa em São Paulo: os deslocados de guerra (1947-1951). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, 2011.

72. Porto Rico

A quantidade de habitantes em Porto Rico diminuiu em 450 mil desde 2004. A maioria dos que deixaram a ilha se transferiu para os Estados Unidos. Em 2017, celebrou-se o centenário da obtenção da cidadania americana pelos porto-riquenhos. Porto Rico tornou-se território dos EUA em 1898, após o conflito entre o país e a Espanha. Atualmente, cerca de 5 milhões de porto-riquenhos e seus descendentes residem nos EUA, ultrapassando a população de aproximadamente 3,4 milhões que permanece na ilha. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 560 porto-riquenhos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1 porto-riquenho.

Com crise econômica, população de Porto Rico emigrou para os Estados Unidos. Estado de Minas: Economia. 2017.

73. Portugal

A partir de meados do século XIX, houve uma significativa mudança no perfil dos migrantes de Portugal para o Brasil. Essa transformação foi marcada pelo aumento da presença de indivíduos de origem humilde, com um destaque crescente para as mulheres e crianças menores de 14 anos, muitas vezes provenientes de famílias pobres, órfãs ou abandonadas, representando até 20% do total de emigrados. Ao longo dos séculos XIX e XX, sucessivas ondas migratórias originárias de Portugal buscaram novas oportunidades no Brasil, com os fluxos migratórios sendo influenciados por fatores econômicos e políticos tanto no país de origem quanto no de destino. Esses migrantes, em busca de uma vida melhor, concentravam-se principalmente nos grandes centros urbanos, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro. Entre 1820 e 1972, cerca de um terço dos 5,6 milhões de estrangeiros que chegaram ao Brasil eram de origem portuguesa, com uma preferência dos migrantes desse grupo pelo comércio nas áreas urbanas.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 160.761 portugueses.

MARQUES, José Alberto dos Santos. Emigração portuguesa para o Brasil nos fins do século XIX. Cadernos de História, v.16, n.25. Belo Horizonte, 2015.

74. Quênia

O Brasil estabeleceu laços diplomáticos com o Quênia logo após sua conquista da independência, em 1963, e em 1967 estabeleceu uma Embaixada residente em Nairóbi. A cooperação entre o Brasil e o Quênia abrange diversos setores, incluindo iniciativas nas áreas eleitoral, esportiva, ambiental e de saúde. No Brasil, há uma comunidade de quenianos, predominantemente formada por migrantes que trabalham no campo esportivo, onde muitos atletas são contratados para participar de corridas e outras competições. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 507 quenianos no Brasil.

GOMES, Alberto; LOVISOLO, Hugo; RIBEIRO, Carlos; SANT'ANNA, Andrezza. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. Revista Brasileira de Educação Física. São Paulo, 2013.

75. República Democrática do Congo

Os cidadãos da República Democrática do Congo representam a terceira maior nacionalidade a receber status de refugiado no Brasil nos últimos dez anos. Segundo informações do Ministério da Justiça e Segurança Pública, foram acolhidas 1.050 pessoas entre 2011 e 2020, ficando atrás apenas dos venezuelanos (46.412 - de longe, o grupo mais numeroso) e dos sírios

(3.594). Contudo, especialistas alertam para a subnotificação comum nas estatísticas de migração, sugerindo que os números reais provavelmente sejam maiores do que os registrados oficialmente. De acordo com dados oficiais, desde 1999 o Brasil concedeu status de refugiado a 2.552 cidadãos da República Democrática do Congo, com a maioria dessas concessões ocorrendo nos últimos dez anos.

BARIFOUSE, Rafael. Brasil recebe, mas não acolhe: violência, preconceito e pobreza fazem com que congolese pensem em deixar o país. BBC News.

76. República Dominicana

A República Dominicana destaca-se como uma das principais economias da região do Caribe. Aspectos significativos da relação entre o Brasil e a República Dominicana incluem o Programa de Cooperação Técnica e o Centro Cultural Brasil-República Dominicana, que já capacitou mais de 600 alunos em cursos de língua portuguesa. Em 2023 a República Dominicana fechou suas fronteiras com o Haiti. Devido a violência das gangues, haitianos têm entrado no país vizinho em busca de serviços básicos. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 3370 dominicanos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1957 romenos.

República Dominicana fecha fronteira com o Haiti. Brasil de Fato. Botucatu, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/09/15/republica-dominicana-fecha-fronteira-com-haiti>>

77. Romênia

Ao chegarem ao porto de Santos, em São Paulo, muitos migrantes romenos foram persuadidos a desembarcar para trabalhar nos cafezais. No entanto, a maioria optava por seguir viagem até o Sul, onde havia colônias de alemães e italianos. Em Santa Catarina, as famílias romenas tinham duas opções de colônias: Porto Feliz, de orientação evangélica, e Porto Novo, de orientação católica.

Os vínculos culturais com a Romênia, especialmente nos costumes e na linguagem, foram severamente impactados durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se uniu ao conflito. Nesse período, todas as expressões socioculturais associadas à Alemanha, Itália e Romênia foram proibidas. A população foi obrigada a se adaptar à língua brasileira, incluindo as crianças, que passaram a receber instrução escolar em português.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1957 romenos.

FRANZEN, Douglas Orestes. História da imigração romena. Associação dos romenos bessarabianos.

78. Rússia

Os primeiros grandes grupos de migrantes provenientes da Rússia começaram a chegar ao Brasil no início da década de 1870. Eram, predominantemente, camponeses em condições de extrema pobreza, que optaram pela emigração devido a razões econômicas, políticas e/ou religiosas.

Os russos representavam uma minoria em comparação com outros grupos de migrantes, sobretudo poloneses, ucranianos, alemães e judeus. O maior influxo de migrantes russos para o Brasil ocorreu entre 1887 e 1898, período em que o governo brasileiro começou a subsidiar os custos de transporte e a reforçar suas políticas de financiamento para o Estado de São Paulo.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 8833 russos.

BYTSENKO, Anastassia. Imigração russa para o Brasil no início do século XX: Visões do paraíso e do inferno. Tese de doutorado em Literatura e Cultura Russa/USP.

79. San Marino

San Marino é uma nação europeia situada dentro do território da Itália. Com uma área de 61 km² e uma população de cerca de 34 mil habitantes, San Marino é conhecido por sua pequena extensão territorial. As relações diplomáticas entre o Brasil e San Marino foram estabelecidas no ano de 1984. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 14 samarinês no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 51 samarinês

Ministério das Relações Exteriores.

80. São Tomé e Príncipe

As relações bilaterais entre Brasil e São Tomé e Príncipe, estabelecidas em 1975, ano da independência santomense, foram fortalecidas com a instauração da Embaixada do Brasil em São Tomé, em 2003. Desde então, essa parceria tem se expandido para diversas áreas, incluindo educação, saúde, modernização do governo, agricultura, alfabetização de adultos, segurança, infraestrutura urbana, policiamento, prevenção e controle do HIV/Aids, e seguridade social. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 662 santomenses no Brasil.

Ministério das Relações Exteriores.

81. Sérvia

A chegada dos migrantes da Iugoslávia ao Brasil teve início durante os anos 1920 e se intensificou após o término da Segunda Guerra Mundial. Recentemente, também houve a chegada de refugiados do conflito que fragmentou a Iugoslávia no início desta década. O governo brasileiro oficializou a Sérvia como sucessora legal da extinta Iugoslávia e da União de Estados da Sérvia e Montenegro, estabelecendo relações diplomáticas plenas em 22 de junho de 2006. Estima-se que a comunidade iugoslava no Brasil conte com cerca de mil pessoas, com metade delas concentradas em São Paulo. Nessa cidade, os migrantes costumam se reunir no restaurante do Clube Sêrvio Brasileiro, localizado na Vila Mariana. Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 4 sêrvios.

Ministério das Relações Exteriores

STAROBINAS, Marcelo. Sêrvios no Brasil temem por parentes. Folha de São Paulo, 1999.

82. Síria

A migração de sírios e libaneses, que contribuiu com cerca de cem mil pessoas, teve um aumento notável antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a entrada de 45.803 indivíduos nesse período. Nos anos seguintes, os números diminuíram, com 20.400 migrantes entre 1914 e 1923, e 24.491 entre 1924 e 1933. Em 1920, de acordo com o censo, havia cerca de 50.337 sírios e libaneses no Brasil, sendo que aproximadamente 19 mil estavam em São Paulo, 9.300 no Distrito Federal/estado do Rio de Janeiro e 8.700 em Minas Gerais. Na sua maioria, eram seguidores da religião cristã, principalmente homens jovens e solteiros, com baixo nível de escolaridade, originários de vilarejos pequenos, onde predominava uma economia agrícola básica. Diferentemente de outros grupos de migrantes, que receberam apoio financeiro das autoridades, esses migrantes tiveram que custear todas as despesas da sua jornada. Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 679 sírios.

FRANCISCO, Julio Bittencourt; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e Libaneses e a expulsão de estrangeiros na primeira república. Revista Acervo, v. 26, nº 2. Rio de Janeiro, 2013

83. Sudão do Sul

O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer e estabelecer relações diplomáticas com o Sudão do Sul em 2011. Desde dezembro de 2013, um conflito brutal assola o país, resultando na perda de milhares de vidas e no deslocamento de quase quatro milhões de pessoas de suas residências. Embora muitos permaneçam como deslocados internos, mais de dois milhões de indivíduos foram obrigados a buscar refúgio em nações vizinhas.

Sudão do Sul. ACNUR/ONU. 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/sudao-do-sul/>>

84. Suécia

Uma das razões para a grande migração de suecos para diferentes nações das Américas foram os conflitos das Guerras Napoleônicas durante o século XIX. O objetivo era buscar melhores oportunidades, e o Brasil estava entre os países considerados. Documentos históricos indicam que cerca de 50 famílias suecas se uniram e estabeleceram uma comunidade na região serrana do Rio Grande do Sul. A Igreja Assembleia de Deus, uma das mais antigas igrejas pentecostais do Brasil, foi

introduzida pelos suecos em 1910, influenciados pelo líder pentecostal William Durham, assim como a Igreja Batista Sueca em 1912.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1439 suecos

OLIVEIRA, Jaqueline da Silva de. A imigração sueca no Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e início do século XX (1890-1915). Tese de Doutorado em História/PUCRS. Porto Alegre, 2022.

85. Suíça

Em 1819, aproximadamente dois mil suíços estabeleceram a colônia de Nova Friburgo no interior do Rio Grande do Sul. Posteriormente, em 1857, mais dois mil suíços chegaram para trabalhar nas plantações de café na região de São Paulo. A migração suíça prosseguiu até os anos 1920, resultando na formação de diversos assentamentos no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Calcula-se que em 1870 havia cerca de 2.500 suíços vivendo no Brasil, número que aumentou para 3.300 em 1900 e chegou a 4.250 em 1930. Durante o século XX, os suíços continuaram a migrar para o Brasil. Atualmente, a comunidade suíça no país é a segunda maior da América Latina, contando com mais de 15 mil pessoas.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1387 suíços.

Imigração Suíça no Brasil. Embaixada da Suíça no Brasil e Consulado Geral da Suíça em São Paulo. Disponível em: <<https://suicosdobrasil.org.br/imigracao-suica-no-brasil/>>

86. Tchecoslováquia

A Tchecoslováquia ou Checoslováquia, foi uma nação que existiu na Europa Central de 1918 a 1992. Surgiu da união entre os povos tcheco e eslovaco após a conclusão da Primeira Guerra Mundial, como resultado da divisão do Império Austro-Húngaro. No entanto, um movimento separatista começou e se tornou irreversível em 1992. Assim, em 1º de janeiro de 1993, a Tchecoslováquia se separou em dois Estados independentes: a República Tcheca e a República da Eslováquia. Durante esse período de existência, algumas pessoas foram registradas como tchecoslovacos na Hospedaria de Imigrantes do Brás.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1130 tchecoslovacos.

Brasil Escola.

87. Togo

Após a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, houve um significativo aumento no fluxo de africanos para o Brasil. Esse aumento foi especialmente observado entre migrantes do Togo, que têm buscado assistência da Defensoria Pública da União para permanecer no país. Em fevereiro de 2017, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou a permanência de 972 africanos no Brasil. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 626 togoleses no Brasil.

MULLER, Juliana; SILVA, Karine de Souza; SILVEIRA, Henrique Martins da. Santa Catarina no roteiro das diásporas: os novos imigrantes africanos em Florianópolis. Revista Katálysis, v.21, n.2, p. 281-292. Florianópolis, 2018.

88. Tunísia

O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência da Tunísia, em 1956. Naquele mesmo ano, estabeleceu-se um Consulado brasileiro em Túnis. No momento atual, a Tunísia enfrenta desafios em suas fronteiras, com milhares de africanos buscando chegar à Europa através do país. Essa rota é amplamente considerada como a mais utilizada para alcançar o continente europeu. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 626 togoleses no Brasil. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 915 tunisianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 16 tunisianos.

Fonte:

Ministério das Relações Exteriores.

89. Turquia

Nas primeiras décadas do século 20, ocorreu o desmantelamento do poderoso Império Otomano liderado pela Turquia, logo após o término da Primeira Guerra Mundial. Sob o domínio turco estavam diversas nações, como Síria, Líbano e Armênia, de onde milhões de pessoas partiram em busca de melhores oportunidades. Muitos optaram pelo Brasil como destino, chegando com passaportes turcos, embora fossem principalmente libaneses, sírios e armênios. Assim, consolidou-se a imagem dos "turcos" no Brasil, embora nenhum deles fosse de fato turco. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 2347 turcos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 570 turcos.

MUANIS, Adib Jr. "Turcos" no Brasil. Artigo do Diário da Região. 2021. Disponível em: <<https://www.diariodaregiao.com.br/opiniaio/artigos/turcos-no-brasil-1.50266>>

90. Ucrânia

Durante o final do século XIX, após a abolição da escravidão, ocorreu a imigração ucraniana para o Brasil. Inicialmente, o fluxo foi modesto, com a chegada das primeiras oito famílias em 1891, seguidas por mais de cinco mil famílias de agricultores em 1895 e 1896. A partir de 1897, a imigração ucraniana aumentou consideravelmente, totalizando cerca de 20.000 migrantes. Entre as guerras mundiais, aproximadamente 9.000 ucranianos migraram para o Brasil, e após a Segunda Guerra Mundial, esse número foi de cerca de 7.000. As razões para a migração eram principalmente sociais e econômicas, sendo que agentes europeus davam informações com falsas promessas sobre uma vida melhor no Brasil. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 4479 ucranianos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 1548 ucranianos.

A saga dos imigrantes ucranianos no Brasil. Blog O Estrangeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://oestrangeiro.org/2013/03/06/a-saga-dos-imigrantes-ucranianos-no-brasil/>>

91. Uruguai

O Uruguai é um dos principais aliados do Brasil na América do Sul e representa uma parte significativa dos migrantes na população do Rio Grande do Sul atualmente. Predominantemente localizados na região de Fronteira, os uruguaios têm uma presença marcante no cotidiano de municípios como Chuí e Santana do Livramento. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 50.512 uruguaios no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 84 uruguaios.

Migrantes do Uruguai, Haiti e Venezuela formam maior parte da população estrangeira no RS, mostra estudo. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/migrantes-do-uruguai-haiti-e-venezuela-formam-maior-parte-da-populacao-estrangeira-no-rs-mostra-estudo>>

92. Venezuela

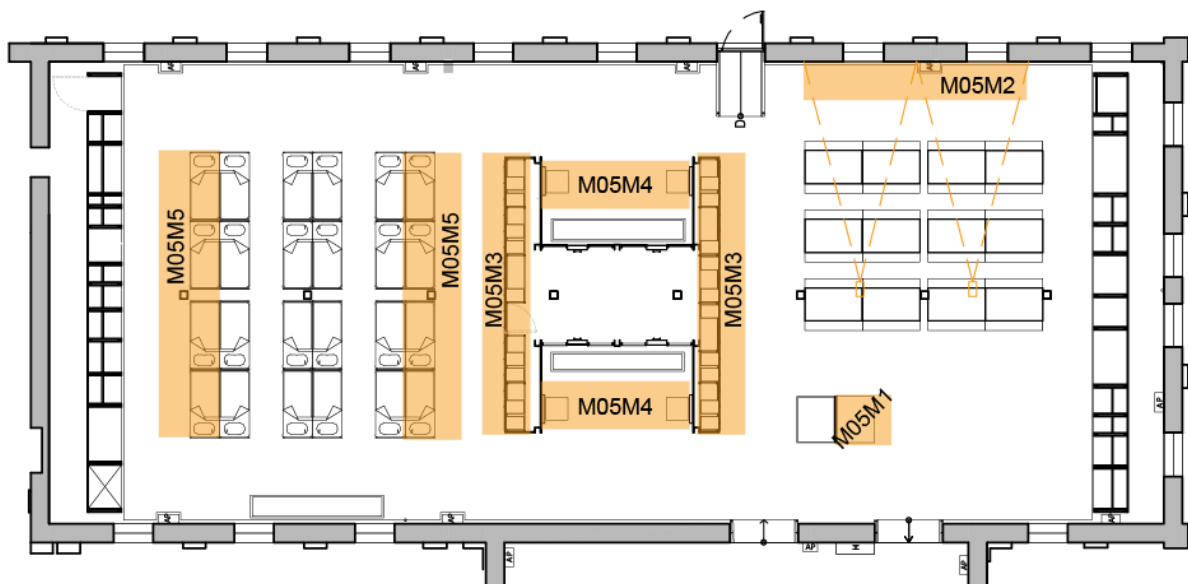
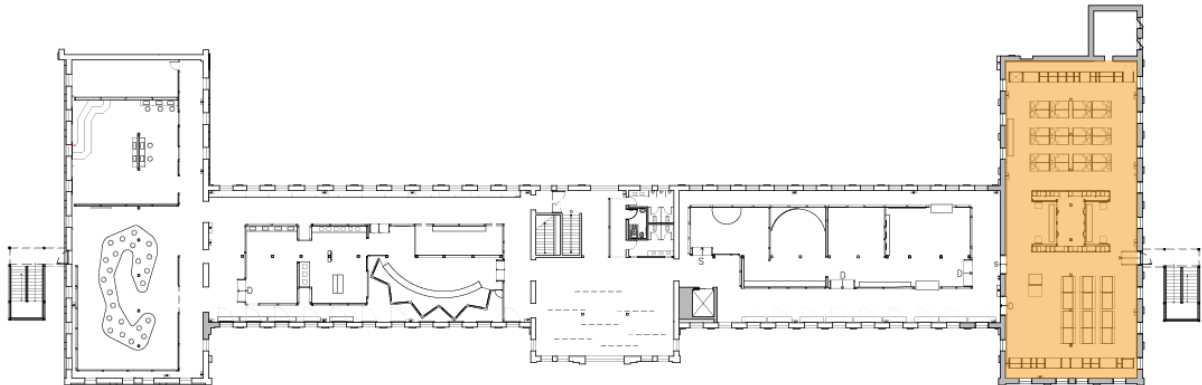
Com o agravamento da crise econômica e social na Venezuela, o fluxo de cidadãos venezuelanos em direção ao Brasil aumentou consideravelmente nos últimos anos. Entre janeiro de 2017 e junho de 2023, quase 1 milhão de venezuelanos ingressaram no Brasil, principalmente pela cidade fronteiriça de Pacaraima, em Roraima, e Boa Vista. Em 2022, mais de 144 mil indivíduos do país caribenho foram registrados, um número muito superior ao de bolivianos, que ocuparam o segundo lugar no ranking, com pouco mais de 15 mil migrantes. Os venezuelanos representaram a maioria absoluta dos refugiados aceitos no Brasil em 2023, com 82% dos processos aprovados até novembro vindos da Venezuela. Segundo o Registro Nacional Migratório (RNM), entre 2000 e 2022, foram registrados 325.637 venezuelanos no Brasil.

Números da Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887 e 1978): 8 venezuelanos.

TEIXEIRA, Borges Lucas. 8 de cada 10 refugiados no Brasil em 2023 são venezuelanos. Uol. Brasília, 2024.

ROLLSING, Carlos. Migração venezuelana para o Brasil volta a crescer e tem protagonismo feminino. GHZ. 2023.

MÓDULO 5 - Hospedaria de Imigrantes do Brás



M5.AV1 - Livro de Registros da Hospedaria

Conteúdos - Livro de Registros da Hospedaria

O registro de matrícula é a documentação que comprova a passagem do imigrante pela Hospedaria. Essa documentação se encontra no Arquivo Público do Estado de São Paulo e a busca pode ser realizada pelo sobrenome do imigrante. Feita a pesquisa, são dadas informações referentes à data de chegada do imigrante à hospedaria, sua idade, nacionalidade e parentesco. Apresenta ainda o número do livro e a página em que consta seu registro, a qual está disponível para ser visualizada em formato digital.

Pesquisa > Registros de matrícula

Dados do livro de registro das pessoas que passaram pela Hospedaria de Imigrantes.



NOME	<input type="text"/>
SOBRENOME	<input type="text"/>
NACIONALIDADE	<input type="text"/>
DATA	<input type="text" value="v"/>
VAPOR	<input type="text"/>

Pesquisar Limpar

Nota Técnica

Essa documentação se encontra no Arquivo Público do Estado de São Paulo e a busca a ela pode ser realizada pelo sobrenome do imigrante. Feita a pesquisa, são dadas informações referentes à data de chegada do imigrante à hospedaria, sua idade, nacionalidade e parentesco. Apresenta ainda o número do livro e a página em que consta seu registro, a qual está disponível para ser visualizada em formato digital.

Devido às dimensões e ao estado de conservação dos Livros de Registro do Memorial do Imigrante, e a fim de garantir o manuseio seguro deste material, a digitalização foi realizada com o scanner planetário Zeutschel OK300, único no Arquivo com capacidade de capturar imagens de encadernados até o tamanho A1. Todavia, apesar de atender aos padrões de qualidade exercidos no Arquivo, o equipamento não produz imagens digitais coloridas. Dessa forma, setenta e quatro livros de Registro de Imigrantes foram digitalizados no formato TIFF com resolução de 300 DPI's, em escala 1:1 e em tons de cinza. Dois livros não puderam ser digitalizados por estarem deteriorados, fato que impossibilita o seu manuseio.

Imagem da interface de pesquisa nos livros de registro.

M5.AV2 - Áudio das Cartas de Chamada

Conteúdos - Cartas de chamada

As cartas de chamada eram uma garantia de auxílio ao imigrante que pretendesse se juntar à família já instalada no Brasil. Também, facilitavam a entrada do imigrante que viesse trabalhar no país, pois comprovavam a existência de um responsável pelos gastos com passagens e alimentação.

O acervo do MI tem mais de 32000 arquivos disponíveis para consulta no site do [acervo digital](#)

As cartas estarão em português e as leituras serão feitas por pessoas vinculadas à atuação ou locução, dando preferência a pessoas migrantes. A convocação e seleção das pessoas será feita junto com a equipe do MI.

Pré-seleção das cartas para leitura

[Carta 1 - Tombo: A0000094](#)

Data Limite: 10/2/1912 - 0/4/1912

Assunto: União de família - Origem: Ribeirão Preto

Descrição: Manoel Cardoso Filho chama seu pai Manoel Cardoso Figueira da Foz Ribeiro para residir no Brasil em sua companhia.

[Carta 2 - Tombo: A0001203](#)

Data Limite: 16/8/1924 - 9/11/1924

Assunto: Mandando notícias - Origem: Guarulhos

Descrição: Imigrante manda notícias ao sogro Luiz.

Carta pertencente ao passageiro nº 61 da lista.

Língua Portuguesa

[Carta 3 - Tombo: A0000992](#)

Data Limite: 14/2/1922 - 31/12/1922

Assunto: Mandando notícias - Origem: São Paulo

Descrição: Edgard Castro manda notícias sobre possível obtenção de carta de chamada à Eliza.

Língua Portuguesa

[Carta 4 - Tombo: A0000225](#)

Data Limite: 26/12/1911 - 27/2/1913

Assunto: União de família - Origem: Santos

Descrição: Albina Ribeiro de Carvalho, seu marido Francisco Cardoso, Anna Ribeiro e seu marido Manoel mandam notícias para suas respectivas mães. Albina Ribeiro de Carvalho chama sua mãe para residir no Brasil e consta também uma carta da sobrinha da mãe de Albina R

M5.AV3- Projeção Serviços da Hospedaria



layout preliminar da peça

Conteúdos - Trechos de depoimentos - Refeitório

Alimentação

"[...] tomava café [...] café e um pãozinho que davam, de manhã. E no almoço era arroz, feijão, às vezes davam um bife [...], às vezes salada [...] a comida era boa.

1- [Francisco de Paula Gimenez Dominguez - Espanhol - 1926]

"Então voltando aqui ao que se servia, eu acho que um dos pratos mais apreciados era exatamente, a macarronada."

2- [Raimundo da Cunha Leite - Brasileiro - 1939]

Estranhamento

"[...] primeiros dias aí tinha arroz com feijão lá misturado. Minhas tias disseram então: "Oh, que beleza: é arroz com passa". Mas que passa o quê?! Arroz com feijão."

3- [Hellmut Hoffmann - Alemão - 1911]

"A primeira vez que vimos comer junto feijão e arroz foi na Ilha das Flôres [...]. Isso significava para nós juntar dois extremos. Com a cultura nossa da Europa, feijão era o símbolo da miséria. Quem comia feijão lá era paupérrimo. Arroz, só nos casamentos chiques."

4- [André Peticov - Bessarabiano/Moldávio - 1925]

"[...] europeu come comida separada [...]. Aqui quando começou a misturar, todo mundo dizia: "Olha, olha, olha parece porco, porque porcos, porcos misturam." Hoje até eu faço isso, se eu não misturar, eu não sei comer. Então, estranhamos, estranhamos completamente."

5- [Mathias Baltrusis - Lituano - 1927]

"[...] eles davam pedaço de pão, eles cortavam esse pão dessa grossura, desse tamanho [...] cada um pegava uma fatia dessa grossura [...]."

6- [Shobu Kamiyama - Japonês - 1937]

"Estranhei foi o sistema do feijão daqui [...] não dá pra passar na "guela" [...]"

[Shobu Kamiyama - Japonês - 1937]

"[...] depois era o almoço [...], ai meu Deus! hoje eu já como, arroz e feijão não me ia, gente do céu!"

7- [Luigi Grande - Egípcio - 1938]

"[...] a senhora carregando, pegava assim e jogava no prato, e vinha outra atrás com arroz, pá, em cima do feijão, outro vinha e pá, e colocava o pedaço de carne [...]"

[Luigi Grande - Egípcio - 1938]

"[...] Eu sei que depois tinha um salão onde eles davam comida, então eles vinham com uma caneca com café. Lá em Portugal a gente toma café, mas é tudo diferente, né? Então, eu tenho a minha irmã que é a segunda, ela pensava que era vinho [risos], aí ela falou: "Ai mãe, mas que vinho esquisito!", era café [...]"

8- [Maria José Pereira de Oliveira - Portuguesa - 1938]

Sabores

"[...] nós gostávamos daquela mortadela [...], da mortadela, salame né, esse daí gostei muito [...]."

9- [Tsuneo Sano - Japonês - 1918]

"Esse café, até hoje me lembro, mais que café! era licor de café! uma verdadeira maravilha."

10- [Antanas Augustaitis - Lituano - 1926]

"[...] acho que ninguém tomou café, porque é amargo [...] não gostamos do café."

11- [Elena Vidmontas - Lituana - 1927(?)]

"Sabe o que que eles ofereciam, mistura era bacalhau, naquele tempo bacalhau era dessa grossura."

[Shobu Kamiyama - Japonês - 1937]

Utensílios

"Era xicrinha pequenina [...]. Nós estávamos acostumados a tomar café em xícaras grande, não vencia servir."

[Antanas Augustaitis - Lituano - 1926]

"Agora a hora do almoço! Mandaram a gente ficar em fila! [...] Elas davam os pratos que eram de ferro, ferro esmaltado e um garfo."

[Antanas Augustaitis - Lituano - 1926]

"[...] quando trouxeram uma bandeja de cafezinhos, xicrinhas pequenas, nunca tinha visto [...] pensamos [...] com essas xicrinhas pequenas só crianças que brincam [...]. Nós achamos assim, esquisito, nunca tinha visto, cafezinho numa xicrinha pequena [...]."

[Elena Vidmontas - Lituana - 1927(?)]

Curiosidades

Chegando lá nós nos servíamos de arroz com feijão e um belo pedaço de carne [...]. Nesse arroz com feijão as duas partes misturadas tinham mais pedras do que arroz. Depois, mais tarde [...] as autoridades pediram desculpas, porque não dava tempo para escolher o feijão e o arroz, conforme vinha da roça ia direto para o caldeirão para servir aos imigrantes."

[Antanas Augustaitis - Lituano - 1926]

Horários

"Horários? [...] acho que onze horas até as treze, por aí, o almoço. O jantar começava às cinco horas [...] começava às cinco horas e ia até onde desse, porque muitas vezes tinha muita gente lá e pouco pessoal para trabalhar."

12- [Agostinho Almeida Barbosa - Brasileiro - Funcionário da hospedaria]

Legendas depoimentos - Refeitório

Obs.: podemos fazer uma legenda (dados de crédito), com todas as informações dos depoentes utilizados, organizada pelo nome:

12- Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 28/11/1934
Naturalidade: Bananal (SP)
Data da migração: 1957
Data do depoimento: 14/09/1994
Funcionário do setor de passagem na Hospedaria.

4- André Peticov
Nacionalidade: Bessarabiana/ Atual: Moldavia
Data de nascimento: 1914
Chegada ao Brasil: 1925
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 08/02/1996

10- Antanas Augustaitis
Nacionalidade: Lituânia
Data de nascimento: 14/05/1908
Chegada ao Brasil: 21/01/1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé
Data do depoimento: 30/09/1999

11- Elena Vidmontas
Nacionalidade: Lituana
Data de nascimento: 06/06/1912
Chegada ao Brasil: 1927 (?)
Data do depoimento: 22/07/1996

1 - Francisco de Paula Gimenez Dominguez
Nacionalidade: Espanha
Data de nascimento: 1908
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Guaruja
Data do depoimento: 25/09/1997

3- Hellmut Hoffmann
Nacionalidade: Alemã
Data de nascimento: 16/07/1905
Chegada ao Brasil: 1911
Tipo de transporte/ nome: navio Zelândia
Data do depoimento: 13/01/1994

7- Luigi Grande
Nacionalidade: Egito
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

8- Maria José Pereira de Oliveira
Nacionalidade: Portugal
Data de nascimento: 19/03/1930
Chegada ao Brasil: 24/02/1938
Tipo de transporte/ nome: Navio Cap Norte
Data do depoimento: 23/03/2004

5- Mathias Baltrusis
Nacionalidade: Lituana
Data de nascimento: 27/11/1913
Chegada ao Brasil: 1927
Tipo de transporte/ nome: navio Daugui
Data do depoimento: 01/08/2005

2 - Raimundo da Cunha Leite
Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923
Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)
Data da migração: 1939
Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 22/11/2000

6- Shobu Kamiyama
Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 1918
Chegada ao Brasil: 1937
Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru
Data do depoimento: 20/10/1998

9- Tsuneo Sano
Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 20/01/1913
Chegada ao Brasil: 17/07/1918
Tipo de transporte/ nome: Navio Wakasa Maru
Data do depoimento: 31/10/2001

M5.AV4 // M05M5 - Áudio das Camas

Trechos de depoimentos - Dormitórios

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

00:23:50 - 00:25:16

MUSEU- Então aí fizeram uma fila indiana, para o quê?

LUIGI- Para registro, e depois pra pegar os cobertores, os lençóis, pra nós entrarmos. Subimos aquela escada, que até hoje, eu e minha sobrinha nós entramos pra visitar ontem, coisa que há tanto tempo queria ver, que existe a mesma coisa, só que já está pintado, deviam deixar como estava, que era mais bonito, a gente se acostumou, aqueles beliches que eram meio de madeira escuro, com aqueles **colchões um pouco alto, eram feitos de palha**, não sei...

MUSEU- Capim.

LUIGI- Capim, isso, isso. E minha mãe, coitada..., nos arrumamos, deram as camas lá pra gente, até foi uma grande coisa, não comemos nada, não deram nada pra gente comer.

MUSEU- Não deram nada pra vocês comerem?

LUIGI- Nada, nada, nada aquela noite, mortos de fome, mas tudo bem, vai fazer o quê? Você vai acordar quem? Tudo silêncio, uma garoa.

MUSEU- Foram pro dormitório no andar de cima?

LUIGI- Em cima, um lado..., agora não lembro se era esse lado, homem..., separaram nós, não éramos só nós, várias pessoas também, tudo que vinha da Itália, grego, franceses, israelita, italiano, espanhol, tudo. Estou me referindo a mim, chegamos, fomos dormir, mas quem que pegava no sono? A cada movimento que dava aquela palha fazia shiiiiii, fazia aquele barulhinho lá, colocamos nosso pijama, tudo [risos]...

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

00:33:45 - 00:35:27

MUSEU- Mas podia fazer comida no quarto?

LUIGI- Fazia nesses quartões grandes aí.

MUSEU- Fazia?

LUIGI- Fazia. Espiriteirinha, comprou aquelas espiriteirinhas, sabe?, talvez não seja do seu tempo, não sei nem a sua idade, sabe aquelas espiriteirinhas, hoje acho que deve ter ainda, álcool dava, aquele lá que fazia o cafezinho. Parece brincadeira, agora minha neta tem uma dessa, que brinca como..., tenho uma neta que é um espetáculo, também um neto, três netos hoje, dois meninos e uma menina, uma daquela lá, ela brinca pra fazer comidinha. **Então fazia tudo lá, fervia a água do macarrão lá.**

MUSEU- Ela fazia macarrão lá no dormitório?

LUIGI- No meio de duas camas, tinha a cama dela, tinha a cama da minha avó, da minha tia, então o que elas faziam? Fechavam com um lençol, era uma cabana, perfeito, dentro de um quarto.

MUSEU- E ninguém proibia?

LUIGI- Não, não, às vezes, passavam as moças que faziam limpeza e falavam: "Sabe que não pode, tem que tomar cuidado", minha mãe falava: "Não, pode ficar sossegada, e só pro meu filho, porque ele não come essa comida, coitado", então elas deixavam. Era eu e o meu primo que não gostávamos da comida daqui, o resto comia tudo, os outros meus primos tudo vai, vai, vai. Aí, começamos a trabalhar...

MUSEU- Aí, você podia comer o macarrão da mamma, né? [risos]

LUIGI- E como! [risos], então eu comia...

MUSEU- Só faltava fazer o molho de tomate.

LUIGI- Fazia.

MUSEU- Fazia também?

LUIGI- Fazia o molho e tudo, minha filha, fritava carne. Te falo, fazia um cheiro, minha filha, naqueles quartinhos lá, quartinho não, eu digo quartinho, quartão né, que são enormes.

MUSEU- E ninguém reclamava do cheiro?

LUIGI- Não, eu lembro que, às vezes, algumas..., o medo deles era o fogo, é perigoso, se você vai pensar, mas minha mãe tomava muito cuidado.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

00:35:29 - 00:36:46

Uma vez eu ganhei de um amigo nosso, que morava não sei aonde aqui, não me lembro, Vila Bela, Vila Bela, ganhei um papagaio, papagaio não, um periquitão grande..., sabia que eu gosto, hoje eu tenho pássaro em casa, tenho cachorro, tenho aquário, tenho planta, adoro tudo isso, bicharada toda..., e me deu, e minha mãe, puseram na cabeça dela que o papagaio e o periquito davam doença, a pena, difteria que chama, mas eu coloquei na cabeça, prendi numa gaiola e não é que trouxe aqui pra Imigração? [risos], quando passei de lá, o homem falou pra mim assim: "Aonde você vai com esse papagáinho?", eu falei: "Ué, eu ganhei", e ele: "Mas você sabe que não pode?", eu falei: "Eu sou imigrante, deixa ele coitadinho", os caras deram risada e deixaram ele passar, aí, subi aqui em cima. Quando levei pra minha mãe: "Mãe, olha que bonito que eu ganhei!", ela falou: "**Você é louco, aqui onde eu vou pôr esse papagaio que grita?**", sabe onde ela pôs? Ela abriu essa janela e colocou um prego [risos]...

MUSEU- Um prego do lado de fora.

LUIGI- ...e pendurava lá de noite, porque ele gritava [risos], até papagaio foi imigrante comigo, mas foi uma história. Olha, o meu romance, a minha sobrinha disse que vai escrever um livro sobre isso aqui.

H00290_Maria José Pereira de Oliveira

Nacionalidade: Portugal
Data de nascimento: 19/03/1930
Chegada ao Brasil: 24/02/1938
Tipo de transporte/ nome: Navio Cap Norte
Data do depoimento: 23/03/2004

00:12:10 - 00:12:46

Museu- E cada um tinha uma cama ou as crianças dormiam junto?

MJPO- É, a gente dormia... tinha as camas sim, mas a gente dormia numa parte com a minha mãe, e os meninos em outra parte com o meu pai.

Museu- Mas cada criança dormia numa cama separada ou chegava a dormir mais de uma criança numa cama só?

MJPO- Ah! Dormia mais do que uma criança numa cama, dormia mais. O meu irmão, que estava doentinho, ele era mais pequenininho, **dormia num... que nem um bercinho, né?** Isso foi... Daqui então, nós pegamos...

H00191_Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituânia
Data de nascimento: 14/05/1908
Chegada ao Brasil: 21/01/1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé
Data do depoimento: 30/09/1999

00:57:00 - 00:57:49

ANTANAS: O lituano sempre prevenido. Trazíamos travesseiros, esses eram preciosos, eram feitos de pena de ganso, era uma verdadeira maravilha! Até hoje eu tenho um como relíquia. E não é só eu, muitos lituanos ainda devem ter. As mulheres traziam lençóis, cobertores e outros apetrecho, onde cada um na sua cama se preparava para descansar.

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

01:09:15 - 01:10:58

E eu me recordo, é uma imagem que eu tenho, que aqui chegando nós **dormíamos num salão enorme, um grande salão que dava o fundo para a estrada de ferro** que margeava ali o alojamento, aquele pavilhão; que é exatamente esta estrada que liga hoje aqui a grande São Paulo: São Miguel, Mogi das Cruzes, enfim, hoje subúrbio ou até mesmo o trem Rio - São Paulo. E eu me lembro que nós dormíamos, era um salão grande, embora separados homens e mulheres; os homens e meninos num grande salão e senhoras e meninas em um outro. Mas era um grande salão comum grande beliche, com cama dupla e eu me lembro que a gente acordava sempre bem cedo pelo barulho do trem passando, ou manobrando. Eu me lembro dessa imagem como se fosse hoje. Eu sentado ali no beliche e ficava ali abismado, ou até encantado com aquele movimento de trem e os apitos da máquina para lá e para cá ou fazendo manobra, ou simplesmente passando no seu curso de viagem.

H00008_Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934

Naturalidade: Bananal (SP)

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 14/09/1994

Funcionário: setor de passagem na Hospedaria.

00:21:42 - 00:22:28

Uma vez chegou um casal alemão e na hora do almoço, então, a pessoa que recepcionou se preocupou em alojá-los e levar o casal para almoçar, não é? Mas não mostrou o toalete. Aí me vem a moça com um dicionário e ela mostrava "sabonete". Sabonete nós não fornecíamos a eles, então tinha que ir na lojinha ali próxima para adquirir sabonete. Então eu estava explicando pra ela como fazer pra ir comprar o sabonete. Mas eu percebi o desespero dela, e falei: "Bom, tem alguma coisa errada". Então fui e mostrei o toalete. Menina, ela quase que arrebenta a porta! Quer dizer, ela estava desesperada. O negócio que ela queria era o toalete, mas no dicionário ela mostrava que queria sabonete.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

00:25:43 -00:27:40

MUSEU- Não, pode contar.

LUIGI- Se não servir, corta [risos]. Aí de manhã cedo eu levantei, sabe com aquele negócio, aonde eu estou? Levantei, essas janelas mais ou menos eram as mesmas, a minha cama era assim, abro os olhos, aí meu Deus!, onde eu estou? Sabe quando você fica confuso, ah!, tô na Imigração, fiquei olhando, olhando bem, me levanto, falei: "Quero ir no banheiro", e o banheiro justamente você descia a escada, não me lembro bem, não estava me lembrando, quando eu me olho no espelho, **todo manchado de sangue, sabe pontinha de sangue**, se não vai você corta fora, porque não é que eu quero fazer propaganda, mas, ahahaha!, eu coiso, eu vou contar a verdade, não é verdade? Eu falei: "Meu Deus, o que é isso?", não sabia nada, aí chamei um senhor lá, sei lá, que limpava o banheiro, aí eu falei: "You speak english?", não, não, não, "Vous parlez français?", não, não, não, "Aí!, e agora?, como é que vou me explicar", fazia assim, o que era isso? **Pulga [risos]**, na minha terra não tinha

isso, devia ter, mas acho que eu não conhecia. Eu perguntava: “O que é isso?”, ele falava, mas eu não entendia, eu dava risada porque picava, aí eu falava assim: “Mas o que é?”. Cheguei lá, a minha mãe, os meus primos, a minha irmã, todo mundo com esse negocinho, aquelas coisas de palha [risos], acho que tinha pulga ali, mas depois a gente acostumou tanto que a gente não reclamava mais disso, são coisas que a gente não sabe, de repente você levanta assim, meu pijama azulzinho bonitinho, todo manchado de sangue, que Diabo é isso? Ficamos bem aqui, graças a Deus, foi uma coisa que...

H00008_Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 28/11/1934
Naturalidade: Bananal (SP)
Data da migração: 1957
Data do depoimento: 14/09/1994
Funcionário: setor de passagem na Hospedaria

00:13:46 - 00:14:03

Museu: Havia algum tipo de regulamento interno da Hospedaria?

AAB: Sim. O regulamento eram os horários das refeições e o horário de dormir. Já tinha aquele horário certo, acho que logo que terminava o jantar, recolhiam-se todos para o alojamento, separados homens e mulheres [...].

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/03/1916
Naturalidade: Rio de Janeiro
Data da migração: 1933
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

00:04:38 - 00:04:40

“Os homens num alojamento e as mulheres em outro [...].

00:04:44 - 00:04:57

Havia até casos interessantes do marido não querer dormir longe da mulher, de jeito nenhum, era uma briga! Precisava aquela paciência... “Minha mulher nunca se separou de mim”. No fim, um funcionário sempre convencia.”

H00008_Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 28/11/1934
Naturalidade: Bananal (SP)
Data da migração: 1957
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 14/09/1994
Funcionário: setor de passagem na Hospedaria

00:15:21 - 00:15:31

“À noite, separados. À noite tinha o alojamento das mulheres e dos homens, separado. Não havia um quarto para cada um, não havia possibilidade.”

Legendas depoimentos - Dormitório

Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934
Naturalidade: Bananal (SP)
Data da migração: 1957
Data do depoimento: 14/09/1994
Funcionário do setor de passagem na Hospedaria.

Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituânia
Data de nascimento: 14/05/1908
Chegada ao Brasil: 21/01/1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé
Data do depoimento: 30/09/1999

César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/03/1916
Naturalidade: Rio de Janeiro
Data da migração: 1933
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Luigi Grande

Nacionalidade: Egito
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Maria José Pereira de Oliveira

Nacionalidade: Portugal
Data de nascimento: 19/03/1930
Chegada ao Brasil: 24/02/1938
Tipo de transporte/ nome: Navio Cap Norte
Data do depoimento: 23/03/2004

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923
Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)
Data da migração: 1939
Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 22/11/2000

M5.AV5 - Depoimentos em animação

M5.AV5.a - Nicho central 1 -

Depoimentos temáticos: **alimentação (3), alimentação- farnel (3), cotidiano (4) e higiene (4)**

Local: Monitores 1 e 2

Depoimentos Alimentação

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:30:12 - 00:31:15

MUSEU- Mas conta mais, aí, à tarde, tinha mais café, café da tarde?

LUIGI- Olha, francamente que eu me lembre, não tinha.

MUSEU- E à noite, tinha o jantar?

LUIGI- Janta, ah! e uma banana, uma.

MUSEU- No almoço?

LUIGI- É, na janta também, às vezes tinha, às vezes não, só banana, não tinha outra coisa.

MUSEU- Arroz, feijão e carne...

LUIGI- Arroz, feijão, carne e banana. Arroz, feijão, carne e..., ah! e um pãozinho, você está entendendo? Então eu peguei meu pai e falei: "Pai, eu quero saber aonde você me trouxe?", ele falou: "Filho, você quer saber de uma coisa? É melhor isso, do que um dia morrer embaixo de bomba onde nós estávamos", aí eu me acalmei. Você se ponha no meu lugar, eu tinha tudo do bom e do melhor, não vivia às mil maravilhas, mas a gente tinha tudo o que tinha, tinha clube, tinha piscina, tinha praia, tinha baile, tinha tudo, você chega aqui, você faz uma vida de não sei o quê em cima do navio, do bom e do melhor, você chega aqui, você não recebe um impacto, me fala a verdade?

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Minutagem 01:10:58 - 01:12:14

Após isso éramos chamados para o café da manhã que por sinal, era farto e até certo ponto rico.

MUSEU: Em que?

RAIMUNDO: Acho que mais farto do que rico em vitaminas ou proteínas, mas sobretudo farto.

MUSEU: O que é que serviam?

RAIMUNDO: Bolacha, pão, pão com manteiga, bolacha de vários tipos e o almoço também e o jantar também, até certo ponto, além de farto aceitável principalmente levando-se em conta que para nós nordestinos, em via de regra éramos pessoas que haviam passado por várias e grandes dificuldades, até certo ponto aquilo era muito satisfatório.

H00008_Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934

Naturalidade: Bananal (SP)

Data da migração: 1957

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 14/09/1994

Funcionário: setor de passagem na Hospedaria.

Minutagem: 00:10:37 - 00:11:26

Museu: E com relação a horários, alimentação, conta mais como é que...

AAB: Sim, tinha horário para alimentação, se formava fila, era divertido, inclusive, todo mundo chamando e tal, quer dizer, chamando... chamava-se uma vez só!

Museu: Chamava através do quê?

AAB: Através de alto-falante, ou aqueles que tinham mais força no pulmão gritando no pátio, né? E não precisava, eles já sabiam do horário, mais ou menos. Por exemplo, eles sabiam inclusive o cardápio. Às vezes, eu muitas vezes via eles comentarem, às vezes passando pelo pátio via eles comentando: "Hoje é dia de boi ralado". Você sabe o que é boi ralado? É carne moída. "Frango atropelado", então esse é o sopão que se fazia, entende? Então eles já sabiam o horário, então naquele horário nem precisava chamar muito, porque eles já estavam próximos.

Depoimentos Alimentação (Farnel De Viagem)

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Minutagem: 01:14:47 - 01:17:21

Era costume e isso eu me lembro, era costume aqui o serviço de migração pegavam um saco, esse saco de pão, saco de papel e faziam o que seria um lanche, mas que na verdade o que era próprio do nordestino fazia uma farofa. Era uma farofa de frango, uma paçoca como a gente chamava no Nordeste. A paçoca é a carne de sol. É frita e depois pisada; melhor dizendo, pisada quando no pilão, moída. A carne assada e misturada com farinha, cebola, aquela coisa. Então era feito, por assim dizer, uma matula e a gente saía, quando a gente embarcava saía daqui, com aquele lanche ou aquele alimento para se alimentar a noite ou durante a viagem, que normalmente alguns conforme a cidade desembarcava um pouco mais cedo. Mas outros até como foi o meu caso e de meu pai, nós chegamos em Colina; eu acho que depois no dia seguinte por volta das oito, nove, ou dez horas da manhã, ou seja, viajamos a noite inteira. Então a gente saía daqui com aquele lanche, que na verdade...

MUSEU: Levavam água também?

RAIMUNDO: Água, o próprio nordestino era comum, mesmo no vapor ou durante a viagem carregar uma moringa, que a gente chamava "moringa d'água" ou uma coatinha que é feita de barro. É a própria moringa que é muito usada no norte, além do pote de barro. Nos velhos tempos, lógico! A moringa que no linguajar popular também era chamada de coatinha, para manter a água fria. A água de cacimba, água de riacho, ou mesmo a água da chuva. Então era comum o nordestino trazer aquela moringa.

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/03/1916

Naturalidade: Rio de Janeiro

Data da migração: 1933

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes
00:07:45 - 00:08:33

Já à tarde eles recebiam o farnel. Consistia de farinha com carne seca. Porque se você desse outra coisa eles não comiam, então os nordestinos só comiam farofa com carne seca, aquele farnel, e as mães levavam uma espécie de um mingauzinho, que eles chamavam de engrossado, para dar para às crianças de colo. Aí pegavam o trem na estação ao lado e eram acompanhados pelo funcionário da imigração até o destino.

H00111_Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 1918
Chegada ao Brasil: 1937
Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru
Data do depoimento: 20/10/1998
Minutagem: 00:37:02 - 00:38:37

Museu: Bom, aí vocês foram contratados pra ir pruma fazenda?

SK: É, isso.

Museu: Mas quem contratou? O dono da fazenda veio aqui e...

SK: Não, isso aí eu acho que tinha firma que fazia essas coisas, né. Antes de sair já contratava, sabe.

Museu: Tinha uma firma lá ...com escritório lá no Japão que já tratou do contrato, da documentação?

SK: Isso tudo é fazia. Então quando chegava aqui já tava empregado.

Museu: Quando foi pra ir pra fazenda eles deram um farnel num foi, um negócio assim com lanche deram.

SK: Deu um pedaço de pão assim e outro pedaço de como é que chama? salame, né? Salame não.

Museu: Mortadela

SK: É mortadela isso, dessa grossura assim, e desse tamanho assim

Museu: Quem comeu a mortadela? Que outros colegas já contaram que acharam aquilo muito esquisito ninguém gostava de comer a mortadela.

SK: O povo japonês de interior isso aí é coisa estranha, né?

Museu: Todo mundo jogava pela...

SK: Jogava no corredor tava cheio assim, no corredor do trem.

Museu: No corredor ou no trem?

SK: Não corredor trem, é então eu catava com saco.

Museu: Por que? o Senhor gostou de comer mortadela?

SK: Uh...eu conhecia, no Japão eu já comia. (risos) é assim

Depoimentos Cotidiano

H00191_Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituânia
Data de nascimento: 14/05/1908
Chegada ao Brasil: 21/01/1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé
Data do depoimento: 30/09/1999
Minutagem: 01:02:10 - 01:03:22

Nós ficamos muito tempo aqui na hospedaria. Nós acostumamos com a boa vida! Tinha um guia que nos dava liberdade. Nós podíamos sair pela cidade toda, se quiséssemos formar um grupo para passear, tinha sempre um guia mostrando tudo. Em primeiro lugar nós conhecemos a igreja de São José, aqui do Brás. Achamos uma verdadeira relíquia grandiosa, esplêndida. Igreja Católica Apostólica Romana, onde todo mundo rezava. [...]

Minutagem: 01:06:05 - 01:10:45

Assim, com o tempo, a diretoria da Hospedaria dos Imigrantes, chamou todo mundo e deu liberdade para quem quisesse ir longe, nos cafezais, ou quem quisesse poderia ficar na cidade, deu liberdade. A maioria dos trabalhadores braçais da terra, assumiu a responsabilidade de ir para as plantações de café. Então, o meu pai com toda família se inscreveu para irmos para a fazenda Santo Antônio. Essa fazenda se achava longe de São Paulo, divisa de Minas Gerais. Fazenda muito grande, tinha quase 5 milhões de café. Essa cidade chamava-se São Joaquim. Chegamos a noite.

MUSEU: Antes do Sr. falar sobre essa fazenda, diga quanto tempo vocês ficaram na Hospedaria?

ANTANAS: Nós ficamos quase duas semanas a tempo de tirar documentos, ver o destino de cada um, demorou um pouco.

MUSEU: O Sr. contou do almoço, tinha o período da tarde e o jantar?

ANTANAS: Depois ia todo mundo passear. Depois voltava para a Hospedaria e davam o jantar. Um dia era arroz e feijão, noutro era uma bela macarronada bem temperada, a vontade, sempre com um pedaço de carne.

MUSEU: Como é que se fazia para tomar banho?

ANTANAS: O chuveiro na verdade, nós mesmos, tomávamos de cada 2, 3 dias. Era muita gente, não dava para esperar. Nós não fazíamos nada, éramos verdadeiros vagabundos, esquecíamos até do chuveiro. Muita gente pegava uma bacia, um balde de água, jogava a cabeça dentro do balde, jogava em cima do corpo, era o nosso banho.

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Minutagem: 01:17:23 - 01:21:07

MUSEU: Quanto tempo o Sr. ficou aqui mesmo?

RAIMUNDO: Eu fiquei aqui mais ou menos uns 10, 12 dias. Que eu me lembre uns 8, 10, 12 dias eu acho. Até aquele período de triagem e no aguardo de embarque para o interior.

MUSEU: O que é que vocês ficavam fazendo durante o dia?

RAIMUNDO: Os mais velhos naturalmente, ficavam naquele trivial no seu jogo de baralho, naquelas brincadeiras próprias dos adultos, jogo de damas, enfim. Agora as crianças faziam as suas peraltices naquele pátio; muito diferente que eu me lembre, do que essa beleza aí está. Na hora que aqui entrei com o Sebastião fiquei encantado do que hoje vejo. Por incrível que pareça algumas vezes passei por aqui de carro, pela Visconde de Parnaíba, mas nunca tive o cuidado de um dia aqui vir e ver o que vejo hoje.

MUSEU: Mas vocês ficavam no pátio interno?

RAIMUNDO: É tudo no pátio interno. Até porque a saída para rua era proibida. Existia uma fiscalização, ninguém saía. Os migrantes que aqui chegavam não podiam sair, senão acompanhados para embarcar. Sair para passear, isso... éramos uns verdadeiros internos! Do adulto a criança.

MUSEU: Vocês também não podiam escolher para onde queriam ir. Não podiam escolher a cidade?

RAIMUNDO: Não como eu disse antes, quem tinha parentes aqui tinha até direito de escolher, mas os que não tinham era o próprio serviço de migração que escolhia e obrigatoriamente dizia aquele grupo: - vocês vão para Marília, vocês vão para Bastos, vocês vão para Araraquara, para aquelas cidades mais... aonde o cultivo do café e depois do algodão era mais intenso. Ou senão onde as matas a serem derrubadas, porque na verdade, naquela época embora se dissesse que o migrante vinha para a agricultura, não! E se fossem para agricultura era, simplesmente, para serem colonos, como foram os italianos, como foram os europeus. Os nordestinos também iam como para serem colonos e se abrigarem nas mesmas casas de colonos, onde se abrigaram nos velhos tempos os europeus. Os que não tinham parentes ou que não tinham, não eram grandes grupos, no caso era eu e o meu pai só, mas o que eram grandes famílias, grandes grupos, era o serviço de migração que destinava: - "você vai para tal lugar e vai trabalhar em tal fazenda". Mais para desmatar as grandes glebas que dariam lugar ao cultivo, primeiro do café e depois do algodão do que propriamente como agricultor.

H00008_Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934

Naturalidade: Bananal (SP)

Data da migração: 1957

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 14/09/1994

Funcionário: setor de passagem na Hospedaria.

Minutagem: 00:14:04 - 00:15:21

Museu: Mas eles permaneciam o dia todo dentro dos pavilhões?

AAB: Sim, tinham os pavilhões, ou na seção de triagem também, que era muito demorado, quer dizer, permanecia muito tempo ali... pavilhões próximos as serviço médico, não é?

Museu: E havia alguma área comum, assim, para um contato social entre os grupos, havia um espaço maior onde permitia o convívio entre eles dentro do prédio?

AAB: Não, seriam só esses salões mesmo, nos galpões, não havia assim... Palestras, você quer dizer?

Museu: Não, não. Se havia assim um pátio onde havia o convívio entre...

AAB: Sim, havia sim o pátio, quer dizer, eles ficavam durante o dia, as famílias todas juntas, com os filhos e tudo. Hoje é separado, não é isto? Os menores, principalmente, são separados dos pais. Apenas os pais vão lá nos prédios fazer as visitas. Mas antes não, ficavam todos nos pátios lá, todos juntos.

Museu: A família ficava junta, no mesmo pavilhão?

AAB: Sim, durante o dia.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:32:42 - 00:33:44

MUSEU- Mas o que vocês faziam durante o dia?

LUIGI- Nada.

MUSEU- Você ficou três meses aqui dentro?

LUIGI- Não, logo eu comecei trabalhar filha, não fiquei me coçando à toa, não.

MUSEU- Arrumou logo um emprego?

LUIGI- Logo. Eu tinha emprego, eu sou soldador de ferramentaria, era na época, porque depois, muitos anos depois eu fui vendedor da Antártica, fiz um teste passei pela Antártica, eu era soldador de ferramentaria.

MUSEU- Então, logo o senhor foi encaminhado pra uma empresa?

LUIGI- Sim, logo.

MUSEU- Aqui pela hospedaria?

LUIGI- Sim pela hospedaria, eu era o menor soldador da firma Trivellato.

MUSEU- Aonde ficava?

LUIGI- Na Casa Verde, é..., Fábrica de Basculante Trivellato, italiano.

MUSEU- Aí, o senhor vinha pra cá no final do dia?

LUIGI- De noite vinha pra cá, chegava aqui, dormia aqui, tomava o banho, jantava, às vezes nem jantava, porque até aí já começamos a trabalhar, ganhar um dinheirinho, uma coisa ou outra, minha mãe me fazia uma janta separada, porque olha, pra mim o arroz e o feijão não ia.

Depoimentos higiene

H00043 - André Peticov

Nacionalidade: Bessarabiana/ Atual: Moldavia

Data de nascimento: 1914

Chegada ao Brasil: 1925

Tipo de transporte/ nome: navio Navio (s/id.)

Data do depoimento: 08/02/1996

Minutagem: 00:43:56 - 00:45:00

Obs: vídeo no servidor está travando, procurar o dvd

Museu: Sr. André, seria muito interessante se o senhor pudesse contar um pouquinho da sua passagem pela Hospedaria dos Imigrantes.

AP: Em 1926 minha filha, muito piolho (risos). Era uma imundície tremenda. A pobreza, ... se hoje nós temos pobreza, você pode imaginar em 1926 o que era o Brasil?

Museu: Mas isso dentro da Hospedaria?

AP: Dentro. Uma imundície tremenda. Ninguém saía de lá sem estar cheio de piolhos. Por isso que as pessoas, os que vinham da Europa...estranhavam muito.

Museu: A Hospedaria aqui de São Paulo, do Brás?

AP: É no Brás, sim.

H00098_Francisco de Paula Gimenez Dominguez

Nacionalidade: Espanha

Data de nascimento: 1908

Chegada ao Brasil: 1926

Tipo de transporte/ nome: Navio Guarujá

Data do depoimento: 25/09/1997

Minutagem: 00:11:21 - 00:11:37

Obs: se atentar as trocas entre "g" e "j" no Gimenez, confirmar tal informação

MUSEU: e o prédio era limpo? Tinha bastante higiene ...

FRANCISCO: higiene, era ...

MUSEU: era bem cuidado?

FRANCISCO: era bem cuidado, todo imigrante que vinha era bem cuidado.

Naquele tempo era ...

[...]

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/03/1916

Naturalidade: Rio de Janeiro

Data da migração: 1933

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 16/09/1994

Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Minutagem: 00:04:02 - 00:04:20

CLF: [...] descansavam um pouquinho, eles iam para uma seção do alojamento para receber os cobertores - esses tipos de cobertores eram usados diariamente e desinfetados. Depois, no dia seguinte, o serviço de cobertor ia para a autoclave onde desinfetavam-se.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:25:16 - 00:25:40

MUSEU- Ninguém tomou banho?

LUIGI- Não, não tomei nada, de noite não tomamos nada, que eu me lembro nada.

MUSEU- Nem tomaram banho?

LUIGI- Nada, nada. Tinham dois banheiros, que se não me engano, estava procurando ontem, até falei pra minha sobrinha, não estou vendo mais, eram dois banheiros enormes, todo mundo tomava banho junto, coisa que eu nunca gostei na minha vida, mas tudo bem, não tinha outro [risos]. Então nós subimos, fomos pra deitar, e [risos].

Legendas depoimentos Nicho central 1

Obs.: podemos fazer uma legenda (dados de crédito), com todas as informações dos depoentes utilizados, organizada pelo nome:

Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934

Naturalidade: Bananal (SP)

Data da migração: 1957

Data do depoimento: 14/09/1994

Funcionário do setor de passagem na Hospedaria

André Peticov

Nacionalidade: Bessarabiana/ Atual: Moldavia
Data de nascimento: 1914
Chegada ao Brasil: 1925
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 08/02/1996

Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituânia
Data de nascimento: 14/05/1908
Chegada ao Brasil: 21/01/1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé
Data do depoimento: 30/09/1999

César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/03/1916
Naturalidade: Rio de Janeiro
Data da migração: 1933
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Francisco de Paula Gimenez Dominguez

Nacionalidade: Espanha
Data de nascimento: 1908
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Guarujá
Data do depoimento: 25/09/1997

Luigi Grande

Nacionalidade: Egito
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923
Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)
Data da migração: 1939
Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 22/11/2000

Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japão
Data de nascimento: 1918
Chegada ao Brasil: 1937

Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru

Data do depoimento: 20/10/1998

M5.AV5.b - Nicho central 2

Depoimentos temáticos: **política, administração e funcionamento**

Local: Monitores 3 e 4

Depoimentos temáticos: política, administração e funcionamento

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Data da migração: 1956

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 01/04/1996

Minutagem: 01:12:29 - 01:15:34

Museu: Quer dizer que o Estado teve um papel fundamental nesse passado, no encaminhamento dessa mão-de-obra, na solução de problema social, porque hoje não tem mais isso.

AJN: É. Até porque o Estado tinha um interesse muito grande na vinda de mão-de-obra nacional depois que cessou a imigração europeia e a oriental também, principalmente no período das duas guerras mundiais. Na verdade, até os anos 20 foi o auge da imigração estrangeira, depois veio decrescendo. Agora nos anos 30 é que começa a migração interna. Inclusive houve um determinado momento no governo do Armando Salles de Oliveira, 36, 35 por aí, que São Paulo subsidiou a migração interna. O Estado de São Paulo contratava empresas de mão-de-obra para ir lá no Nordeste para selecionar o pessoal para vir para São Paulo porque começou a haver uma grande expansão da fronteira agrícola paulista em direção ao Oeste. A cultura do algodão surgia como uma nova atividade e nessa época faltou braços, para a lavoura de São Paulo. Já muita gente tinha migrado do interior para a capital nos anos 20 por causa da expansão industrial e não havia mão-de-obra disponível. Então, no governo Armando Salles de Oliveira foi feito um contrato com essas empresas de mão-de-obra. O governo pagava 60 mil reis por migrante introduzido maior que 12 anos e 30 mil reis pelos menores de 12 anos. As companhias recebiam essa subvenção do Estado pra trazer essa mão-de-obra até São Paulo. Inclusive lá em Montes Claros e no porto fluvial lá na Bahia, no São Francisco, em Pirapora tinha um escritório do Departamento de Imigração e Colonização. Aliás apareceu essa placa no filme "Seara Vermelha" do Nelson Pereira dos Santos, que contava uma estória de retirantes. O local onde eles filmaram tinha a placa lá "Diretoria de Terras de Imigração e Colonização", é curioso né? E depois terminou esse serviço, mas o Estado teve grande interesse em financiar e promover a migração interna. Também teve anteriormente esse trabalho com a mão-de-obra europeia, mas aí que grande parte do incentivo à imigração foi financiado pelos fazendeiros.

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Minutagem: 00:47:00 - 00:49:01

Ocorria que em Pirapora, quando se chegava da viagem do São Francisco cada um pagava a sua passagem, senão por si mesmo, 9 custeada por parentes que aqui estavam em São Paulo e que mandavam os meios de transportes para que os seus parentes para cá viessem. Mas chegando a Pirapora os migrantes já passavam a ser cuidados pelo serviço de migração. Que como eu disse era quem motivava a vinda desse povo para a agricultura, que era o forte na época, em São Paulo na década de 40. E ocorre que de Pirapora para São Paulo, aí a passagem para o migrante era um trem, chamado "mineiro" que ele vinha do Rio de Janeiro para Minas Gerais até Pirapora. Quando chegava em Pirapora ele era, engatava-se, juntava-se a esse trem dois vagões especiais; vagões de 2ª., 3ª. classe que era destinado aos migrantes. Só que aí a passagem era de graça, a passagem era liberada pelo serviço de migração e o migrante passava a ser então senão propriedade, mas bem desse serviço de migração. Enfim...

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/03/1916
Naturalidade: Rio de Janeiro
Data da migração: 1933
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes
Minutagem: 00:09:00 - 00:10:54

Vou explicar porque existia na Imigração Inspeção de Trabalhadores Imigrantes (ITN): a função dessa inspeção era ir às fazendas, fazer levantamento junto aos fazendeiros da mão de obra, que eles precisavam das condições, que o imigrante ia ficar lá, casa boa, valor dos salários, etc. Se fosse aprovado, entraria no cadastro da imigração. E assim a todas iam empregados. A coisa era simples, não sobrava um imigrante em 24 horas, entrava e saía... Hoje é uma dificuldade. No ano de 1951, quando houve uma grande seca no Nordeste, nós chegamos a receber por dia 5 mil migrantes. Existe relatório sobre isso na biblioteca. No dia seguinte estavam todos embarcados e empregados.

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 11/03/1916
Naturalidade: Rio de Janeiro
Data da migração: 1933
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 16/09/1994
Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes
Minutagem: 00:02:46 - 00:03:59

Museu: Quais eram as seções?

CLF: Tinha uma chefia, existia uma seção da parte administrativa, seção de embarque, seção médica, cozinha, inspeção, etc... era mais ou menos isso. A Hospedaria funcionava de forma muito simples: o imigrante entrava na Hospedaria, passava... a primeira coisa que ele fazia, em quantidade grande sempre, mínimo 500, 600, havia levas até de 1000. Entrava na Hospedaria, tomava seu banho imediatamente; os homens iam para a seção de matrícula, matriculavam-se e depois as mulheres, nesse ínterim, elas tomavam banho, mudavam de roupa, etc... e depois, terminada a matrícula elas iam jantar [...].

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Minutagem: 01:05:34 - 01:07:30

MUSEU: Mas antes vocês vieram para cá, para a hospedaria?

RAIMUNDO: Sim, então quando chegava; desembarcamos na estação do Norte, o guarda de trem juntou aquele grupo de imigrantes, ali naquela rua Dr. Almeida Lima, ele à frente e nós atrás, malas às costas e rumamos - Dr. Almeida Lima; Visconde de Parnaíba - até aqui chegar. Isso acredito que julho ou agosto. Entre julho e agosto de 1939, já que nós saímos lá de Juazeiro em julho, começo de julho de 1939.

MUSEU: Então conta um pouco da sua estadia aqui na hospedaria agora?

RAIMUNDO: Aqui chegando o nordestino, o migrante também era submetido a um outro sistema de triagem, antes de ser encaminhado ao interior de São Paulo. Se o não escolhido, o determinado pelo próprio serviço de imigração que escolhia a pedido pelos próprios fazendeiros da época, se não determinado, cidades determinadas pelo serviço de imigração, cabia ao migrante a sua escolha desde que tivesse um parente morando no interior.

[...]

Minutagem: 01:07:55 - 01:09:15

Aqui também nós éramos submetidos há um sistema de triagem, porque ainda por assim dizer, ainda existia senão aquele ranço, mas aquele preconceito, aquela crença de que o nordestino na verdade era um doente; em razão da sua vida lá e teria que ser submetido a novos exames e nós éramos, como eu falo no livro, submetidos até certo ponto vexatórios, para sermos dados como aptos para ser encaminhados para o interior. E se eventualmente algum doente existisse, lógico que o próprio serviço de migração se encarregava de encaminhá-lo para um hospital, ou Santa Casa que na época era o que existia para o devido tratamento, que só depois que dado como apto ao serviço, ao trabalho; em via de regra pesado é que era encaminhado ao interior.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:22:15 - 00:23:15

Chegamos até aqui perto..., eu vim de uma travessa da Radial, que ainda não era Radial, eu vim a pé, eu, a minha família toda, meus tios, minha avó, minhas tias, meus primos, minha irmãzinha que hoje tem 52 anos, viemos a pé até aqui a Imigração, aqui onde estou eu hoje, chegamos mais ou menos, se não me falha a memória, às nove horas da noite, uma garoa que Deus mandava, um frio que cortava até a pele, chegamos aqui dentro, fizemos uma fila indiana, coisa que pra mim ficou tão esquisito, você vive num lugar tão bem, tão gostoso, e depois de repente você vai num lugar de concentração, mas graças a Deus que ajudou muito, você vai numa prisão, pra mim foi.

[...]

Minutagem 00:23:31 - 00:23:48

MUSEU- A impressão que o senhor tem é que o senhor estava entrando dentro numa prisão?

LUIGI- É, sabe aquele susto, aquele pânico, vem de um lugar bom, teve de tudo, vou com um navio, piscina, boate, cinema, o dia inteiro, você entra aqui, o que você vai pensar, fala pra mim?

H00007- César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/03/1916

Naturalidade: Rio de Janeiro

Data da migração: 1933

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 16/09/1994

Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Minutagem: 00:06:17 - 00:07:44

No dia seguinte, de manhã, era o exame médico para mulheres e para homens. As mulheres de um lado, sempre separados, e os homens no outro. Quando o médico descobria qualquer doença grave, eles eram retidos e ficavam conforme o caso. O caso, por exemplo, grave, muito grave, doença contagiosa etc, o departamento mandava para um serviço especializado; quando era uma doença comum, que não pudesse viajar, ficaria retido ali... E havia casos que a mulher ficava doente e o marido, então, levava todos os filhos - engraçado - levava os filhos para a roça. Vou explicar porque acontecia isso: levava os filhos, e quando os garotos ficavam bons o Departamento passava um telegrama avisando que a mulher e o filho já estavam bons e ele ia buscar. Isso era o exame médico. Passado o exame médico, eles iam almoçar, já iam tratar de preparar a bagagem. Isso, em 24 horas eles faziam tudo isso.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:36:47 - 00:37:40

MUSEU- E seu pai, conseguiu logo um emprego também?

LUIGI- Meu pai o primeiro, meu pai foi o primeiro porque ele já veio mais ou menos encaixado pela Caterpillar, logo foram meus primos também, na Biselle, meu tio na Biselle.

MUSEU- Seus primos?

LUIGI- Meus primos, meu tio também..., logo nós achamos, porque eu já tinha a minha profissão, todo mundo tinha a sua profissão. Agora tinha aqueles caras da Itália que vieram pra cá, ficaram até quase, acho que quatro, cinco meses aqui, tiveram que empurrar, jogar eles fora daqui, que eu sei que a gente via aqui, conhecia eles, porque fizemos aquela amizade no navio e tal, e mandavam pra roça, que falavam, a gente já não era roça.

MUSEU- Lavoura.

LUIGI- Lavoura. A gente era da cidade, eu vim de uma capital, então eu vim com um emprego na mão, então daí por diante, começamos a nossa vida, começar tudo de novo, comprar móveis de novo...

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Data da migração: 1956

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 01/04/1996

Minutagem: 00:26:13 - 00:26:58

No início do nosso trabalho, no Departamento de Imigração e Colonização existia ainda algum resquício da imigração européia. Tínhamos algumas pessoas que ainda vinham, mas já eram imigrantes mais diferenciados; já representavam mais operários especializados e semi-especializados ou trainnees que chegavam aqui através de acordos do Brasil feitos com Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias - o CIME.

H00284 - LUIGI GRANDE

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:31:18 - 00:32:41

MUSEU- Havia uma igreja aqui dentro, não havia?

LUIGI- Tinha, de domingo, só funcionava de domingo, uma capela.

MUSEU- Uma capela, ah! não ficava aberta durante...

LUIGI- Não, ficava aberta, mas missa só tinha de domingo, tinha missa.

MUSEU- Tinha missa?

LUIGI- Tinha missa de domingo.

MUSEU- Ficava lá no fundo?

LUIGI- É, era meio pequenininha, porque primeiro a entrada não era onde agora nós estamos entrando, era do outro lado, aqui era parte da administração essa parte daqui, agora daquela outra parte, aquela varanda de lado, a gente ficava sentadinho lá, quem não trabalhava, quem ainda estava esperando a chamada, aliás tinha uma senhora que o meu pai fez muita amizade, eu estava falando pra senhora Midory, como chama Cris?

CRISTINA- Rosalva.

LUIGI- Rosalva, que trabalhou em 1957, a única que sabia falar francês, então a gente se apegou nela, fez uma grande amizade com meu pai. Até falei pra ela: "Nossa ela trabalhou aqui", "Você lembra dela?". Caramba! eu tinha 19 anos, ela falava francês, a única coisa que a gente se ajeitava, que eu falava francês, meu pai falava francês, minha mãe falava francês, gente finíssima, ela arrumou serviço pra nós, pra mim, porque meu pai já veio de serviço da Caterpillar de lá, da onde ele queria podia trabalhar. E daí fui..., depois de três meses minha mãe comprou um apartamento aqui na Radial Leste, pertinho.

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937
Naturalidade: São Carlos (SP)
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 01/04/1996
Minutagem: 01:05:58 - 01:06:15

[...]

AJN: [...] O pessoal apareceu lá, uma grande parte sem nenhuma documentação. Eram problemas muito difíceis de enfrentar, porque o pessoal chegava às vezes sem nenhum documento nem sequer um registro de nascimento. Além da inexistência da documentação do chefe da família que faltava dos filhos, faltava da mulher [...].

Minutagem: 01:06:20 - 01:06:35

A noção que tinha de São Paulo, que aqui era um lugar que se ganhava muito dinheiro, dinheiro fácil. As lendas que existiam sobre "eldorado paulista" eram muitas. Então, eles chegavam aqui e viam que a realidade não era bem por aí. [...]

Minutagem: 01:08:00 (estimativa)* - 01:08:09

Então eram casos muito difíceis de ser resolvidos. Não tinham documentação, não tinham orientação, onde estavam seus parentes, essas coisas todas.

* a parte inicial se encontra travada tanto no arquivo quanto no dvd, mais para o final dá pra escutar melhor

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 1923
Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)
Data da migração: 1939
Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)
Data do depoimento: 22/11/2000
Minutagem: 00:31:54 - 00:33:04

RAIMUNDO: Então quando foi em junho de 39 nós pegamos o trem em Jurema, hoje Juremão, distante 36 km de Juazeiro e fomos até Juazeiro. Comigo ocorreu um fato, comigo e com os meus três primos, filhos do tio Doda que vinham no mesmo grupo. Porque ocorre o seguinte, interessante ver como é que eram as coisas naqueles tempos no Nordeste. Eu nasci em 1923 e o meu registro de nascimento data de 3 de julho de 1939, ou seja, um dia antes de eu embarcar para cá. Então o registro é feito em razão da necessidade de se viajar, que também era o único documento que se tinha, a maioria dos nordestinos, naquele tempo quando vinha para cá era esse, não tinha outro.

H00006_Rosaura Street

Nacionalidade: Brasileira
Data de nascimento: 1908
Naturalidade: Petrópolis (RJ)
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 15/09/1994
Funcionário: escriturária da Diretoria de Terras e Colonização - secretária do chefe de imigração.

Obs: O vídeo da entrevista, tanto no arquivo quanto no dvd, aparece em sua maioria em tela preta, aparecendo imagens de uma parede e um corpo humano na altura do peito entre os minutos 39 e 49.

Minutagem: 00:22:27 - 00:24:08

Museu: Eu queria voltar um pouco no cotidiano, nos horários, na alimentação... Havia divergência entre o cotidiano dos migrantes e dos imigrantes?

RS: Bom, houve. Havia diferença sim, e isso a mim me chocava muito, mas acontece que nós não tínhamos - nós, eu digo, o Governo - não tinha meios pra dar aos migrantes o que as organizações assistenciais que assistiam aos estrangeiros davam. De maneira que eles tinham..., inclusive houve uma época que nós recebemos um donativo justamente do CIME pra construir um prédio em cima do hospital para alojamento dos estrangeiros, porque vinha gente altamente capacitada; vinham engenheiros, vinham eletricitas chefes, vinham desenhistas projetistas, quer dizer, gente de alto gabarito. E realmente precisava de um lugar mais... menos confortável do que o outro; o outro era um alojamento de oitenta pessoas.

Minutagem: 00:30:06 - 00:32:18

Museu: A senhora estava contando que foi feito um espaço para acomodar essa mão de obra especializada. E como é que era a alimentação, por exemplo?

RS: Ah, era separado. Completamente. A comida, a sala e o ambiente, tudo. Até houve uma ocasião que eu não me conformava dos imigrantes terem esse privilégio, se bem que nós estávamos convertendo mão de obra pra indústria, né? Mão de obra especializada. E eu tinha pena daqueles migrantes que vinham, ficavam 48 horas, tinham que ir embora pra lá; muda, quisesse ou não quisesse. E os outros ficavam lá e a gente procurava emprego, mandava levar de automóvel, mandava intérprete junto e depois eles ficavam um mês até receber o salário.

Museu: Que tipo de comida era servida?

RS: Os italianos era a parte toda de... era muita massa, porque a maioria vinha italianos, espanhóis e gregos. Agora, a parte grega era mais fraca em matéria de especialização; eles eram meios oficiais.

Museu: Comiam comida brasileira?

RS: Não, traziam também comida brasileira; comiam, comiam, mas tinha... mas era tudo separado. Tanto as acomodações, eles tinham quartos para quatro, cinco pessoas, camas muito boas, armários, tudo financiado pelo CIME, cozinha muito boa.

Legendas depoimentos 2 - Nicho central

Obs.: podemos fazer uma legenda (dados de crédito), com todas as informações dos depoentes utilizados, organizada pelo nome:

Agostinho Almeida Barbosa

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 28/11/1934

Naturalidade: Bananal (SP)

Data da migração: 1957

Data do depoimento: 14/09/1994

Funcionário do setor de passagem na Hospedaria.

Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Data da migração: 1956

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 01/04/1996

César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/03/1916

Naturalidade: Rio de Janeiro

Data da migração: 1933

Data do depoimento: 16/09/1994

Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Francisco de Paula Gimenez Dominguez

Nacionalidade: Espanha

Data de nascimento: 1908

Chegada ao Brasil: 1926

Tipo de transporte/ nome: Navio Guarujá

Data do depoimento: 25/09/1997

Luigi Grande

Nacionalidade: Egito

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Rosaura Street

Nacionalidade: Brasileira

Data de nascimento: 1908

Naturalidade: Petrópolis (RJ)

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 15/09/1994

Funcionário: escriturária da Diretoria de Terras e Colonização - secretária do chefe de imigração.

Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japão

Data de nascimento: 1918

Chegada ao Brasil: 1937

Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru

Data do depoimento: 20/10/1998

Victoria Hocharian Donelian

Nacionalidade: Smirna - Armênia

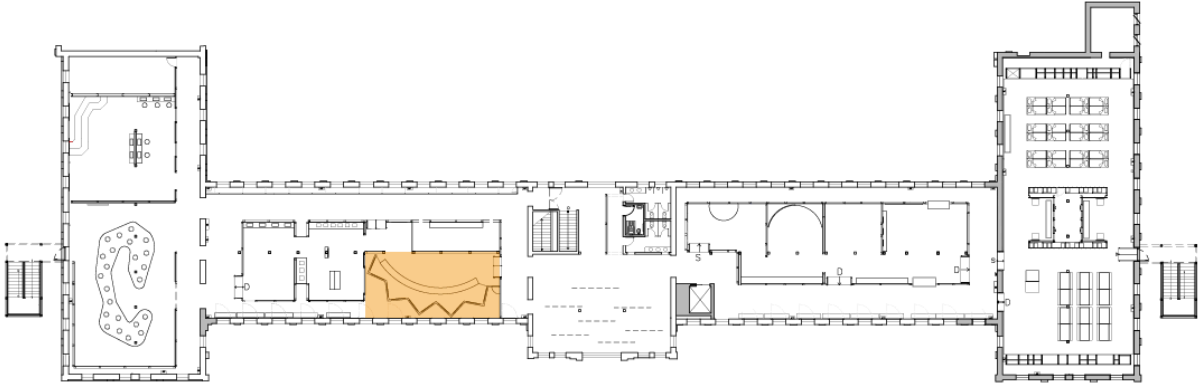
Data de nascimento: 03/03/1912

Chegada ao Brasil: 28/08/1925

Tipo de transporte/ nome: Navio Valdivia.

Data do depoimento: 15/03/1994

MÓDULO 6 - Pessoas que Migram



Sala apresenta mosaico de rostos de pessoas, vitrines com objetos e um multimídia interativo. O chão é reflexivo para proporcionar uma experiência imersiva.

M6.AV1 - Mosaico de Pessoas

Depoimentos sobre OBJETOS e MOTIVOS do Migrar

Vitrine a: Caixa de ferramentas

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Depoimento 1

H00095_Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanhola

Chegada ao Brasil: 1953

Data do depoimento: 13/02/1997

1

01:18:17 - 01:18:34

[...]

Então, meu pai veio aqui no ano de 52, com uma **caixa de ferramentas** que eu doe para o Museu da Imigração, que não é completa. Infelizmente, não encontrei tudo que ele trouxe, mas realmente o pouco que tem lá [...]

01:18:40 - 01:18:46

[...] Ele trabalhava como mestre de obras na Catalunha. Já com aquelas ferramentas. [...]

01:19:34 - 01:19:45

[...] meu pai era capaz de fazer sozinho qualquer construção. Ele já tinha feito pontes, casas, prédios. Tinha feito tudo isso realmente [...].

01:19:59 - 01:20:04

[...] Então, ele não era um pedreiro que coloca tijolos, ele era um mestre de obras que era capaz de fazer qualquer coisa no ramo de construção. [...]

01:20:18 - 01:20:45

[...] E ele veio aqui, com aquela caixa dele, coitado. Coitado no sentido que teve que trazer aquela caixa, mas **essas eram realmente as ferramentas com as quais ele começou**. Ele quando desembarcou aqui, desembarcou em Santos ... chegou no Rio, mas ele vinha para São Paulo, aliás todo mundo vinha para São Paulo, quase todo mundo vinha para cá ... Daqui se espalharam catalãos ou espanhóis para outros lugares.

Depoimento 2

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Data do depoimento: 22/11/2000

00:58:54 - 00:59:50

E nós ficamos com outras pessoas, ficamos lá naquele barracão por vários dias. Isso o meu pai era um homem dos "sete instrumentos"; ele era também flandreiro, no linguajar nosso lá. Flandreiro é aquele que fazia com folhas de flandres a chocolateira, a chaleira, o cuscuzeiro, a caneca, aqueles utensílios de cozinha feitos de folhas de flandres. E o meu pai trazia uma **caixinha de ferramentas, caixinha de flandres** e o esse rapaz, o Deba tocava pífano, aquela flauta de bambu e quando era noite; nós passava a noite ali no barracão, cantando. Eu cantando, eu cantava aquelas modinhas, aquelas músicas, cujo o repertório maior era sobre as façanhas de Lampião. Que na época eram, digamos assim, a expressão maior do norte e nordeste sobre todos os aspectos, inclusive os escritores chamados escritores de cordel, aqueles que pediam esmolas cantando; as músicas na sua grande maioria eram sobre Lampião.

Depoimento 3

H00122_Pablo Briones Revilla

Nacionalidade: Espanhola

Chegada ao Brasil: 1954

Data do depoimento: 08/01/2024

00:47:14 - 00:47:49

PABLO: [...] fui dormir na Vila Carrão ... naquela época eu não sabia, claro, mas Vila Carrão era o fim do mundo, né.

00:48:52 - 00:49:35

[...]

PABLO: trabalhei com italianos ... Comprei um táxi, ruim, velho, porque não podia fazer outra coisa, né, e fazia lotação ... do Mappin até Pinheiros, lotação, custava 5 ... 6 cruzeiros naquela época. O bonde custava 1 cruzeiro naquela época, e eu fazia lotações.

Aí depois eu fiquei só um ano trabalhando lá ... com um ano eu sai e comecei a trabalhar em casa. Tinha a mesa na cozinha, tinha um compressor, comprei uma serrinha lá ... e **ferramentas** que eu trouxe de Espanha, aquela serra manual ... que eu vou te mostrar, vou levar lá para o museu ... tenho tudo guardado, e comecei a trabalhar em casa fazendo a armação para sofás ...

aqueles armação de sofá. Mas era muito difícil, era muito duro, porque tinha que carregar a madeira nas costas e serrar a mão ... era duro. [...]

00:50:08 - 00:50:25

[...] Naquela época as oficinas de marcenaria a marmoraria eram de italianos. Depois, agora, os espanhóis tomaram conta na parte de móveis ... eu sempre trabalhei com móveis finos, em Espanha e aqui ... restauração de móveis ... sempre trabalhei com isso aí.

Depoimento 4

H00102 - Ângelo José Torrezani

(Filho de Luigi Torrezani, migrante italiano)

Nacionalidade: Brasileira

Data do depoimento: 10/03/1997

00:03:30 - 00:03:56

AJT: [...] ele falava - me mandaram lá para a fazenda, Descalvado, estado de Minas ... acho que é estado de Minas [Egídio Torrezani: hoje é estado de São Paulo, mas era Minas Gerais, bem próximo da divisa]

00:05:09 - 00:05:28

[...]

Museu: ele ficou muito tempo na fazenda?

AJT: não, ele ficou pouco tempo porque ele foi para lá, levou a mala dele de ferramentas ... até ele foi acompanhado com um mocinho ... [...]

00:06:14 - 00:06:42

[...] Mas aí o mocinho respondeu para ele e aí levou na fazenda, levou perante o feitor ... né ... Não o fazendeiro ... porque tinha o feitor ... então ele respondeu o que ele fazia - eu sou carpinteiro, tenho ferramentas e tudo -, - ah, tá, então fica uns dias aqui ... porque aqui não pode ficar, porque aqui é só na enxada.

00:06:54 - 00:07:51

[...]

Aqui em São Paulo ele trabalhou, trabalhou ... e não tinha nada, tinha só uma casinha aqui, outra lá ... e ele fazia aqueles telhados, sabe ... os telhados, então fazia o madeiramento dos telhados, as portas ... Então, ele comprava as tábuas, juntava as duas ... segurava, passava o serrote e fazia aqueles cortes, porque naquele tempo ... porque hoje é liso, né, mas naquele tempo era tudo entalhado ... então ele fazia tudo, no braço, não tinha máquina ... A plaina e aquelas ferramentas que ele trouxe ali. então ele fazia aqueles canais ... E assim foi.

Depoimento 5

Patrícia Ruth Prudencio Torrez

Nacionalidade: Boliviana

Chegada no Brasil: 1987

Data do depoimento: 02/12/ 2015

Tipo a gente está instalando uma biblioteca na praça Kantuta, pedindo para a galera que tem livros colocar, doar os livros para a gente e aquilo ser uma biblioteca comunitária, para as pessoas pegarem, emprestarem, se quiserem trazer os livros que não usam. Uma galera trouxe uns livros infantis em espanhol que é uma coisa muito bonita, sabe? E aí, tipo, e aí é um

cofre que está no meio da Kantuta, tipo: “Meu que que é esse cofre, né?”. E aí, obviamente, quem cola lá para ver o que que é o cofre são as crianças, que a galera mais adulta só fica olhando, fica observando e aí a criançada fica lá no meio. E aí isso a gente começou fazer menos de... sei lá, um mês, dois meses? Está dando certo, a gente ainda está no experimento se é um cofre. Isso inspirado nas bibliotecas que tem nas praças, tipo, são cofres, são geladeiras antigas que viraram bibliotecas fixas lá na... na praça, numa rua, sabe? A gente sabe que a galera não depreda porque tem bibliotecas até, tipo, não comparando comunidades, mas tem biblioteca na cracolândia, a galera não depreda. Obviamente, vai sumir um livro ou não. Mas assim, se a pessoa está lendo aquele livro e ficou com ela, está perfeito, entendeu? Está ótimo.

Botão 2 Motivos: Econômico

(“essas eram realmente as ferramentas com as quais ele começou”)

Depoimento 1

H00095_Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanhola

Chegada ao Brasil: 1953

Data do depoimento: 13/02/1997

01:07:05 – 01:07:21

[...]

Para um espanhol, de qualquer lugar da Espanha, sair da Espanha para tentar ganhar dinheiro, sair de uma vida econômica difícil é sempre América. Sempre foi América, “fazer América”.

01:07:05 – 01:07:21

[...]

Lá para o ano de 51, mais ou menos, 50 ... 51, apareceu que a Bolívia estava querendo gente com umas características, certas profissões ... nas quais se enquadrava perfeitamente meu pai.

01:14:02 – 01:14:18

[...]

E preparou tudo para realmente vir para a Bolívia. Mas acontece que a Bolívia, infelizmente para os bolivianos, é famosa – tristemente famosa – pelas revoluções, então em certo momento mudaram o governo, o presidente mudou ... [...]

01:14:23 – 01:14:24

e aí acabou [...]

01:14:36 – 01:15:00

No mesmo momento, Brasil abriu a possibilidade de ... aceitava uma série de profissões, 51 ... 52 ... Meu pai que já estava com ilusão da América, e visto que muita gente estava saindo já, estava saindo [...]

01:15:51 – 01:16:18

Eu conhecia pela geografia, quando estudava, mas aí é que começamos a nos enfrontar no Brasil, porque aí meu pai foi para o Consulado, trazia folhetos do Brasil ... me recordo que trouxe coisas do Brasil ... trouxe uns folhetos de propaganda do SESI e do SENAI, me recordo isso [...]

01:16:35 – 01:16:38

Naquele tempo na Espanha não havia nada parecido, imagina ... [...]

01:16:53 - 01:17:05

E meu pai com a ilusão - vou para o Brasil ... vamos sair de uma vez da Espanha, Espanha não tem futuro ... -, e tudo isto ... então ... assim aconteceu.

Depoimento 2

H00030_Fatala Antibas

Nacionalidade: Síria

Chegada ao Brasil: 1926

Data do depoimento: 15/03/1994

MUSEU: Mas por que ele decidiu mudar para o Brasil?

FATALA: O negócio é o seguinte: é falta de serviço. Falta de serviço. E o domínio turco era muito rigoroso. O serviço militar eram três anos! Então o pessoal estava com dezoito anos, quando ia sair com 21, 22 anos ele não sabia fazer outra coisa a não ser ficar soldado. Então queria abrir frente, queria vencer na vida. E olha, eu admiro essas pessoas que vieram naquela ocasião, porque nós chegamos aqui com três libras esterlinas no bolso! Com nove pessoas, sete filhos de meu pai.

Depoimento 3

H00011- Maria Dragojevic Jorge

Nacionalidade: Iugoslávia

Chegada ao Brasil: 1925

Data do depoimento: 12/03/1994

00:04:35 - 00:05:12

[...]

Museu: Você sabe me dizer por que o seu pai decidiu mudar para o Brasil?

MDJ: Mudamos para o Brasil... bem... porque depois veio muita miséria lá, sabe? Depois da Guerra de 1914, quando acabou a Guerra, né? Então mudou tudo, sabe? Lá a terra não dava produto como dava antes. E foi isso. Então depois pediram que vem pra Brasil e que nós estava sendo enganado, viu? Porque falaram que iam dar terra aqui pra nós aqui no Brasil.

00:05:18 - 00:06:10

[...]

Museu: Tinha propaganda chamando os imigrantes pro Brasil?

MDJ: É! É, é, é. Então, e quando nós chegamos nós viemos contratados, pra trabalhar, que eles davam terra. E quando nós chegamos no interior, minha filha, quase todo mundo morreu! Todo mundo queria voltar na hora! Se nós tivesse em alto-mar...

Museu: Mas me diga uma coisa, vocês vieram contratados com viagem paga?

MDJ: Tudo, tudo! Ninguém gastou um tostão, ninguém! Levamos vinte e sete dias pra vir de navio.

Museu: O seu pai, então pensava em primeiro lugar no Brasil? Ele não imaginava ir pra outro país?

MDJ: Não. Quem foi... que viemos muito... viemos em trinta e três famílias da nossa cidade, e mais vinte e uma cidade vizinha. Viemos em cinquenta e três famílias.

Depoimento 4

H00588_Leonila Pricila da Costa Pontes

Nacionalidade: Brasil

Chegada ao Brasil: 1925

Data do depoimento: 12/03/1994

00:01:23 – 00:02:41

LEONILA: Meu nome eu não sei da onde meu pai arrumou isso, porque eu não achei um nome pra ter uma xará ainda. Mas a minha origem é... eu sou da origem, africano, da Nigéria, que o avô do meu pai veio da Nigéria. Meu avô já nasceu no Brasil, mas ele nasceu na Nigéria. Meu pai era... nasceu no Abobral, minha mãe também. Não tive convivência com a minha mãe porque quando tinha um ano e dez meses minha mãe morreu. E nem muito com meu pai, porque aí fiquei com a minha tia que era irmã do meu pai e me criei com ela. E vivi... [palavra incompreensível] eu fui pra escola – rural – que hoje não existe mais... fiz a quarta série na escola rural. Aí fui trabalhar na roça, porque a gente tinha que trabalhar, né?

Depoimento 5

Lesly Dolly Ramirez Calle (Depoimento novo)

Nacionalidade: Boliviana

Chegada ao Brasil: 1998 (?)

Data do depoimento: 10/01/2024

00:01:24:15 – 00:01:54:07 00:02:10:17

Os motivos dos meus pais terem vindo para o Brasil é porque eles sempre falavam que as condições de vida, oportunidades de emprego lá eram muito escassas e muita gente naquela época já migrava para cá e acredito que as condições eram melhores aqui. Havia talvez mais oportunidades de conseguir uma vida melhor e ter acesso a coisas que lá não, é muito difícil. O que às vezes aqui é o básico, lá às vezes são famílias que realmente tem o poder aquisitivo. Pessoas de baixa renda às vezes não conseguem ter acesso a uma qualidade de vida que às vezes dá para ter aqui.

Depoimento 6

Hanoy Guilhermmo (Depoimento novo)

Nacionalidade: Cubana

Chegada ao Brasil: 06/2021

Data do depoimento: 09/01/2024

00:01:39:29 – 00:02:10:29

Hanoy: Na verdade, eu saí de meu país por situação econômica. Eu, como professor de universidade, eu ganhava uns quatro mil, cinco mil pesos cubanos ao troco com o dólar, são aproximadamente uns 15 dólares, em reais, uns 70 ou 75 R\$.

Depoimento 7

Carlos Fábio Neves Ribeiro (Depoimento novo)

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Data do depoimento: 10/01/2024

00:00:46:13 – 00:01:01:01

Orador 1

Eu saí de Macapá, mas em busca de oportunidade mesmo, porque na minha cidade estava um período muito fraco em relação a emprego. Então passei muito tempo desempregado e decidi vir em busca de oportunidades aqui.

00:01:05:02 – 00:01:11:00

Orador 1

Sim, encontrei. Com menos de um mês eu consegui meu primeiro trabalho.

00:01:13:02 - 00:01:19:27

Orador 1

Eu quando cheguei em São Paulo, comecei a trabalhar no mercado, no mercado, no mercado dia.

00:01:22:00 - 00:01:38:24

Orador 1

Atualmente eu me encontro desempregado. Mas eu sou fotógrafo também e faço alguns trabalhos aqui em São Paulo que eu comecei recentemente. Trabalho com fotografia de eventos e também comecei a trabalhar com fotografia esportista.

Vitrine b: Mala de mascate

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Depoimento 1

H00030_Fatala Antibas

Nacionalidade: Síria

Chegada ao Brasil: 1926

Data do depoimento: 15/03/1994

01:26:16 - 01:27:40

MUSEU: Entre ser mascate e ser um caixeiro viajante.

FATALA: Ah, mascate você entrega a mercadoria de pronta - entrega, você já leva para entregar. O viajante leva o catálogo das amostras, eu por exemplo carregava uma mala com 28 unidades entre sombrinhas e guarda-chuvas.

MUSEU: Dá para o Sr. relacionar o que o Sr. **carregava dentro desta mala** para a gente?

FATALA: Sombrinha a gente carregava porque tinham sombrinhas pra criança pequenininha, tinha sombrinha pra menina de 8 a 10 anos, e depois tinham as outras sombrinhas normais para... nós tínhamos de cabo longo, tinha de cabo curto, né? Tinha lisa, tinha listrada, tinha xadrês... e os guarda-chuvas eram de quatro tipos, só. E além desses 4 tipos tinha mais o guarda-chuva colono, para os colonos que trabalham no mato, era bem maior o guarda-chuva, para cobrir a família, quando ele vinha de volta do serviço para a casa onde ele mora. A gente vendia, a firma... mandava o pedido pra firma, a firma despachava a mercadoria e a minha missão estava coberta. Naturalmente se o freguês atrasasse os pagamentos todos ele me davam a duplicata para receber, a gente recebia e devolvia.

Depoimento 2

H00567_Mariela Loreto Pizarro Sippa **ARQUIVO NÃO LOCALIZADO**

Nacionalidade: Chilena

Chegada ao Brasil: 2015

Data do depoimento: 03/04/2018

OBS: Não existe vídeo desta entrevista. Como referência, assistir a aparição de Mariela Loreto no seguinte seminário: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1054132128346846 (A partir do minuto 01:42:40)

MARIELA: Sim, foi bem caótico porque eu estava com meus trabalhos lá, e no último tempo tive que deixar uma pessoa para substituir meu lugar lá. Eu também tinha uma casa, daí tive que desmontar a casa, guardar todas as minhas coisas. Foi tudo isso junto assim. Um dia antes de viajar ficamos fazendo as malas, guardando as coisas e assim viramos a noite. E a gente veio de ônibus porque de avião era pouco peso que podíamos trazer, e eu trouxe muitas coisas: livros e sei lá, a gente viajou com quatro malas e os instrumentos. E como a gente viajou de ônibus nós pudemos trazer mais coisas. A gente trouxe livros, algumas coisas para guardar minhas joias, não são joias, mas minhas coisas, fotos, algumas lembranças da minha família e mesmo da casa que... Não sei, eu não lembro que coisas assim.

MARIELA: Eu tenho um urso de pelúcia que me deram quando eu era criança. Não tinha um ano e acho que uma tia deu de presente para mim, no primeiro natal, sei lá... Então sempre tive esse urso em todos os lugares, nas férias eu ia com ele, e as pessoas me identificavam com ele sendo que elas colocavam o nome do urso em mim, então era chamada como "urso". Eu trouxe isso para cá. (risos)

Depoimento 3

H00108_Mariana Dellarole Del Moro

(Filha de Sandro Del Moro, migrante italiano)

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Salto Grande (SP)

Data do depoimento: 28/08/1997

00:34:09 - 00:34:10

Museu: Quando que ele chegou aqui?

00:34:20 - 00:34:38

[...]

MDDM: Em 47 eu acho mais ou menos né? Diz ele que chegou com... com uma mala de papelão que como chovia a mala desmanchou (risos) Então, ele chegou com a roupa na mão e foi trabalhar na metalúrgica Matarazzo, aqui na Rua Caetano Pinto.

Depoimento 4

Rocio del Pilar Bravo Shuña

Nacionalidade: Peruana

Chegada ao Brasil: 2012

Data do depoimento: 07/12/2016

00:17:42 - 00:19:19

ROCIO: Então, o que eu pensei foi que eu ia ter saudade do tempero. Então eu trouxe tempero. Porque eu já imaginava que a comida ia ser diferente. Então o que mais ia ter saudade de fato foi a comida. Porque considero a comida peruana muito gostosa. Então trouxe temperos, trouxe pimenta amarela, pimenta vermelha, alguns cremes que eu conseguia trazer, empacotado. Trouxe alguns produtos de limpeza também, porque como não sabia onde ia ficar, enfim, e como eu ia ficar uns dias com minha tia e ia estar sem nenhum familiar lá em Recife, ia conhecer pessoas, trouxe alguns produtos de limpeza. Porque o que mais me preocupava era como vou comer (risos) e os produtos de limpeza. Foi o primeiro que eu pensei. E alguns livros; eu trouxe só dois livros. Agora o que eu carrego mais com as minhas mudanças, porque eu mudei muito, são livros. Tenho muitos livros. (risos) É isso, é isso que eu mais me preparei, tempero. Saudade do tempero.

Depoimento 5

José Francisco Martínez (Depoimento novo)

Nacionalidade: Colombiana

Chegada ao Brasil: 08/09/2023

Data do depoimento: 09/01/2024

[00:09:03 - 00:09:39] Então eu trouxe um objeto especial da Colômbia, que é uma **bolsa** que foi feita, foi elaborada pela minha mãe. Ela tricou, ela mesma tricou. Na verdade, ela não tricou essa bolsa com esse motivo da viagem, mas foi um presente que ela deu faz alguns anos. Ela tricou uma mochila muito bonita, bem colorida e eu trouxe, né. **Então esse é um objeto que é bem importante, porque aí eu tenho uma conexão com a Colômbia, com a minha família e daí eu tenho esse objeto, que é bem importante para mim.**

Botão 2 Motivos: Redes familiares e comunitárias

(Então, esse é um objeto que eu tenho uma conexão com a minha família, que é bem importante para mim”).

Depoimento 1

H00025 Alexandre Issa Maluf

Nacionalidade: Libanesa

Chegada ao Brasil: 1920

Data do depoimento: 01/12/1994

AIM: Eu vim aqui ao Brasil com a idade de 18 anos, os motivos eram encontrar um campo que podia ter futuro melhor, que no Líbano era difícil obter, vim aqui e, felizmente, foi muito bem recebido pelos meus tios e parentes e principalmente meu tio Jorge Maluf, que foi um grande industrial, e me hospedei na sua residência ao chegar. É a ele que devo minha formação industrial.

Depoimento 2

H00234 Antonia Rozendo de Araujo

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Barreiros (PE)

Data do depoimento: 24/11/2000

MUSEU- Porque que ela [mãe] resolveu mudar?

ANTONIA- Ela resolveu o seguinte, eu conheci um moço, este moço pernambucano também da própria cidade de Catende e ele estava residindo aqui em São Paulo e foi passar as férias naquela cidade onde eu residia e ali nos conhecemos, ficamos noivos, a mamãe que já tinha um filho residindo aqui em São Paulo e ansiosa para rever o filho é lógico, então falou para o meu noivo e ele ficou interessado de trazer tanto eu como a mamãe e um irmão também que veio junto até São Paulo para fazer o reencontro desse meu irmão e assim a mamãe vendeu uma casinha que tinha e desfez do que tinha era pouco mais tinha alguma coisa e então viemos até São Paulo, por intermédio desse meu noivo ele nos trazendo que de São Paulo nós só ouvíamos falar e eu nunca imaginava vir a São Paulo, nunca, nunca.

MUSEU- E o que vocês ouviam falar de S. Paulo?

ANTONIA- De S. Paulo ouvia o seguinte que era a terra onde ganhávamos dinheiro, que tudo era fácil, então o nordestino por falta de trabalho lá, a ansiedade era vir a S. Paulo para trabalhar, ter uma vida melhor e assim naqueles anos ou seja naquela época que nós ouvíamos falar de S. Paulo eu achei que tudo era verdade, que de fato S. Paulo é um lugar abençoado por Deus, um lugar que tinha assim um campo de trabalho imenso não e eu achei tudo isso aqui em S. Paulo.

Depoimento 3

H00098 Francisco de Paula Gimenez Dominguez

Nacionalidade: Espanhola

Chegada ao Brasil: 1926

Data do depoimento: 25/09/1997

00:03:32 – 00:04:08

MUSEU: por que seu pai resolveu vir para o Brasil?

FRANCISCO: por que ele veio? Porque eu tinha aqui um irmão, que já estava aqui há treze anos. E tinha uma irmã também. Tenho um irmão que foi para EUA. Tinha outro irmão que ficou lá, então lá a padaria quase que desmanchou, então meu pai cismou de vir para cá, e veio para cá e aqui estamos.

Depoimento 4

Clara Alicia Kardonsky de Politi

Nacionalidade: Argentina

Chegada ao Brasil: 1979

Data do depoimento: 31/03/2015

00:01:24 – 00:02:21

CLARA: Bom, eu saí da Argentina em 1973, estava na universidade, estava estudando engenharia química e era na época da ditadura e eu tive que sair exilada porque eu fui perseguida política. E saí da Argentina para Israel...era justo na época da Guerra do dia do perdão, outubro de 1973 e eu consegui ir como voluntária para Israel. Foram quatro pessoas: três companheiros da faculdade e eu que fomos realmente para nos exilar porque fomos... sabíamos que estavam nos perseguindo, que o exército estava procurando pela gente.

00:02:24 – 00:03:14

[...]

CLARA: Então, eu cheguei em Israel cheguei como imigrante em Israel, eu pertencia a grupos de esquerda na Argentina e também pertencia a grupos sionistas socialistas. Então, cheguei em Israel e imediatamente comecei a participar da vida política em Israel e terminei os meus estudos como engenheira química. Comecei a trabalhar e morei em Israel desde 1973 até 1979. Casei com um brasileiro, que também foi perseguido político, então ele estava exilado em Israel e quando veio a anistia aqui no Brasil, em 1979, ele teve a anistia e viemos para o Brasil.

Depoimento 5

Lesly Dolly Ramirez Calle (Depoimento novo)

Nacionalidade: Boliviana

Chegada ao Brasil: 1998 (?)

Data do depoimento: 10/01/2024

00:02:23:15 – 00:03:15:08

Bom, eu tenho vagas memórias de quando eu era criança naquela época. Existe uma comunidade boliviana aqui que muitas pessoas vêm de lá para um certo lugar que é concentrado lá no Brás. Então lá você encontra emprego e normalmente é tudo na área de confecção para costurar tudo, confecção de roupa. Aí todo mundo já corria de lá mesmo. Já tem gente que já sabe que existe esse lugar aqui em São Paulo, já vem direto para cá.

Eles vieram com pouco dinheiro então, e naquela época eles ofertavam um trabalho para morar dentro da casa. Então você trabalhava das 07h00 até as 22h00, aí você morava no próprio emprego mesmo.

Depoimento 6

H00257_Paolo Tognocchi

Nacionalidade: Italiana

Chegada ao Brasil: 1953

Data do depoimento: 30/10/2001

00:07:52 - 00:09:44

MUSEU - como é essa história do Brasil, o que deu no teu pai? Tinha parente aqui? Algum amigo, conhecido, ou não?

PAOLO - Não, ele não tinha, meu pai até em 50, 52 ele tinha uma pequena oficina por conta dele na Itália, mas num..., sem a rendimento nenhum, ele acabou vendendo e ele veio como turista, ele veio como turista pra cá, só que a viagem dele não era pro Brasil, era pra Venezuela, porque ele tinha uma opção entre a Venezuela e o Brasil. Então ele optou pela Venezuela, só que o navio que ele veio, o Corrientes, era um navio espanhol, ele teve um problema e atracou aqui no Porto de Santos, ele atracaria normalmente, mas ele atracou e teve que dar uma parada de mais ou menos uns 20 dias para fazer reparos, que daqui ele seguiria viagem e o destino dele seria Caracas na Venezuela. E o pessoal que ficou aqui, pessoal do navio disse que as pessoas que quisessem sair pra fazer alguma coisa, que o navio ia ficar 15 dias e deram até um dinheiro pras pessoas se locomoverem, alimentação, os armadores entraram em contato e pagaram. Ah meu pai pela curiosidade ele veio aqui pra São Paulo, porque ele tinha na agenda, isso desde a Itália conversado com umas, com os parentes dele que teria alguns parentes aqui em São Paulo, e ele anotou, e ele veio pra cá, e veio procura aqui, procura de lá, dificuldade de língua, mas ele não encontrou, porque acabou encontrando muita gente italiana, [...]

Depoimento 7

Shlomo Shoel

Nacionalidade: Grega

Chegada ao Brasil: 1954

Data do depoimento: 07/11/2002

00:02:36 - 00:04:08

MUSEU- E aqui, já havia muitas famílias?

SHOEL-É, nós tínhamos algumas famílias que já viviam nessa época aqui, algumas famílias que já tinham raízes há... no Brasil, desde 1920, alguns judeus gregos, alguns judeus de outras origens, que a gente se juntou a eles. Tinha, naquela época, eu me lembro que tinha algumas comunidades que ajudavam aos próprios judeus recém integrados a... comunidade do Bom Retiro. Isso auxiliava porque eles tinham... era... Antigamente, chamava-se... Ofidas(?) e atualmente ela chama Unibes (União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social). Essa Unibes, ela fazia uma... um trabalho de integrar, de criar, cuidar das crianças para as mães poderem ir trabalhar e... as crianças poderem ficar no Colégio Ofidas(?). Era um colégio maternal, eu lembro muito bem, que meus irmãos, que eram os menores, meu irmão caçula, na época era o caçula porque realmente eu só tinha um irmão, ele estudou lá. O Rafael já não estudou lá, o Abraão sim, o Abraão estudou lá, nós éramos 3 irmãos. O que mais eu posso dizer?

Vitrine c: Broche

Botão 1 - Depoimentos sobre o obejto

Depoimento 1

H00067 - Maria Zotz

Nacionalidade: Iugoslava

Chegada ao Brasil: 1948

Data do depoimento: 1996

00:14:50 - 00:15:15

Mª ZOTZ: para mim chegou o seguinte: em 44 eu fugi da Iugoslávia ... fugi ...

MUSEU: sozinha?

M^ª ZOTZ: com meu pai e com a minha mãe, fugi. Cheguei em Áustria, mas eu não tinha passaporte, eu não tinha visto, nada. Por isso que eu cheguei no campo de concentração ... né. Chegando no campo de concentração.

00:18:00 - 00:18:36

[...]

M^ª ZOTZ: depois eu fiquei lá um mês no campo de concentração e aí que começaram a nos soltar ... porque Alemanha precisava gente para trabalhar nas fábricas.

MUSEU: e dentro desse campo, ele tinha ... ele produzia alguma coisa?

M^ª ZOTZ: não, não ... nada produzia. Isso era um campo fechado com arame farpado, você não podia sair nem nada, só permanecia dentro do campo de concentração.

00:18:46 - 00:19:23

[...]

MUSEU: um galpão assim ...

M^ª ZOTZ: um galpão, é. As condições eram péssimas ... Agora, à noite, quando você tinha que ir no banheiro, você saía do dormitório e logo as luzes dessas torres que guardavam ... pegavam a luz ... e você tinha que andar e a luz acompanhando até o banheiro. E ficava a luz acesa. Quando você voltava, a luz te acompanhava de volta, para não fugir.

00:21:09 - 00:21:22

[...]

MUSEU: você permaneceu quanto tempo ...

M^ª ZOTZ: nesse campo de concentração dois meses ... Depois eles nos mandaram para trabalho forçado.

00:30:08 - 00:30:39

[...]

M^ª ZOTZ: bom ... aconteceu o seguinte: quando chegaram os franceses, ingleses, aliados... todo mundo que trabalhava na Alemanha, foi posto no campo para os refugiados. Porque naquela época já começou a surgir a **Organização UNDR**A e a Organização e IRO.

00:30:08 - 00:31:00

[...]

M^ª ZOTZ: eu vou mostrar ... eu tenho ...

M^ª ZOTZ: [...] UNDR A é uma organização internacional para os refugiados.

00:32:50 - 00:33:50

E um dia chegou a missão brasileira, Dr. Almeida e Dr. Azambuja. Eu sempre trabalhava no campo de refugiados que sem trabalhar você podia enlouquecer ... então eu fiquei como secretária do diretor, da UNDR A. Quando essa missão chegou, o diretor falou - vai trabalhar com os brasileiros -, falei - tá bom ... -. Porque a pessoa que queria emigrar para o Brasil e precisava preencher e passar para o cônsul, o cônsul só falava francês ou inglês ... eu não falava naquela época português ... e eles selecionavam - você vai ... você não vai ... pronto!

Depoimento 2

Abrão Bernardo Zweiman

Nacionalidade: Brasil

Data da entrevista: 1999

00:03:53 - 00:04:12

Minha mãe conta os horrores que era. A turma sabia quando juntavam todo mundo, e passava um militar, escolhia pessoas, e punha em cima do caminhão, nunca mais voltava. Ela tinha ouvido falar dos fornos crematórios, sabiam que era um caminho para a morte. [...]

00:04:19 - 00:04:53

Não havia facilidade no entendimento da língua, elas falavam polonês, do outro lado se falava alemão, do outro sueco, ninguém entendia ninguém. Elas mal sabiam que estavam indo para a liberdade, pensando na realidade, que estavam indo para um horror de um forno crematório, de uma câmara de gás, ou alguma coisa neste sentido. Então, ela chegou na Itália, e através desta organização "United The Raias"(?), conseguiu contatar um irmão que morava aqui no Brasil, e que propiciou a reunião da família, pra ela vir para cá.

Depoimento 3

H00522-Tanoh Assemian Yannick Jean - Noel

Nacionalidade: Togolesa

Data de nascimento: 27/12/1982

Chegada ao Brasil: 10/07/2013

Data do depoimento: 26/12/2013

00:04:11 - 00:04:21

YANNICK: Sí muito forte, porque estava em um impasse político. [...]

00:04:35 - 00:05:05

Eu estava em um partido político de oposição, estava fazendo luta para educação, para melhor condição de vida, e para muita coisa. Eu era do partido que era partido del governo. Teve uma eleição presidencial [...]

00:05:29 - 00:05:05

[...] estavam fazendo reclamação ali, aconteceu muita coisa. Em 2005 eu fui *refugees camp*, refugiado, para entrar em Benin, um país do lado, que tem fronteira com Togo. Eu faço uns quatro ou cinco, quatro ou cinco anos lá. Depois, parte do governo diz que vai entrar em conciliação, que todo refugiado volta a Togo. Eu volto, somos muitos, eu volto e depois...ah...nesse ano de 2013, há uma eleição legislativa, mesma coisa porque eu não cambio de partido. Mesma coisa. Esse é o que faz com que eu chegue aqui. Porque depois tem muito amigo, muito colega que estava desaparecido[...]

00:11:07 - 00:11:38

YANNICK: quando chego aqui eu encontro um africano que fala que tem, em primeiro, ele vai até Cáritas para fazer declaração. Depois, Cáritas manda-me a um lugar na Bela Vista, eu fui lá para dormir...

Depoimento 4

H00241_Bárbara Tânia Podsivasek

Nacionalidade: iugoslava

Chegada ao Brasil: 1959

Data do depoimento: 15/05/2000

00:30:38 - 00:31:07

[...]

B - Aí ele foi para Itália, ficou no campo de refugiados e ele logo arrumou trabalho, como alfaiate uma senhora ficou viúva tinha uma oficina de alfaiataria bem montada, ele podia ter ficado na Itália, mas ele tinha medo de que ele poderia ser repatriado para Iugoslávia, como ele fugiu ilegalmente né, então poderia acontecer, então ele tinha 2 opções, ou ia para os Estados Unidos ou para o Brasil.

Depoimento 5

H00111_Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japonesa

Chegada ao Brasil: 1937

Data do depoimento: 20/10/1997

00:19:53 - 00:20:52

Museu: Agora me conta... quem que inventou essa idéia de mudar para o Brasil, foi seu pai?

SK: Não, é ..é meu irmão mais velho, ele tinha sempre vontade de vim prá cá no mesmo tempo meu pai foi convidado com amigo íntimo Almirante Fujita, cê já ouviu falar isso almirante Fujita é famoso isso

Museu: Fujita

SK: Fujita é, ela convidou nós na casa deles explicou situação ele falou assim é do jeito que os molecada, molecada é oficiais pequeno oficiais novo eles tratava de molecada do jeito que está a molecada qualquer tempo ataca americano

Museu: Vocês sentiam que a guerra estava se aproximando...

SK: Ah tava..

00:21:45 - 00:21:16

[...]

SK: É meu pai então deixou de continuar com a serraria porque não dava lucro, imposto tava muito caro, e é acertando, pagando dívida e preparou vir pra cá. Meu irmão mais velho tinha sempre ideia de vir aqui, aqui no Brasil, né?

00:22:37 - 00:23:14

SK: É falava assim que vida lá é muito diferente do Japão. que Japão a vida é duro, né e lá é muito bom, e é aberta e tem bastante terra prá planta, isso[risos] então...nós preparava vir prá cá. Eu formei escola técnica de arte com 18 anos com 19 anos já vimo já vim embora prá cá. Naquele tempo já tava começando guerra já.

Depoimento 6

00:03:56 - 00:04:30

H00586_Zelia Luiz e Julio Pio

Nacionalidade: Brasileira

Chegada ao Brasil: Não se aplica.

Data do depoimento: 27/11/2023

Júlio: Ah sim. Então, meu avô, ele veio para cá em 1932, ele veio conhecer com o Marechal Rondon, que era o Marechal. Então, o meu avô era motorista dele. Como o meu avô ele já servia o exército, naquela época eram mais os militares que acompanhavam. Aí meu avô veio para cá, para a terra indígena de Araribá. E aqui já habitavam os guaranis. Naquela época, de 1932, já tinha dado uma doença aqui nos indígenas de febre amarela. Então foi exterminado muitos índios, deu muita doença neles. E não tinha medicamento né, aí morreram muitos. E como a população guarani já estava pouca, e o governo atual queria já tomar a terra. Então, como o Marechal Rondon e meu avô Teotônio [palavra inferida] Pio, Teotônio [palavra inferida] Pio foi para Mato Grosso, convocou o pessoal lá do Mato Grosso, lá de Cachoeirinha, e trouxe várias famílias de lá para cá,

muitas famílias vieram de trem, vieram de trem de lá para cá, e meu avô se tornou o cacique, o primeiro cacique terena da terra indígena do Araribá. Aí ele ficou de cacique até 1972, onde veio a falecer, com problemas de infecção de urina, fez várias cirurgias, mas não resistiu, morreu em 1972.

Depoimento 7

Dexsi Joselin Pinango Molina

Nacionalidade: Venezuelana

Chegada ao Brasil: 2020

Data do depoimento: 09/01/2024

[00:10:33] Porque, assim, eu saí da Venezuela, né? O negócio social político estava forte ali. E... E assim, eu não gosto falar muito dela. Não porque eu não gosto de mim o país, todo o contrário. É porque a situação está forte que, quando eu me lembro, vá até aquela...É, raiva, aquela dor e aquela tristeza. Raiva, porque eu não posso mudar a situação deles. Eu entendo agora que cada um tem que seguir seu caminho e procurar, seu próprio bem estar sem estar vigente quem está mandando no poder. Porque se eu acredito que quando a gente fica muito mexendo com quem está no poder, ou quem não deveria estar no poder mexendo com isso, ah, o coração fica amargurado, assim.

Depoimento 8

Agostinho Francisco Martinho

Nacionalidade: Angolana

Chegada ao Brasil: 2009

Data do depoimento: 22/07/2016

00:07:28 - 00:10:22

AGOSTINHO: Olha, assim, e... A questão social em Angola, desde que eu vivi, sempre foi difícil, né. Por que? Porque quando eu nasci já havia uma guerra civil. E a guerra civil, nós em Luanda não sentíamos tanto. Não sentíamos tanto. Porque é lá onde mora o presidente, então a segurança era bem maior em relação as outras províncias. Mas havia momentos em que as coisas apertavam. Então, quando as coisas apertavam um dos sinais era que a nossa casa se enchia de mais pessoas. Muitos familiares na nossa casa, vindos do interior. Nós como criança víamos aquilo como uma coisa da hora [risos], mas o pessoal lá estava sentindo. Mas, assim, sempre teve essa questão da imigração. Então as pessoas que já eram crescidas, tipo, naquela altura dos anos de 90, 91, 92, 93 pessoal que era mais jovem e tinha necessidade podia ir numa outra província procurar trabalho, procurar alguma forma para ajudar a família. Algumas províncias como lá tinha uma província que se explorava muito diamante. Se explora até agora. Esse meu tio que está aqui agora, quando foi 93, 94, ele ia para lá, fazer o que, comprava alguns produtos em Luanda e ia vender nessa província, porque lá as coisas eram muito valorizadas. Depois daí eles iam para lá para juntar um dinheiro para sair do país. Até porque muita gente não queria participar dos serviços militares, porque os relatos eram muito bruscos mesmo. Muitos pais de família se destruírem, né. Se não vinham amputados, muitas das vezes tinham aquela crise psicológica. Então as famílias, muitas das vezes por isso sofriam bastante. Então como já tinha gente que percebia isso, muitos jovens naquela altura, o que faziam? Procuravam alguma forma para sair mesmo do país. Os primeiros contatos com pessoas que migraram foram a partir disso.

Vitrine d: Tecido de Angola

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Depoimento 1

Mariana Bernadette Sanhenga (depoimento novo)

Nacionalidade: Angolana

Chegada ao Brasil: 2014

Data do depoimento: 08/01/2024

Obs: falta complementar a minutagem

[00:06:30] Eu me lembro que a minha mãe disse não, vai e leva isso. Eu levei um pano, um pano que é essa macaca, que é de origem da Uila, do sul de Angola, e foi assim uma das lembranças que eu fiquei agarrada. Agarrada eu me lembro que foram oito horas de voo, quando eu cheguei tinha alguém para me pegar no aeroporto, graças a Deus né.

[...] é um tecido, que são as cores de Angola, que é a bandeira de Angola, que é amarela, preta e vermelha. Esse mesmo tecido é muito usado para nos representar, para representar o sul de Angola, que é a Huila, Lubango, que é do povo Ovimbundu. E esse mesmo tecido tem uma característica muito significativa. De infância, a gente sempre vê as cores tanto no bairro, na cidade, rodando. É o vermelho e preto, é preto a amarelo. São cores que significam coragem, liberdade. Então, me remete muito minha infância, minha família e a coragem de enfrentar coisas novas né. Então, esse é o tecido que é nosso.

Depoimento 2

H00095_Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanhola

Chegada ao Brasil: 1953

Data do depoimento: 13/02/1997

Minutagem: 01:29:09 - 01:30:09

Meu pai continuou fazendo coisas relacionadas com a construção e minha mãe começou realmente a fazer coisas com a costura dela. Então, minha mãe também não parou, começou a costurar aqui. E costurou ... primeiro como não conhecia ninguém, costurou para lojas, uma delas no ... porque o centro não era a zona sul naquele tempo, não era como agora, os Jardins ... o centro era o centro ... então era onde tinha as grandes lojas e tudo isso ... Era no Largo do Arouche, na rua do Arouche ... e ela costurou durante um certo tempo para uma loja da rua Arouche ... de **roupa feminina**, e com muito sucesso. Eu lembro dela levar coisas para lá, dela falar que levava coisas para lá ... trazia ... e ela costurava para lá. Depois, ela deixou de trabalhar assim e aí já trabalhou por conta própria, mais adiante-

Depoimento 3

H00272_Mario Kang

Nacionalidade: Sul-coreana

Chegada ao Brasil: 10/05/1964

Data do depoimento: 01/11/2002

Minutagem: 01:18:30 - 01:19:40

MÁRIO - Hoje nós fabricamos tecido, fabricamos... se fabrica tecido mas para aviamento né, entretela, nós fabricamos forro não tecido, que vai para confecção feminina, nós fabricamos pano de paletó, para forro de bolso sabe, tudo que é aviamento para confecção, esse é o nosso produto. MUSEU - E você vai à Coréia frequentemente?

MÁRIO - É, quando comecei trabalhar com tecido importado sim, mas eu estou parado um pouco porque com esse dólar alto né. Inclusive eu acho que quando abriu a importação eu falava: "isso não vai muito tempo", além do mais é errado isso, sabe, abrir demais, sabe, o governo não mediu, sabe, o tamanho, tanto que muitas indústrias brasileiras se quebrou tá, uma parte foi bom porque essa indústria brasileira aquela época, 10 anos atrás era muita sucata, poucas indústrias boas existiam. Hoje a boa permanece aquelas pequeninhos já foram embora todos. Sabe, ela foi boa por um lado, mas muitas pessoas ficaram sem emprego né....

Depoimento 4

H00548_Verônica Quispe Yujra

Nacionalidade: Boliviana

Chegada ao Brasil: 1987

Data do depoimento: 24/05/2016

Minutagem: 00:14:37 - 00:16:04

Obs: arquivo não encontrado no "HDs", mas sim na rede

VERÔNICA: Eu sempre falo que, apesar de eu ser criança, a motivação de migração da minha família foi a que... a motivação da maioria dos imigrantes sul-americanos que é a questão econômica. Então, é... meus pais achavam que lá eles não conseguiriam nenhum tipo de mobilidade social, apesar do trabalho. Então, o meu pai conseguiu enxergar que, possivelmente, porque ele já trabalhava com confecção lá, então ele conseguiu enxergar que, quem sabe aqui ele poderia dar mais certo. Então, ele veio, né? Mas, além da questão econômica, hoje eu consigo perceber e aí muito forte na minha mãe isso, de que também **sempre existiu a vontade de morar em outro lugar**. Então, a minha mãe sempre fala que desde que ela se conhece por gente ela queria sair da Bolívia. Então, mesmo ela sendo... e aí ela fala às vezes, quem sabe ela tivesse sido rica lá, quem sabe ela teria vindo também. Porque ela sempre quis morar fora. Então, quando meu pai ficou trabalhando aqui uns três anos e conseguiu fazer um bom pé de meia e quis voltar para lá, a minha mãe - naquela época era ligação daquelas ligações que marcava com dois dias de antecedência e espera em outro lugar - aí, minha mãe quando ouviu isso ela falou: "você não faça isso, você trate de arrumar um lugar para me receber porque eu estou saindo daqui com as crianças".

Depoimento 5

Elena Vidmontas

Nacionalidade: Lituana

Chegada ao Brasil: 1927

Data do depoimento: 22/07/1996

Minutagem: 00:48:17 - 00:49:31

ELENA: sim ... Era difícil, sim, porque eu tinha a minha filha pequena, então tinha que deixar com alguém, naquela época não tinha creches como tem agora. E ajudar o marido, precisava ... porque se só um trabalha não vai pra frente, não dá, não dá. Então, eu deixava a minha filha com a dona de casa que é a "nona" italiana ... na Casimiro de Abreu, ela que tomava conta. E eu ia então, todo dia ia trabalhar. [...] Às vezes acontecia que trabalhava no mesmo lugar do meu marido. Às vezes não, porque naquela época o serviço quando terminava, era aquela coisa de vender muito e depois parava ... mandavam embora os operários, sem mais histórias, sem mais nada ... Agora não, agora é direitinho. Então, ficava um pouquinho em casa, um pouquinho trabalhava. Depois quando comprei a máquina para trabalhar em casa, melhoraram as coisas, trabalhava mais em casa. E depois que a menina estava crescendo, tinha que levar na escola ...

Minutagem: 00:43:31 - 00:44:26

ELENA: aí trabalhar para os outros nunca dá muito assim ... precisa trabalhar para a gente. Então, compramos a máquina de costurar em casa. Meu marido era muito caprichoso, muito trabalhador, muito honesto demais ... então aí nós trabalhávamos dia e noite em casa ... A época era diferente. Agora não tem mais esse serviço que eu fazia, não tem mais ...

ELENA: bom o serviço ... as malhas eram muito mais simples ... em 1935 ... 36 ... 37, então eram épocas diferentes, modos diferentes, trabalho diferente. Então ... aí eu trabalhava em casa, ele trazia serviço para mim, das fábricas, Ne, já cortado e eu costurava.

Botão 2 Motivos: Sonho

“Sempre existiu a vontade de morar em outro lugar”.)

Depoimento 1

Mariana Bernadette Sanhenga (Depoimento novo)

Nacionalidade: Angolana

Chegada ao Brasil: 2014

Data do depoimento: 08/01/2024

[00:02:41] Eu vim sozinha, sim. Vim atrás de novos sonhos, novas realidades e novas oportunidades.

[00:03:05] A decisão foi de comum acordo com os meus pais, na época, para vir para cá, para o Brasil. Primeiro, que é um país que fala nossa língua, que é mais fácil e rápido se adaptar.

[00:03:23] Segundo, que eu vi me formar em relação de formação, que a gente tem ainda aquele paradigma que quando você estuda num outro país é o mais valorizado. Infelizmente ainda existe isso. Eu vi aqui, por causa disso também. Segundo, fui me reencontrando. Na verdade, eu vim aqui mocinha e me tornei uma mulher aqui no Brasil. Para além de estudos a várias oportunidades, construir uma família e ressignificar a minha cultura. Saber que não só em Angola, que tenho a cultura africana e aqui no Brasil também.

Depoimento 2

H00216_Alбина Ambrosevicius

Nacionalidade: Lituana

Chegada ao Brasil: 1931

Data do depoimento: 07/07/2000

Minutagem: 00:02:08 - 00:04:29

[...]

eu queria vir para o Brasil de todo jeito, porque eu gostava muito clima quente, e eu escolhi o Brasil e até hoje estou muito feliz e muito contente, todos esses anos que vivi com muita luta, mas eu gosto muito, muito Brasil.

MUSEU- Mas a senhora já tinha ouvido falar sobre o Brasil, a senhora já conhecia o Brasil?

ALBINA- Eu só li.

MUSEU- Leu?

ALBINA- Só leu. Os vividos que falava, falava que tem cobra, que não tem casa, falava muito mal do Brasil, como hoje também fala mal, porque de Brasil correspondência sai muito feia, só dá pobreza, então os jornalistas pegam as coisas piores que tem, criança deitada por exemplo e barata anda em cima, eles mandam para lá, aí tudo isso eu vi, tudo isso. Mas eu não acreditava que país tão bonito e tão bom que podia ser só isso, que tem de toda espécie, tanto lá tem gente pobre como aqui, e eu não acreditava nisso. Eu queria viajar e meus pais não queriam nenhum jeito me deixar, aí quando a minha irmã veio aqui morar por causa de política, casada com uma filha, aí eles me deixaram.

ALBINA- Irmã veio, acho, que dois anos antes, só dois anos que eu, ela veio em 29, mas a minha irmã também não queria que viesse, porque era revolução aqui naquela época, 32, e não podia vir porque tinha que ter chamada, e aí meu cunhado falou: “Pode vir Albina, que de tudo jeito você dá jeito na vida, e Brasil muito bonito, muito bom”, e ele me fez chamada para vir aqui, aí eu vim e vez primeira semana logo arrumei serviço.

Depoimento 3

H0009- Maria Verchev Rascov

Nacionalidade: Bessarabiana
Chegada ao Brasil: 1926
Data do depoimento: 01/02/1994
Minutagem: 00:08:59 - 00:09:22

[...]

Museu: E porque que ele escolheu o Brasil?

MVR: Ah, ilusão. Uma grande ilusão acho que foi, que não só ele que escolheu mas tanta gente que escolheu, mais rico que meu pai que abandonam tudo, mas só que meu pai, quando chegou aqui ele ficou apavorado sabe.

Museu: E como é que ele ficou sabendo do Brasil lá?

MVR: Ih, mas tem notícia bastante... Vem propaganda bastante, essa propaganda com esse café puxando prá lá e prá cá, a gente achava maravilhoso de olhar, mas quando chegou aqui não era maravilhoso não, sabe.

Minutagem: 00:10:17 - 00:10:43

MVR: Eu era 1o. mão de meu pai. Porque lá precisava ter trabalhadeira sabe. Por isso que eles examinavam a nossa mão, porque tinha que trabalhar na pá e tudo isso aí, não é? Então tinha que ter uma - eu era a mão mais velha de trabalhar de meu pai, mas quando chegamos aqui não era eu, não servia pra nada de trabalhar nessa terra.

Depoimento 4

H00258_Tsuneo Sano

Nacionalidade: Japonesa
Chegada ao Brasil: 17/07/1918
Data do depoimento: 31/10/2001
Minutagem: 00:01:02 - 00:01:37
Obs: uma pequena parte do trecho está travada mas não impossibilita entender o contexto

[...]

MUSEU - E as coisas lá não estavam muito boas?

TSUNEO - Não, tava bom, mas como Brasil disse que ganhava muito dinheiro, então ele falou: "quero ganhar mais dinheiro", ele tava bem no Japão, tava muito bem no Japão, toda família mais ou menos, tá até fui lá agora inda tá bem, continua bem lá a família Sano.

MUSEU - Acho que faziam muita propaganda do Brasil?

TSUNEO - É, faziam muita propaganda e meu pai, minha mãe ficou louco pra vir no Brasil e veio.

Depoimento 5

Adama Konate

Nacionalidade: Mali
Chegada ao Brasil: 2012
Data do depoimento: 23/05/2016
Minutagem: 00:05:56 - 00:07:46
Obs: arquivo não encontrado no "HDS", mas sim na rede

ADAMA: [...] Mas antes de vir aqui mesmo como quando eu terminei eu podia, toda minha documentação estava preparada para minha irmã para estudar nos Estados Unidos. Porque tem um tio lá. Porque principalmente na África, várias famílias gostam, quando terminam estudo, ir para estudar lá fora. Principalmente Estados Unidos, França, Alemanha, Rússia. Muitos estudantes africanos gostam lá. Mas principalmente o país colonizado pela França, Estados Unidos, Inglaterra. Nós é bem difícil escolher um país português, como o Brasil, para estudar. Mas o meu sonho é outros assuntos como poetas, escritor e

fazer o seu trajeto. Então eu conversei com minha mãe, então que eu conhecer o Brasil e falou que: “Mas você tá indo pra estudar e o que você vai fazer lá no Brasil?” Eu falei que: “Não, eu vou fazer só conhecer o Brasil e voltar.” Então ela disse: “Se quiser, pode ir.” E eu fui na embaixada fazer um visto para vir. Bom tudo antes para vir tudo estava preparando. Quando eu cheguei aqui, então, conversas, e eu comecei a ver outras oportunidades que eu precisava muito era experiências. Então por isso que minha vida aqui no Brasil... Então muita gente aqui fica perguntando por causa do trabalho. Mas cada pessoa tem o sonho dela.

Depoimento 6

José Francisco Martínez

Nacionalidade: Colombiana

Chegada ao Brasil: 08/09/2023

Data do depoimento: 09/01/2024

[00:03:28 - 00:04:27] E daí eu tive a oportunidade de vir aqui ao Brasil fazendo essa graduação. Eu tive num congresso de literatura de alguma coisa assim faz, tipo, oito anos, isso foi em 2016, e eu fiquei com vontade de voltar. Eu gostei da língua, gostei do aconchegamento, né? Dessa maneira, desse jeito, eu tive um caloroso brasileiro e também, para mim, é bem importante a América Latina. Então eu estava com vontade de sair da Colômbia procurando melhores oportunidades de emprego. Talvez estudo, né? Uma pós-graduação. Só que eu sou assim muito arraigado da minha terra, que eu disse, a América Latina. Então eu preferi, eu priorizei aqui o Brasil e daí eu aprendi a língua, estudei durante um ano. E felizmente, no ano passado, que é o ano 2023, eu consegui vir aqui ao Brasil e é isso, aqui estou.

Depoimento 7

João Adriano Mucuapera

Nacionalidade: Moçambicana

Chegada ao Brasil: 2011

Data do depoimento: 08/01/2024

[00:04:24 - 00:05:52] Minha viagem, eu comecei a preparar ela em 2009 né. O Brasil é um país que para qualquer estrangeiro ele atrai. A minha primeira atração para mim foi o carnaval né, porque o único lugar do mundo que tem o melhor carnaval do planeta é aqui, então isso me fez conectar com pessoas daqui do Brasil para querer entender mais e acabei conhecendo uma pessoa que não me ajudou, mas assim, foi o elo para me contar mais do Brasil, porque a referência que todo estrangeiro tem do Brasil é a criminalidade, mas não quer dizer que o Brasil tem isso tudo, o dia a dia, claro que tem, alguns lugares, não sei o quê, então foi isso que me fez vir ao Brasil, foi mais o carnaval e essa diversidade cultural que eu já sabia que tinha né, então isso me ajudou, aí eu corri atrás desse meu... seria um mês de férias que acabei ficando, acabei ficando, então para mim foi o carnaval, o carnaval foi uma das coisas que me fez querer conhecer o Brasil, fora também algumas danças, que é o Jongo, o Coco, então essas coisas que vieram com os nossos ancestrais, que ficaram aqui, só que aqui depois elas vieram se modernizaram, não posso dizer, mas que foram mudadas um pouco, foi um pouco disso.

Vitrine e - “O nada”

Botão 1 - Depoimentos sobre o objeto

Depoimento 1

Christina Tsantekidou

Nacionalidade: Russa

Chegada ao Brasil: 2023

Data do depoimento: 10/01/2024

00:15:57:16 - 00:17:55:18

I'm sorry, the object. Now you said also the object. I've I don't know if I took an object. So seriously. I've learned this also when we moved from Russia to Greece. my mother. We are four sisters. I was the age. I'm the youngest. I was the age of at the age five.

And in Greece, we were also moving a lot. We were moving a lot from house to house because we were renting here, we were renting there. My mother was in constant movement. I think, as I said, my immigration story starts from so long back, I feel like I am I inherited I inherited this fortune of constant displacement in my life.

and I learned from that to not be attached to anything that I'm leaving behind more so objects that are the ways of you caring around you need to be okay with leaving behind and starting all over. Because if you bring things inside, it's something that might not help you. It's a it's a weight that might be an obstacle for you to move on.

Depoimento 2

H00191_Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituana

Chegada ao Brasil: 21/01/1926

Data do depoimento: 30/09/1999

Minutagem: 00:16:33 - 00:20:21

MUSEU: Eu gostaria que o Sr. falasse porque o seu pai resolveu emigrar para o Brasil?

ANTANAS: Trocando de conversa, os meus pais com tanto amor pela pátria, de tanto querer a terra aonde nasceu, era obrigado a sair da oposição. E, no mesmo tempo, com todo aquele amor pela pátria e aos partisans que deram muito trabalho, mas o meu pai fracassou com o açougue, assim, era obrigado a procurar outros meios para sobreviver. Sabendo pelos jornais e pelas companhias, se inscreveu em Kaunas, como imigrante, chamado para um país chamado Brasil. Naquela época, o Brasil era completamente desconhecido, porque a maioria dos lituanos era analfabetos. Esses analfabetos, trabalhadores, tinham receio e medo de sair para tão longe, para essa terra desconhecida. Mas, os agentes e o próprio governo, dizem que davam proteção a nós. Ai, o meu pai, se inscreveu para imigrar em 1925. Depois, quando deu a ordem para o embarque, os meus pais pegaram os apetrechos, o que mais precisavam. **Não tinham malas, não tinham bagagem, não tinham nada.** E cada um dos filhos levava a sua pequena trouxa.

Depoimento 3

H00284 - Luigi Grande

Nacionalidade: Egípcia

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:13:35 - 00:14:33

LUIGI- Ele escolheu o Brasil..., ele escolheu vários lugares: Estados Unidos, Itália, Brasil, Venezuela, Argentina, tinha todos esses lugares pra você ir, mas meu pai escolheu o Brasil, falou: "Vamos, vamos ao Brasil?", porque tinha um parente, é um tio dos meus primos, que já fazia uns vinte anos que estava aqui, e ele sempre falava bem do Brasil. Então como meu tio que vinha pra cá eram muito amigos, esse meu tio, com os filhos, foram meus primos todos, então falou: "Sabe o quê?, vamos tudo junto", combinaram, **eu não tinha nada de especial assim, nem apartamento, nem casa, só podia levar a roupa do corpo,** foi em 1957, foi quando nós saímos de lá, não me lembro, uns três meses mais ou menos, porque eu fiz uma volta à Espanha...

Depoimento 4

H00284 - Luigi Grande

Nacionalidade: Egípcio

Chegada ao Brasil: 1957

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Minutagem: 00:11:00 - 00:11:53

MUSEU- Quer dizer que todo mundo vivia bem, apesar das diferenças culturais...

LUIGI- Tudo, tudo vivia bem, enquanto não chegava esse, que não chegou..., por isso que eu tô aqui no Brasil, esse problema do canal de Suez, aquela guerra interna no centro da cidade, bombardeamento geral, então meu pai estava apavorado. Eu morava num apartamento no 4º andar, você não sabia se os israelitas, os judeus jogavam uma bomba no centro do Cairo, quantas bombas jogaram. Às vezes, a gente via na nossa frente, cinema pegar fogo na guerra, então meu pai resolveu falar: "Filhos vamos arrumar o que tem e o que não tem, vamos embora daqui".

MUSEU- E de quando a quando foi essa guerra, o senhor se lembra?

LUIGI- Foi em..., começou em 1955, aí se estendeu por 56, no fim do 56 meu pai resolveu ir embora.

Depoimento 5

H00564_Viviana Ivon Peña Pereira

Nacionalidade: Colombiana

Chegada ao Brasil: 2007

Data do depoimento: 16/05/2017

Minutagem: 00:08:45 - 00:09:04

VIVIANA: Exatamente, não. **Como eu não vim pensando que eu iria ficar, eu não trouxe nada disso.** Eu vim pensando que eu viria só para uma estada curta, para aprender um pouquinho de português, para conhecer um pouquinho o Brasil, mas não. Se eu tivesse sabido, talvez seria diferente, mas eu não me preparei nesse aspecto, não.

Botão 2 Motivos: Sem escolhas

("Como eu não vim pensando que eu iria ficar, eu não trouxe nada disso")

Depoimento 1

Gerald Dorisca

Nacionalidade: Haitiana

Chegada no Brasil: 2012

Data do depoimento: 12/09/2013

Minutagem: 00:06:05 - 00:09:54

GERALD: E, depois, o problema, o grande problema agora é terremoto que passou em 2010, 12 de janeiro de 2010, e se passa numa tarde. Eu não muriô nesse terremoto, Deus sabe, por isso eu sempre disse Gloria a Deus. E minha filha também está mirando...vejo...(vejo?) televisão e então.. .a televisão cai muito perto dela, e graças a Deus ela no tiene nada. E minha casa se partiu, no puede entrar dentro dessa casa. Depois tudo mudou. A pessoa que eu emprestar dinheiro, em meu negócio, comércio, tudo já se quebrar, se quebrou. Nadie se tiene dinheiro porque tudo se perde, então eu não posso dizer: " você pode pagar-me?" E então isso se perde já. Agora é você.

THAIS: E como foi para você a decisão de sair do Haiti e vir para o Brasil?

GERALD: Ok. Depois que tudo isso se passou, depois perde meu negócio, comércio, tudo, lo que tido , vai-se, vai-se. E então eu vendi o terreno para que eu vinha aqui. Quando chego na embaixada do Brasil, lá, sacaram uma fola de folma para eu conseguir o visto para que eu venha aqui. Eu vejo tudo, eu fazer tudo, eu foi , como se diz isso? Pegar meus documentos na embaixada , esperando que vá chamar-me , para que conseguir este visto para vir aqui.

Depoimento 2

H00017- Rozalia Gal / Helene Gal

Nacionalidade: Húngara

Chegada ao Brasil: 1949

Data do depoimento: 29/01/1994

Minutagem: 00:01:07 - 00:01:31

MUSEU:: De quem foi a opção de vir pra cá?

ROZALIA:: A opção foi de nosso pai.

MUSEU:: Por que o Brasil?

ROZALIA:: Por que o Brasil? Porque... a escolha, né? Bem na verdade, nós queríamos ir pra o Canadá, né? Lá eles não aceitavam imigrantes, assim famílias. Só solteiros, né? Então, ao bem da verdade, sobrou o Brasil.

Depoimento 3

H00412_Nadzieja (Nadia) Luch

Nacionalidade: Polonesa

Chegada ao Brasil: 1936

Data do depoimento: 21/05/2008

Minutagem: 00:01:54 - 00:03:09

MUSEU -E por que ele resolveu vir para o Brasil?

NL _ Ah, ai está o problema, nós até hoje não soubemos por quê. Porque, logo que chegamos, estourou a guerra la.

Agora, se ele tinha alguma previsão, se ele sonhou com alguma coisa, ele nunca nos disse nada.

MUSEU - Ele simplesmente...

NL - Vamos embora. Eu até, na época, eu quis fugir, eu queria fugir, não queria vir, eu estava na escola. Mas, não, vai todo mundo, vamos embora, vamos embora. Sofremos muito para a adaptação.

MUSEU - Em que ano vocês vieram?

NL - 36. Eu fiz o primeiro ano lá, passei para o segundo, e fiz o segundo até julho. Depois, saí para vir embora para cá, em julho. E aqui chegamos em agosto, ficamos um mês viajando, só água do mar, 21 dias.

MUSEU - Quantas pessoas vieram?

NL - Da familia, quatro filhos, meu pai e minha mãe. Eu, meu irmão e duas irmãs, meu pai e minha mãe.

Depoimento 4

H00281_Pasquale Caporrino

Nacionalidade: Italiana

Chegada ao Brasil: 1952

Data do depoimento: 05/05/2003

Minutagem: 00:08:54 - 00:09:07

PASQUALE- [...] o governo italiano, na verdade, fechava os olhos para a imigração porque era uma forma de esses milhões de italianos saindo, de eles poderem consertar a economia, hoje se sabe disso.

Minutagem: 00:10:15 - 00:10:28

[...] E, quando o meu pai decidiu, em função dos irmãos dele, que já tinham ido para os Estados Unidos e uma parte tinha vindo para o Brasil, ele decidiu emigrar e a primeira opção dele era o Canadá e os Estados Unidos,

Minutagem: 00:11:15 - 00:11:26

Fechou. [...] os Estados Unidos, o Canadá, porque os Estados Unidos e o Canadá recebiam muitos imigrantes italianos, mas eles fecharam porque também tinham um limite pra absorver pessoas,

Minutagem: 00:11:45 - 00:12:15

[...] o país que estava aberto era o Brasil e, como ele tinha irmãos aqui também, ele tinha alguns parentes, ele escreveu e o pessoal realmente aconselhou a vir pra cá, então, ele decidiu vir para o Brasil. É... achou que a situação da Argentina... ele achou que a situação da Argentina era muito complicada politicamente, tempo de Perón e tudo, falaram: “- Olha, não vai pra Argentina, o Brasil é ainda o país mais tranquilo pra trabalhar das opções que restaram”, então, ele acabou vindo pra o Brasil.

Minutagem: 00:12:27 - 00:12:51

PASQUALE- O Brasil precisava muito de agricultores, a agricultura do café tava em alta, precisava de mão-de-obra e ele se alistou como agricultor. Porque era a única brecha que tinha, ele tinha que ser agricultor, ele não tinha formação alguma profissional além do moinho, mas o moinho era moinho artesanal na... Europa, [...]

Depoimento 5

Lu Guang Xian

Nacionalidade: Chinesa

Chegada ao Brasil: 1989

Data do depoimento: 01/06/2001

Minutagem: 00:35:28 - 00:37:49

MUSEU- Aí você resolveu vir para o Brasil?

LU- Isso.

MUSEU- Por que você resolveu isso?

LU- Isso um história muito... muito simples poder se dizer, né. Naquela época, não conheceu sobre Brasil nada, uns pessoas do templo diz que no ano de 88 o Brasil tem liberação sobre estrangeiros para pegar identidade, atualizar as coisas. Eu freqüentava um templo e um amigo meu e ele disse que: “Lu, vamos no Brasil solicitar identidade?”, eu disse: - “para que?”, ele disse: - “que Brasil tem muita coisa boa, por exemplo, aqui você compra passagem para a China e tem um desconto, tem um câmbio de governo, um passagem muito barata”. Eu disse: - “que tá, não tem problema, qual o documento que precisa?”, ele disse: - “que precisa xerox do passaporte e tal né”, eu perguntei quanto custa e ele disse que 200 dólares. Eu disse que tá, então passaporte está aqui, dinheiro está aqui, e o pessoal do templo veio para o Brasil e solicitou a identidade, tem um protocolo e tal, um finado... Final do primeiro semestre do 89, solicitou esse documento até 150 dias, 5 meses depois me disse, que avisaram a mim, para vir para o Brasil, eu disse como, disse que identidade já saiu. Eu acho que vim são doze pessoas, saiu de Buenos Aires para Passos de Los Libres de avião, aí tomou táxi, entrou Brasil, chegamos em São Paulo, esperamos um mês disse que saiu, a gente foi lá ver saiu minha identidade saiu, outros não saiu, assim que pegaram identidade, não tem... quase sem motivo, quase sem motivo, e final de 89 já mudaram para o Brasil e naquela época de plano de Collor eu saiu de Brasil uns dois anos.

Depoimento 6

Ives Suazi Berger Vigueras

Nacionalidade: Peruana

Chegada ao Brasil: 2001

Data do depoimento: 14/01/2015

Minutagem: 00:01:44 - 00:02:59

IVES: Ai eu voltei para o Peru e por uma história de amor cheguei aqui.

MUSEU: Ah é ...? Me conta um pouco dessa história?

IVES: Eu tinha um bar de salsa em Praga, e nós organizávamos as festas dos consulados latino-americanos e o cônsul brasileiro falou para organizar um carnaval brasileiro no meu bar. Ai a gente topou ... a gente estava organizando o evento e ele chegou com a filha.

MUSEU: Uhum ...

IVES: E aí o cupido mandou a flecha, eu conheci ela e a gente namorou dois anos lá em Praga e quando eu voltei para o Peru, ela tinha que ir também para o Peru, só que o pai mandou ela para Portugal e se complicou tudo ... dois anos separados ... e depois de dois anos ela reaparece na minha vida e fala que estava aqui só que com uma filha ... só que não era minha ... e que nunca tinha me esquecido ... Eu estava indo quase para o Canadá, porque o meu irmão mora no Canadá, tinha o visto ... tudo ... só que eu decidi vir aqui para terminar a história ... ver como ... porque era uma dúvida na minha vida ...

Ficha de crédito dos depoentes:

- Em uma parede lateral a relação dos depoentes conforme consta na ficha de créditos.
- Nas narrações dos depoimentos, após a fala, citar somente o nome do depoente e a nacionalidade.

Abrão Bernardo Zwiman

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento:

Data do depoimento: 1999

Adama Konate

Nacionalidade: Malinês

Data de nascimento: 01/01/1981

Chegada ao Brasil: 2012

Data do depoimento: 23/05/2016

Ângelo José Torrezani

(Filho de Luigi Torrezani, migrante italiano)

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Moca (SP)

Data de nascimento: sem registro

Data do depoimento: 10/03/1997

**O depoimento foi coletado junto com o filho de Ângelo, Egidio Torrezani*

Agostinho Francisco Martinho

Nacionalidade: Angolana

Data de nascimento: 05/06/1985

Chegada ao Brasil: 2009

Data do depoimento: 22/07/2016

Antanas Augustaitis

Nacionalidade: Lituana

Data de nascimento: 14/05/1908

Chegada ao Brasil: 21/01/1926

Tipo de transporte/ nome: Navio Eubeé

Data do depoimento: 30/09/1999

Bárbara Tânia Podsvasek

Nacionalidade: Iugoslava

Data de nascimento: 06/04/1940

Chegada ao Brasil: 1959

Tipo de transporte/ nome: Navio Corientes

Data do depoimento: 15/05/2000

César Leal Ferreira

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/03/1916

Naturalidade: Rio de Janeiro

Data da migração: 1933

Tipo de transporte/ nome (se houver):

Data do depoimento: 16/09/1994

Funcionário: Administrador da Hospedaria de Imigrantes

Christina Tsantekidou

Nacionalidade: Russa

Idade: 37 anos

Chegada ao Brasil: 2023

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 10/01/2024

Clara Alicia Kardonsky de Politi

Nacionalidade: Argentina

Data de Nascimento: 1951

Chegada ao Brasil: 1979

Data do depoimento: 31/03/2015

Elena Vidmontas

Nacionalidade: Lituana

Data de nascimento: 06/06/1912

Chegada ao Brasil: 1927

Data do depoimento: 22/07/1996

Fatala Antibas

Nacionalidade: Síria

Data de nascimento: 26/03/1919
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Julio César
Data do depoimento: 15/03/1994

Gerald Dorisca

Nacionalidade: Haitiana
Data de nascimento: 1963
Chegada no Brasil: 2012
Data do depoimento: 12/09/2013

Ives Suazi Berger Viguera

Nacionalidade: Peruana
Data de nascimento: 02/03/1971
Chegada ao Brasil: 2001
Data do depoimento: 14/01/2015

Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanhola
Data de nascimento: 1925
Chegada ao Brasil: 1953
Tipo de transporte/ nome: Navio Augustus
Data do depoimento: 13/02/1997

José Francisco Martínez

Nacionalidade: Colombiana
Idade: 35 anos
Chegada ao Brasil: 08/09/2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 09/01/2024

Lu Guang Xian

Nacionalidade: Chinesa
Data de nascimento: 1963
Chegada ao Brasil: 1989
Data do depoimento: 01/06/2001

Luigi Grande

Nacionalidade: Egípcio
Data de nascimento: 06/06/1938
Chegada ao Brasil: 1957
Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano
Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Maria Zotz

Nacionalidade: Iugoslávia - Bósnia
Data de nascimento: 06/02/1923

Chegada ao Brasil: 1948

Tipo de transporte/ nome: Navio/ General Halseiman

Data do depoimento: 1996

Mariana Bernadette Sanhenga

Nacionalidade: Angolana

Idade: 30 anos

Chegada ao Brasil: 2014

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 08/01/2024

Mariana Dellarole Del Moro

(Filha de Sandro Del Moro, migrante italiano)

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Salto Grande (SP)

Data de nascimento: 15/07/1926

Data do depoimento: 28/08/1997

Mariela Loreto Pizarro Sippa

Nacionalidade: Chilena

Data de nascimento: 30/04/1979

Chegada ao Brasil: 2015

Data do depoimento: 03/04/2018

Mario Kang

Nacionalidade: Sul-coreana

Data de nascimento: 03/08/1948

Chegada ao Brasil: 10/05/1968

Data do depoimento: 01/11/2002

Pablo Briones Revilla

Nacionalidade: Espanhola

Data de nascimento: 17/05/1928

Chegada ao Brasil: 28/12/1954

Tipo de transporte/ nome: Navio Veracruz

Data do depoimento: 04/02/1998

Paolo Tognocchi

Nacionalidade: Italiana

Data de nascimento: 25/11/1940

Chegada ao Brasil: 1953

Tipo de transporte/ nome: Navio Ana C

Data do depoimento: 30/10/2001

Patricia Ruth Prudencio Torrez

Nacionalidade: Boliviana

Data de nascimento: 09/05/1984

Chegada no Brasil: 1987

Data do depoimento: 02/12/ 2015

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasileira

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Rocio del Pilar Bravo Shuña

Nacionalidade: Peruana

Data de nascimento: 23/06/1981

Chegada ao Brasil: 2012

Data do depoimento: 07/12/2016

Shlomo Shoel

Nacionalidade: Grega

Data de nascimento: 1946

Chegada ao Brasil: 1954

Data do depoimento: 07/11/2002

Tanoh AssemianYannick Jean - Noel

Nacionalidade: Togolesa

Data de nascimento: 27/12/1982

Chegada ao Brasil: 10/07/2013

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 26/12/2013

Verônica Quispe Yujra

Nacionalidade: Boliviana

Data de nascimento: 21/01/1979

Chegada ao Brasil: 1987

Data do depoimento: 24/05/2016

Viviana Ivon Peña Pereira

Nacionalidade: Colombiana

Data de nascimento: 14/11/1978

Chegada ao Brasil: 2007

Data do depoimento: 16/05/2017

Ficha de crédito dos depoentes:

- Em uma parede lateral a relação dos depoentes conforme consta na ficha de créditos.

- Nas narrações dos depoimentos, após a fala, citar somente o nome do depoente e a nacionalidade.

Albina Ambrosevicius

Nacionalidade: Lituana
Data de nascimento: 24/08/1911
Chegada ao Brasil: 1931
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 07/07/2000

Alexandre Issa Maluf

Nacionalidade: Libanesa
Data de nascimento: 14/02/1902
Chegada ao Brasil: 1920
Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)
Data do depoimento: 01/12/1994

Antonia Rozendo de Araujo

Nacionalidade: Brasil
Data de nascimento: 10/12/1935
Naturalidade: Barreiros (PE)
Tipo de transporte/ nome: caminhão "pau de arara"
Data do depoimento: 24/11/2000

Bárbara Tânia Podsvasek

Nacionalidade: Iugoslava
Data de nascimento: 06/04/1940
Chegada ao Brasil: 1959
Tipo de transporte/ nome: Navio Corientes
Data do depoimento: 15/05/2000

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil
Idade: 39 anos
Naturalidade: Belém (PA)
Data da migração: 2013
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 08/01/2024

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasileira
Idade: 41 anos
Naturalidade: Macapá (AP)
Data da migração: janeiro de 2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 10/01/2024

Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)

Nacionalidade: Brasileira
Data de nascimento: 11/01/1988
Naturalidade: Aldeia Brejo dos Padres (PE)
Data da migração: novembro de 2003
Tipo de transporte/ nome: Ônibus
Data do depoimento: 01/12/2022

Christina Tsantekidou

Nacionalidade: Russa
Idade: 37 anos
Chegada ao Brasil: 2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 10/01/2024

Dexsi Joselin Pinango Molina

Nacionalidade: Venezuelana
Idade: 28 anos
Chegada ao Brasil: 2020
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 09/01/2024

Fatala Antibas

Nacionalidade: Síria
Data de nascimento: 26/03/1919
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Julio César
Data do depoimento: 15/03/1994

Francisco de Paula Gimenez Dominguez

Nacionalidade: Espanhola
Data de nascimento: 1908
Chegada ao Brasil: 1926
Tipo de transporte/ nome: Navio Guaruja
Data do depoimento: 25/09/1997

Hanoy Guilhermmo

Nacionalidade: Cubana
Idade: 46 anos
Chegada ao Brasil: 06/2023
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 09/01/2024

Jaime Corominas Valls

Nacionalidade: Espanhola
Data de nascimento: 1925
Chegada ao Brasil: 1953
Tipo de transporte/ nome: Navio Augustus

Data do depoimento: 13/02/1997

João Adriano Mucuapera

Nacionalidade: Moçambicana

Idade: 43 anos

Chegada ao Brasil: 2011

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 08/01/2024

José Francisco Martínez

Nacionalidade: Colombiana

Idade: 35 anos

Chegada ao Brasil: 08/09/2023

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 09/01/2024

Lesly Dolly Ramirez Calle

Nacionalidade: Boliviana

Idade: 27 anos

Chegada ao Brasil: 1998 (?)

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 10/01/2024

Luigi Grande

Nacionalidade: Egípcia

Data de nascimento: 06/06/1938

Chegada ao Brasil: 1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Conte Biancamano

Data do depoimento: 29/ 08/ 2003

Majd Ali

Nacionalidade: Síria

Idade: 32 anos

Chegada ao Brasil: 2021

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 10/01/2024

Marcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Idade: 32 anos

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 09/01/2024

Maria Dragojevic Jorge

Nacionalidade: Dalmácia - Croácia

Data de nascimento: 09/01/1914

Chegada ao Brasil: 1925

Tipo de transporte/ nome: Navio Sofia

Data do depoimento: 12/03/1994

Maria Verchev Rascov

Nacionalidade: Bessarabiana

Data de nascimento: 22/12/1908

Chegada ao Brasil: 1926

Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)

Data do depoimento: 01/02/1994

Mariana Bernadette Sanhenga

Nacionalidade: Angolana

Idade: 30 anos

Chegada ao Brasil: 2014

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 08/01/2024

Nadzieja (Nadia) Luch

Nacionalidade: Polonesa

Data de nascimento: 18/07/1928

Chegada ao Brasil: 1936

Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)

Data do depoimento: 21/05/2008

Pablo Briones Revilla

Nacionalidade: Espanhola

Data de nascimento: 17/05/1928

Chegada ao Brasil: 28/12/1954

Tipo de transporte/ nome: Navio Veracruz

Data do depoimento: 04/02/1998

Paolo Tognocchi

Nacionalidade: Italiana

Data de nascimento: 25/11/1940

Chegada ao Brasil: 1953

Tipo de transporte/ nome: Navio Ana C.

Data do depoimento: 30/10/2001

Pasquale Caporrino

Nacionalidade: Italiana

Data de nascimento: 19/09/1950

Chegada ao Brasil: 1952

Tipo de transporte/ nome: Navio Sebastiano Caboto

Data do depoimento: 05/05/2003

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Idade: 44 anos

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Tipo de transporte/ nome: carro

Data do depoimento: 08/01/2024

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasileira

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

Rozalia Gal / Helene Gal

Nacionalidade: Húngara

Data de nascimento: não declaradas

Chegada ao Brasil: 1949

Tipo de transporte/ nome: Navio (s/id.)

Data do depoimento: 29/01/1994

Shobu Kamiyama

Nacionalidade: Japonesa

Data de nascimento: 1918

Chegada ao Brasil: 1937

Tipo de transporte/ nome: Navio La Plata Maru

Data do depoimento: 20/10/1997

Takeo Hirata

Nacionalidade: Japão

Data de nascimento: 1919

Chegada ao Brasil: Outubro de 1929

Tipo de transporte/ nome: Navio Hawai Maru

Data do depoimento: 29/07/1999

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Idade: 28 anos

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Tipo de transporte/ nome: ônibus

Data do depoimento: 10/01/2024

Tsuneo Sano

Nacionalidade: Japonesa

Data de nascimento: 20/01/1913

Chegada ao Brasil: 17/07/1918

Tipo de transporte/ nome: Navio Wakasa Maru

Data do depoimento: 31/10/2001

Umberta Kanasawa

Nacionalidade: Itália

Data de nascimento: 16/03/1946

Chegada ao Brasil: 02/03/1957

Tipo de transporte/ nome: Navio Bretanha

Data do depoimento: 13/09/2001

Yusuichi Kojima

Nacionalidade: Japão

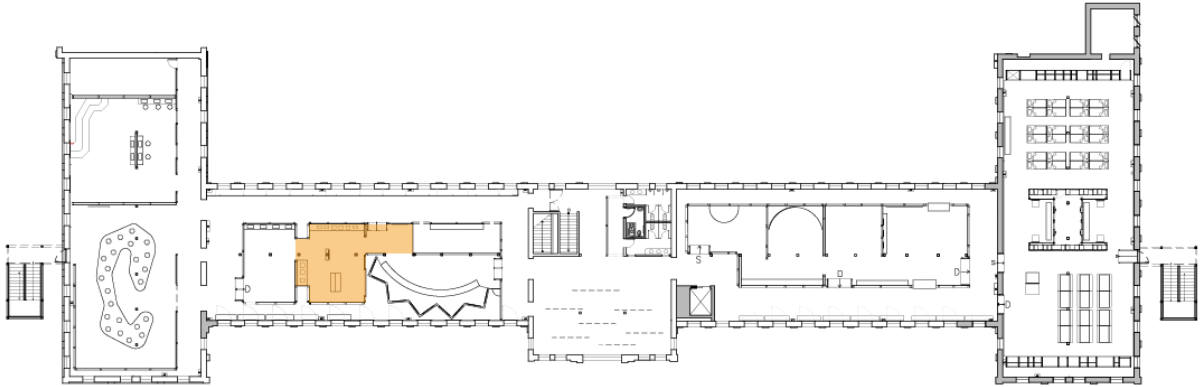
Data de nascimento: 24/02/1934

Chegada ao Brasil: 1953

Tipo de transporte/ nome: Navio Santos Maru

Data do depoimento: 17/05/2001

MÓDULO 7 - Migrações Internas



M7.AV1 - Vídeo / Poesia migrante

Gravação de poesias declamadas por diferentes artistas e sotaques.

Priorizar diferentes sotaques, mulheres, pessoas com deficiência, de outras regiões para além do nordeste.

M7.AV2 - Depoimentos antigos

Trechos de depoimentos antigos

0233 Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

00:27:35 - 00:28:25

MUSEU: Qual era a notícia que chegava de São Paulo. São Paulo também era...?

RAIMUNDO: Que era, eu digo no livro, que era a verdadeira Canaã. Que aqui chegando tudo se tinha e tudo se conquistava. Eram essas notícias que lá chegava.

MUSEU: Passava de boca em boca?

RAIMUNDO: De boca em boca. E aquilo foi fazendo com que o nordestino, cansado exatamente dos sofrimentos periódicos, a seca e todas aquelas dificuldades. E cansado, principalmente, do domínio dos chamados coronéis; é lógico que se motivavam a vir buscar a grande Canaã que era São Paulo.

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

00:28:25 - 00:29:48

RAIMUNDO: Bom então o meu pai se preparou, mas a essa altura outros parentes, um tio com mais oito, sete, oito filhos, tio Seferino da Cunha, apelido Doda e tia Izabel e com os filhos motivados por um irmão do tio Doda que aqui estava que morava em Colina, porque formou-se esse ciclo, aqueles que para cá vieram nos primórdios, ou seja, na agricultura, na década de 40 aqui já bem posicionados começava também a motivar os parentes a virem para cá. E até alguns deles custear ou dar os meios necessários para a vinda desse povo para cá. Ai o meu pai entusiasmado com a vinda do tio Doda e outras pessoas, se incorporou a esse grupo e viemos para cá. Isso se deu em 1939.

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 01/04/1996

00:24:09 - 00:24:50

AJN: [...] Depois a partir dos anos 50, principalmente começou a grande migração rural urbana, tanto interior, do interior do estado de São Paulo pra capital como depois do Nordeste para São Paulo. Todavia, pouca gente destaca que a grande massa da migração para São Paulo veio na realidade de Minas Gerais, que foi o grande celeiro de migrantes pra São Paulo, segundo depois da Bahia, sendo que os dois juntos corresponderam a mais de 60% do movimento geral, dos quais 40% eram de mineiros e 20% de baianos.

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 01/04/1996

00:33:10 - 00:29:48

AJN : Depois [...] nós fomos pesquisar a migração nacional que era o que realmente tinha ainda um grande significado no início dos anos 60.

[...]

AJN : ... É... então, foi a tentativa de examinarmos os motivos da procura de São Paulo pelos migrantes. Confirmamos então aquela verificação feita em "in loco", naquela pesquisa realizada em 1951, que a seca, que sempre foi colocada como o motivo fundamental do êxodo de fato não era. Na realidade o pessoal vinha para cá em busca de melhores condições de vida, que não tinha em seus locais de origem, porque o mercado de trabalho lá sempre foi muito reduzido, não havia oportunidades. Então a seca só fazia aumentar ou intensificar o êxodo, esse êxodo já era constante, já era permanente e relacionado com a

falta de condições de trabalho em função realmente da prevalência, do latifúndio, da falta de meios para realmente a pessoa poder manter sua família. [...]

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 01/04/1996

00:17:24 – 00:18:39

AJN : [...] Então, eu tive a oportunidade de estar em contato com as áreas que são grandes fornecedoras de mão de obra pra São Paulo como Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Paraíba. Lá a gente pode sentir de perto esta questão toda, ver a questão da seca, ver a questão fundiária, questão de concentração da propriedade, e tudo isso já nos mostrava que o grande fator de peso, era muito menos a questão da seca propriamente dita, mas era talvez mais uma questão da terra, da má distribuição da terra, da grande concentração de propriedades. As obras contra a seca que a gente encontrava por lá, os açudes, os reservatórios, construídos através do Departamento Nacional de Obras contra a seca, eram na maioria dos casos obras realizadas [...] dentro das grandes propriedades rurais quer dizer, beneficiando quase sempre os grandes proprietários – os latifundiários. Isso nós pudemos observar bem.

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

00:22:44 – 00:23:55

Foi esse tempo por volta de 38, 39 que começou o êxodo de nordestinos para São Paulo, só que a essa época o destino era o interior do Estado. Era o próprio serviço de migração, ou emigração que estimulava a vinda do nordestino para São Paulo, para que viessem para o cultivo, ou melhor, para desenvolver a agricultura, só que para o nordestino cabia, como sempre foi, cabia o pior, ou seja menos para trabalhar na agricultura e mais para desmatamento das grandes glebas que se destinariam para o cultivo do café, chamado ciclo verde e depois o do algodão, o chamado ciclo branco. Melhor dizendo, chamado ciclo do “ouro branco”.

[...]

00:47:03 – 00:48:58

Ocorria que em Pirapora, quando se chegava da viagem do São Francisco cada um pagava a sua passagem, senão por si mesmo, custeada por parentes que aqui estavam em São Paulo e que mandavam os meios de transportes para que os seus parentes para cá viessem. Mas chegando a Pirapora os migrantes já passavam a ser cuidados pelo serviço de migração [...] ocorre que de Pirapora para São Paulo, aí a passagem para o migrante era um trem, chamado “mineiro” que ele vinha do Rio de Janeiro para Minas Gerais até Pirapora. Quando chegava em Pirapora ele era, engatava-se, juntava-se a esse trem dois vagões especiais; vagões de 2ª, 3ª classe que era destinado aos migrantes. Só que aí a passagem era de graça, a

passagem era liberada pelo serviço de migração e o migrante passava a ser então senão propriedade, mas bem desse serviço de migração. Enfim...

H00233_Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Data do depoimento: 22/11/2000

Funcionário da hospedaria.

00:53:35 – 00:54:01

Existia o preconceito de que todo o nordestino era portador da esquistossomose e que para vir para São Paulo ele deveria estar em boa saúde e até porque, se para cá vinha era para o exercício de serviços pesados e consequentemente, teria que ser forte, rígido e sobre tudo sadio.

H00230_Hortelina de Lima Paiva

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/06/1932

Naturalidade: Mari (PB)

Data da migração: 1951

Tipo de transporte/ nome: Barco/ Trem Pirapora ou Montes Claros (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 08/11/2000

00:22:33 – 00:24:22

MUSEU- E famílias numerosas?

HORTELINA- Muitas família, mas tudo pobre, tudo que vem de lá naquela época, nós saímos 51 de lá, 51 anos atrás era tudo muito pobre, muito...

[...]

HORTELINA- Sim, aí nós desembarcamos aqui em São Paulo eu não lembro a estação lá do trem.

MUSEU- Estação do Norte?

HORTELINA- Acho que sim, aí nós já tinha o endereço o meu irmão já tava lá esperando nós, o José, e aí ele trouxe aí nesse pedaço aqui que ainda tou até hoje morando, que ele construiu uma casa germinada pra nós e pro primo dele, pro meu primo, ele falou: "olha primo eu vou construir esta casa que eu vou buscar meus pais, então essa parte fica pra você e esta parte pra mim, acredita que até hoje eu tou naquele pedaço ali ó, eu construí a minha que eu tou morando hoje na esquina, mas saímos de lá ele comprou uma casa na outra esquina que ele também que ele tá morando até hoje, aí quando eu casei o meu marido que ele construiu na esquina pegado ca casa do meu sogro, que aí já era sogro, já tinha casado, que nós tamos morando até hoje, eu numa esquina e meu irmão na outra esquina, hi! hi! hi!.

H00230_Hortelina de Lima Paiva

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/06/1932

Naturalidade: Mari (PB)

Data da migração: 1951

Tipo de transporte/ nome: Barco/ Trem Pirapora ou Montes Claros (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 08/11/2000

00:15:47 – 00:17:56

MUSEU- Agora conta, a senhora tinha um irmão que veio primeiro?

HORTELINA- Tinha meu irmão José, ele veio, foi o primeiro que veio pra o interior de São Paulo.

[...]

MUSEU- A senhora já era moça, já era adulta já quando ele veio?

HORTELINA- Não, quando ele veio eu era pequena, porque quando eu vim de lá para cá, que nós viemos de mudança mesmo eu tinha 17 anos, quer dizer que eu tinha uns 10 mais ou menos, 8 anos quando ele veio, aí ele veio pra o interior de São Paulo trabalhar.

[...]

MUSEU- Como ele veio de lá para cá?

HORTELINA- Ah, ele veio perguntando, depois veio a minha irmã mais velha que casou, veio também com ele no interior de São Paulo não sei, parece que Maringá, veio minha irmã, depois veio ele, ele ficou na casa da minha irmã e ele sempre o dinheirinho que tinha ele mandava pra meu pai pra nós vim pra cá, pra juntar pra nós vim pra cá.

MUSEU- Ele foi trabalhar na fazenda?

HORTELINA- É ele trabalhava no sítio, numa fazenda, e daí ele viu meu primo, o meu primo era o pai do meu marido na época, aí ele ficou conhecendo meu primo na fazenda, o primo dele, o meu marido é primo segundo meu, aí ele ficou conhecendo meu primo, aí ele ficou bem mais melhor porque não tava tão sozinho, aí ele mandou dinheiro aí nós viemos, aí ele comprou uma casinha lá onde nós tamos morando até hoje,

MUSEU- Aí na Vila?

HORTELINA- Na Vila Prudente, na Avenida Vila Ema.

MUSEU- Ele que comprou a casinha?

HORTELINA- Ele que comprou a casinha, nós ficamo morando, na época foi muito, muito duro, muito pobre a vida da gente, era muito.

MUSEU- Conta primeiro, aí ele mandou dinheiro para vocês virem?

HORTELINA- Aí ele mandou dinheiro pra nós vim pra cá e deu porque o tanto que ele mandou e a passagem deu pra gente vim pra cá.

H00587_MariadoCarmo

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: Maria do Carmo - 1909. Maria da Glória - 1957 e Maria do Carmo (designada como Carmen) - 1955.

Naturalidade: Varzedo, Bahia.

Data da migração: 1964

Tipo de transporte/ nome: Pau-de-arara

Data do depoimento: 09/11/ 2023

00:15:50 – 00:17:34 (arquivo bruto MVL_7954)

CARMEN: A gente veio e nós ficamos no Bom Retiro, na rua Solon.

MARIA DA GLÓRIA: É, a gente foi morar.

CARMEN: Era um cortiço.

MARIA DA GLÓRIA: Era um cortiço, e a gente morou nesse cortiço alguns anos. Tinha muitas famílias, acho que tinha dois banheiros só né?

CARMEN: É tudo assim, o quarto, a gente dormia todo mundo em um quarto né?

MARIA DA GLÓRIA: É.

CARMEN: Cozinhava ali dentro mesmo, e tinha os tanques lá fora, um ou dois tanques, que era uma disputa enorme né, pra lavar roupa, banheiro, a fila pra ir no banheiro. Tudo do lado do corredor. Era uma fábrica abandonada ou né?

MARIA DA GLÓRIA: Não, era cortiço mesmo, na época tinha muito cortiço, tem até o livro "O Cortiço." E aí gente passou. Eu lembro de uma música do Adoniran Barbosa né. Mas, então a gente morou um tempo nesse cortiço, e aí eles venderam o

terreno e todo mundo teve que sair de lá, e aí eles, meu pai começou a procurar e na mesma rua achou um outro lugar pra gente morar. E nisso ela, nessa época, ela já tinha começado a trabalhar em.

CARMEN: Arrematar.

MARIA DA GLÓRIA: De arrematar.

CARMEN: Arrematar roupa.

MARIA DA GLÓRIA: Arrematar roupa. Então ela ia nas fábricas, pegava a roupa, pra fazer barra, né, pra fazer.

H00037_Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Tipo de transporte/ nome:

Data do depoimento: 01/04/1996

01:11:00 – 01:12:31

Era incrível como eles vinham transportados, até a primeira metade dos anos 50, comecinho dos anos 60. Tinham ainda os famosos pau-de-arara que vinham pela Rio-Bahia. Depois foram proibidos, mas, muitos deles vinham fugindo da fiscalização. Embarcavam em caminhões pau-de-arara nos seus locais de origem e quando chegavam aqui não tinham a menor noção de onde estavam desembarcando. Mas a maioria vinha de trem, numa viagem muito penosa. Viajavam dias e dias. Embarcavam lá em Montes Claros e vinham para São Paulo em precaríssimas condições. Acho que foi um êxodo em condições sempre precárias, mas o transporte por estrada de ferro era menos ruim. Quando eles vinham em pau-de-arara, eram jogados na periferia da cidade e aí que eles ficavam mais perdidos ainda, porque não tinha noção pra onde ir até conhecer alguém que encaminhava para a Imigração. Mas muitos deles eram soltos na periferia e o pessoal tinha medo. O pau-de-arara não podia vir para o centro porque era proibido e porque tinha a polícia, então eram deixados na periferia da cidade ao Deus dará, sem as mínimas condições, sem poder saber onde estavam, para onde iam.

Ficha de créditos depoimentos antigos

Obs.: podemos fazer uma legenda (dados de crédito), com todas as informações dos depoentes utilizados, organizada pelo nome:

Antônio Jordão Netto

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 02/10/1937

Naturalidade: São Carlos (SP)

Tipo de transporte/ nome: s/id.

Data do depoimento: 01/04/1996

H00587_MariadoCarmo

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: Maria do Carmo - 1909. Maria da Glória - 1957 e Maria do Carmo (designada como Carmen) - 1955.

Naturalidade: Varzedo, Bahia.

Data da migração: 1964

Tipo de transporte/ nome: Pau-de-arara

Data do depoimento: 09/11/ 2023

Hortelina de Lima Paiva

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 11/06/1932

Naturalidade: Mari (PB)

Data da migração: 1951

Tipo de transporte/ nome: Barco/ Trem Pirapora ou Montes Claros (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 08/11/2000

Raimundo da Cunha Leite

Nacionalidade: Brasil

Data de nascimento: 1923

Naturalidade: Rancharia/ Juazeiro (BA)

Data da migração: 1939

Tipo de transporte/ nome: Vapor Otávio Carneiro/ Trem Pirapora (MG)x Estação Presidente Roosevelt (SP)

Data do depoimento: 22/11/2000

M7.AV3 - Depoimentos novos**Trechos de depoimentos novos****Caio Brito**

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Viagem

00:06:38:18 - 00:07:21:25

Eu vim sozinho. Não houve uma preparação, nenhuma preparação. Na verdade. Eu cheguei aqui com duas malas. Uma era praticamente roupa de cama e toalha. Não tinha onde tinha onde ficar. Um amigo meu estava morando aqui perto, ali na frente do CCSP, num apartamento com umas três pessoas, um apartamento muito pequeno, umas três pessoas. Então, meus primeiros meses, o primeiro semestre todo foi dormindo em sofá de um apartamento muito, muito pequeno. Foi, foi bem difícil e a mudança, principalmente porque não foi preparada e eu nunca tinha me imaginado morando em outro lugar além de Belém. [...] Então foi um choque muito grande, um choque cultural, um choque de costume. [...] O tamanho da cidade assusta, a impessoalidade assusta. Acho que é isso.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Viagem

00:01:47:05 - 00:01:54:20

Quando eu vim de Macapá, eu vim sozinho. Mesmo sozinho, eu e Deus.

00:03:27:23 - 00:03:56:03

Assim, durante a viagem eu sempre tenho medo. Receio de chegar aqui e não conseguir passar dificuldade. Sempre chego com esse medo e receio de não ser bem acolhido, de ser destrutado pelas pessoas. Como foi mostrado muito São Paulo. As pessoas diziam que as pessoas eram muito corrido. A cidade é uma cidade muito corrida e quando eu cheguei em São Paulo, percebi que não. Quando eu tive dificuldade de andar em São Paulo, principalmente metrô, e eu pedir informações para pessoas e me deram tranquilo as informações, sem nenhum atraso, sem nenhuma correria. Então foi totalmente diferente do que eu imaginava.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Viagem

São Paulo Eu cheguei. Foi em 2016 que eu vim pra cá. Morei 36 anos em Curitiba, um ano fora e vim morar aqui em São Paulo em 2016.

00:01:31:16 - 00:01:39:03

Vem vim, vim sozinho mesmo. Mesmo sendo casado, vim sozinho primeiramente para morar aqui em São Paulo.

00:02:02:29 - 00:02:09:02

É o transporte por ser uma cidade perto? São Paulo, Curitiba Vim de carro mesmo, de carro, de carro.

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Viagem

00:02:32:21 - 00:03:17:06

Eu cheguei há muito pouco tempo. Tem um ano, né? Eu cheguei no início do ano passado, em janeiro e enfim, mas já estava num movimento a um tempo de vir para cá. Eu tenho um irmão que mora aqui há uns dez anos e, conversando com ele e vendo da experiência vindo aqui várias vezes, experimentando um pouco da cidade, vendo que eu gostava e o que eu não gostava, também eu.

Essa ideia foi amadurecendo ao longo desse tempo, até que eu tive a oportunidade de trabalho e coincidiram diversas situações que me permitiram vir para cá.

00:03:26:29 - 00:04:37:05

Eu quando eu vim para São Paulo, eu vim de ônibus. Um trajeto não tão longo, mas relativamente longo, de umas oito, nove horas, a depender do trânsito e tudo. Mas foi um trajeto realmente de muitas expectativas de ansiedade, inclusive porque quando eu vim em janeiro, eu ainda estava com uma entrevista de trabalho marcada, então tinha ainda essa expectativa se eu ia conseguir ficar na cidade ou não.

E eu estava com esse desejo muito grande de vir. E então a viagem foi longa, até mais longa do que esse horário de oito horas. Por conta disso, por conta das expectativas, do sonho mesmo, de vir para cá e de poder trabalhar na minha área de cinema. Então foi. Foi uma experiência difícil, mas que tudo deu certo, consegui ser aprovado na entrevista e duas semanas depois já estava começando o trabalho.

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Comunidade

00:10:34:06 - 00:11:19:15

Aqui a gente tem uma comunidade não formal e informal de paraenses e belenenses, que é muito unida. A gente tem muito isso do calor humano, da recepção, do apoio, de talvez, da identificação de tá todo mundo, quase que todo mundo na mesma situação. E a gente é muito unido, a gente está sempre se encontrando, volta e meia se encontra um monte, está sempre combinando coisas, programações em conjunto, festas de final de ano, inclusive o Círio de Nazaré no segundo domingo de outubro, que acontece em Belém, é uma grande até pra quem não é religioso ou não é católico. É uma. Culturalmente é muito importante o paraense e a gente também faz o nosso encontro. Aqui a gente se encontra, a gente celebra de alguma forma, não tem a ver com religião, não tem a ver com cultura. A identificação.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Comunidade

00:06:30:08 - 00:07:04:12

Sim, quando eu cheguei a São Paulo eu tive o grande prazer de reencontrar os amigos meus que me acolheram em São Paulo, aqui no centro, na Bela Vista. Foi o Marlon e o Lucas. Então eles são meus conterrâneos que eu já conheço a bastante tempo em Macapá. Eles estão aqui já há mais tempo do que eu, acredito que tem uns seis anos, uns oito anos que eles já estão aqui em São Paulo, então eu tive a oportunidade de ficar junto deles na casa deles, me acolheram.

00:07:04:15 - 00:07:25:16

Hoje, atualmente, o Lucas está dividindo comigo apartamento, então a gente está morando junto e eu também conheço mais dois amigos meus que moram aqui em São Paulo também, que são de Macapá, que estão aqui há durante um ano. E a gente está tendo esse convívio porque eles moram perto de onde eu moro. Então a gente sempre está junto, saindo junto e matando sua saudade.

00:07:35:04 - 00:08:02:11

Com certeza permanecer em contato com nossos conterrâneos a gente se sente mais em casa, a gente se sente mais à vontade do que ficar só com pessoas de fora que a gente percebe que eu percebo que São Paulo é muito miscigenado, então ele traz pessoas de todos os lugares, já teve um trabalho por onde eu passei também, que teve uma amapaense que por curiosidade ela estava trabalhando lá. Eu conheci ela também por pouco tempo. Então eu percebo que aqui em São Paulo tem bastante gente do estado do Amapá, de Macapá vindo para São Paulo, assim como do Pará, também a região Norte.

Marcio Westphalen Burt

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Comunidade

00:07:18:11 - 00:08:20:06

Difícil? Não sei se tem alguma coisa que aqui em São Paulo me aproxime de lá assim, mas eu acho que do que a gente cria aqui em São Paulo e das pessoas de lá que estão aqui, eu acho que tem muito. Muitos gaúchos vieram também nas mesmas perspectivas que eu, que trabalham também no mesmo setor que eu. O setor aqui é muito mais movimentado, então muita gente vem de lá e a gente acaba, que a gente se reúne.

Então tem até gente de fora que brinca que gaúcho só anda junto porque a gente acaba se juntando. E também tem essa corrente de que um vai ajudando o próximo em um está ajudando o outro que está vindo. A gente acaba criando esse círculo de amizade. Eu acho que um pouco disso que a gente faz é o que mais lembra de lá.

Sem contar os momentos que a gente vai fazer uma coisa que não tem, não tem aqui a gente quer relembrar um churrasco com os amigos do Sul, uma comida que uma torta fria, por exemplo, que eu falei esses dias, que é uma coisa que não conhecem aqui. Tomar um chimarrão. Acho que é mais isso.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Comunidade

00:05:57:02 - 00:06:14:14

Conhece alguns também que vieram para cá também vieram a trabalho, muitos vieram para, mas vieram antes até para abrir uma empresa ou mesmo para trabalhar passagens na área de tecnologia vem de Curitiba para trabalhar aqui. Basicamente sim, conheço. Conheço alguns.

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Comunidade

00:05:04:29 - 00:06:55:06

Então, e não só isso, como eu tinha mencionado, esse sonho de ter contato com a comunidade japonesa, que também era algo que eu imaginava e que realmente se realizou durante esse um ano. Em pouco tempo eu acho que aconteceram muitas coisas e essa foi uma das coisas que eu consegui realizar aqui.

00:08:46:06 - 00:09:47:17

Eles também dividiram muito isso. Então, e acho que não só eles, mas eu tenho até outros conhecidos que são da minha cidade de Juiz de Fora, que também me auxiliaram nesse processo em relação a mim e ao meu contato com a comunidade japonesa. Tem sido eu. Quero ainda me aprofundar mais nisso, assim, mas tem sido uma experiência muito gratificante, de contato com a cultura, com pessoas, inclusive pessoas daqui de São Paulo, que não, não tem uma origem, uma família de origem japonesa, mas eles têm muito interesse na cultura, enfim, e tem amizades nessa comunidade, que inclusive foram essas pessoas que me possibilitaram entrar nessa, nessa experiência, enfim, de ter mais contato com.

00:09:47:17 - 00:12:48:21

Por exemplo, eu fui novo num festival de cultura japonesa aqui e tive contato com culinária, com, enfim, com uma série, uma série de de e enfim, me perdi um pouco. Essa é mais complicadinha assim, mas eu vou. Acho que eu vou refazer aqui um pouco a minha Minha experiência com a cultura japonesa em São Paulo. Ela tem sido bastante prazerosa assim e tenho descoberto coisas aos poucos.

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Rede apoio

00:20:17:03 - 00:20:45:10

Tenho parentes aqui, distantes, distantes nem tanto, mas emocionalmente distantes. Eu acho que eu posso responder sim, mas a minha rede de apoio são meus amigos. Grande parte deles são de Belém. Grande parte deles eu já conhecia vários deles eu conheci aqui em São Paulo, que são pessoas de Belém, que estão sempre juntas e se apoiando.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Impressões

00:04:33:25 - 00:05:11:23

Acho que a primeira impressão, quando a gente chega em São Paulo é essa agitação, essa agitação na cidade, muito trânsito, a cidade um pouquinho caótica, mas todo mundo já está acostumado. As pessoas se acostumam com. Com São Paulo em relação aos prédios, que tem bastante o clima, principalmente que eu gosto bastante de São Paulo em relação ao clima, que é o friozinho gostoso daqui de São Paulo, que é muito bem diferente da minha cidade do Amapá, Macapá, que é uma temperatura muito grande lá durante o ano todo. E chegar aqui em São Paulo é totalmente diferente. Tem os climas quente, claro, mas também tem uns climas frio, que é o que eu gosto mais.

Marcio Westphalen Burt

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Impressão

00:03:05:17 - 00:03:54:26

Eu sempre falo e eu sempre lembro que eu acho que a primeira coisa que eu percebi em São Paulo, tipo, eu fui na rua e em como as pessoas se tratam é que as pessoas não se olhavam. Aquilo para mim foi um choque. Eu eu parava para prestar atenção e eu percebia que as pessoas ao meu lado não percebiam as outras pessoas ao lado delas.

Uma pessoa que está tocando na música. Ninguém, ninguém olhava na rua, alguma coisa acontecia do lado e todo mundo seguia o seu ritmo. Então, logo de cara, percebi que era uma cidade que tinha um ritmo muito intenso e cada um estava preocupado com seu, com a sua vida e em seguir o que tinha pela frente, sem olhar muito pro lado. São raros os casos que a gente conseguia perceber alguma coisa que a uma vida de alguém tocava a outra do nada, na rua.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Impressões

00:02:33:01 - 00:03:00:16

Assim, o que me marcou mesmo mesmo, foi que quando eu cheguei em São Paulo, eu parei no Shopping Eldorado e ali caiu minha ficha Sim, não vou mais morar Curitiba e estou vindo morar agora em São Paulo. Foi mais ou menos isso que foi ali. Tipo assim, antes eu estava como tivesse só vindo uma viagem, alguma coisa assim.

Mas ali, naquele dia mesmo, no dia da mudança que eu vim para São Paulo, ali eu vi que eu ia ficar em São Paulo mesmo, não ia voltar mais.

Marcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Experiência

00:09:21:19 - 00:09:55:04

Não, eu acho que tem várias coisinhas que eu vou lembrando, mas que são coisas que todo mundo que vem de um lugar diferente eu acho que vai passar. É só saber que nunca é fácil. Eu acho que para qualquer um que vem de outro lugar, tá longe dos seus amigos, da sua família, da sua casa e construir uma nova casa e buscar por novas oportunidades, ou se encaixar em um círculo de trabalho. Eu acho que a trajetória passa muito por aí assim.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Experiência

00:08:06:27 - 00:08:26:29

Não, não tem nada. Mas em São Paulo eu moro. Como eu falei, é uma cidade quem tem. Quem está fora de São Paulo nunca vai querer vir pra São Paulo. Mas eu acho que, creio eu, quem está morando em São Paulo não quer sair de São Paulo. São gente que vem de fora, principalmente.

00:08:40:04 - 00:08:56:13

É assim. Mas muita gente fala de Curitiba, né? Falar Curitiba há nós. Quando você vem de Curitiba, vem morar aqui em São Paulo. Mas quem vem? E como eu falo, quem veio pra cá, Se eu sei? Como eu falei, é um mosquitinho. Parece que o que eu sei é que você tem que ficar aqui.

Tommy Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Experiência

00:22:02:08 - 00:24:07:27

[...] Eu posso dizer dessa minha experiência que foi uma experiência muito feliz de vir pra cá. Eu acho que eu consegui realizar muito daquilo que eu pensei, imaginei e sonhei. E enfim, claro que eu ainda tenho muitos objetivos na cidade, mas foi e foi um ano de muita satisfação em relação ao trabalho na Cinemateca Brasileira, não só pela oportunidade de estar trabalhando na minha área com aquilo que eu gosto muito, mas também de ter encontrado pessoas especiais lá no trabalho, inclusive muitas delas também nessa lógica da migração, já que a gente entrou num projeto e que trouxe muita gente de fora para cá. E foi também mais uma dessas experiências de ter contato com pessoas de diferentes lugares aqui na cidade e ao mesmo tempo a gente, talvez por todos ou alguma grande parte, ser de fora. A gente criou uma amizade forte assim. E é aqui. Aqui a gente tem muito isso, muitas pessoas de fora, e a gente acaba criando essa, esses laços, enfim. Mas espero ainda continuar e me aprofundar tanto no trabalho, nas novas perspectivas. Aí de oportunidades, mas também nisso que eu comentei aqui durante a entrevista toda, que é a minha conexão com a comunidade japonesa em especial, mas também com culturas, pessoas diferentes. Acho que isso pra mim é um dos principais motivos de eu estar aqui. E isso.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Cidade

00:13:11:05 - 00:13:45:17

Bom, o que eu posso dizer é que eu tenho falado de São Paulo, que São Paulo só me trouxe felicidade e alegria. É uma cidade muito encantadora. Me apaixonei por São Paulo. É uma cidade onde traz para gente muita oportunidade de emprego, de educação, muita relação também as pessoas. Conheci e conheço muitas pessoas especiais que eu guardo no meu coração e eu tenho muito carinho por elas. Tive relacionamentos também que deram certo até onde foi e hoje eu aprendi muito a conviver com as pessoas em relação a São Paulo, conhecer a parte da cultura que eu gosto bastante, de passear em lugares diferente e a teatros, coisas que eu não tive oportunidade na minha cidade. Tive a oportunidade também de trazer minha família trouxe em julho a minha família para cá. Eles conheceram também a minha irmã e minha sobrinha, tiveram a oportunidade de conhecer essa cidade linda. Então São Paulo é uma cidade que eu amo e sou apaixonado.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Cultura/alimentação

00:09:00:05 - 00:09:27:00

Em relação a respeito dessa parte cultural, o que o gastronômica de São Paulo? Eu senti bastante uma diferença em relação ao norte. Porque o norte ele trabalha com muitas coisas naturais, diferente aqui de São Paulo, São Paulo ele traz uma cultura de de muitos países também, não só de São Paulo, do Brasil, como muitos lugares que vendem feijoada, prato paulista. Então eu sinto falta da minha comida do Norte, por exemplo, o açaí, o açaí que os Paulistano ou outro pessoal do estado que conhecem, é totalmente diferente do açaí do Norte. É algo mais natural. Aqui em São Paulo a gente vê. Eu conheço aqui o açaí de São Paulo como um sorvete. Chega a ser engraçado, mas o nosso açaí lá em Macapá, em Belém e até mesmo em Manaus, e gente consume ele muito como alimento mesmo, do dia a dia, como almoço e jantar. Então é algo que a gente come, por exemplo, com farinha, farinha de água e carne, peixe assado, calabresa, então é totalmente diferente. Tem alguns lugares que eu conheço que em São Paulo, que já vende ainda bem, ainda vendem a comida do norte, então assim eu pago um pouquinho caro. Mas vale a pena, com certeza. Quando não tem meus amigos que sempre estão viajando pra Amapá, eles

trazem também o açaí, o nosso camarão, o peixe do norte que que é bem mais saboroso e sempre quando dá eu também preparo alguma coisa, quando trazem para mim de fora, como a maniçoba. Dezembro do ano passado eu fiz uma maniçoba em casa de amigos, provar aqui de São Paulo. Muitos gostaram. Recentemente eu dei o açaí do Norte para um amigo experimentar ele achou muito diferente. Ele disse que não era tão bom, mas também não era ruim, que era diferente, que ele não está acostumado com açaí, mas sim o açaí feito tipo sorvete com leite condensado, granola, essas coisas. Tudo o que o paulistano coloca no açaí, você.

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Cultura/ alimentação

00:18:54:21 - 00:21:17:13

Quando estou aqui em São Paulo, a gente tem essas possibilidades de estar em contato com pessoas de diferentes lugares. Mas claro que a maioria das pessoas são daqui de São Paulo mesmo, da cidade ou do estado, e a gente tem essas diferenças. Eu vindo de Minas, claro que o que eu mais sinto falta é o pão de queijo de Minas Gerais, já que o daqui deixa um pouco a desejar, mas ao mesmo tempo aqui também.

Como é uma cidade gigante e recebe pessoas do mundo inteiro, inclusive a gente tem a experiências culinárias as mais diversas e aqui eu tenho sempre buscado também experimentar comidas diferentes. Não seria comidas indianas, chinesas, comida chinesa, enfim, uma série de possibilidades também. E mesmo as comidas típicas daqui, inclusive aquele sanduíche de salame gigante e é bem gostoso, já tive oportunidade de provar.

Mas claro, existem essas diferenças, existem as diferenças de vocabulário também, né? Essas pequenas picuinhas que existem aí entre alguns entre estados, principalmente de São Paulo e Rio, que que acho bem sadio assim. Enfim, biscoito e bolacha, enfim, esse tipo de coisa que eu centro de Juiz de Fora, que fica muito próximo do Rio, é algo que também a gente acaba incorporando esse vocabulário do carioca.

E aí eu também entro nessa brincadeira. Enfim, que que é divertido é aquele em que em várias vezes no trabalho a gente se vê nessas discussões, inclusive sobre a uva passas, que que é algo polêmico também, que eu adoro, inclusive no arroz. É, mas aqui as pessoas parecem não gostar muito. Enfim, é só uma brincadeira mesmo.

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Preconceito

00:14:00:27 - 00:15:02:13

Eu me identifico com o branco e repetindo como eu me identifico. E se eu já sofri algum preconceito aqui em São Paulo, me identifico com o branco. Sim, já sofri preconceito aqui no voltado a minha origem. Aqui, normalmente, Pará é entendido como Nordeste. Belém é entendido como o Nordeste, como se norte e Nordeste fossem uma coisa só. Sim, já sofri preconceito, nada muito grave, mas acho que as pequenas situações aqui e ali um comentário, até um comentário ou outro que para gente soa ofensivo e sim, já sofri e sofri preconceito.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Preconceito

00:11:20:16 - 00:11:29:06

Eu me identifico como um pardo em relação à cor, isso eu me identifico como um pardo.

00:11:40:03 - 00:11:58:25

Desse tempo que eu estou em São Paulo, não tive nenhuma discriminação. Eu achei curioso o fato da minha fisionomia ser diferente de alguns lugares. As pessoas, algumas pessoas me confundiu com o boliviano, achavam que eu era boliviano pela minha característica.

00:12:00:24 - 00:12:24:03

Eu só ria, dizia que não, que eu era do Norte, que eu era nortista, do extremo norte do Amapá. Aí tem muitas pessoas que às vezes nem sabe onde é que fica no extremo norte do Amapá e fica perguntando se a baixa do próximo Acre ou alguma coisa. Mas não é o extremo norte mesmo na parte bem em cima do nosso Brasil.

Marcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Preconceito

00:08:32:02 - 00:09:02:00

Racialmente não. Eu sou branco. Preconceito? Não sei. É difícil dizer assim. Eu acho que tem sempre algumas coisas de implicância e algumas coisas dessas de implicância podem ficar mais sérias ou ter uma conotação mais pesada nesse sentido de vir de outro lugar. Mas acho que isso nunca me pegou tão forte.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Preconceito

00:06:20:27 - 00:06:28:17

Branco descobriu Branco e branco da raça branca.

00:06:52:02 - 00:07:15:19

Eu acho que o único preconceito é o pessoal não um tipo assim. A gente escuta. Então, o único preconceito que eu acho assim é o pessoal não acreditar, porque eu estou vindo morar em São Paulo, saindo de Curitiba. Seria mais ou menos isso que você dá, mas assim, preconceito em si não é muito mais fácil. Eu acho que até ter um preconceito em Curitiba, mesmo sendo curitibano, do que ser aqui em São Paulo.

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Preconceito

00:13:19:10 - 00:14:19:06

[...] não tenho certeza se foi realmente uma discriminação, mas eu me senti um pouco não tão à vontade num restaurante por ter sido, pelo serviço ter demorado, por ter vivido a comida fria e eu fiquei naquela um pouco chateado, mas normal as vezes um restaurante estar cheio e tudo, mas depois me contaram que os donos enfim, até que às vezes ficam ali na porta, às vezes fazem alguns comentários né?

Racistas, enfim, e preconceituosos. E eu fiquei pensando se essa minha experiência lá tinha sido em razão disso. Enfim, acho que foi essa a minha experiência, o único assim aqui em São Paulo.

00:14:38:04 - 00:16:20:28

Sim, eu posso até complementar a outra pergunta. Assim, porque em São Paulo, quer dizer, fora de São Paulo, eu sinto que há um estranhamento em relação à minha raça maior do que aqui, né? Então, mas enfim, não sei se eu comento isso e tal. Eu tive essa experiência aqui em São Paulo de não me sentir à vontade no ambiente lá do restaurante, mas eu percebo que aqui as pessoas não, não me veem de uma maneira diferente.

Eu acho que mesmo em Juiz de Fora, talvez um pouco assim em outros lugares do Brasil, acho que há um estranhamento maior quando eu chego mesmo num lugar que, enfim, que seja, que as pessoas normais não lidam tanto com pessoas de origem japonesa. Então acho que eu me sinto bem aqui em relação a isso. Acho que esse acho que é mais uma das duas dos motivos que me fizeram vir pra cá e também saber que eu seria acolhido, que eu teria uma identificação não só com a comunidade em si japonesa, mas com as pessoas daqui e em Juiz de Fora eu deixei, quer dizer, família e familiares, amigos também.

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Retorno

00:16:44:25 - 00:16:53:23

Uma vez tive que explicar para alguém que se eu tenho vontade de retornar, é como eu me senti quando eu retornei, eu pensei em retornar, mas a impressão que eu tenho é que a cada vez, quanto mais tempo eu passo aqui, de certa forma mais desligado eu fico de lá. Mas eu vou de certa forma me encaixar na minha vida. Eu estou aqui, vai fazer 11 anos, então eu estou. [...] Então sempre que eu tinha uma oportunidade antes de começar a trabalhar aqui, eu estava sempre tentando voltar pra lá e passando o máximo de tempo possível lá, até porque não tinha nenhum de ficar aqui em São Paulo que eu fui ficando os primeiros um ano e meio, fui ficando de favor de casa em casa, casa de amigo, casa de tia. Então eu pensava o tempo inteiro em voltar o tempo todo, em voltar quando eu voltar. Até que quando eu estava me formando, eu fui incorporado a onde o lugar onde eu trabalho é. Depois disso eu fiquei. Aos poucos eu fui construindo o meu lar, que eu acho que foi o que aconteceu quando eu cheguei aqui. Foi como se eu tivesse ficado sem identidade, fiquei sem lar, eu fiquei sem a minha família, eu fiquei sem a minha base em Belém. Eu sabia andar sozinho, sabe o nome de todas as ruas, sabia fazer qualquer caminho para onde quisesse ir. E quando chegou aqui, eu simplesmente tinha medo de virar a esquina porque não sabia onde eu ia dar, onde eu estava, o que podia ter ali virando a esquina. Então isso me acompanhou por muito tempo. Cheguei até ter em depressão final de 2006, que foi quando eu tinha uma faculdade e sentia muita falta desse vínculo e com o passar do tempo, aos poucos eu fui aceitando e construindo meu lugar aqui.

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Retorno

00:05:28:13 - 00:05:55:10

Em relação a isso, eu tenho vontade de o sentimento de voltar para Macapá. Eu gosto muito da minha cidade, minha cidade. Ela tem muito a oferecer e eu fiz um curso técnico de turismo lá na minha cidade. Só que eu não tive oportunidade de trabalhar na área, mas Macapá ela tem muito a oferecer em relação ao turismo ecológico, mas infelizmente o Estado ainda está muito precário em relação a isso. Então, em relação à cidade em si, eu posso voltar para passear, mas o que me levaria mesmo para minha cidade de volta são os amigos e a família.

Marcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Retorno

00:04:45:01 - 00:04:47:07

Não senti nenhuma vontade de voltar.

00:05:28:04 - 00:06:01:09

Enfim. E aí assim eu consegui um novo trabalho aqui e voltei para cá. Não tenho nenhuma perspectiva de voltar para Porto Alegre, não tenho nenhuma vontade assim, vou visitar às vezes quando posso, porque também com a rotina do trabalho, às vezes fica complicado. Eu costumava sempre tentar ir assim, tipo em datas especiais, aniversário da minha mãe em Natal, mas já tem, por exemplo, dois Natais que eu não consegui. Então tem aí já um tempo. A gente vai tentando adequar.

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Curitiba (PA)

Data da migração: 2016

Retorno

00:04:32:07 - 00:04:57:00

Não, pior que não. Nem Curitiba nem outra. Eu morei fora também, comparado com São Paulo, São Paulo. A cidade mesmo em si, para mim é muito boa. Eu gosto muito de São Paulo, muita gente fala mal, reclamam de São Paulo, mas eu pra quem eu morei em Curitiba, é claro, tem defeitos em São Paulo tem defeitos Curitiba, mas eu posso muito morar em São Paulo sim.

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Juiz de Fora (MG)

Data da migração: janeiro de 2023

Saudade

00:16:21:00 - 00:17:55:04

E claro que há essa, essa saudade grande, ainda que eu esteja próximo. Assim, quando bate realmente uma grande saudade, é mais tranquilo de ir lá e enfim. Mas assim, esse sentimento de falta que por um lado, como eu comentei, tem uma irmão

aqui também, e ele tem a minha sobrinha que tem cinco anos e é que é algo que se é algo que foi um dos motivos também de eu vir para cá assim, de estar próximo da minha sobrinha.

Mas essa com certeza uma saudade que que fica assim que a gente vai lidando. Tudo bem que a rotina de São Paulo e as possibilidades aqui de até de um fim de semana, de poder ir pra um cinema, um teatro, um show, ela acaba nos também ajudando um pouco. E é também nesse sentido da gente dividir essas experiências com essas pessoas que estão longe. Assim, por meio da internet. Enfim, redes sociais é uma forma também de de me conectar e estar próximo dessas pessoas e dividindo as minhas experiências aqui. Mas com certeza a saudade bate sempre.

Marcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017

Saudades

00:06:20:14 - 00:07:01:06

Eu acho que o que eu tenho mais saudade de lá é da minha família, dos meus amigos. Em alguns momentos dá uma nostalgia assim, de que a gente vivia, eu e os meus amigos na época que eu estava lá em outros tempos, mas que também não significa que seria igual ou parecido aqui, porque as nossas vidas todas mudaram.

Mas tenho saudade principalmente disso, das coisas que eu fazia com eles, dos lugares que eu ia e que eu gostava muito de frequentar, de comer as coisas que só tem lá, os lanches de gaúchos só tem lá. Eu não consigo encontrar nada parecido por aqui, então quando eu vou é sempre o que a primeira coisa que eu faço.

Ficha de crédito dos depoentes:

- Em uma parede lateral a relação dos depoentes conforme consta na ficha de créditos.
- Nas narrações dos depoimentos, após a fala, citar somente o nome do depoente e a nacionalidade.

Caio Brito

Nacionalidade: Brasil

Idade: 39 anos

Naturalidade: Belém (PA)

Data da migração: 2013

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 08/01/2024

Carlos Fábio Neves Ribeiro

Nacionalidade: Brasil

Idade: 41 anos

Naturalidade: Macapá (AP)

Data da migração: janeiro de 2023

Tipo de transporte/ nome: (s/id.)

Data do depoimento: 10/01/2024

Márcio Westphalen Burte

Nacionalidade: Brasil

Idade: 32 anos

Naturalidade: Cruz Alta (RS)

Data da migração: 2017
Tipo de transporte/ nome: (s/id.)
Data do depoimento: 09/01/2024

Rafael Navarro Lins

Nacionalidade: Brasil
Idade: 44 anos
Naturalidade: Curitiba (PA)
Data da migração: 2016
Tipo de transporte/ nome: carro
Data do depoimento: 08/01/2024

Tomyo Costa Ito

Nacionalidade: Brasil
Idade: 28 anos
Naturalidade: Juiz de Fora (MG)
Data da migração: janeiro de 2023
Tipo de transporte/ nome: ônibus
Data do depoimento: 10/01/2024

M7.AV4 - Projeção Migrações Internas

Dados compilados das migrações internas para São Paulo e a Cultura do migrante

Dados quantitativos

- 1910-1933: o Estado de São Paulo recebeu 323.400 migrantes, segundo dados da Secretaria da Agricultura.
- 1930: 1 milhão de pessoas morando na cidade de São Paulo.
- 1935-1939: Entre as 285.304 pessoas que ingressaram na Hospedaria, 274.579 (96%) era composta por brasileiros. Dessas, 130.063 eram provenientes da Bahia e 68.131 de Minas Gerais.
- 1935-1959: Mais de 2 milhões de nordestinos migram para o Estado de São Paulo, segundo dados da Secretaria da Agricultura.
- 1940: 45.886 migrantes nacionais chegaram à Hospedaria de Imigrantes do Brás.
- 1940: 5,6 edificações eram construídas por hora na cidade de São Paulo para acompanhar o ritmo de crescimento populacional.
- 1950: 2,2 milhões de pessoas morando na cidade de São Paulo. Cerca de 500 mil mineiros, 190 mil baianos, 63 mil pernambucanos, 57 mil alagoanos e 30 mil cearenses, compondo quase metade da população em São Paulo.
- 1950-1960: Com o desenvolvimento industrial, sobretudo na região do ABC, cerca de 700 mil migrantes saíram dos campos e foram para a Cidade de São Paulo na busca de melhores condições de vida. Há registros de cerca de 924.509 nordestinos que passaram pela Hospedaria de Imigrantes do Brás.
- 1953: 2,7 milhões de pessoas morando na cidade de São Paulo.
- 1960: 3,7 milhões de pessoas morando na cidade de São Paulo.

Decretos para promoção das migrações internas

1927 - Fim do subsídio para a migração internacional.

1930 - Revolução de 1930:

Decreto n. 19.482 de 12 de dezembro de 1930;

"Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre as localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências"

Constituição de 1930:

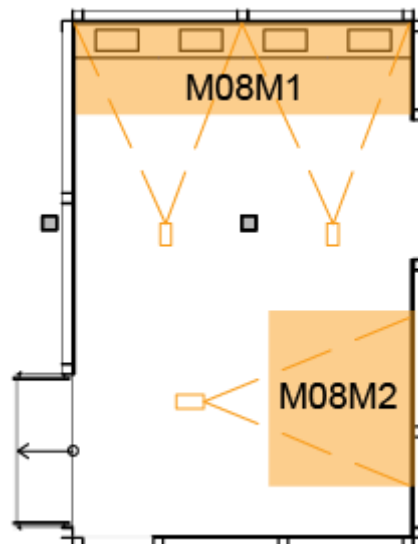
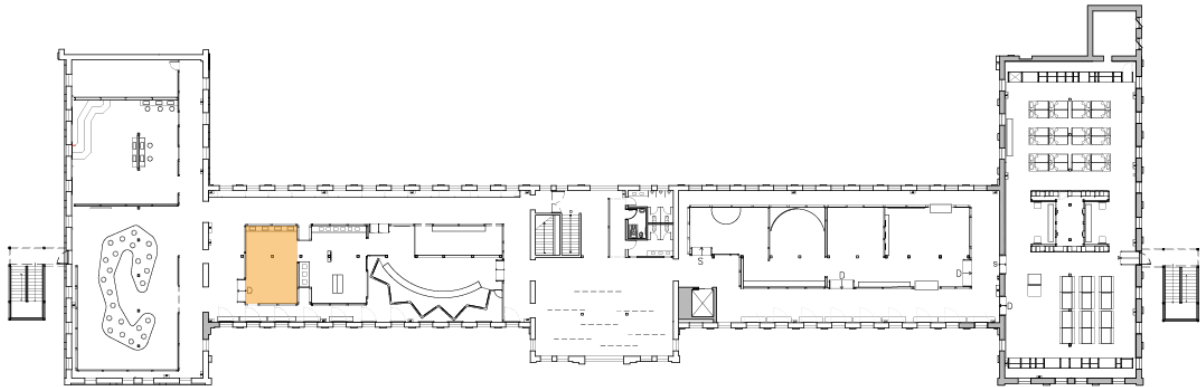
"Art. 121. §4º

- O trabalho agrícola será objeto de regulamentação especial, em que se atenderá, quanto possível, ao disposto, neste artigo. Procurar-se-á fixar o homem no campo, cuidar da sua educação rural, e assegurar ao trabalhador nacional a preferência na colonização e aproveitamento das terras públicas.

Decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930 (Lei dos 2/3):

- determina "2/3, pelo menos, de brasileiros natos nas empresas, associações, companhias e firmas comerciais, que explorem, ou não, concessões do Governo Federal ou dos Governos Estaduais e Municipais"

MÓDULO 8 - Diáspora Brasileira



M8.AV1 - Projeção Diáspora Brasileira - com depoimentos

Brasileiros pelo mundo:

A projeção exibe o mapa-múndi junto a dados gerais sobre a diáspora brasileira, em loop e sem som.

Simultaneamente à exibição dos depoimentos nos terminais, a projeção indica a localização geográfica dos depoentes no mapa-múndi, exibindo uma marcação da pessoa no local

M8.AV1.c-Depoimentos - Vídeos

[Luis Felipe Fontes Lessa](#) - Local: EUA - Miami;

[Benjamim Abras](#) - Local: França - Normandia; [Mayara Longo Vivian](#) - Local: África do Sul - Cidade do Cabo; [Thiara Gizili](#) -

Local: Portugal - Porto; [Juliano Augusto Cândido Silva](#) - Local: Emirados Árabes Unidos - Dubai; [Felipe Modesto](#) - Local:

Canadá - Victória; [Paulo César Pereira](#) - Local: Argentina - Buenos Aires; [Day Rodrigues](#) - Local: Cidade do México; [Renata](#)

[Vilela Benites Codas](#) - Local: Argentina - Buenos Aires; [Adriano Augusto Fernandes Machado](#) - Local: EUA - Boston - *Viveu na

China - Shangai e na Rússia - Samara; [Daniele de Santana Santos](#) - Local: Argentina - Buenos Aires; [Ironi Isabel Ribeiro](#) - Local: Tanzania - Aruxa; [Patricia da Silva Nascimento](#) - Local: Portugal - Viana do Castelo

M8.AV1.d-Depoimentos - Transcrições

13 diaspóricos:

EUA - Boston, EUA - Miami, Tanzânia, Portugal [2 depoentes] - Porto e Viana do Castelo, Argentina - Buenos Aires [2 depoentes], Rússia, Vietnã, China, Canadá, França - Normandia, África do Sul - Cidade do Cabo, Emirados Árabes - Dubai, México - Cidade do México.

Luis Felipe Fontes Lessa

Local: EUA - Miami

Data da migração: 31/06/2015

00:04:09:17 - 00:04:15:16

Claro. Meu nome é Luiz Felipe Fontes Lessa, Eu tenho 32 anos.

00:04:19:15 - 00:04:28:23

Eu mudei para os Estados Unidos em 2015. Mudei no dia 31 de junho e cheguei aqui dia 1 de agosto.

Motivação

00:04:59:23 - 00:06:34:00

Claro. Eu sempre estudei em colégio internacional, então isso é algo que meus pais poderão me proporcionar e eu sou muito grato. Isso me abriu muito a cabeça de pensar o mundo inteiro ou pensar a um nível global, conviver com pessoas de diferentes países indo e vindo durante meu período escolar. E isso também me ajudou a sair do país e fazer experiências internacionais, intercâmbios e conhecer mais o mundo lá fora.

Então, para mim não foi, não era uma sensação ou um desejo estranho ou novo de morar fora. Eu estudei fora durante a escola e também eu tentei fazer um semestre da faculdade fora e eu não gostei e voltei para o Brasil. Fiz a faculdade e somente depois da faculdade eu voltei a sair do país e me erradiquei em Miami.

Antes eu tinha morado na Europa e e eu mudei para cá, mas em tese, porque meus pais estavam aqui e eu sentia que minha irmã já não estava mais no Brasil mesmo. Eu morava na Europa na época, então eu sentia que meu núcleo familiar já não estava mais no Brasil. Então eu pensei que seria uma oportunidade para eu morar nos Estados Unidos.

Eu nunca tinha tido a oportunidade de morar nos Estados Unidos antes e como meus pais tinham mudado para cá e eu tinha terminado a faculdade sem nenhum emprego, não tinha nenhum emprego garantido, eu decidi me aventurar e vim para os Estados Unidos e consegui emprego e fiquei desde então.

Experiência

00:11:23:23 - 00:11:52:10

Claro. É interessante. A minha experiência é um pouco única. Eu tenho muita ascendência europeia e exterior do exterior recente, que é do ponto de vista que eu ainda posso saber quem veio quando para o Brasil. Então eu tenho ascendência alemã e ascendência americana, o que facilitou muito eu mudar para o exterior, conhecer as línguas e ter conexão com esses países.

00:11:52:12 - 00:12:19:13

Então, muito interessante. Quando eu estive em colégios internacionais no Brasil, eu nunca me senti 100% brasileira, porque eu sempre tive amigos que estavam em colégios brasileiros, falavam todas as outras línguas, sempre foram consideradas

secundárias, enfim, e eram brasileiros assim, dos dois lados da família. Meu pai é mais brasileiro que a minha mãe. Minha mãe é mais internacional, mas eram todos brasileiros desde aonde eles podem nem saber de quando chegaram.

00:12:19:13 - 00:12:41:05

Então era muito definitiva para mim aquela coisa. Mas eu também tenho essa herança, eu estou num colégio diferente. Então, no Brasil, para mim sempre foi. Me senti um estrangeiro, apesar de ter nascido no Brasil, ser filho de dois brasileiros que também nasceram aqui, são brasileiros. Enfim, a mãe não nasceu no Brasil, mas ela brasileira. E meu pai é brasileiro, nascido no Brasil.

00:12:41:07 - 00:13:14:19

Então eu sempre tive assim o filho da americana e o filho do colégio Alemão, o menino que estudou no Colégio Alemão. Quando eu fui para a faculdade, especialmente, eu era quase um gringo e me considerava como se fosse estrangeiro. Era muito engraçado. Só que ao sair do Brasil, é onde o seu lado brasileiro floresce. E é assim. É onde você não consegue negar da onde você vem o orgulho, o seu jeito, o seu humor, gosto, enfim.

00:13:14:21 - 00:13:35:00

E quando eu estou fora do Brasil, é quando se acentua muito mais. Então é muito curioso. Eu nunca me senti tão brasileiro morando estando fora do Brasil. E quando eu estou no Brasil eu não me sinto tão brasileiro. É muito engraçado. E assim parece que nunca tem lugar perfeito, né? Mas a gente faz o que dá para fazer porque a gente tem com o melhor que a gente pode.

Adaptação nos EUA/Miami

00:13:35:02 - 00:14:00:07

Mas e aqui? Morando aqui nos Estados Unidos, eu nunca me senti tão brasileiro. E estar em Miami também é uma coisa que eu gosto muito, porque é uma das cidades mais latinas do país. Então eu descobri, além do meu lado brasileiro, eu descobri meu lado latino, que eu acho muito bonito também. E nessa cultura latina da América Latina, a nossa língua parece muito com o espanhol.

00:14:00:07 - 00:14:23:07

Então eu tenho muitos amigos que são da Colômbia, da Venezuela, da Argentina, do Chile, de Cuba, do Caribe, do México. E a gente tem uma cultura muito mais próxima do que a gente imagina, porque o Brasil é um país tão grande e a América é um continente muito grande. Se assim cabe, vai na Europa, dentro da América. Então a gente não se cruza tanto quanto os europeus.

00:14:23:09 - 00:14:55:12

Então a gente acaba não percebendo o quanto de comum a gente tem. E aqui vai a meu interesse tudo entra junto e eu sou o latino brasileiro. Então é assim, mais do que brasileiro. E eu sou embaixador do Brasil aqui. É uma coisa que eu sinto muito orgulho e carrego com muito orgulho. E eu gosto muito de ser e me expressar como brasileiro.

Me identifico muito mais com o brasileiro aqui do que eu me identificava no Brasil. Como eu disse e como outra pergunta que você fez. Acabei de perder o fio da meada.

Sente falta/Conexão com Brasil

00:15:05:18 - 00:16:05:08

Eu tenho meus dois pais e a minha irmã, todos nós meus no meu núcleo familiar imediato. Todos nós moramos fora do Brasil, porém todos os meus tios e primos ainda moram no Brasil, todos sem a gente é o único a parte dos dois lados da família que saiu. Então sim, tenho muito vínculo ainda com o Brasil. E vai e vem com o tempo eu vou ficando mais americano, vou começar novas conexões, mas ainda tenho vínculo muito forte com o Brasil, não só de família, mas também com amigos.

Eu tenho os mesmos amigos e eu diria desde os quatro, cinco anos de idade. Todos nós estudamos no Brasil na mesma escola e convivemos juntos. Muitos deles também têm um perfil parecido com o meu. É como se fosse copy paste, talvez da Alemanha, talvez com Suíça, talvez com uma Hungria, Portugal, enfim, porque por ter estudado num colégio internacional alemão, então eles estão fora do Brasil também.

00:16:05:08 - 00:16:50:20

Então a gente tem, a gente volta para o Brasil para se encontrar algumas vezes por ano. Eu fui em maio desse ano, tive o casamento de uma colega da universidade e vou voltar outra vez agora em dezembro, depois do Natal, e vou passar o meu ano novo nos Lençóis Maranhenses. Como um bom brasileiro gosta de um bom ano novo na praia, fiquei com e vou encontrar com mais de dez amigos que eu tenho a vida inteira, que estudaram e moraram no Brasil, alguns ainda no Brasil e outros que já moram fora e estão voltando para o mesmo propósito.

Então, sim, eu tenho muita conexão com o Brasil, com a minha família no Brasil, com amigos que estão no Brasil, com amigos brasileiros que moram em outros lugares e acho que isso responde a perguntas.

Conexão com comunidades brasileiras

00:17:06:17 - 00:18:06:04

Sim, mas não muito. Eu diria que por eu ter estudado todo esse meu como um background, até está faltando palavras em português para me expressar. Desculpa, mas todo esse repertório meu de como pessoa, você bem me fez uma pessoa mais internacional do que ser muito brasileira, assim, focada do brasileiro. Então, minhas experiências. Quando eu estive no Internacional, eu buscava até me desassociar dos brasileiros para ter a experiência imersiva. Então eu tenho esse perfil de não necessariamente precisar de uma comunidade para me sentir apoiado, para me sentir, pertencer. Então eu, eu tenho a tendência de, aliás, até focar em amizades de outras regiões e me expressar como o brasileiro e ser um embaixador e apresentar a cultura para esse grupo. Então eu diria que aqui em Miami meus melhores amigos são venezuelanos, colombianos, mexicanos e não necessariamente um grupo de brasileiros.

00:18:06:04 - 00:19:20:15

Obviamente. Sim, tem amigos brasileiros. Às vezes a gente sai, almoço de brasileiros e coisas assim, mas eu não tenho necessariamente. Eu tenho grupos de WhatsApp de brasileiros, do escritório, etc. Mas eu não tenho uma coisa assim, uma conexão de rotina com uma comunidade brasileira e focar e fazer essa comunidade e ficar convivendo com ela. Eu diria que o que eu mais como, mais me expesso é como é brasilidade neste momento é com comida.

Então eu vou no mercado específico para poder comprar pão de queijo. Aí eu dirijo para outro mercado específico para comprar requeijão. Aí eu vou no outro mercado para comprar coxinha. Aí tem uma padaria brasileira, eu vou até a padaria. Então eu gosto de trazer aquelas comidas que eu gosto, que eu cresci comendo em São Paulo, da onde eu sou para minha casa e convidar meus amigos e mostrar eu vou comprar.

Eu pago quase 10 \$, não biscoito, mas assim para mim enche meu coração de alegria, sabe? É o meu luxo, para mim é um luxo. Isso porque são coisas que eu sinto falta, que num mundo ideal eu teria tudo, tudo o que eu tenho, o que eu gosto do Brasil e tudo o que eu gosto daqui, num lugar, num limbo, sabe?

Brasileiros

00:19:47:01 - 00:20:45:12

Vamos na churrascaria. Eu convivo muito com meus pais desde que eu mudei para cá. Fiquei muito mais próximo dos meus pais, até porque o processo de mudar para um lugar novo e não ter muitos amigos é no Brasil. Desde que criança você tem tanto amigo que a sua agenda fica muito ocupada. O brasileiro é uma pessoa e é uma pessoa muito sociável, então a gente está sempre programando, fazendo, saindo.

E aí eu cheguei aqui. Aqui são pessoas de pouco diferentes, então eu acabei ficando muito mais introspectivo com a família, mas ao mesmo tempo isso eu peço para minha mãe fazer a comida brasileira em casa também, então quando eu vou com eles eu levo bem, eu comprei pão de queijo e pode fazer, eu não sei fazer brigadeiro, aí por favor, faz brigadeiro pra mim.

Então, coisas que no Brasil eu era uma padaria e resolvia. Agora eu vou para meus pais e me sinto mais acolhida. Então mais do que conviver com um grupo de brasileiros, eu volto pra casa e quanto mais eu, mais eu sinto que é a embaixada do Brasil na minha casa.

Preconceito

00:21:36:16 - 00:22:35:10

Sim. Mas eu diria que o preconceito foi não, porque o preconceito tem uma conotação. A palavra em si tem uma conotação negativa, mas esse preconceito positivo. Então as pessoas chegam a ser brasileira. Você é uma pessoa tão bonito, algumas coisas assim acontecem. Brasileiro é muito bonito, tem uns preconceitos. Se você não, a gente é diversa. Brasileiro sabe. Então, sim, já sofri preconceitos bons e ruins, preconceitos negativos eu recebi mais talvez não seja negativo. Na Alemanha me perguntaram se a gente tinha se andava de cipó para casa de São Paulo, uma cidade de 22 milhões de habitantes. A gente é maior que a sua capital e acho que quanto a minha cidade é um quarto do seu país, eu digo meu país tem dez vezes o seu. Então é engraçado que eles não são um pouco de ignorância de saber o que o Brasil é a imagem que é exportada, mas eu acho que isso passa.

Xenofobia

00:22:58:15 - 00:23:53:12

Não. Mas por exemplo, em Portugal, onde eu sinto que hoje existe uma maior xenofobia sobre imigração exterior, eu durante a pandemia, eu deixei de ir ao Brasil por complicações obviamente mundiais e acabei indo mais pra Europa e fiquei indo pra Portugal. E eu não sofri diretamente. Preconceito. Eu não posso dizer que me acho brasileiro ou algo alguma coisa assim, mas as pessoas ao meu redor, os brasileiros lá sim sofreram.

Então eu escuto dessa forma que sim, é lá onde sofre mais preconceito sobre a nossa imigração, ir para lá, imigrar para lá. Mas também existe o preconceito sobre brasileiro ser promíscuo. Brasileiro tem um monte de coisa. Isso eu senti já na França, isso senti em outros países, inclusive nos Estados Unidos. Mas assim, sobre brasileiros, não queremos vocês aqui e um pouco mais em Portugal.

00:23:53:12 - 00:24:38:11

Os outros países só têm aquele preconceito que é as três, quatro coisas que a gente sabe futebol, churrasco, sensualidade e carnaval. Aquela exportação básica, commodity brasileira. Eu sinto que sim, eu senti em todos os lados, mas principalmente fora da América Latina. Assim, talvez os países vizinhos menos. Eu já fui para o Chile, Argentina, não sinto isso tanto no México.

Eles são menos familiares como os Estados Unidos. Eu diria que a Europa, então essa minha percepção sobre os preconceitos não sofreu diretamente. Já recebi perguntas idiotas como eu tinha de ser, mas eu sei que eu sou, eu tenho consciência dos diferentes níveis de conhecimento e preconceito.

Orgulho de ser brasileiro

00:26:04:02 - 00:27:33:13

Boa tarde, Brasil! Eu queria dizer que o Brasil é um país muito, muito avançado e uma coisa que aprendi na faculdade que o Brasil é o país do paradoxo é o Brasil. Tudo funciona diferente do que no resto do mundo. Então, bom, as coisas vão para direita, o Brasil vai para esquerda. E ao mesmo tempo que o Brasil tem coisas incríveis, ele também tem umas coisas que como que isso pode acontecer?

Então eu acho que o Brasil é o país do paradoxo, mas eu amo e isso me fez me acostumar muito com o caos e com a instabilidade e se acostumar com o que? Com o fato que a única constante é a mudança. Então, ser brasileiro a gente está sempre cansada. Ai meu Deus, qual é o próximo? Qual é próxima pandemia, eleição e conflito e facada, sei lá, qualquer coisa que está acontecendo a gente pode politizar isso, enfim, mas está sempre mudando e a gente está sempre vendo o positivo e seguindo em frente.

Eu adoro a expressão brasileira, não desiste nunca. E eu digo isso, eu sei que qualquer um pode falar isso, mas assim esse ser brasileiro, essa a experiência de ter crescido no Brasil, o nosso humor, isso tudo constitui o que constitui uma pessoa brasileira. A raiz, a gente é única e acho que faz a gente muito competitiva como cidadãos globais.

E eu tenho muito orgulho de ser brasileiro.

Benjamim Abras

Local: França - Normandia

Data da migração: 11/12/2018

00:05:08:22 - 00:05:29:09

Eu sou Benjamin Abras é meu nome artístico. Meu nome é Benjamim de Oliveira Abras. Sou um artista interdisciplinar, tenho 48 anos, nasci no dia 6 de janeiro de 1975, em Contagem, periferia de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Auto descrição

00:03:10:09 - 00:03:40:20

Eu sou Benjamin Abras, sou um homem negro afro brasileiro. Eu porto uma blusa preta, um cachecol de lã grosso, um turbante vermelho e um óculos ao fundo. Eu tenho um fundo branco com armários de madeira com portas de armários de madeira que define o espaço da mina.

Motivação

00:05:53:09 - 00:07:50:07

Bom, faz.... 11 de dezembro... Meu Deus, faz seis anos que eu estou fora do Brasil por um período mais longo. Eu já viajei para fora do Brasil antes, graças ao meu trabalho como artista. Já viajei para vários continentes, estive na África, na Ásia, aqui na Europa várias vezes. Mas essa saída em 2018, ela se deu muito por conta da necro política brasileira, por conta da mudança desse governo que chegou de extrema direita com uma violência indiscriminada sobre todo mundo que estava produzindo qualquer coisa que fosse contra o sistema e que me obrigou a sair do país para não colocar em risco minha própria família e meus amigos. Porque eu fui aconselhado por uma advogada que, dentro dessa situação política do Brasil, assim eu não teria como me defender, porque esse sistema, quando os opressores são parte do sistema, que é o caso da Polícia Militar, da Polícia Civil gay e de tantos políticos corruptos que tem no nosso país, que o que participam de estruturas criminais. Eu tomei essa decisão de continuar a lutar para ter, por um pensamento afro centrado e empoderar o nosso povo, mesmo estando longe. Então eu tenho continuado a fazer o meu trabalho como artista, mas um pouco longe da nossa terra. Por conta disso.

Preconceito/Racismo

00:10:30:23 - 00:11:55:13

Bom, é como eu disse antes, essa não é a primeira vez. Esses seis anos que eu estou fora do Brasil, antes disso eu já viajei, já tive que passar pelas fronteiras da União Europeia, da própria África, do continente africano na Ásia e desde faz praticamente 16, 18 anos atrás, nas primeiras experiências, eu. Quando a gente passa por uma fronteira, um corpo negro, seja afro brasileiro, seja africano, seja latino americano, é a nossa experiência, é a mesma de tomar uma geral na rua. É a mesma, porque o olhar sobre o corpo negro no mundo, ele tem uma construção racista que foi feita pela colonização, que ainda persiste. Então, a primeira experiência de racismo vem na própria fronteira, porque você já é olhado de uma forma um pouco Opa, suspeito é, mas como eu falo inglês, cada vez que eu estava nessas situações, eu já vi pessoas dentro da própria situação de fronteira que não falavam inglês, então que elas eram tratadas de uma maneira diferente.

00:11:55:15 - 00:14:28:02

Mas quando você fala a língua do opressor, você pode falar olho no olho, tipo assim, para que ele compreenda que você entende o que está acontecendo, que você tem controle sobre a situação, se você está dentro também do seu direito e é o

passaporte forte, é uma ferramenta que nós, sendo brasileiras brasileiros, a gente tem algumas vantagens que vários, vários latinos não têm. Por exemplo, eu tenho amigos colombianos que já passaram problemas viajando para uma Bienal, ficaram interditadas em alguns pontos na Europa até chegar na Bienal, lá na África, quando eu fiz em 2014. É assim antes de chegar aqui na França, eu morei em outros países, eu morei na Tunísia, na África do Norte, morei um pequeno tempo em Portugal, morei um tempo no Marrocos.

Então é assim. O racismo é uma estrutura política mundial, né? O James Baldwin eu leio muito o James Baldwin e eu tenho assistido algumas entrevistas dele que agora, como eu consigo falar melhor inglês, eu entendo mais o que ele diz. É muito prazeroso. E ele fala isso num filme que é um documentário chamado Encontrando o homem Missing dele.

Ele fala onde quer que um corpo negro vá, ele ele está em situação de fragilidade, ele tem risco. Onde que ele vai conseguir se esconder da própria cor da sua pele? Em lugar nenhum. Então o racismo que eu já experienciei em todos esses países aqui, ele tem uma certa, uma certa diferença no sentido de que o nível de ignorância dos racistas daqui e ele é mesmo dentro daquele nível pessoal. Ele é racista, mas ela age.

Como aquela coisa de ignorância e com essa falsa modéstia que não existe porque não sabe que está sendo racista, mas pela falsa modéstia ele te trata bem, mas ele fala coisas racistas ali do lado. Não vou dizer que é toda, toda francesa é assim, mas existe isso aqui porque existe uma extrema direita francesa. Então quanto mais para o sul da França você vai, mais racismo você vai sofrer.

Sente falta do Brasil

00:16:23:04 - 00:17:52:13

E claro, sim, eu amo muito o Brasil. Eu tenho a felicidade de ter construído esse caminho como artista que é também um caminho no Brasil muito difícil para uma pessoa negra. E graças a isso eu viajei muito pelo nosso país. Então eu conheço o Brasil assim, quase de ponta a ponta, e tenho convites para visitar alguns lugares que ainda não pude, por exemplo, o Piauí. No Acre eu tenho amigos lá e amigas já me encontraram em Minas Gerais, mas eu tive a possibilidade. Então sim mesmo estou falando disso. Porque? Porque o tanto que eu conheço desse país, o pouco que eu conheço desse país continental que é o nosso país, eu sei que muita gente no Brasil não conhece, porque a gente vive uma política de restrição, de circularidade com essa restrição de circularidade. Muitas vezes viajando pelo Brasil, cada vez que eu retornava para Minas Gerais, para Belo Horizonte, eu falava Gente, você não sabe o que que tem ali naquela outra ponta do Brasil, ali no Amapá, no Sul, o Sul não conhece o Amapá, O Amapá não conhece o Ceará, Tocantins, tudo isso. Então, hoje, olhando através dessa lente, desta ânsia, eu amo ainda mais.

00:17:52:15 - 00:19:53:19

Eu tenho muito orgulho da nossa diversidade de ser encruzilhada, de que a gente é fruta de uma potência de resiliência criativa, né? A gente sempre teve esse discurso nos anos 80, como eu não sou 75, 85, eu era uma criança, mas eu ouvia esse discurso e eu me lembro muito bem brasileiro é vira lata, a gente é igual cachorro vira lata, a gente não tem raça, a gente é mistura. Então, tipo assim, quando você escuta Chico Science cantando que não tem nada de errado com a minha etnia, é muito bom. Você começa ali a refletir através da música, através de uma literatura, de outros escritores. E escritoras, que são potências. A nossa potência verdadeira é essa diversidade e essa capacidade de acolher é trans criar é transformar, é acolher a informação ancestral, não como uma informação pura.

Ah, não, esse é o candomblé puro. Essa é a maneira pura da capoeira. Não existe porque não existe no mundo. O que existe dentro de lá, na experiência africana é totalmente diferente da nossa experiência afro brasileira. E isso é uma riqueza. O que é nossa, a nossa resiliência a sobreviver, o caos dos trombeteiros de toda essa violência e que a gente continua lutando contra a necro política mesmo agora, é fruto dessa resiliência, dessa criatividade e dessa inteligência filosófica que o nosso povo tem de se conectar aos povos originários, de se conectar que falam francês. Outras culturas asiáticas, afro asiáticas, né? Então, assim, olhando de longe, eu tenho ainda mais amor pelo Brasil, é lógico. Eu sinto muita falta da comida.

00:19:54:20 - 00:21:05:23

Eu cozinho não tão bem quanto o meu irmão de Santo Mateus faz, mas eu faço alguns pratos brasileiros aqui justamente para poder matar a minha saudade. Porque tem um provérbio africano que diz isso é canto. Nós somos o que nós comemos. E na verdade é assim nós comemos com nossos ancestrais. Sim, a comida é muito importante. Eu sinto falta do tacacá, eu sinto falta de comer uma rabada. Comer língua de boi com minha mãe fazia de comer tanta coisa que tem só no Brasil que a gente chega aqui, fala caramba, tem jiló? Não, não perguntem quiabo não, não tem couve, não sei. Olha, está bom, como é que eu vou fazer? Então tem que fazer aquela gororoba. Você tem que fazer uma mistura, sabe? E se virar omelete, dá para fazer uma omelete bem mexido. Vamos fazer um mexido preciso mexido aqui para todos nós. Que prato é isso? Não é mexida, mistura mexido com o que você quiser, mas é desafio.

Adaptação na Tunísia

00:25:03:16 - 00:26:22:01

Eu sou uma pessoa brasileira. Sim, periférico é assim, onde eu vou, eu converso com todo mundo. Eu, a minha esposa, ela é francesa. Ela, eu conheci ela na Tunísia e quando ela me conheceu eu já estava na Tunísia fazia um ano, 11 meses e eu já estava criando um grupo de estudos de capoeira lá na Tunísia. O primeiro grupo de capoeira que teve na Tunísia fui eu que fiz, capoeira de verdade, umas pessoas exaltadas, aplicar isso na capoeira e acrobacia no circo. Isso é muito bom e capoeira de verdade é outra coisa. Até então eu comecei a trabalhar isso lá, como quando eu conheci a minha esposa, ela me observava. E ela fala assim cara, você conversa com todo mundo, claro, porque não fala, senão não, não estou te criticando, estou observando que tipo assim que eu ser aberto, que você chega e começa com as pessoas da. Mas seu grupo isso. Latino sou brasileiro. Eu sou mineiro e eu sou tagarela eu sou filho de Exu. Exu é povo, então isso é o axé da minha ancestralidade.

00:26:22:03 - 00:27:49:10

Se eu não me conectar com o povo, eu vou ficar muito frágil. Eu gosto muito de ficar comigo mesmo também em silêncio, escrever, ouvir música, mas as pessoas é a maior riqueza de um lugar, são as pessoas. Então, graças a essa relação, eu consegui, por exemplo, um emprego na Tunísia que na época eu não falava francês, eu falava só inglês.

Então conversar com quem falava inglês, conversar com o pessoal e um ator palestino aos ele conversando comigo. Ele falou aqui que você faz blog, sou eu, sou artista, eu trabalho com corpo, dança, teatro, aí mesmo, olha, a gente está precisando de uma pessoa assim no teatro nacional. E a mulher pensei: Ah, deve ser uma oficina física. E aí, você faz o que exatamente? Teatro físico e tal? Nossa, a gente precisa muito, se toca, é lá amanhã isso. Conversa de botequim, conversa de boteco lá na Tunísia. E quando eu cheguei no Teatro Nacional, conversando com o diretor da escola, eu saí de lá com contrato de trabalho e quando eu contei essa história para minha esposa, ela falou mas entendi. Então eu digo assim você, você se dá na relação que as pessoas são muito lindas, que você faz ballet.

Isso é mais do que é ser africano. Essa é a minha descendência.

Comparação Francês/Brasileiro

00:27:51:04 - 00:29:36:20

Na França, eu percebo assim o francês, ele é muito acanhado, é uma educação muito encerrada. As pessoas, tipo assim, você não pode chamar uma pessoa de você, né? Na língua deles já trava tudo. Aí no Brasil a gente não tem essa coisa de, por exemplo, Suellen, Suellen, Bárbara, Cecília. Quem for conversar comigo como você, com todo respeito, se for uma pessoa mais velha, eu vou dizer Senhora, se ela me disser Senhora, está no seu, já entendi, está tudo liberado. Mas com respeito, né? Mas a gente se conecta mais diretamente, já socialmente, eles aqui, eles, a relação começa com uma parede e uma é uma janela. Então a gente se olha pela janela, mas você não pode chamar a pessoa de você, você tem que chamar a pessoa de VU. Aí eu falei: Caramba, que dureza! Aí cada vez que eu vou no boteco, eu vou comprar uma coisa. Eu falo com cara que vou comprar um negócio assim, falar Jesus de ré, eu vos demando isso aí, gente, eu esqueço. Aí eu falo para com cara que tem cara que o olho muda um pouco, mas ele está lá.

Mulher também me chamou de tia, ele me disse você aí, mas é sem querer. E aí às vezes meu sogro está comigo. Antes eu joguei a persona no escuro. Esse tabu na cultura está bom, não porque é assim, porque a gente tenta se cuidar, está bom, a sua cultura tá bom porque tem isso. Os choques culturais são um choque cultural.

00:29:36:22 - 00:30:36:06

Então, o tempo tem me ensinado muito. Isso também ensina a fazer uma leitura muito, uma leitura bem fria dos véus que estão entre o racismo, entre o choque cultural. Muitas vezes a gente pode pensar estando no exterior, como a pessoa está se tratando de uma determinada maneira, que ela está sendo racista. Não, ela está sendo ela mesmo, porque ela é aquela, como por exemplo, um asiático não pega na mão da begin homem no Brasil não dá beijo aqui uma relação familiar, que é a relação de próxima.

É assim o homem quando ele é amigo, quando ele tem uma relação, ele dá beijinho, dá dois beijos, são deles meu cunhado, meu sogro, meus os amigos que eu fiz aqui também. Eles também. E ainda dois beijinhos. E eu falei: Ah, no Brasil isso não existe. Né não?

Por que isso aí é outra história. Depois eu conto procês.

Poema musicado

00:31:24:15 - 00:33:06:06

Não, é possível, claro. Eu escrevi uma música, uma música que eu ainda não lancei, né? Mas que faz parte da minha experiência lá na Tunísia. E eu vou cantar essa música porque ela pra mim ela tem muito do... A Tunísia, ela é um pouco como o Brasil, ela tem uma política racista, ela tem uma corrupção terrível que impede o povo, o verdadeiro povo tunisiano, de se levantar e de transformar a própria vida na política colonial e de corrupção. Tudo isso. Mas o povo povão tunisiano não é racista, é acolhedor, me tratou muito bem. Sabe quando a gente entra na favela assim, a pessoa já fala quer tomar um café. E foi o que aconteceu comigo lá nesse nível. Então, assim eu comecei a escrever essa música lá, misturando com uma música que eu aprendi com a primeira mestra benzedor, meu mestre de dança de bar, um sujeito que é um canto de trabalho, esse canto de trabalho.

Eu misturei esse canto de trabalho com esse poema para poder falar e construir essa canção que se chama inshallah. Esse inshallah já é um neologismo que inshallah quer dizer graças a Deus. Então, na verdade, inshallah, isso é graças a vida. Então isso foi assim e está musicado, mas eu vou citar ele performar ele como um poema.

00:33:06:07 - 00:35:05:18

[Poema cantado]

Xenofobia/Racismo

00:35:05:20 - 00:37:37:20

Que era a resposta que eu ouvia no mercado e no mercado. Eu fui coletando essas palavras no mercado de uma senhora que eu, na Tunísia, que ela cada vez que ela me via lá. Maradona espagete. Eu falei não tem nada a ver, mas era a maneira dela se conectar comigo. E aí eu ouvia as mulheres responder ela ao dizer [palavra de outra língua] de cara parece beleza. A gente pega, ouve as palavras. Então eu construí essa música, esse poema, pensando justamente nesse lugar de intersecção que é o processo do mundo, processo do mundo. E que essas trocas possam acontecer sem xenofobia, nem que o mundo seja menos xenofóbico. Mamadu é um nome que vem da cultura muçulmana na África que é Mamadu. É um pouco como Moab, que é o nome do profeta.

Então, como todo mundo põe o nome de José e de Maria no cristianismo, nas pessoas lá pelo nome do profeta, em todo o mundo. E aí que é uma coisa da cultura muçulmana, é religiosa, mas é uma palavra que aqui na França eles usam. Pessoal de extrema direita usa de forma racista. E eu fui chamado de Mamadu um dia o carro estava passando e a gente estava indo para o Monte São Michel e o cara gritou: É Mamadu!

Eu não entendi nada, mas meu sogro e minha esposa quase pegou uma pedra para sua cara. Por quê? Eu falei: O que foi que você está fazendo? Não é esse cara... Não acredito que eu ouvi isso. Eu falei Eu não entendi nada. Aí meu sogro falou Ele te chamou de Mamadu Mamadu Mamadu, no sul africano. Mamadu é o nome africano dele, mas é isso que ele quer dizer que você é africano. Isso é uma maneira racista de falar algo para mim? Eu tenho. Ouço chamar se Mamadu Benjamim. Mamadu Abras tá ganhando, vai pescar Aí eu consegui. Meu sogro ficou assim, tipo com a minha reação foi faz isso mesmo, tem que

ligar para ele, não por importante saber, mas não interfira na gente não. Então eu adicionei essa palavra na música depois dessa experiência maravilhosa.

Comunidade Brasileira

00:23:09:10 - 00:25:22:07

Olha, eu tenho. Eu tenho amigas brasileiras que vivem aqui, que também são artistas, mas eu estou ainda numa situação que é um pouco como dizer eu estou numa encruzilhada, que é o que ainda estou no processo de ter os meus papéis para transitar livremente pelo território, tanto pelo território francês quanto pelo território europeu. Então, essa identidade francesa eu nem citei ela, nem ainda estou com uma identidade brasileira que é a [palavra em Francês], sem achar que seja uma pessoa. Ela não pode transitar livremente pela Europa e nem pelo país. E você é pego pela polícia, pela polícia e te olha e resolve perguntar pelos seus documentos. Lá eu vou receber mais um convite. Você olha pra sair do território que é, não tem tenho documento, então eles vão fazer tipo um comentário você está aqui, já passou tempo de estar e tal e eu estou nesse processo, então eu não posso transitar muito. Mas eu converso com algumas amigas que eu tenho online. Tem uma pintora, Gabriela, que mora em Paris, e Fabiana Souza, que também habita em Paris. Ana Pi Mas a gente não conversa muito que está cada pessoa no seu fluxo de vídeo também. E eu vejo assim elas já estão aqui há muitos anos. É diferente. Gabriela Ela é mais velha do que nossa geração.

Eu acho que Fabiana Talvez ela seja um pouco mais nova que eu, não tenho certeza. Ela é da minha idade e Ana Paula é mais nova. Então a gente, a gente se conhece há muitos anos, mas a gente não tem uma relação familiar muito forte e elas estão há muito tempo aqui na França. Então eu vejo que às vezes eu vejo nelas uma uma postura de educação do lugar, que é diferente da minha. Eu sou uma pessoa brasileira. Sim, periférico é assim, onde eu vou, eu converso com todo mundo.

00:41:26:19 - 00:42:43:07

Tem próximo, né? Eu estou na Normandia, perto da Bretanha, então na Bretanha, e a gente tem uma comunidade forte brasileira lá. Inclusive tem uma brasileira lá que eu conheci quando eu estava ainda no processo de esperar a renovação do meu visto Cheng para eu entrar na França, lá em Montenegro. É um país pequenininho, ali do lado da Croácia, entre a Croácia e a Grécia, naquela região tipo hoje Montenegro.

E a Daniela? Ela organiza essa, esses encontros lá em Rin. E aí ela tinha me convidado para isso. Vai ter uma feijoada que não tenho papel ainda. É um pouco arriscado, tipo assim, passar lá pra isso e tal. Eu fui aconselhada por uma advogada. Olha, espera que esse papel, se você está bem, você está seguro e tal com a sua esposa, já está casado, já é tipo assim, já está tudo encaminhando bem.

Então tipo, toma cuidado, agora é uma questão de cuidar. Tenha cuidado que vai dar tudo certo, já tá tudo dando certo. Eu não sei, mas eu sei que tem lá tem. Tem grupo de capoeira lá em Paris, lógico, a capital. Então tem muita coisa, mas.

00:42:53:18 - 00:43:36:10

Eu não tenho certeza, não tenho certeza, mas eu acredito que tenha carnaval. Certamente eles devem fazer um carnaval lá, como esse dia da feijoada lá é uma promoção de reencontro entre brasileiros e Reina é super forte. Uma das pessoas que estava me orientando no começo sobre a questão da cultura brasileira aqui ela. Ela já está aqui já faz 20 anos. Aí ela falou Olha, tem essa associação. Se precisar falar de alguma coisa de informações, não é uma associação política da informação, me diz o que é possível, entende? Então, eu acredito que deva ter muito movimento nesse sentido.

Mayara Longo Vivian

Local: África do Sul – Cidade do Cabo

Data da migração: 2020

Auto descrição

00:07:30:13 - 00:07:49:16

Eu sou uma pessoa branca como uma tatuagem no canto esquerdo do olho, estou como cabelo preso e atrás de mim eu tenho uma janela só um ambiente externo, certo?

00:08:11:11 - 00:08:15:13

Agora? Eu estou na África do Sul, na Cidade do Cabo.

Motivação

00:08:41:13 - 00:09:41:16

Eu trabalhei com um fotógrafo que morava aqui, já estava fazendo isso fazendo dez anos, natural de Estados Unidos, ele já morava aqui uns dez anos e eu já tinha planos de sair de São Paulo para São Paulo e gente, planos de sair pra poder viver fora sem nada urgente, matar a planejamento fabuloso. Só que tinha esse desejo. Eu morei fora já há dois anos. Vi um cara que você vê e começou a fazer guia, então você deve ter visto uma exposição, levou um ano e meio e assim que eu recebi meu visto foi a minha. E quando o país abriu de novo, eu já não tinha mais dinheiro para isso até começar do zero dois. Como todos os outros, não queria começar de novo e também a conjuntura econômica do país, forçando minha estava bem debilitada, mas fora do Brasil, o que me fez não voltar pra essa opção.

00:15:29:03 - 00:16:04:07

Pra mim é uma coisa gostosa, que motiva muito a evoluir. Eu aprendo bastante com a experiência que todo mundo devia ter é muito bom, uma grande potência. Eu tinha várias opções lá e eu achei super interessante destacar por esse meio esse conjunto de fatores. Mas o fato de ter um amigo aqui, dois amigos que poderiam me ajudar, eu vim como por um acaso passado e fiquei três meses e quando a gente parou pra pensar, eu não tinha essa ideia de que ia rolar.

Sente falta do Brasil

00:20:15:08 - 00:20:42:02

Agora, uma das questões também que eu senti como o Chile, é que esqueci de mencionar na primeira pergunta. De cara eu sinto que no campo das relações, do afeto, do lidar com o mundo, lidar com a vida. Claro que no Brasil a gente traz muito você com você, uma coisa muito preciosa que a gente tem. Mas daí, do meu coração, quando cheguei aqui, eu entendi o melhor do Brasil.

00:20:42:02 - 00:22:06:17

Do que eu gostava do Brasil era a África. Então eu fico aqui mesmo, porque as pessoas são muito carinhosas quando eu fala as pessoas a muita gente, né? Então, mas as pessoas que são africanos aqui são muito carinhosas às vezes. A quantidade de vezes que eu falo com ela falou ah, ela viu, eu falo nossa, a gente nunca falou eu te amo no Brasil.

Então mas não por sentido romântico, mas no sentido de... Eu lembro e fiquei três meses lá e a semana que estávamos vivendo todo mundo e a gente falou vai que é um pouco a saudade, vou falar algo, é muito abraços o tempo todo, pessoas muito queridas. A questão do toque de não sei não, tudo bem, tudo certo.

Então aqui eu me senti muito acolhedor. Uma questão quando eu digo que não é todo mundo, sei lá, eu acho que as africanas são descritas vezes, não são tão assim, eles são ainda. Mas a maioria das coisas que eu percebi porque foram do tema tem essa pegada que lembra muito. Lembra muito essa coisa da avó que pega braço, a comida da avó só de vizinha, que é quase parte da família, essa coisa nesse mescla filha, eu senti muito isso.

00:22:06:22 - 00:23:32:14

E aí foi uma data de eleição ainda. Eu queria ficar, porque outros lugares que eu tentei morar, essa coisa me pegou muito, né? Então, essa questão do afeto do brasileiro eu acho que dialoga muito assim, aqui a gente se sente em casa, mas nesse quesito em que está aumentando, é já na reprodução total, ainda mais a mídia. Agora, se a gente sente falta, eu tenho certeza que todas as entrevistas, todo mundo vai falar essa comida, não comida, fora a comida.

Então outro dia a gente fecharam a rua aqui embaixo nesse ponto. E tem a gente tem um casal maravilhoso que é assim, falando em afeto, desmoronou, parece a baiana em questão. E aí eles fazem feijoada, pão de queijo, tapioca, cafezinho brasileiro. Então, assim eles dão uma salvada gigantesca. Tem trilha. Então tem uma coisa inocente, que são pessoas que não falam de beleza, que é a pessoa brasileira, porque tem o nosso jeito de fazer as coisas, É puta, cara.

E é. Eu tenho certeza que a nossa gente é melhor que em todos os países que eu vou, todo mundo vai, os brasileiros, os gringos vão, porque sei lá que que acontece, então, comida, essas coisas. E tem uma coisa que eu não sei se chegaram a mencionar, mas assim o brasileiro, ele tem um padrão de limpeza, tanto higiene pessoal quanto limpeza dos ambientes, que é assim um estandarte muito alto.

Outros países da África/Amizades

00:28:06:20 - 00:29:21:16

Na África Subsaariana. Digo que está aqui porque assim, por exemplo, da galera que eu sou mais próxima, tem um companheiro que é de Botsuana, tem os companheiros, muita gente do Zimbábue e algumas já tem mais de dez anos, mas aqui também tem. Então você comeu comida? Tinha e tem vários restaurantes, tem uma comida deliciosa em cima, então você consegue que nem quando você está em São Paulo você tem.

É da América Latina. Acho que a gente tem bastante gente de toda a África, então eu sou uma privilegiada nesse sentido. Porém, eu não visitei nenhum outro país ainda. Estão planejando ir pra Moçambique. Um dos meus melhores amigos aqui, talvez por causa da língua, né moçambicano? A língua também é uma questão. A gente finge que não, mas por exemplo, eu estou lembrando agora quando eu vou pro bar eu acabo sentando na mesa com o moçambicano, porque no frigir dos ovos, a gente a gente quer falar mal dos outros na vida da gente. E eu adoro que eles falam assim, que eles não falam português, eles falam 'pretoguês'. Mesmo assim, eu acho bem mais fácil de entender do que a parte de Portugal, porque. Eles falam 'pretoguês'.

Aproximação com brasileiros

00:32:06:00 - 00:32:53:06

Porque como eu vim com outras pessoas que eu conheço, é muito incomum que brasileiro geralmente vai pra onde tem brasileiro, o que é comum em qualquer processo migratório. A gente vai pra onde tem comunidades estabelecidas que fazem essa transição com a gente, mas eu não vi. Então eu perdi essa parte de ver a comunidade brasileira. Eu tenho algumas referências brasileiras aqui que me fazem viver melhor, que é baianas em capital. Tem um grupo de capoeira aqui também, que até possui contato com a Bárbara, que eu vou até levar uma amiga nossa que trabalha, que é africana tal. Sei lá, pensei que ela fosse fazer isso. Então tem essas coisas que dão uma segurada com a gente, tá muito bom. Se você vai lá e dá uma, aquela de dar uma segurada, mas é falar português então, ou falar português?

00:32:53:06 - 00:33:21:05

Eu também sempre fico buscando. Tem muito mais moçambicana que brasileiro e angolano também tem bastante mais porque por n motivos acaba retornando mais uma galera. Então eu também sempre vou nesse refúgio para falar português que só dar uma olhada no coração

Preconceito ou xenofobia

00:41:32:23 - 00:42:24:06

Não, não. A África do Sul, um país assim além, é bem cosmopolita. Eu acho que é assim nas áreas rurais, na África, no geral, como em qualquer lugar. A frase no Brasil, a galera mais conservadora. Mas isso é uma regra só. Nas áreas rurais praticamente não tem uma sociedade matriarcal. A galera vai ser mais conservadora, vai ser religiosa mais.

Mas não, não tem uma coisa sempre zero no nosso passaporte, tanto no papel quanto no amor. No sexo, ele é muito bem aceito. Então você fala se é brasileiro, todo mundo vai abrir um sorriso. Vai Brasil, eu vou deixar aqui que vocês gostam tanto da gente, vai ser de todos os lugares que eu vou. Todo mundo tem uma coisa com o Brasil, a gente quase não tem essa coisa.

Thiara Gizili

Local: Portugal - Porto

Data da migração: 2019

Auto descrição

00:02:58:01 - 00:03:21:03

Sim. Bom, sou tiara. Sou uma mulher de pele branca, cabelos médios, cor escura. Estou usando uma faixa no cabelo e óculos e um agasalho cor roxa. Atrás de mim tem uma janela e também um vaso de flor e um quadro. Algumas coisas.

00:03:29:00 - 00:03:40:12

Sim, meu nome é Thiara Gizili. Eu tenho 37 anos e a minha data de nascimento é 23 de janeiro de 1986.

Motivação

00:04:18:07 - 00:04:52:12

O motivo principal de ter saído do Brasil. Eu emigrei com o meu companheiro nós dois anos juntos e e nós saímos a princípio, por conta das questões políticas no Brasil, depois da eleição do Bolsonaro para a presidência em 2018 e por questões pessoais, também estávamos já desenvolvendo depressão e outras questões psicológicas também por conta dessa situação política. Então viemos em 2019 pra cá.

07:32 Processo burocrático para imigrar

Como é ser brasileiro em Portugal

00:11:36:05 - 00:12:11:18

Orador 2

Olha a parte que eu tenho uma relação com o brasileiro bastante complexa, sem muitas camadas. Ao mesmo tempo em que a população portuguesa, muitos foram para o Brasil, muitos têm algum amigo, um parente, enfim, sempre tem alguém no Brasil. Então você pode ser recebido de uma forma Ah, eu conheço o Brasil, eu gosto muito de lá. Por outro lado, quando você está aqui, eles também têm uma relação ainda muito forte.

00:12:11:20 - 00:12:42:07

Essa marca colonial. Então é isso aí, o brasileiro vem aqui, reclama, volta pra tua terra, então você não pode falar nada. Apesar dos portugueses reclamarem de tudo quando o brasileiro abre a boca. Ah, mas vocês reclamam daqui. Vocês deveriam agradecer. E todos os grupos que eu faço parte são grupos de mulheres, são grupos de mulheres imigrantes e não só de brasileiras, mulheres, imigrantes, brasileiras também.

00:12:42:07 - 00:13:19:12

Com um recorte político. São brasileiras que se identificam com a esquerda política. E é assim que eu acompanho muito delas. Primeiro, essa interseção na mulher brasileira já é um problema. As mulheres que se relacionam por aqui, que estão solteiras ou que enfim têm e estão se relacionando por aqui, sofrem muito preconceito por mulher brasileira. Aqui tem um sinônimo de trabalhadora sexual.

00:13:19:14 - 00:13:54:11

Então para não ter o termo que eles usam, então vocês já falam mulher brasileira é isso, é, é isso, eu sei, isso tá consolidado. Assim, para a sociedade portuguesa, tanto as mulheres quanto os homens enxergam na mulher brasileira somente isso. E é muito, muito difícil não ter isso das pessoas mais simples, as pessoas mais com mais bagagem cultural e intelectual, digamos assim.

00:13:54:13 - 00:14:32:19

Com formação, a gente vê a mesma, o mesmo comportamento. E o outro ponto que eu acompanho bastante nos grupos, que não é o meu caso, são as mulheres mães. Com as crianças. Isso tem sido um problema sim, muito, muito grande. Aqui em Portugal, porque a educação em Portugal ela é problemática. Eu trabalho na área, então eu acompanho, ainda tem modelos de educação muito atrasados, principalmente no público e e isso reflete muito na relação e no acolhimento da criança imigrante na escola, né?

00:14:32:21 - 00:15:15:15

Então eu tenho casos de dois casos assim, de mulheres próximas a mim, que a filha sofria na escola e ela não conseguiu resolver de nenhuma forma. E eu sofri assim. Não era só bullying, era assédio mesmo. E é de falar com a coordenação, falar com os responsáveis. E aí vocês brasileiros exageram, então eles nunca levam a sério. Quando uma mãe não só brasileira, mas também de outras nacionalidades do Sul global, quando a mulher vai reclamar na escola, a mulher mãe, eles não, você está exagerando, não é assim e não se toma providência.

00:15:15:19 - 00:15:42:11

Então você não tem a quem recorrer. Enquanto a sua criança sofre diversas violências, inclusive a violência física, não se toma providência assim. Eu vejo muitos casos. Uma em que a criança apanha na escola e não é feito nada e é preciso trocar de escola e tentar a sorte novamente. É muito complicado.

Sotaque brasileiro

00:17:05:15 - 00:17:36:08

Agora na rua, você ouve muito o acento brasileiro. E esse medo é surreal assim a ponto de levar criança para terapia da fala, levar essa criança para fazer acompanhamento médico terapêutico como se fosse uma doença. Você pegar o acento de outra região é muito. É muito estranho isso para mim.

Apoio de brasileiros em Porto

00:17:52:09 - 00:19:25:14

Tem aqui no Porto, não é assim tão grande ou tão antigo quanto as associações que já existem em Lisboa e Lisboa. E o acho que é o ponto central aqui em Portugal para imigrantes em geral, não só os brasileiros, a gente vê mais associações de imigrantes e mais serviços. Assim, aqui no Porto está crescendo. Eu acompanhei nesses quatro anos que eu estou aqui, já deu uma grande mudança. Simplesmente depois da pandemia, chegaram muitos brasileiros aqui no norte de Portugal. Então isso tem também fortalecido. A gente tem aqui no Porto e a Associação de Imigrantes de Apoio aos Imigrantes, mas também tem pequenos grupos independentes que se fortalecem com o passar do tempo. Tem um grupo que começou como um maracatu e agora já é um grupo também de apoio. Oferece apoio diversas. Sim, a gente tem até plataformas também. E grupos online que também começaram, assim como uma rede, um ponto de encontro, uma troca cultural e foi aumentando. Eu desde que eu cheguei aqui, eu já consegui apoios assim, de fazer curso ou prática de outro idioma através desses grupos. Durante a pandemia eu consegui apoio. Eu também estava desempregada.

00:19:25:14 - 00:20:42:06

Durante a pandemia eu não estava trabalhando. Eu consegui um apoio através de uma plataforma on line que é de mulheres brasileiras em Portugal. Eu consegui apoio psicológico. Elas têm também uma rede de voluntárias, então era o apoio psicológico, social que era. Foi a única forma que eu conseguiria naquele momento. Então tem esses grupos organizados que estão cada vez mais fortes, assim tem onde encontrar. Eu acho assim, eu sinto que a divulgação não é ainda tão efetiva. Então o brasileiro que chega aqui ele conhece a partir o famoso boca a boca. Outra pessoa vai falar para ele tem esse grupo assim, assado, não é algo que esteja tão a mão assim. Quando você chega, os os das estruturas que são mais institucionalizadas são as que que você tem, né? Então você tem um centro de empregabilidade, o centro de emprego, só para isso, só para imigrantes. Então o que fica no centro de Porto? Mas assim, esses são aqueles que tem atendimento português burocrático, não é a mesma coisa. É acolhido pelos outros imigrantes e por uma comunidade.

Racismo e Xenofobia

00:21:06:05 - 00:23:44:14

Que é, e é difícil explicar assim, porque são também. A gente sempre acaba fazendo uma relação com de onde a gente veio. No caso de São Paulo, Brasil, que também existe, né? Tantas pessoas acreditarem nessa ilusão de miscigenação e de país que não, não, não passa por isso. A gente enfim viveu um genocídio em andamento e de uma parte da população. Então o meu companheiro quando chegou aqui falava isso derretessem uma coisa que ele me disse, ele foi olha, mais do que eu já passei em 40 anos de vida. Eu não, não é que aqui é pior ou melhor, ele falou Racismo sempre é ruim e mas eu já estou como se fosse treinado para isso, para enfrentar. Eu nem enquanto brasileira passo por aquela que ele famoso, né? A mulher branca no Brasil que fora do Brasil descobre que é latina americana, que não é branca nada, porque está ocasião não são os europeus, eles nunca vão te ver assim. Então tem esse fenômeno que as pessoas descobrem a racialização a partir do momento que elas vão para fora do Brasil. Eu por acaso já descobri antes no Brasil, não comigo, mas com as pessoas que são próximas e são as pessoas do meu convívio. Então não tive essa surpresa. Já sabia o que ia encontrar aqui, mas ainda assim, em comparação, é muito, muito, muito mais pesado com ele o racismo aqui ele tem uma característica diferente do Brasil, desde as pessoas que não, que não agem com a intenção de ferir, não tem aquele tem aquele lugar da ignorância. A gente aqui no Norte a gente percebe muito isso, porque tem pessoas que simplesmente tem essa educação, pessoas mais velhas e que não tratam com a intenção de ferir, estão ali a preto. Não sei que representa aquela, posso de chamar assim ou se chama assado e começam essas coisas. É o meu companheiro no trabalho, ele começou a trazer essa experiência, trocar comigo, falar. Tem pessoas que eu não me incomodo porque realmente elas não sabem o que estão falando. E quando eu começo a educa-las sem dar esse letramento racial, elas me ouvem e falam.

00:23:44:14 - 00:25:22:14

Então é diferente. Por exemplo, com as pessoas violentas que aqui são muitas, que existe uma violência mesmo, que não é, não sei, não se torna física, mas existe uma violência no tratamento, é direto ou a forma como os jovens, como pessoas nas instituições, tratam é muito, muito claro. Então a gente passou por uma experiência que assim que a gente chegou, teve um caso de um homem na mesma idade, um homem negro, 40 anos, não era estrangeiro, era um português. E eles não reconhecem isso. Não é qualquer pessoa negra. Eles falam ah, você é e fala a origem dos ancestrais, nem que não seja os pais. Às vezes já é a terceira quarta geração, mas eles nunca falam que é uma pessoa negra portuguesa. Isso até nos meios de comunicação. Nos jornais saiu assim: Esse rapaz era um homem de 40 anos, foi assassinado por um ex militar, um senhor por conta do cachorro dele. Ele passeava com cachorro. Incomodava aquele senhor que passava em frente da casa dele. Começou uma discussão. O senhor disse que ia mata-lo em um dia. Matou a sangue frio no meio da tarde na rua, sem o menor medo do que poderia acarretar ele cometer esse crime. E é essa a relação, assim que a gente sente um pouco diferente, mas que infelizmente no Brasil está ficando muito parecida que aqui o racismo.

00:25:22:14 - 00:27:34:00

Ele acontece de uma forma muito nítida, muito escancarada na fala. E também nessa relação. Não há esse medo do não é, não é, não é educado. Ser racista também não é uma coisa muito não há em qualquer espaço Você ouve as pessoas, elas não têm o menor pudor. É, infelizmente o Brasil está se encaminhando muito para esse lugar também, de não tem mais esse pudor de tentar esconder o seu racismo aqui, aqui escancarado. E eu sinto que no Brasil está ficando muito parecido. E então a gente viu esse caso, acompanhou esse caso e foi impossível não ter identificação. Era um homem de 40 anos, era alguém da área do teatro e ator, por isso foi bastante divulgado pelo grupo que ele atuava e tudo. E é para o meu companheiro. Foi muito difícil subjetivamente, estar nesse lugar, estar aqui e vendo que poxa, eu achei que eu vou ter um momento em que eu me iludi a ponto de achar que eu estava mais seguro em relação a a minha vida não é feito. Eu achei que estava num lugar em que eu não corria o risco, que eu corria em São Paulo de ser assassinado por motivo nenhum, pelo simples motivo de ser quem eu sou. Então aquilo ali foi o nosso maior choque de realidade de ali de ver que bom, isso tá escalando aqui também, nesse sentido que a gente acompanhou outros casos, né? A gente já viu casos em que a mãe foi agredida porque o filho estava sem o passe do ônibus, então o motorista sentiu no direito de agredir fisicamente essa mãe. Ela não desce do ônibus e bateu nela ou foi espancada e e essas coisas. Quando a gente vê na Justiça portuguesa é muito assustador, porque os casos realmente acabaram em nada, em nada.

00:27:34:01 - 00:28:40:18

Recentemente um ativista do movimento negro aqui em Portugal, uma mãe foi julgada por difamação, então um neonazista português moveu uma ação contra ele de formação por ele ter chamado esse não nazista de nazista e ele foi condenado. Mamadu foi condenado. Isso aconteceu agora esse ano ou desfecho do julgamento dele. E é uma coisa assim impensável. Uma pessoa que sofre ameaças. Mamadu, você entra nas redes sociais, se você jogar no Google o nome dele vai aparecer. O tanto de matéria você vai nos comentários. E são só ameaças, são só ameaças contra ele e assim como também outras pessoas negras que ganham visibilidade, mulheres e homens. E isso elas só recebem ameaças na internet é um número assim, assustador, assustador e isso é.

Choque cultural

00:32:47:22 - 00:36:14:16

Um pouco. Há muitas coisinhas e um conjunto de coisas em pequeno sim, mas tem. Tem um outro lado que eu acho que o Portugal, por ter essa relação com o Brasil que parece ter sido colônia de Portugal e ter muita influência cultural no Brasil, então a gente reconhece muita coisa, então tem muita coisa que a gente olha, foi daqui que veio a assim, tem uma familiaridade que não se encontra em outros lugares e isso é fato.

Não, não se encontra a mesma familiaridade que a gente tem até no dia a dia, sabe? A comida é mais fácil, não é a mesma comida, mas enfim, a comida mais fácil, o dia a dia, a língua. A gente percebe a diferença. É gritante a diferença, principalmente aqui do centro para o norte de Portugal. E realmente tem momentos que você até para e pede para a pessoa repetir no começo, porque é uma diferença brutal, brutal, mas eu acho que o maior choque que eu levei assim, de não encontrar essa familiaridade com o Brasil, eu acho que é realmente nessa, nessa questão do eu não sei, da juventude, sabe?

De ter contato, de ver na rua uma juventude que é muito tradicional e tradicionalista. Então é que no Porto é muito comum você ter os jovens que fazem parte da praxe na faculdade. Então as universidades têm essa prática, que é uma prática do trote da pessoa. Os grupos mais velhos dos finalistas, eles no começo do ano letivo, eles aplicam ali as brincadeiras, os trotes com os calouros, mas eles continuam sendo um grupo a parte.

Ao longo do ano. Então esses finalistas eles usam uma roupa específica, eles fazem parte de grupos, o grupo de música, o grupo de enfim, então os eventos que eles fazem, tudo e eles se caracterizam com esse uniforme, né? Eles usam uma roupa própria durante todo o último ano. Os finalistas têm de ter uma relação de poder nessa tradição, que é muito complexa para mim. Olha, se fala gente, isso é um diálogo entre eles. Ninguém se opõe, ninguém, ninguém. Você vê, todas as pessoas acham aquilo bacana, os pais vão acompanhar as tradições universitárias. E esse foi o meu maior choque cultural. Foi ver uma juventude que é tradicionalista. Não é exatamente o contrário do que eu esperava que os jovens fossem mais rebeldes e batessem de frente também. Uma juventude que é muito religiosa segue a igreja e participa, seja em grupos como o Escotismo ou enfim. E é uma juventude muito tradicionalista. Esse choque, assim meio por eu não ser mais da juventude que passei dos 30. Teoricamente eu não sou mais jovem, mas gostaria de ser. Então eu olho pra esse lugar falar é complicado, não tem tantos espaços assim de espaços de convívio que você espera.

00:36:14:18 - 00:38:23:07

Eu vou para um bar, vou pra um lugar assim. Existem, claro, né? Mas tem uma, uma característica diferente. Então é um clima diferente assim do Brasil. E é claro, eu acho que esse sim é um choque cultural que todo brasileiro tem em qualquer lugar do mundo. É a nossa forma de expressar o acolhimento. Aqui eu me senti acolhida sim, por alguns portugueses. Eu posso dizer que não, principalmente onde eu moro, são pessoas mais idosas, são pessoas de aldeia que dizem aqui que quando é do interior e eles se preocupam com a gente, falam com a gente, mas eles demonstram de outra forma, né? É aquela forma de te dar uma bronca ou querer saber como que está sua vida sem se meter muito na sua. Sim, mas é uma forma de acolhimento, é uma forma de demonstrar que você faz parte. Ainda assim, para o brasileiro aquele choque eu nunca entrei na casa dessas pessoas que me acolheram. O brasileiro já é. Vamos lá em casa tomar um café, né? A primeira coisa que você faz com um completo desconhecido na rua, isso a gente não encontra em lugares do mundo, né não? Só que em Portugal você não encontra alguém que vai falar Oi, tudo bem? Vem na minha casa tomar café ou já aconteceu aqui não acontece aqui muitas pessoas, principalmente as pessoas mais idosas assim, mas não só, mas em grande parte a maioria. A quantidade foi me

trataram bem, me trataram acolhida, mas sempre vai ter esse limite. A gente no Brasil é uma muito, muito. Demonstra o afeto de uma forma muito. E isso a gente abraça. Eu não vou sair por aí abraçando pessoas, pessoas até estranham, ficam Ah, meu Deus, essa pessoa vai me tocar, né? Então a falta do toque também foi um choque assim de que as pessoas não se tocam, não têm esse contato. Tanto que só no Brasil

O que aproxima do Brasil

00:38:35:18 - 00:40:06:13

Olha, eu acho que das coisas que eu faço aqui, que eu me sinto realmente próxima do Brasil, é esse encontro com a comunidade. Pra mim é muito doído, porque eu sempre quis ter experiência de intercâmbio, de morar fora, mas eu não tinha condições financeiras para viver isso e eu sempre quis. É bem mais nova, eu tinha uma ideia assim Ah, não, esse pessoal vai para fora para aprender outro idioma e fica andando só.

Como brasileiro não aprende nada. Então, eu tinha uma ideia bastante equivocada de comunidade. Eu achava que era isso. Você vai ficar só andando com brasileiro, porque você é como se fosse uma preguiça. Você tem preguiça de encarar a experiência com uma nova sociedade, encarar, fazer parte de outro grupo. E não é bem isso, não é verdade. Comunidade é o que te fortalece, né?

Hoje eu percebo que principalmente as mulheres que foi o meu meu grupo de acolhimento, se eu não tivesse esse grupo, você não encontrasse com outras brasileiras. Ia ter sido muito mais difícil, muito mais difícil. Sim, porque é isso. O contato com o Brasil que a gente pode falar da nossa forma o tempo todo, não ficasse policiando e tal palavra fica fazendo as trocas assim da pronúncia e de tudo.

00:40:06:15 - 00:41:48:06

E é não só não é só língua, também é gesto. Então você encontra outra pessoa para dançar, para abraçar, para acolher alguém que está olhando. Meninas, manda no grupo meninas, não estou bem. Alguém pode vim me ver e você sai da sua casa. Uma pessoa que talvez não é a pessoa que você converse mais no grupo mesmo. Você vai até a casa da pessoa e vai abraçar essa pessoa, vai estar lá com ela, vai fazer um chá.

Então isso me coloca próximo do Brasil, porque de fato é um micro Brasil, não é? Mas a gente cria uma comunidade fora e isso mudou muito na minha cabeça, porque é claro que eu estou voltando a um pensamento de quando eu tinha 17, 18 anos, mais eu nunca elaborei esse pensamento do que era ir para fora e viver na sua comunidade.

Eu nunca elaborei porque enfim, eu não estava pensando em sair do Brasil e quando eu saí foi que eu lembrei de nós. Olha como eu estava errado, Eu já não lembrava. Isso é muito errado. A comunidade é tudo, é uma grande comunidade, é muito importante. E eu percebo quando eu vejo os outros imigrantes, a gente se encontra também e cada um está no seu grupo.

Mas ao mesmo tempo também existe um grupo maior que engloba os imigrantes. A gente consegue também ali circular e se reconhecer. E essa familiaridade e essa identidade é muito importante, é o que faz voltar para o Brasil.

O que sente falta

00:41:53:13 - 00:42:24:01

Orador 2

Eu sinto muita falta dos nossos. Das pessoas que a gente ama. Não só a família, mas também a família. Que a gente escolhe, os amigos, as pessoas que a gente convive. Eu sinto muita falta profissionalmente, as relações profissionais, por mais desgastante que a gente tenha, também é difícil. A gente é exposta o tempo todo, mas aí é outra questão que estão se estudando.

00:42:24:01 - 00:43:21:18

Qualquer canto, mais eu sinto falta das relações profissionais no Brasil também. Sim, acho que é diferente. É diferente quando você vai para um lugar que é toda a sua trajetória, a sua experiência, tudo que você estudou não tem o mesmo valor. Então as pessoas sempre te tratam como se você não soubesse aquilo que você demonstra saber, mesmo quando você fala. Então isso é bastante complicado, não faz muita falta, você começa a sentir autoestima, fica muito machucada quando você é sempre a pessoa que ninguém ouve, ninguém dá valor ao que você sabe a seu conhecimento. É muito complicado. Uma

outra coisa que eu sinto muita falta e aí a gente diverte aqui em casa, né, meu companheiro? Porque eu gosto da cidade de São Paulo, acho que também por eu não ser de São Paulo, sinto falta de Guarulhos.

00:43:21:20 - 00:43:56:14

Então todo mundo que ali em volta, quando vai pra São Paulo é o nosso Rio que tem essa cidade grande. Então pra mim sempre foi São Paulo. Essa coisa do caos da metrópole sempre foi uma coisa fascinante pra mim, era algo que a mesma que eu pegava. O3h00 de transporte público eu sinto falta. É estranho. É uma relação um pouco Estocolmo, né Eu peguei, eu peguei feição em São Paulo, sabe?

Momento de lazer

00:48:04:04 - 00:48:59:19

Mas quando eu comecei a trabalhar eu percebi que sobrava tempo no fim do dia, né? Então os momentos de lazer eles estão, eles estão até com mais qualidade, porque a gente tem tempo até para pensar, então a gente vai chegar e vai até a praia quando é verão. Imagina se pegar uma praia? Quem é de São Paulo? Ali não é uma cidade no fim do Rio.

Então assim você vai para pra praia depois do expediente. Isso faz uma diferença tremenda. Sim. Uma coisa que eu faço, que eu já fazia no Brasil, eu pratico esportes, joga rugby e aí tem um time aqui. Então isso é um tempo livre, que acaba sendo também um tempo ocupado, porque eu vira um compromisso final de semana você tem que viajar para jogar e tudo, tem que se preparar mais.

Planos para o futuro

00:51:05:11 - 00:53:20:01

Olha, nesse momento a gente pretende ficar. Meu companheiro quer fazer o processo de cidadania por tempo de residência, que são cinco anos, e ele completa isso em 2025. No início, foi quando ele tirou esse da primeira residência. Então a gente se planejou para ficar. A ideia não era no início, mas com pandemia, com tudo ali. O meu curso se alastrou.

Era para ter durado menos tempo, que durou três anos, virou quatro e então a gente viu que estava muito próximo. Ele falou Não, eu quero ficar pra conseguir isso. Então nossa ideia é ficar até conseguir isso, mas a partir daí, então, a gente não tem intenção de criar raízes aqui em Portugal. Isso a gente já decidiu que não é o lugar que a gente sonha em juntar, envelhecer.

Não temos um destino forte. A ideia ir para o Brasil, ela é muito tentadora, está perto, enfim, da nossa cultura, dos nossos amigos. É um espaço que tem sido um mar. Ainda assim, o Brasil ainda é um lugar muito, muito perigoso, né cara? Para umas pessoas e isso interfere muito no nosso julgamento assim, né? O meu companheiro sempre diz ele falou olha, eu vim para São Paulo e é não ter certeza se eu vou voltar para casa todos os dias e conviver com isso.

Já convivi 40 anos com isso, sabe? Eu não quero mais. Então, em São Paulo, principalmente, e não só Brasil todo, mas não é uma escolha também hoje. Então a gente tá um pouco sem-terra pra voltar ou pra ficar, porque aqui definitivamente a gente não quer ficar. Então os planos agora, enfim, terminam aqui que a gente começou o que a gente tem vínculo.

Experiência de imigrar

00:54:54:01 - 00:58:06:01

Mas eu não acho que englobou tanto toda essa experiência. Eu acho que uma coisa que eu não sei se o que eu falo é positivo ou negativo, sabe? Eu não consigo colocar nesses termos assim, porque não é uma experiência, é imigrar uma experiência. Cada pessoa vai ter a sua, né? E alguns têm mais sorte, outras nem tanto. Eu tento sempre ver até nos momentos em que tenho sorte eu tento olhar para o lado para ver se é igual e eu vejo que não estou nesse lugar dos sonhos, mas eu acho a experiência da imigração muito válida.

Sim, eu sempre quis e sempre tive vontade de fazer intercâmbio. Sim, conhecer outra cultura por um tempo já pré-determinado e tudo. No fim, a minha experiência foi diferente de um intercâmbio, porque era isso, era uma imigração. Foi um pouco planejado às pressas assim e decidido também assim Olha, vou né, Seja o que Deus quiser, sabe que coisa é?

Mas assim é uma experiência muito enriquecedora, não só quando você é isso, você fica sem chão e não quer voltar, mas pode ser pra voltar também. Você volta. É clichê dizer você volta diferente, mas você se depara com outras culturas, te abre

muito também, porque você vai ver quando voltar. É uma coisa que, mexe muito comigo. E pelo fato de eu morar no centro de São Paulo, eu morava ali no Pari, entre a Ali, entre a Estação Tiradentes Luz e o Pari, ali na Rua São Caetano.

E eu convivia muito já com comunidades imigrantes, principalmente de andinos, peruanos, bolivianos e eram imigrantes brasileiros, pessoas de outras regiões do Brasil. E é muito doído, porque depois de você ser imigrante, você começa a enxergar mais os imigrantes. Quando eu voltei para São Paulo, que é uma cidade com muita imigração, eu olhava assim, falava caramba, essas pessoas aqui pelo que elas estão passando, como é que é?

Como é que, não é? O que elas estão sentindo? O que é que elas estão precisando, né? Acho que nesse ponto também é uma experiência muito válida você calçar os sapatos do outro e ver onde aperta, onde não aperta é diferente. Por mais que você seja empático e conviva, é diferente quando você realmente te passa por aquilo. Então, independente se a fala é positiva e negativa, eu acho que isso não é importante.

Importante aqui são experiências assim que mudam bastante a nossa visão de mundo e a nossa visão do outro que deixa de ser um pouco essa coisa. Nós e o outro passa a ser tudo misturado, sabe? Não tem mais essa barreira.

Juliano Augusto Cândido Silva

Local: Emirados Árabes Unidos - Dubai

Data da migração: 2021

Auto descrição

00:03:45:18 - 00:03:57:09

Meu nome é Juliano, tenho 34 anos, sou brasileiro. Hoje, morando aqui, Dubai.

Motivação

00:04:24:12 - 00:04:34:17

Desde julho de 2022, a desculpa de 2021, ou seja, dois anos e quatro, cinco meses

00:04:42:11 - 00:04:53:20

Estava morando em São Paulo? O que me fez sair do Brasil foi uma boa proposta de emprego. Imigração por trabalho.

00:04:57:13 - 00:05:01:23

Trabalho, mercado financeiro.

Volta p/ Brasil e saudade

00:05:07:01 - 00:05:16:06

Ah assim, sim, eu sinto você.

00:05:19:19 - 00:05:43:11

Sim voltei. Eu costumo voltar pro Brasil umas quatro vezes ao ano. Já foi algumas vezes, então acabo conseguindo matar a saudade. Mas vamos voltar sim. Além de claro, tem constante contato com os meus familiares, com alguns amigos que ficaram. Tem negócios no Brasil também, então acaba sempre falando pro pessoal.

Brasileiros em Dubai

00:05:55:14 - 00:07:30:10

Sim, aqui eu conheço alguns brasileiros. Na verdade, eles são grande parte das pessoas que eu conheço e apesar de não ser ou serem todas, eu trabalho numa empresa indiana, então sou cercado de pessoas da Índia, assim como alguns europeus também brasileiros. Eu não trabalho com eles, o dia a dia são mais amigos, então se existem, existe faculdade brasileira relativamente grande.

Ela é composta de quatro tipos de educação geral. A primeira são os lutadores de jiu jitsu, que são mestres, são muito bem quistas aqui. Muitos vêm para cá. O segundo são os emissários China, onde era uma oficina, muitas vir para cá trabalhar. Aqui existe uma empresa de governo que é uma companhia aérea gigantesca que eu tenho muitas brasileiras também, que vem para Cazaquistão.

A outra questão também, que a gente vê muitos aqui são, é que foragido da Justiça, a gente chama aqui da famosa turma dos brasileiros pirambeiras, que é o que mais tem aqui. Pessoas com fugindo do Brasil, escondendo dinheiro que vem pra cá também. A gente acaba trombando esses tipos de pessoas por aí. E por último, são imigrantes no geral.

Quem vem atrás de ou vem com emprego, como eu sou contratado no Brasil, vem pra cá, vem conhecer a cidade ou mora no Oriente Médio, acabam vindo pra cá por verão. Então, a comunidade brasileira, na minha visão, é composta basicamente desses quatro grupos.

Lazer em Dubai

00:07:38:09 - 00:08:30:21

Juliano: Eu sou muito ainda ligado aos esportes, então costumo fazer bastante e vou sempre à praia pra correr. Pra pedalar também é muito bom. Aqui você faz esportes, fazer natação na praia ou ir lá ver o pôr do sol é muito gostoso também. Eu sou muito ligado à leitura, então acabo deixando horas e horas a leitura e estudos, realmente absorvendo muito do meu tempo. A gente está sempre no processo de melhora que é estar sempre lendo também, tentando aprender e entender a cultura local, consumir material local para compreender melhor um pouco esse discurso. Basicamente é isso. Eu quero compartilhar momentos bons com meus amigos, fazer churrascos e festa.

Racismo e xenofobia

00:08:47:16 - 00:11:09:10

Juliano: Sim, aqui especificamente, existem vários tipos de racismo. Xenofobia, por exemplo. Um deles é a gente não dizer assim você vai tirar a carta e só carta de motorista. Então a gente então é assim, existem por 200 países no mundo, 30 países. Eles aceitam que a pessoa venha para cá e automaticamente converta a carta deles e os outros 150 países. Eles mandam que a pessoa faça todo o processo de tirar carta, que é pagar uma fortuna para você, tirar a carta, ir na autoescola, fazer aula. Apesar de eu fazer aqui no Brasil, faz mais de 15 anos e tem a minha carta mais dizendo, tive que fazer desde o começo a autoescola, aulas caríssimas, dedicar 100 horas lá para ficar fazendo aula de coisas básicas como nariz, essas coisas que a gente já faz no Brasil. Porque por ser latino brasileiro, agora europeu, os países do leste da Europa ou americano, australiano, os caras veem. É só converter a carta, é muito mais fácil. Então isso é um exemplo de um racismo. Claro, se você é um ser branco, de olhar azul ou de não ser o fim desse país de raça ariana do hemisfério norte, você vai ter que tirar sua carta e pagar uma fortuna aqui mesmo você dirigindo há dezenas de anos. Então esse é um pra mim que eu acho que é bem latente, ou também estereótipo bem claro de brasileiro em relação às mulheres é que, obviamente, assim que a mulher brasileira, o homem também é visto como um objeto sexual, então sempre tem estereótipo de que o cara vai chegar na balada, o cara vai fazer isso, vai fazer aquilo que o cara só pensa nisso.

Planos de voltar para o Brasil

00:11:22:09 - 00:11:40:04

Juliano: Eu não tenho planos de voltar pro Brasil hoje, não gostaria de ficar por aqui. Obviamente, quando for mais velho, talvez eu tenha planos de voltar para ficar um pouco mais tempo. Eu volto para ficar hoje, mas por enquanto não tenho. Não tenho planos de voltar.

Experiência e visão de mundo

00:12:03:16 - 00:15:26:03

Juliano: Ah, eu acho que tem muita coisa assim que eu poderia falar e em vários sentidos assim. Eu acho que a minha experiência de viver fora e viver num país tão diferente assim e acaba realmente mudando a minha visão de mundo totalmente, a minha visão de Brasil. Porque o futuro turista, aí a gente acaba sempre. Muitas pessoas tendo uma visão negativa do nosso povo, do nosso país, das nossas, dos nossos costumes, dos nossos povos e tal.

Mas quando você sai e olha para o seu redor, assim que eu fiz o que eu faço aqui diariamente, as pessoas ao meu redor que não têm brasileiros ao meu redor dia a dia, realmente você vê que a gente vendo uma cultura, não só falar do peixe, mas de uma cultura muito aberta, muito receptiva, as pessoas sempre muito, muito gentis.

A gente mora num país com tudo, sabe? Muito rico e com muitas oportunidades. E só que, por outro lado, também você vê o quanto que o brasileiro ele sofre também e o quanto, o quão presente é a miséria na vida do brasileiro, né? Cara, eu acho que isso que é uma coisa muito marcante, quando você sai de onde você vai, você olha para dentro de você, então você está fora, você ir mudando o seu olhar, você conversando com pessoas diferentes e você fazer o retorno. Assim, para observar o que o que está acontecendo acaba te mudando um pouco a sua hora, a sua sensibilidade. Porque, por exemplo, eu vou morar em São Paulo, ali em Perdizes, aí você passava no Minhocão, tinha aquela galera ali antes, a pandemia, o pessoal lá todo domingo, então você passa aí quando eu fui, acho que uma vez eu fiquei chocado, porque esse batalhão de pessoas é bem baixinho.

São centenas de pessoas, centenas de barracos sem cachorro. Então assim é um negócio absurdo e a gente convive com isso por aí diariamente, como se nada acontecesse. Quando morava em Higienópolis, gente tropeçava em cima de pessoas dormindo no meio da rua. Cara, vida que segue. Então a gente vê o quão nossa sociedade ela é realmente muito conivente com a miséria em que a gente é colocada. A gente não consegue se libertar desse legado maldito da escravidão que esse monte de miseráveis ao nosso redor, as pessoas simplesmente vivendo como se aquilo fosse normal aceitá-lo. Então, quando você volta ao Brasil, depois de um tempo, você aquilo. Eu pelo menos fico chocado novamente, porque eu lembro que eu realmente estava vivendo em cima disso. Dentro disso a gente achava que era normal, mas depois que você sai disso, o seu filho cria uma bolha e você volta com aquela cara de muita miséria.

É muito revoltante que a gente como sociedade não consegue se organizar pra botar fim, não botar filha, mas trabalhar numa trajetória ascendente para melhorar a dignidade do cidadão brasileiro, porque realmente está muito, muito longe da gente conseguir resolver essa questão da miséria. Eu acho que isso é uma das experiências que eu tive. Mudou muito minha sensibilidade nesse sentido.

Impactos e diferenças culturais

00:15:46:03 - 00:19:19:20

Juliano: Então, assim, do ponto de vista dos árabes, o que é um país árabe? Mas eles têm muito indiano, mas vão botar culpa, que é muito diferente da cultura brasileira, sem dúvida. A questão é que realmente a cultura brasileira é muito sexualizada. Como eu falei, a gente carrega e esse estigma de ser um objeto sexual, mas as pessoas também. Elas agem e elas refletem isso. A gente tem esse estigma que as pessoas agem dessa maneira. Então a gente realmente tem uma cultura muito sexualizada. A televisão desde criança, você tem aquelas músicas absorventes, ela é útil e enfim, tudo no banheiro do Gugu, outra, aquelas que a gente cresceu ouvindo e aquilo tem impregnado nossa cultura, a cultura realmente do sexo, daquilo. E aqui, por exemplo, não tem isso de uma maneira tão escancarada, por exemplo. Então isso é um choque. Então você chegar e você se sentir alguém num ambiente que é diferente do seu, no sentido de como você enxerga as relações entre homem e mulher ou para sua mulher, isso é muito chocante. E outra coisa que muito frequentemente num país cristão, vai vir morar num país muçulmano, então ele tem um calendário de feiras.

Eles, por exemplo, Natal aqui vai ser daqui alguns dias, não é? Não é feriado, é um dia normal, sei lá, escritório. E pra mim eu fico chocado ao fim do mundo, mas os caras aqui isso é normal. Então era muito estranho quando eu cheguei aqui também no fim de semana, diferente do nosso, era domingo, era sexta e sábado era o fim de semana dos caras, então isso também era muito diferente, muito chocante.

E assim, pelo menos aqui, a cultura é muito rasa. Então você vive em Dubai assim, é uma cidade que é meio que uma distopia, né? Então assim não tem, não tem prefeito, não tem vereador, não tem congresso, não tem encenado, mas é um lugar muito bom, muito apropriado. As pessoas vivem de maneira ótima, super confortáveis, tudo de maneira organizada, mas se não tem, por exemplo, aquele grande ruído político que tem no Brasil, também aqui você tem toda essa camada política que teoricamente seria, que deveria resolver os problemas. Eles trabalham para resolver, mas acabam não sendo tão frutíferos enquanto aqui, apesar da falta dessa classe política tão desenvolvida, acaba sendo uma coisa um pouco mais ágil. Então, essa agilidade também na tomada de decisões para dia a dia, de maneira bem pragmática, acaba sendo um marcador também bem diferente. Assim de você viver no país um pouco mais democrático assim, entendeu?

Então, isso também é bem diferente. Sim, sabe? Então, aqui você tem muita cultura de pessoas, você tem essa impressão, todos são ricos, tem muitos recursos na cidade. Tinha era bem distribuído, então todos bem, tem muito essa cultura também

do desperdício. As pessoas não se importam de gastar horrores com coisas supérfluas, enfim, coisas que de novo no Brasil isso até existe, mas o mundo que eu estava inserido não fazia parte disso.

Mas se eu vim para cá, se acaba meio que absorvendo um pouco essa cultura que a cultura dominante na cidade é uma cidade, basicamente uma cidade de socialmente costuma falar. Uma mistura de Las Vegas com Miami, que é uma cidade de veraneio onde o pessoal da Europa vem para cá aproveitar pra escapar da friaca lá e aproveitar o verão.

Conselho a sair do país

00:22:05:16 - 00:22:39:10

Juliano: Não sei, mas comentário. Só que eu realmente encorajo as pessoas a tentarem sair do Brasil, nem que seja viajando de maneira temporária. Pode se fazer na América Latina, geralmente muito parecido, mas tentar ir para um lugar melhor pra ver, sei lá, pra Europa ou Portugal, às vezes vai pra China. O mundo é grande, tem muitas opções de lugares, mas é importante você sair do Brasil pra ter uma ideia de como é o mundo fora, pra depois você voltar e entender melhor por que a gente aqui tá certo.

Sente falta

00:22:57:21 - 00:23:50:09

Juliano: Então, quando eu sinto falta do Brasil, principalmente da rede de contatos dos amigos, os de estar cercado de família, cercado de amigos, da cultura que a gente tem de puta, sair pro bar, fazer um happy hour, uma coisa mais tranquila assim, toda quinta, acho que a gente tem uma coisa diferente também, que é uma vida social muito rica, principalmente em São Paulo, graças a Deus meu caso era assim. Todos os trabalhos que eu tive da faculdade naquele trabalho, eu tinha uma vida social muito rica. Almoço com muita gente, happy hour, muita gente, festa e tal. Porque família também ótimo, então eu sinto muita falta, é mais nesse sentido, assim, sabe, de eu obviamente, falar português na rua, porque justamente os rap, falar inglês, mas realmente estar com nossa família, os amigos de longa data, mas às vezes.

Felipe Modesto

Local: Canadá - Victória

Data da migração: abril 2023

Auto descrição

00:04:26:08 - 00:04:50:15

Felipe: Tá bom, Eu sou Felipe Modesto, tenho 39 anos e sou preto não retinto. Eu estou sentado numa cadeira atrás de mim. Tem uma parede branca, duas portas. Eu estou usando uma camisa branca com listras cinzas, um óculos com armação preta e tenho a cabeça raspada estilo Ronald.

Motivação

00:05:10:23 - 00:07:37:11

Felipe: Atualmente eu estou no Canadá, na cidade de Vitória. Eu vim para cá com o meu marido Rodrigo, que o jornalista. E nos últimos... a gente chegou aqui em abril de 2023. Mas antes da gente chegar aqui, antes de abril de 2023. A gente já vinha planejando essa mudança alguns anos e a gente escolheu sair do Brasil porque a gente está chegando nos 40 anos.

Era uma oportunidade única para a gente se colocar à prova e tentar fazer uma transição de carreira fora do Brasil. Talvez fazer uma transição de carreira dentro do Brasil é um tanto quanto complicado. A gente viu a oportunidade de vir para cá como um agregador profissional e como um desafio pessoal, no sentido de por que não tentar, se eu já cheguei até aqui no meio da minha vida, por que não tentar algo diferente, né?

E em uma das conversas que eu tive com meu pai, meu pai sempre incentivou a gente e ele sempre falou assim você tem que tentar, porque se você, se, se não der certo, você volta. Se tem essa casa, você tem família, você tem sua carreira no Brasil. Mas o problema de você não tentar é que vai chegar lá na frente, isso vai te consumir e você vai pensar putz, se eu tivesse tentado.

Então a gente tentou. E o motivo principal foi em razão também dessa mudança de carreira, acho que questão de segurança. A questão da segurança no Brasil é um grande problema que a gente enfrenta. É qualidade de vida. Eu estava muito estressado no meu trabalho, tinha que às vezes virar noites trabalhando para ter um salário relativamente considerado como bom. E isso estava deixando a minha vida de lado. Minha vida pessoal, do meu casamento, da minha família estava acabando. Não que aqui no Canadá vai ser mais fácil a convivência familiar, mas engraçado que pareça, eu tenho falado com a minha mãe todo dia por mensagem, mais que quando eu estava no Brasil. Então é muito engraçado que essas coisas acontecem, a gente acaba mudando alguns valores dentro da nossa cabeça, mas não vejo isso como oportunidade.

A gente não pode dizer que é permanente, porque amanhã tudo muda, né? Então estou no Canadá, vamos ver até quando vou ficar aqui, até quando será válido, até quando essa experiência vai ser agregadora?

Ocupação no Canadá

00:07:56:16 - 00:10:00:12

Felipe: Eu acho que utilizando o meu background como advogado no Brasil, eu já percebi que isso vai me abrir muitas portas aqui no Canadá, não para me tornar um advogado canadense e possam tornar advogado canadense. Não tem como trazer o meu diploma. E aí eu tenho que fazer um curso de um ano e meio aqui no Canadá. Eu consigo validar, gravar aqui e eu consigo olhar bem aqui.

Mas a minha decisão de deixar o direito de lado acho que partiu do Brasil. Eu estou saindo do Brasil porque eu não quero nem advogar pelo Brasil para eles. Não quero ser advogado, eu não quero chegar em casa e estar pensando no trabalho ainda. Por exemplo, eu trabalho no café, hoje eu sou estudante e isso de parte de trabalhar até 20 horas por semana.

Eu trabalho num caixa de um café, servindo café, recebendo dinheiro, trocando dinheiro e eu ganho praticamente convertendo em reais 70% do salário que eu recebia no Brasil para ser advogado, para desempenhar um trabalho extremamente intelectual. E aqui, servindo café, eu sou pago e eu tenho uma vida assim relativamente boa em comparação com Brasil. Sim, e o college aqui está abrindo muitas possibilidades de dar continuidade a minha carreira. Em outubro eu consegui uma vaga de voluntário no departamento de polícia aqui, não só voluntário dentro do Departamento de Polícia e por estar relacionado com o meu background de advogado no Brasil, que acabou abrindo essa quarta, não é qualquer um que entra como voluntário aqui no Canadá. O departamento de Polícia teve um evento lá no College e aí eles me conectaram com a responsável pelos voluntários lá na Wikipédia e ela falou Putz, esse cara é interessante, eu quero ele no meu time de voluntários.

Então ele tem esse depoimento com comunicação não violenta. Ela conseguiu identificar a minha posição quando eu trabalhei para o Martin. Como que é para uma pessoa sentar uma mesa, oferecer uma proposta interessante para uma pessoa foi diretamente impactado. Foi extremamente estressante, mas eu consegui vivenciar essa experiência que me orgulha muito de ter participado do programa de indenização de Brumadinho, mas decidi tomar outros caminhos. E aqui essa experiência sem dúvida valeu.

Sente falta do Brasil

00:10:14:18 - 00:12:29:14

Felipe: Eu sinto saudade do afeto dos brasileiros, das pessoas próximas a mim. Eu não sinto falta da área em que eu posso dizer esses momentos. Eu não sinto falta das coisas ruins que o povo brasileiro tem, como falta de educação, transporte público, falta de educação no trânsito, falta de educação nas relações. Eu não sei. Para mim foi muito estranho chegar aqui e ver as pessoas agradecendo o motorista do ônibus no ponto de ônibus quando o ônibus para a pessoa subir ou descer. Eu fico impressionado porque é uma coisa que para gente é básico, mas as pessoas no Brasil não cultuam isso. Aqui as pessoas cultuam o senso de comunidade, todos são responsáveis por tudo e é muito diferente. Então disso eu não sinto falta do Brasil, do trânsito, do Brasil, do trânsito caótico de São Paulo. Sinto zero falta disso, isso para mim, do barulho de São Paulo, São Paulo, que eu percebi como que morar em São Paulo era uma cidade barulhenta, seja no transporte público, em casa, no trabalho, aqui é tudo muito mais silencioso, tudo mais quieto. E essa organização da cidade, da educação das pessoas, essa sensação de senso, de pertencimento, de comunidade é muito diferente e eu não tenho como materializar isso de outra forma. Acho que só vivenciando isso aqui no Canadá para poder sentir mais o afeto. Sim, eu sinto falta do abraço, da

possibilidade de convidar os amigos, de sentar na mesa, na mesa de um bar, tomar uma cerveja na calçada. É sinal que não é aqui. E isso eu só vou ter quando eu voltar. No Brasil. É a primeira coisa que eu quero fazer chamar uma roda de amigos, um bar e sentar. Acho que foi pra Barbara que uma mensagem na sexta feira às 18h00, a nossa primeira reunião, nosso primeiro grande julgamento. Eu falei pode esperar a gente aqui com um copo americano, mas é isso, a gente não tem aqui. Abraço, afeto, as pessoas demonstrarem eu amo você assim, nunca. O povo aqui é frio.

O que te aproxima do Brasil/ Comunidade brasileiras

00:13:15:21 - 00:15:33:04

Felipe: Olha, eu acho que depois desses oito meses que eu estou aqui, vai fazer mais ou menos umas três semanas que eu e o Rodrigo resolvemos nos abrir para fazer amizades com brasileiros, que a comunidade brasileira, que é uma comunidade ativa. Eu já tinha recebido inúmeros convites para ir comer pizza, mas a gente estava evitando, a gente queria ficar só no nosso mundinho, tentar se aproximar mais dos canadenses ou de pessoas de outras nacionalidades, por exemplo. Criei uma relação nesse café que eu trabalho com pessoas das Filipinas e do Siri Lanka, que são pessoas incríveis, que tem uma cultura até parecida com a nossa. Algumas palavras no galês, que é a língua que acho que se veste integral e fala nas Filipinas, que é parecido com o português em filipino, por exemplo, ao invés de dizer como está em português, é como está.

Então é muito parecido. Eu acho que as relações com os brasileiros nos aproximam do Brasil, nos dão essa sensação de brasilidade, de conforto, de abraçar, de falar alto de todo mundo pra casa, de ouvir igual a gente. Foi na casa do Wil, esse amigo que a gente fez a amizade na casa dele, da gente chegar na casa dele e falar tem uma latinha de cerveja, pega na geladeira. Isso é muito de brasileiro. Abra a porta, sinta se a vontade, você está em casa, todo mundo em volta da cozinha, ninguém fica sentadinho no sofá conversando. Aquela coisa mais polida, que é o que o canadense faz, não é tão aberto. O brasileiro gosta de. De perto da cozinha, perto do fogão, onde alguém está preparando a comida, está conversando.

Então a gente teve essa experiência muito boa com o Will e com o Juninho, que é um casal gay que mora aqui também jovem, assim, tem seus 30 anos, mais jovem do que o Rodrigo. Não que a gente seja tão velho assim também, mas isso nos aproximou um pouco do Brasil, dessa sensação de não estamos sozinhos, existem outras pessoas com os mesmos desafios. Eles estão aqui há dois anos e meio e eles em dois anos mesmo. Eles têm algumas questões que são as mesmas que eu poderia e temos com 18 meses que a gente está aqui e isso nos aproxima um pouco do Brasil sem perceber. A gente não está assim 100% que a gente pode construir uma nova família, uma nova amizade, se a gente quiser.

Comunidades brasileiras

00:18:09:14 - 00:19:18:15

Felipe: Sim, eles têm uma atuação forte. Eles têm um grupo que se encontra todo mês no verão, principalmente, tem encontro quase todo fim de semana teve e se não me engano, em agosto foi julho, não foi julho. Eles fizeram um evento como se fosse uma grande festa junina em um parque aqui onde as pessoas foram a caráter, levaram pratos típicos e eu e o Rodrigo. A gente não foi porque como a gente tinha recém-chegados aqui no Canadá, a gente pensou poxa, a gente acabou de chegar do Brasil, a gente foi esperar a gente realmente ficar com vontade de festa junina, forma no ano que vem, não vamos encerrar, então a gente está se policiando também. E como que é um pouco complicado dizer isso, mas assim a gente está, tem.

A gente tentou até agora evitar um pouco o contato com brasileiros para a gente se encontrar, para a gente vê onde a gente está, se realmente a gente fez a escolha certa em ter vindo para cá, se realmente a gente vai voltar para o Brasil, a gente não vai se identificar. Aqui é uma nova cultura. A gente precisava desse tempo realmente para ter essa imersão numa cultura canadense, tentar ver como eles fazem e tudo que eles fazem, e disso a gente tentar perceber o que agrada ou não.

00:19:18:16 - 00:19:39:05

E aí a gente se aproximar dos brasileiros. Eu não sei se se disse, se faz sentido essa escolha que a gente fez, mas a gente está percebendo que aos poucos a gente está começando a fazer parte dessa comunidade brasileira, mas de uma maneira um pouco mais discreta, não tão participativa, mas sabendo que se a gente tiver algum problema, a gente pode mandar uma mensagem, um grupo de WhatsApp para participar.

Preconceito

00:21:32:18 - 00:23:06:22

Felipe: Zero zero, mas também não sente. A única vez que eu senti foi na Parada LGBT que teve aqui e eu fui convidado pela escola, pela minha escola. A desfilar pela escola. E me causou uma estranheza, porque a Parada LGBT, que é completamente diferente daquela coisa do Brasil no Brasil, é um carnaval. Aqui não. Aqui você desfila, as pessoas estão ao lado, acenando para você e te dando suporte. E eu fiz várias leituras labial labiais no sentido de que orgulho de ver você. Parabéns, não pare, estamos com você. Nesse sentido, o que me faz acreditar que foi a escolha certa de vir para cá ver as declarações públicas do primeiro ministro do Canadá, enfatizando o respeito à população LGBT e respeito à população trans. Um tipo de liderança que faz um que fala abertamente sobre esse assunto e faz essa defesa publicamente. Não teria como o país entender de forma diversa. Acho que as pessoas aqui realmente são muito respeitosas e orgulhosas desses talentos de que vivem aqui no Canadá, das famílias LGBT. LGBTs tem aqui. E Rodrigo, a gente não teve nenhum problema com relação a isso. Pelo contrário, a gente é muito bem recebido em todos os lugares que a gente vai, gente, chega de mão dada. Diferente do Brasil, que a gente sempre vê aquele olhar meio atravessado aqui, a gente nunca sentiu isso. A gente não se sente ameaçado.

Agradecimento e experiência

00:25:28:05 - 00:26:29:23

Sim, eu acho que eu vou encerrar agradecendo a oportunidade de fazer parte dessa entrevista, de mostrar um pouquinho porque que eu escolhi essa área do Brasil nesse momento de ajuste de carreira e readequação de rota da minha vida particular, com meu marido fugindo um pouco do estresse de São Paulo, dessa loucura, da falta de segurança e da falta de organização, chegamos aqui no Canadá.

Não foi uma decisão fácil e também não é o mundo de Alice não é fácil. Eu acho que sair da zona de conforto é uma decisão muito difícil, que exige muita determinação, foco, resiliência, mas nesses oito meses que a gente está aqui, eu não consigo visualizar nenhum arrependimento, porque eu acho que se uma decisão é muito bem pensada dentro de um núcleo familiar, dentro das nossas possibilidades como indivíduos, estar aqui a gente fala grato a Deus por ter essa oportunidade.

00:26:29:23 -00:27:15:20

A gente vai continuar trabalhando e fazendo o necessário pra gente fazer jus a essa oportunidade que a gente tem aqui. Mas não é fácil, não é fácil e não foi fácil para mim trocar o terno e gravata no escritório onde as pessoas estavam me servindo pra ir para uma posição onde eu sirvo. E foi engraçado que isso me fez voltar ao passado, porque no passado eu trabalhei na padaria da minha família, então eu servi as pessoas.

Então, de uma certa maneira eu só voltei um passo atrás e aí tudo ficou mais fácil, mas já era um pouco de estranhamento. Algumas pessoas do escritório que eu trabalhei falavam assim você é louco de sair de um escritório tão renomado para servir café no Canadá? E eu falei. Não, eu não me arrependo nem um pouco que eu saí do meu trabalho.

00:27:16:01 - 00:28:10:10

Eu estou pensando em e-mail, Eu estou recebendo mensagens do James e e está tudo certo. Eu olho para a janela, vejo uma montanha, os pinheiros, um lago e eu não tinha isso no Brasil. Então pra mim e eu não quero não, eu decidi sair do Brasil quando eu percebi que aquela questão de status, de estar naquele lugar e de estar crescendo, crescendo, crescendo não é para mim.

Eu não queria aquilo para mim, criou outra coisa que eu não sabia o que quer. Acabei encontrando. Até o momento eu acho que me encontrei aqui no Canadá nessa vida mais simples, mas uma vida não tão corrida é em um país diferente, onde eu vou conseguir agregar conhecimento, vou conseguir me desenvolver como pessoa, Eu vou conseguir realmente ver os meus esforços na comunidade que eu estou morando e aprendendo de novo, em outras formas, em outras vias, em como ser um bom ser humano é bom.

00:28:10:12 - 00:29:05:19

Mas sempre com aquele pé no Brasil que eu não vou tirar nunca. Aquela vontade de estar com os meus amigos. É como eu disse, não tem até agora não tive a sensação de convidar um grande amigo alguma amiga, para eu pegar um copo americano, tomar uma cerveja no boteco da esquina. E por enquanto, infelizmente, é algo que me falta aqui no Brasil.

Tipo, eu vejo um filme e era uma coisa tão simples e corriqueira que a gente tinha sempre isso no meu coração não poder ali sentado naquela mesa, porque era aquele lugar para mim era o melhor escritório, o melhor consultório de psicologia. Ali você podia desabafar sobre seus problemas, sobre seus medos, suas inseguranças. Você pode rir, você pode chorar e tá tudo certo. Sim, Quando você está em um barzinho com os amigos, você está no ambiente seguro. Então é isso. Eu sinto um pouco de falta e é isso que cabe.

Paulo César Pereira

Local: Argentina – Buenos Aires

Data da migração: 2013

Auto descrição

00:04:45:17 - 00:05:08:16

Vamos lá então. Eu sou um homem branco, cabelo castanho e cabelo. Como proposta, você pode ver sua autodescrição. Eu não tenho muito o que dizer a um homem branco, cabelo castanho, 40 anos, barba.

00:05:27:22 - 00:05:37:06

Paulo César Pereira, 39 anos, 16/08/1984, nascido no interior de São Paulo, Campinas.

Motivação

00:06:12:12 - 00:07:49:10

Paulo: Eu acho que é uma mescla de coisas. 2013 já era um ano complexo na realidade política do Brasil. E aquelas grandes manifestações, protestos e tudo mais. Eu estava sem trabalho na época também. Depois que terminei a faculdade, tive um momento profissional complexo, difícil. Eu sempre quis fazer um mestrado, enfim, queria era estudar um pouquinho mais, aprofundar a minha formação como algo em comunicação social e como jornalista. Na época, eu achava que o documentário era uma extensão do jornalismo de investigação, que é me aprofundar na questão do documentário ser interessante. E quando eu fui pesquisar onde eu podia estudar, dada as questões econômicas e tudo mais, a Argentina era uma possibilidade, além de ser muito próximo do Brasil. Aquela coisa de pensar bolsa dá tudo errado. 03h00 da minha casa não dá para voltar.

Se daria um problema, a questão de custos econômicos também. E a Argentina era uma opção muito mais barata do que qualquer outra realidade em outro país. Então eu decidi vir para Argentina estudar. A ideia era ficar dois anos. O mestrado durava três anos, com cinema, documentário e vim pra isso. E os dois anos eu acabei ficando de se transformar em dez. E é isso, Não sei, mas que eu vou embora não.

Sente falta do Brasil

00:10:55:05 - 00:11:28:02

Paulo: Não, não. Eu acho que a questão da proximidade é muito perto, né? E a questão do meu trabalho também. Eu viajava muito para o Brasil antes da pandemia, muito mais depois da pandemia. Mudou bastante a realidade. Mas eu viajava pelo menos umas quatro vezes ao ano no Brasil. O meu período de férias era um pouquinho também, mas dava para acomodar também ficava no Brasil. Então, não, não, não, não sinto falta, não. A verdade é que na hora eu acho que essa proximidade Brasil, Argentina não dá nem tempo de sentir saudade.

Comunidades brasileiras

00:11:56:01 - 00:13:45:17

Paulo: Então eu acho que que não sei se acontece em todos os países ou não, mas a gente acaba tendo, buscando e procurando a comunidade brasileira ou coisas que a gente tenha referências, que deixa a gente mais confortável, seja a questão gastronômica, a questão cultural. Então a gente sempre vai procurar um sambinha, sempre vai procurar um restaurante brasileiro e então a gente acaba encontrando a comunidade brasileira e você acaba conhecendo outras pessoas, reunindo outras pessoas.

Talvez no Brasil você não faria, não teria esse contato. A outra questão eu acho que a militância também seja a militância, independente dos coletivos. Como eu dizia, 2013 foi um ano complexo politicamente. Depois a situação ficou muito e só foi que começa a despontar. É o período de 2016 quando? Quando o Brasil sofre, aí o golpe, a a presidenta Dilma Rousseff desse poder, a os brasileiros e as brasileiras que estavam no exterior que sejam do campo progressista, das esquerdas e tudo mais, também começaram a se mobilizar e organizar nessas de coletivos espaços de discussão. Então, eu, por conta da minha própria atuação política, também da minha forma de discutir, enfim, na forma com que a gente vê o mundo, você acaba buscando também brasileiros com esse perfil. Então, aqui na Argentina não foi diferente. E acho que grande parte do que também facilita é ter esse acolhimento e essa companhia, ter essa construção junto com a comunidade brasileira também, para a gente falar um pouco do que acontece no Brasil, mas também trocar um pouco entre as distintas realidades.

Preconceito e Xenofobia

00:17:33:23 - 00:19:01:08

Paulo: Olha, para mim é muito difícil isso pra gente. Só pode falar sobre as nossas vivências, né? Eu não. Não tenho memórias de violências muito claras sobre esse preconceito e xenofobia. A gente ouve e também é muito sutil em alguns aspectos. Eu continuo sendo lido aqui na Argentina também, como um homem branco, como um homem hétero, embora eu seja um homem, é gay e eu não sou o perfil do migrante que a Argentina rejeita, mas tenho uma qualificação profissional, tenho uma formação.

Então eu estudo essas e essas coisas que atravessam a gente vê e sente, vive desde outro lugar. Então a gente tem aqui uma atuação da comunidade imigrante muito forte em organizações das quais nós fazemos parte também, junto com outras comunidades imigrantes. A gente participa da Assembleia de Trabalhadores Imigrantes no Fórum de Trabalhadores Migrantes, do Bloco de Trabalhadores Migrantes, que são organizações que núcleo outras organizações como Colômbia, Peru, Paraguai, Bolívia, Argentina é um país que tem sim uma xenofobia muito forte contra os países limítrofes.

00:19:01:08 - 00:19:36:06

Então é colocar colombianos, bolivianos e paraguaios, bolivianos, muito mais, porque aí sim, eles têm todos as questões dos rasgos. Outro dos traços indígenas de povos originários, então acaba sendo destinado para um setor da economia. Existe um racismo muito forte na, na Argentina e aí quem vai poder falar disso é muito mais a sua companheira, sobretudo as companheiras mulheres, as mulheres brasileiras negras e as comunidades haitianas senegalesas que não consegue.

00:19:36:08 - 00:21:13:06

E a gente vai entrar em questões como documentação, as pessoas que estão documentadas e nós, por conta dos acordos do Mercosul, nós temos muita facilidade no trâmite de documento. Na Argentina, tem uma legislação também que funciona muito bem nesse sentido. Eu vou dar um exemplo. Meu documento, quando eu fiz, eu tenho a residência já permanente e ela demorou três, quatro meses para ser todo o processo.

E isso por conta desses acordos com o Mercosul, países que não são membros e a documentação pode demorar até dois anos, é documentado. Você não tem nenhum acesso pleno a os direitos à cidadania. Então você dificilmente consegue trabalhar para contribuir com as burocracias que tornam a vida um pouquinho possível. Então, há algumas comunidades como a senegalesa, os haitianos, que aqui são características também.

Acho que no Brasil é muito parecido e acabam trabalhando no comércio informal, acaba trabalhando nas ruas e são vítimas constantes de violência, agressões e violência policial e xenofobia. Agora, a comunidade brasileira também sofre essas violências, mas no menor grau. Eu acho que tem uma questão econômica importante também o Brasil. Na Argentina, ele é visto como uma potência econômica. Então é muito comum as pessoas também perguntar mas que que você está fazendo

aquí? Tem algumas coisas nesse sentido, mas volto a dizer, eu não sou o estereótipo que mais sofre preconceito e violência nesse país.

Comunidade imigrante

00:29:13:18 - 00:30:39:22

Paulo: Olha, eu acho que tem. Quando a gente mora em outro país também, a realidade é muito parecida com a realidade de todos os moradores no país. Então a gente é e a gente costuma dizer isso quando vai para qualquer assembleia migrante e tudo mais. Os problemas que afeta a sociedade como um todo. Nós não estamos separados esses problemas, nós vivemos as mesmas realidades, para o bem e para o mal, né?

Então eu fico. Acho que uma das coisas que mais me impressiona aqui na Argentina e aí, em comparação, mesmo sabendo que a gente não deve comparar na África, são sociedades muito distintas e a capacidade de organização de espaços, de movimentos sociais, de partido político, de acolhimento. Eu não sei como é esse processo no Brasil. E aí, talvez por conta desses dez anos e quando eu tava no Brasil, eu não tinha nenhum olhar para a questão do debate, da migração. Não tinha a menor ideia de como se dá os processos, as leis. Eu não tenho ideia de como seria as comunidades migrantes no Brasil enquanto acesso a direitos e tudo mais, mas conhecendo a sociedade brasileira, que é extremamente violenta em vários aspectos, né? E fico imaginando esse processo. O que marca para mim a sociedade argentina, essa plena consciência do direito.

Consciência política da Argentina/ Direito de votar

00:34:12:15 - 00:35:11:23

Paulo: Mas parte da paisagem urbana, do cenário. E eu admiro isso também admira o que? Que a gente que, como comunidade imigrante, nós possamos interferir no processo político que a comunidade imigrante vota. Então, depois de dois anos de residência definitiva, você tem permanente, você tem o direito ao voto. Então você vota até cargos locais, no caso nós votamos até governadores, só cargos nacionais que a gente não vota.

E uma das lutas é que a comunidade imigrante seja incorporada para o voto nacional também. Então isso dá uma outra figura. A partir do momento que você tem o direito de votar e os poderes também, e te olham de outra forma porque também vão disputar esse lbope, né? Então eu fico muito impressionado com como é esse poder de organização, de mobilização, mas de tomada de direitos também para a comunidade imigrante, que nesse aspecto eu acho que o Brasil tá bem atrasado.

Avanços da comunidade imigrante

00:42:18:16 - 00:43:22:12

Nós temos hoje instalado lá uma placa que a Assembleia Legislativa aprovou. E volto a dizer, é uma cidade que é governada pela direita há 20 anos. Ainda assim, a gente consegue aprovar. É uma placa que tem lá um que é recolhido, que se você colocar, ele vai. Ele vai contar a história de quem é Marielle Franco. Então é isso para nós, como comunidade imigrante, tudo o que significa Marielle Franco para as mulheres, mulheres negras, população LGBTQ+ é um símbolo e de memória muito importante para que a gente possa reivindicar. E aí não é só mais da comunidade brasileira, a comunidade colombiana, a comunidade venezuelana, assim como os povos originários, enfim, os movimentos afro argentinos. E todos esses espaços se unem para a defesa desse processo de memória, né? Então, eu desconheço se isso acontece no Brasil. Se nós teve, eu não sei. A gente teve casos horríveis, como o caso do Bolsa no Rio de Janeiro e tudo mais.

00:43:22:14 - 00:44:30:01

E como é trabalhada essa questão da memória, né? Então é esse espaço é uma atuação. Eu quero imaginar que nesse próximo, nesses próximos quatro anos de governo da extrema direita, nós vamos estar muito mais no processo de defesa da manutenção dessas conquistas do que num processo de ampliação de conquistas e direitos, né? Então fico imaginando que deve ser uma luta muito difícil, porque já vivemos.

Ela lá representou em 15h02 1019, mas também quero confiar num processo de construção muito forte que esse país tem e das organizações dos movimentos sociais, das organizações de base. E isso é mais do que nada sobre a preservação do direito à memória, que eu acho que, respondendo à pergunta anterior sua, talvez o que é que me marca nessa garantia? E se eu volto pro Brasil ou para qualquer outro lado do mundo que eu vá? É a certeza da importância da preservação do direito à memória.

Tempo livre na Argentina

00:48:17:10 - 00:49:32:00

Paulo: Olha, eu vou nas férias. É uma cidade do ponto de vista estético, muito bonita. Então ela é do ponto de vista cultural, ela é muito interessante com aparelhos e recursos de cultura grátis, isso é muito importante dizer. E aí eu posso falar da cidade de Buenos Aires, não da Argentina como um todo. A minha experiência também é atravessada por uma cidade, não pela realidade do país todo.

Eu não sei o que é ser migrante em Córdoba, em Mendoza, em outros estados, mas Buenos Aires é uma cidade que permite uma riqueza de ocupação dos espaços públicos muito forte e pelo menos são do interior de São Paulo, de Campinas. E a realidade era muito complexa, porque é onde você se diverte no cinema, no shopping, então tudo é muito.

Os espaços de lazer são privados. Aqui na frente da gente tem uma cultura de espaços públicos muito forte, vai dentro da praça que tem, agora começa a virar uma gente também tem um inverno forte, é muito frio, vem o verão, então você tem festivais de verão agora mesmo. Esse final de semana passado tinha aqui do lado da minha casa, numa praça que se chama República do Brasil.

00:49:32:00 - 00:50:47:00

Paulo: A praça é um festival que ia muito forte. Então tem uma vida cultural muito rica, então eu aproveito muito isso. Eu gosto muito dessa noite, dessa vida cultural. A gente tem um centro cultural que acho que é um aparelho de cultura impressionante. É um edifício no centro da cidade, que foi um antigo edifício dos Correios aqui na Argentina, e hoje ocupam a estrutura, um prédio de quase dez andares, extremamente voltado ao centro Cultural, então com mostra com cinema, bate tem, que tem uma vida cultural muito rica de você ter espaços de lazer, espaços verdes também muito, muito ricos.

Eu faço uso disso porque eu acho que é um privilégio. E depois também ocupo outros espaços que eu gosto muito. Faço rádio aos finais de semana, então, e não é de forma profissional, eu realmente ocupo esse espaço e o centro como lazer também. Depois, a própria comunidade brasileira tem as suas agendas, como a gente tem, sei lá, feita aqui durante o período das eleições, o samba dos trabalhadores, um espaço. Ele é político, mas de lazer também. Então é um pouco isso que eu faço da minha vida.

Experiência de ser imigrante latino

00:51:00:00 - 00:52:29:12

Paulo: Olha, eu acho que assim como na sociedade, que é o que eu acho que eu cresço, que eu conheço, que é no interior de São Paulo, que é uma cidade que é uma região complexa do ponto de vista desse apartheid social, que é o Brasil econômico e tudo mais. Eu sinto que a gente já tinha e eu tinha também muito preconceito em relação à América Latina, na América Latina, não é, Não era destino.

Pelo menos na época que eu vim para a Argentina, tinha muitos amigos, inclusive no nosso. O que você vai fazer na Argentina, né? Tipo, não existe isso. E olha, com muito preconceito foram para o Paraguai, seja para cidade Assunção, para a Colômbia, para a Bolívia. Então não viaja, não compra passagens, não pensa em destinos turísticos, menos ainda pensa a questão acadêmica pela parte da Bolívia.

Então ainda tem um olhar extremamente voltado para Europa e Estados Unidos e acha que isso são os símbolos de status, de ascensão social, mesmo acadêmico. Mas eu aprendi que que a América Latina é até porque é isso também. Depois que você mora fora, acaba abrindo um horizonte. E aí eu tive a oportunidade de ir para o Paraguai, para a Colômbia, para a Bolívia, para o Uruguai, para o Chile.

00:52:29:13 - 00:54:12:21

Paulo: E é ver essas sociedades que são sociedades incríveis, com estruturas muito interessantes, com problemas muito parecidos com como com os problemas do Brasil. Então, sempre que a gente, nesse aspecto, sim, são sociedades que têm as suas periferias muito parecidas, os seus problemas de trabalho, emprego, renda são muito parecidos e depois a gente divide essas especificidades. Mas acho que que o Brasil deveria deixar de olhar, deixar virado de costas para a América Latina e entender que a gente só tem possibilidade de futuro e integrado às realidades dessa essa população latino-americana e que isso é ajudar a gente resolver grande parte dos nossos problemas, das nossas terras, dos nossos preconceitos, das nossas estruturas.

Olhando para a América Latina, mas não olhando com um olhar de soberba ou com um olhar de que a gente já com o olhar, que é um país mais rico ou qualquer, muito pelo contrário, é como olhar de um país que a gente enfrenta e vive as mesmas realidades. O que muda a gente é o idioma naquilo que nem é tão complicado assim, mas que a gente tem coisas muito mais parecidas e com possibilidades de, em resumo, responder e resolver problemas juntos do que olhar para a Europa, para os Estados Unidos, que tem realidades absolutamente distintas.

Então acho que esse fica um pouquinho. Pelo menos é o que me dá um pouquinho de saudades na Argentina e a certeza de que o nosso caminho é ser profundamente latino americano.

Day Rodrigues

Local: Cidade do México

Data da migração: 2022

Auto descrição

00:05:46:04 - 00:06:06:11

Bom mesmo. Eu sou uma mulher negra de cabelo. Sou com cabelo solto e vestido amarelo e de óculos cor de rosa e eu estou com o meu fundo borrado.

00:06:13:14 - 00:06:24:19

O meu nome é Day Rodrigues, eu tenho 41 anos e nasci no dia 27 de agosto de 82.

Motivação

00:06:47:04 - 00:08:10:08

Bom, eu morei no México por dois anos, em 2022, 2023 e tudo começou, na verdade, com uma proposta para a pessoa com quem eu era casada, de trabalho e a gente estava vivendo um momento bem intenso ainda, de não saber como as políticas de cultura de audiovisual no Brasil caminhariam, porque a gente estava vivendo, inclusive no terceiro ano do governo Bolsonaro, e isso fez com que eu decidisse para ter uma primeira experiência de uma vida estrangeira. E esse é o motivo principal. Acho que estava atrelado ao meu casamento, mas também à necessidade de expandir um horizonte. Não pensando em estar num país que, por mais que seja a América do Norte, fala a língua, né? Fala espanhol, tem um vínculo muito forte com as resistências dissidentes da América Latina. Então foi esse desejo. Fui implicada nisso. Não sei se eu te respondi tudo.

Adaptação

00:21:28:18 - 00:23:18:06

Sim, eu, na verdade, num primeiro momento eu estava muito. Eu queria muito aprender espanhol, então eu tinha esse foco. Assim não saía uma fluente em espanhol, porque não é simples, todo mundo acha que fala, porque uma coisa é falar português, outra coisa falar espanhol. Entendeu? Então, então eu fui muito com esse objetivo, mas chegando lá, assim não tinha como não. Acho que quando a gente fala um lugar novo e novo em todos os sentidos, sobre tudo, você sente. Quando a gente está no um, num país como um país novo, com toda a complexidade da cultura, questão da formação social e tudo

mais. As nossas referências falam que a gente tem, tem do nosso próprio país ou dos outros, outras experiências internacionais que as pessoas falam.

E aí a minha estava atrelada ao Brasil, tinha povo. E aí eu acho que no primeiro momento estava tentando me encontrar mesmo aqui no lugar, entendendo quem eu era. Eu passei por muito, por muitos momentos de muita solidão e isso fazia com que eu me voltasse para as minhas questões, tanto subjetivas quanto objetivas. Também. E aí, nesse processo de tentar me identificar com o lugar onde eu tentar encontrar pessoas, ele foi muito louco.

00:23:18:08 - 00:25:09:15

Não foi rápido, mais a partir do momento que eu encontrei dois lugares em especial, que é um é um centro de cultura e está palco é de uma periferia, uma grande periferia da Cidade do México, e lá eles têm um grupo de capoeira brasileiro. Eles são muito vinculados a capoeira brasileira, a capoeira do Brasil, e com isso ali eu comecei a poder me enxergar, não achando pares somente, mas podendo inclusive aprender o espanhol, porque que as pessoas não tinham a esse elitismo da língua que você só fala? Perfeito! Primeiro não, você tem que aprender a aprender, tem que falar.

E em um segundo lugar que foi o instituto, só pelo estar, digo eu estou. Hoje eu estou gripada e aí foi o Instituto Guimarães Rosa que onde eu pude, que é um instituto do da Embaixada do Brasil no México, onde eu pude falar do meu trabalho, pude ser reconhecida. Acho que o reconhecimento que eu não tenho do Brasil eu tive lá. Sabe da importância do trabalho que eu desenvolvo. E aí foi a hora que eu consegui construir alguma, algumas relações de parceria mesmo, sabe? Até pensando que dois anos parece que é muito, mas foi pouco. Assim foi. Foi ali. Porque primeiro que o processo de chegar e situar, aprender o idioma, no meu caso e aí depois construir essas relações e aí começar em espaços.

00:25:09:17 - 00:27:06:05

Por conta do meu casamento, eu vivia uma relação inter-racial e aí eu vivia muito em espaços da branquitude. Assim, e no primeiro momento foi difícil eu estar nesse país a encontrar as parcerias com outras pessoas e cidades. Mas quando isso aconteceu, aconteceu com muita força. Eu conheci uma ativista da arte, que é o país dela agora, mas na República Dominicana eu conheci gente de outros estados, do México eu conheci então, e aí as pessoas brancas que eu conheci a maior parte do tempo, elas ali.

Ficava muito nítido como o racismo no Brasil é cruel, porque elas me ignoravam. Primeiro que eu não falava espanhol fluente, que elas falavam que o brasileiro tem que falar. E aí, segundo por um gostei mesmo. Acho que o racismo tava assim, não fazia muito, não, fazia muita questão de me de fazer uma rede eu comigo, sabe? Então eu acho que pensando em ser mulher negra no México, eu acho que foi a expressão mais certa de entender que eu sou uma mulher negra no Brasil. Quer que me clarear mais no sentido de me deixar não me deixar negra. Na Cidade do México, por exemplo, isso não aconteceu. Todo mundo sabia que eu era uma mulher, sabe? Então eu acho que ali foi a experiência de uma violência declarada, mas ao mesmo tempo, de eu poder a partir da ancestralidade. O México é da minha ancestralidade junto ao candomblé, poder entender quem eu sou de fato. Eu acho que aconteceu dentro sim

Lugares de afeto

00:28:46:09 - 00:30:01:00

E eu, num primeiro momento, assim, dos espaços, sim, eu encontrei lugares de afeto, principalmente em São Paulo, Lapa, mas também no Instituto Guimarães Rosa. Eles identificavam em mim uma parceira, uma parceira, porque esse espaço, ele é a origem dele, é zapatista, então é uma outra forma de se pensar resistência. Pensando hoje na América Latina, inclusive, e aí, nesse lugar eles são. Eles entendem o espaço pelo espaço que eles constroem, cultural como espaço de alma para agregar os dissidentes, independente de sua origem, sabe? Então, foi aqui onde eu recebi o maior colo dos da Cidade do México. Sem dúvidas. E aí eu acho que não foi possível construir uma relação mais profunda com ninguém. Mas eu sinto que aí talvez seja essa coisa de ser migrante, de você estar num processo de migração, de migração.

00:30:01:04 - 00:30:38:14

Aqui eu era o expatriado ali, então porque é como se essas relações, elas tivessem uma adesão pela comunidade mesmo. Você está aqui, você é um peregrino, não voltou e a gente está junto. Não importa se a gente tem um vínculo ou não, sei lá. A partir do bairro, da família. Não é isso. De porta em porta é que vou ser uma pessoa dissidente também. E aí, como é que a gente se acolhe? Como é que a gente se apoia, sabe?

Saudade

00:30:38:16 - 00:31:43:23

E aí a saudade do Brasil? Ela existia? Eu, eu assim. Eu me identifiquei muito com a Cidade do México, no lugar de eu me sentir bem, sabe? Era um lugar que eu me sentia bem. Mas quando eu penso no idioma, na comida, nas relações, nada assim muito. Foi assim que foi um momento. Eu vivi alguns momentos difíceis, mas eu não ficava alguma nostalgia, como uma melancolia, sabe?

Então, essa saudade era uma saudade boa e uma saudade de me lembrar de como eu sou e é o quão eu entendia, o quanto eu era brasileira, me vem fora, sabe? Eu sei o quanto eu gostava do meu país, o quanto tinha coisas que eu ainda não tive a oportunidade de fazer aqui. E aí eu voltei com muito desejo de saber, por exemplo, de dançar cultura popular, coisas que eu não pude, não pude fazer antes.

Comunidade brasileira

00:33:30:08 - 00:35:29:10

Então, isso, até onde eu sei, é muito escasso, e aí é muito de pessoas brancas. E quem tem grupos de brasileira do México, mas geralmente são pessoas brancas, ponto média, classe média alta, não é?

E não, não tive. E eu dei uma circulada, mas não, não encontrei em um grupo de pessoas negras do México brasileiras. Não entendeu? E aí, o que em relação às conexões com o Brasil? Eu acho que tem uma coisa que é muito forte lá, que é o artesanato. FAB É muito, muito, muito, muito presente sim, no turismo da cidade e é aí a sensação que eu tenho é que tem sim uma conexão com o nosso artesanato aqui, principalmente do Nordeste.

Você sabe. E aí, como essa coisa da troca atrelado aos povos originários, ainda entendo que essa coisa que o diálogo não é à toa. Então, ali onde eu conseguia reconhecer as nossas proximidades, eu acho que tem uma coisa do mexicano que não é o mexicano que não é ou o mexicano branco, que é um lugar onde tem uma placa, uma pedra, uma simpatia fixada. Existe um lugar de acolhimento. No geral, essas pessoas, essas pessoas, não vão deixar você na mão se estiver fazendo, sabendo achar uma informação. Sabe? E aí acho que é isso.

Racismo

00:35:53:17 - 00:37:44:08

Ai sim, eu acho que eu acho que é primeiro por que eu acho que quando eu falo da solidão, essa solidão geral já é o resultado do racismo. Viver em lugares em que o afeto estava para mim sabe tanto. No geral, eu acho que eu posso dizer, inclusive com os brasileiros brancos, os brasileiros brancos. E aí aconteceu de logo no começo, assim eu estar andando no supermercado ou em lojas, essas lojas de ser que eu esqueci o nome e o tipo de loja que tem de muito, que tem muitas marcas assim. E aí de ver os seguranças me seguindo só aconteceu.

E aí? E aí? Eu acho que por mais que isso aconteça no Brasil também, ser migrante te coloca como pessoa negra, te coloca no lugar de muito medo em relação a isso. É uma pessoa que está sendo observada. Então olha, eu comecei a ter muito medo dessa situação aí, porque eu acho que não é só a questão da pessoa te seguir e de você não saber como você pode chegar isso em relação a isso.

Eu acho que essa é a parte que as pessoas vão contra para as pessoas, que as pessoas brancas talvez não saibam, mas foi isso que eu tive sendo seguida. Tive uma crise e sei lá, de pânico, porque se fosse seguida, qual é a reação ou você a reação desses seguranças ou essa reação das pessoas? E ela eu acho que eu entrei nessa desses gatilhos, sabe?

00:37:44:08 - 00:38:32:09

Porque eu passei. E aí uma vez eu estava num centro de dia, artesanato lá, e aí teve um cara que começou a me perguntar o dono de uma loja, o pessoal de onde eu era e montou e pediu pra eu começar a ocupar para ele. Então aconteceu isso também. Então acho que são três coisas, essa coisa de ter seguido os lugares, isso foi bem presente.

A outra é a questão é isso, esse fetiche, esse estereótipo de ser uma mulher que migra e o próprio racismo dos brasileiros assim, sabe? Porque os brasileiros que eu encontrei eu não consegui reconstruir. Porque as pessoas contam de fora, elas se ajudam. As comunidades de seu aqui e ali. E eu não tive esse apoio.

Conclusão

00:39:58:17 - 00:41:43:04

Ah, eu acho que eu fico pensando que ainda que a gente esteja falando do bar, a gente esteja batendo na tecla da de pensar o que que é uma pessoa negra brasileira circulando pelo mundo. E como ele sabe, eu acho que a gente não precisa ir muito longe. Eu acho que o racismo ele está dado e ele só vai ganhar roupagens diferentes.

Mas aí há a linha dorsal dele a beira do rabo, sim. Então eu não precisava necessariamente ser uma estar falando fluente em espanhol para entender que o racismo estava presente. Tava muito mais paranoico disso. A importância de eu estar fazendo eu ter tido essa oportunidade de fazer essa viagem, de ter feito essa temporada ou a de ter feito isso dois antes de uma vida de expatriada.

E porque a importância que a gente possa circular não só com o nosso corpo, memória, mas também com as nossas práticas, com as, com as nossas perspectivas. Eu estou falando de nós no sentido de mulheres, homens, negros ou de pessoas de cidades que se disponibilizam a olhar o mundo de uma perspectiva da transformação. Então, eu acho que o fato de eu geledés exclusivo e fazer parte prática também abriu muitas portas para mim, pras pessoas entenderem que eu não estava aleatória, não sabe?

00:41:43:05 - 00:43:38:11

Eu estava aleatória ali na Cidade do México. Eu não só tinha o ponto de partida que eles não reconhecem, porque eles têm uma. O olhar do Brasil, do olhar, da bossa nova branca, do samba espetacularizada, sabe? Então eu pude levar isso e aí isso vai ficar na memória deles lá do Instituto, que não é qualquer instituto, sabe? Então é importante a gente poder circular, sabe do que eu acho que a gente poder, mesmo que a gente não seja, porque assim tem uma coisa também que tem dia que você pode fazer curso de inglês pelo seu país, por quanto mais você chega ali no território é outra coisa.

E aí não depende o quantos pontos, o quão fluente você é o seu país. Ali a coisa muda de perspectiva, sabe? E apesar de não ser fluente em espanhol, eu continuei construindo relações. Então, aí eu acho que eu quero trazer isso. Importância da gente circular, independente da bagagem que a gente tem do idioma independente saber que o racismo está dado, Mas isso faz com que hoje eu fui para Cidade do México por razões pessoais, mas também querendo me reconstruir.

Muitas coisas que eu vivi nos últimos anos, o mercado de trabalho e tudo mais. E aí eu volto com uma ideia de agora eu sei. Meu primeiro longa-metragem que eu quero fazer essa cobrança validade lá. Realmente eu consegui entender o que o sal, por que eu ficava todo feito em busca da ancestralidade e como ela hoje de fato eu consigo falar dela.

Renata Vilela Benites Cotas

Local: Argentina – Buenos Aires

Data da migração: 2019

Auto descrição

00:03:49:12 - 00:04:04:01

Renata: Renata, sou uma mulher, brasileira, de 1,60 e estou morando na Argentina.

00:04:12:00 - 00:04:27:00

Renata: Meu nome completo é Renata Villela Benitez Cordas. Eu tenho 39 anos e minha data de nascimento é 23 de janeiro de 84.

Motivação

00:04:41:13 - 00:05:13:07

Renata: Acho que tem alguns aspectos mais práticos que posso dizer que foi a vontade de ter uma experiência de estudar fora. Já era advogada em São Paulo e tinha vontade de estudar e complementar meus estudos no país latino americano. Mas também tinha um desejo próprio, de tomar um pouco de distância das coisas por um ano, algo rápido e voltar.

Saudade

00:06:47:00 - 00:07:10:02

Renata: Sim, os primeiros anos eu ia muito mais. Era muito fácil ir, era mais acessível as passagens, o câmbio. Isso mudou muito, a possibilidade de ir para o Brasil mais vezes. Além de tudo, quando você começa a trabalhar aqui, só tem duas semanas de férias por ano. É diferente do Brasil.

00:07:10:04 - 00:07:32:13

Então você também diminuiu suas possibilidades de ir para o Brasil passar as férias. Inclusive decidir ir para outro lugar ou ir para o Brasil. Mas eu tenho muito contato com o pessoal também. Foi melhorando, foi aumentando as possibilidades de contato virtual, com vídeos que antes não era... Existia o Skype, mas não tinha nem WhatsApp quando vim para cá.

00:07:32:15 - 00:08:03:07

Então foram aumentando as possibilidades de diálogo digital virtual. Mas eu vou, tento ir uma vez por ano, eles passam dois anos sem ir, mas sinto muita falta das da família, dos amigos mais próximos e da comida. Que cara, melhorou um pouquinho porque aqui em casa hoje não tem café brasileiro, aí já estou numa síndrome de abstinência.

Relação com brasileiros

00:08:12:03 - 00:08:38:23

Renata: Sim, nos primeiros anos eu até fiz... Tinha algumas amigas brasileiras e até tentei manter distância de grupos brasileiros para tentar uma integração maior, falar mais espanhol, como eu vim por desejo e não por situações de outros companheiros que vem já de situações mais precárias, o que, de outros países, principalmente, que vem buscando meio escapar de circunstâncias mais difíceis.

00:08:39:00 - 00:09:03:16

E não vem de um desejo próprio de uma construção própria. Eu tenho esse privilégio. Eu vim por um desejo, pude construir. Então eu vim com desejo de conhecer mais, aprofundar cultura, aprender espanhol. Então eu tentei nos primeiros anos ficar longe, mas depois vi que era tudo balela e que a opção era a minha comunidade. E depois eu sempre tive algum grupo, alguns grupos de amigos.

00:09:03:18 - 00:09:35:14

Depois eu estive com o Coletivo Passarinho, que é o grupo de imigrantes brasileiros ativistas. E tudo se resolveu também a partir do golpe da Dilma e as ameaças que a gente fez nesse período para a resistência política e também tinha aí um forte componente afetivo de compartilhar o que nós, como grupo de identidade, compartilhamos com o que passava no Brasil, de sofrer aqui, o que acontecia lá. Então tá entre iguais também.

Xenofobia

00:09:43:19 - 00:11:41:02

Renata: Nos primeiros anos ainda mais comum com um espanhol que você não consegue disfarçar "eu consigo disfarçar que eu sou brasileira", pensa que você é de outra província no máximo. Mas no começo, tinha muita abordagem mais machista, do estereótipo de mulher brasileira, fácil. Enfim, isso foi bastante incômodo em várias situações, como taxista, motorista de ônibus. Foi inclusive uma das coisas que mais me impulsionou a aprender a falar espanhol com sotaque argentino para tentar passar despercebida, porque era muito incômodo no começo, não era bem uma xenofobia. Mas são esses

preconceitos que a gente vive como estrangeira latina em outros países. Mas sobre essa coisa dos companheiros venezuelanos com uma tez mais escura ou negras, tinha outro tipo de preconceito. Hoje em dia e situação mudou muito aqui, cada vez tem mais brasileiros, tem uma migração extremamente forte, principalmente nas grandes cidades que tem universidade, tem muitos estudantes aqui. Então já começamos a escutar mais, cada vez mais casos de xenofobia. Também é um processo em tem um governo de direita que foi eleito, então com discursos de ódio, então começa a se habilitar que as pessoas no metrô, nos espaços te olhem feio por falar português. Nunca me aconteceu pessoalmente, mas eu vejo situações ao meu redor. Eu também estou um pouco mais integrada, já enfim passo despercebida como brasileira, mas quando falam português, vejo que as pessoas olham com outros olhos, hoje em dia tem que estar bem atento.

Tempo livre, lazer

00:14:46:06 - 00:15:58:19

Renata: Eu estou trabalhando na capital da província que fica em La Plata e está a 50 quilômetros daqui. Então o meu tempo livre é bem curtinho durante a semana, porque eu chego entre sete, oito horas da noite, não muito diferente de que está em São Paulo, demora na viagem para ir trabalhar, a gente está acostumada com o paulistano. Então eu tenho as minhas noites, na verdade né, que eu divido entre fazer esporte. Aqui é uma cidade muito plana, então é muito legal para andar de bicicleta, você pode usar bicicleta como transporte. Então, quando você é uma mulher, você pode fazer bicicleta, agora começou a primavera e o verão é super gostoso. É uma cidade que tem muitos parques, então com um namorado ou amigo e gente vai pro parque, fazer piquenique, tomar um cafezinho, toma um mate que eles tomam muito aqui, como chimarrão no sul do Brasil. É uma vida externa, espaço público, praça. Esse uma das coisas que me faz desejar morar em Buenos Aires, pois tem muito cinema, teatro, shows, uma cidade culturalmente muito rica.

Voltar para o Brasil

00:16:05:01 - 00:16:34:00

Renata: Depois que eu me mudei, achando que eu ia ficar um ano. Eu comecei a entender e ver muitos amigos imigrantes que vêm para sempre, e voltam, que essa é uma decisão, que é uma imagem de futuro. Eu me imagino aqui agora. O que acontece amanhã se eu mudar de planos? As circunstâncias, as oportunidades, é isso. Mas a minha intenção, por enquanto, é morar por aqui.

Choque cultural

00:16:53:00 - 00:19:42:13

Renata: É, acho que tem uma coisa aqui que aconteceu muito, que eu me dava conta quando eu ia pro Brasil, quando eu voltava de férias, que é uma coisa um pouco mais dura na comunicação das pessoas que hoje em dia eu já sinto menos. Talvez por ter compreendido um pouco mais como as pessoas se relacionam. Não que sejam pouco carinhosa, não sou afetivas, mas o primeiro contato, as primeiras emoções têm uma dureza, uma frieza que ainda que eu seja de São Paulo, que a gente fala que eles não são pessoas mais afetivas, mas tem uma leveza na comunicação, que quando lembro de chegar no aeroporto, já pegar o ônibus pra ir pra cidade, já tinha uma... E eu sempre tenho dúvidas, se são os meus códigos de Renata ou se é uma coisa de brasileiro, argentino ou se sou eu como me sinto, se é uma experiência muito individual ou se realmente cultural. Mas você conversa com alguém já a forma de você se apresentar ou se você dá uma risada, já mais íntima aí as pessoas já te entendem. Então uma coisa da comunicação que é muito sutil. Eu sinto quando estou no Brasil meu corpo relaxa já um pouco assim, por mais que eu esteja tantos anos aqui, esteja super integrado à sociedade, dá a sensação às vezes que você tem sempre uma comunicação mais dura. E depois tem uma coisa que, como experiência de imigrante estrangeira, que você sempre é estrangeiro, por mais que você esteja integrado com todas as palavras que a gente possa usar para essa seja cômoda, é sempre estrangeira. E passo no Brasil com esse meu português, também é estranho. As pessoas perguntam de onde eu sou, o que é estranho também. Mas tem alguma coisa na comunicação e na sensação da suavidade e da leveza, que é o que mais me choca. E depois uma coisa que é a sensação de pertencer à América Latina. Talvez pela língua, mas também pelas pessoas culturais e políticas, aqui também pela época de imigração. Talvez agora em São Paulo tenha mais, mas aqui tem muito colombiano, venezuelano, paraguaio, boliviano. Então se eu for, são pessoas da

América Latina. E mesmo as notícias do Brasil impactam muita Argentina, o que acontece no Peru ou no Chile. E no Brasil a gente tem muito pouca notícia sobre a América Latina. A gente não se sente latino americano. Então isso dá uma sensação assim, como se eu fosse de outro continente, não fosse latino-americana. E é uma identidade muito bonita, muito. O que eu me sinto me identificado é que é muito prazeroso estar aqui, fortalecer o latino americano. São algumas coisas que eu aprendi e valorizo muito.

Adriano Augusto Fernandes Machado

Local: EUA - Boston

Viveu na China - Shangai e na Rússia - Samara

Data da migração: China 2014, Rússia 2018, Vietnã 2022, EUA 2023

Auto descrição

00:04:05:13 - 00:04:15:05

Eu sou um homem branco de cabelo curto, liso e estou usando uma camisa branca.

00:04:23:08 - 00:04:33:18

Meu nome é Adriano Augusto Fernandes Machado, eu tenho 51 anos de idade. Eu nasci no dia 18 de janeiro de 1972.

00:04:35:04 - 00:04:40:16

Eu nasci em São Paulo, capital.

Motivação

00:04:53:15 - 00:05:19:18

E a primeira saída do Brasil foi em 92, mas foi por uma curta duração. Foram quatro, cinco dias. Só depois, em 2012, eu tive oportunidade de e eu tinha ido para Argentina nessa época. Depois, em 2012, pela empresa, eu fiz dois [palavra em inglês], como a gente chama para a Coreia do Sul e para a Colômbia. Uma semana cada um. E aí, em definitivo, como imigrante saindo do Brasil e seguindo os passos e a definição da diáspora em 2014, a gente foi para China o principal motivador Wini e Bárbara que nos fez tomar essa decisão foi não a necessidade, mas uma vontade, um desejo de ser submetido a experiências novas. E, claro, eu trabalho no setor automotivo há quase 30 anos e em conversa com pessoas mais experientes do que a gente, nós tivemos a informação de que você trabalhar como um expatriado, um expat, como eles chamam. Você tem um benefício bem maior do que é oferecido por CLT no Brasil. Então era uma composição, uma combinação da oportunidade e da exposição de não só para mim, mas para minha família. Eu deveria ter falado antes Eu sou casado, tenho duas filhas adolescentes. Hoje, Beatriz, de 17, e Aline, de 15. Então essa oportunidade de exposição para toda a família em culturas diferentes e a gente decidiu ir logo para o outro lado do mundo, para a China, né? Ainda no setor automotivo, óbvio que a gente tinha aquela apreensão um pouco de ceticismo. Pô, China, do outro lado do mundo, tanta coisa que a gente escutava falar. E assim que a gente chegou. Nós tivemos uma, uma, um suporte bem grande. Mas acho que você vai me perguntar mais no decorrer. Então, o principal motivo, o principal motivador, foi um desejo que a gente tinha de experimentar culturas diferentes e o atrativo do pacote de benefícios que um expatriado recebe quando vai trabalhar em outros países.

Adaptação da família na China

00:07:16:15 - 00:07:44:00

Bem diferente. A gente morou em Shanghai por quase quatro anos. Então aquele que eu tinha mencionado anteriormente, a apreensão quanto a cultura, a gente não tinha muito. A gente fez muita pesquisa, muita pesquisa, entramos em contato com o pessoal, já morava lá brasileiros que já tinham morado na China e tinham voltado. Então foi uma pesquisa bastante exaustiva, porque eu estava levando minhas filhas e a minha filha, a minha esposa. Elas eram pequenas, a Bia tinha oito anos e a Aline tinha seis. Como é a questão da educação? A escola foi o principal diferencial que a gente encontrou. A empresa,

como eu estava te falando, deu todo o suporte para a gente. Elas foram matriculadas em uma escola internacional americana, americana, então elas foram praticamente alfabetizadas em inglês. Hoje elas falam inglês melhor que português.

00:08:13:11 - 00:08:46:10

Então a adaptação. Eu costumo dizer que toda aquela apreensão das primeiras semanas foi mais fácil e mais rápida do que a gente podia imaginar, porque Shanghai é uma cidade gigante, cosmopolita ao extremo, super internacional. Então você tem uma ideia restaurantes internacionais, mercados, os Tudo o que você pode imaginar do Ocidente tinha lá. O que foi meio que uma surpresa agradável para a gente. A China, super restritiva quanto ao Ocidente, principalmente a marca americana, restaurantes, enfim, e marcas mesmo americanas, de roupa de eletrônicos. Não, não. Só que não. Lá na China, principalmente em Shanghai. E eu vou mencionar daqui a pouco sobre Shengen e lá no sul, próximo de Hong Kong e Pequim, que não representam muito a China, né? Eu já vou te explicar o porquê. É uma cidade que abraçou a gente assim muito facilmente. Principalmente eu tenho que repetir o suporte que a empresa na qual eu estava trabalhando deu para a gente. Então foi muito rápido. Uma resposta curta e simples para sua pergunta foi mais rápido e mais fácil do que a gente podia imaginar.

Pessoas brasileiras conhecidas na China/ Xenofobia

00:09:38:14 - 00:10:39:00

Sim, sim, pessoas que ainda estavam lá, que tinham trabalhado comigo nas empresas onde eu tinha trabalhado lá no Brasil, que ainda estava lá e pessoas que tinham trabalhado lá e voltaram para o Brasil e é muito diferente a percepção e a resposta de cada família. Cada um tem a sua mentalidade, tem os seus princípios, enfim. Então era, era, foi, foi bem variado, pessoas que amaram por conta do clima. O clima é muito parecido com o do Brasil, né? A temperatura é menor do que a gente pegou lá. Foi zero graus ou -1, se não me engano. A gente nunca pegou neve em Shanghai, em Xangai, então, trânsito maluco. E outras pessoas que odiaram outras pessoas odiaram porque foram com uma expectativa de, não vou falar xenofobia, mas como a expectativa de não encarar xenofobia e por algum motivo eles não detalharam, não gostaram, não foram recebidos de braços abertos.

Preconceito ou Xenofobia

00:12:33:18 - 00:13:04:00

De forma nenhuma. De forma. Nenhuma empresa que eu trabalhava. Ela é meio canadense, meio austríaca, então a empresa tinha pessoas de todo canto do mundo alemães, italianos, ingleses, americanos, a maioria chinês, naturalmente. Mais não, não, não percebi nada disso, inclusive por parte dos chineses. Até uma pouca gente, pouca gente, mas um interesse grande assim por brasileiro que veio do outro lado do mundo. Como é que é a vida lá? Carnaval, Pelé, O que eles têm melhor é corrupção também. A imagem do Brasil pra fora era não era das melhores e algumas pessoas com quem a gente tinha mais proximidade se aprofundavam nesse assunto por uma briga. O parlamento brasileiro. Muita corrupção, tal violência, mas xenofobia não num sentido nenhum de Halloween. Nada, nada. Zero quatro anos a gente ficou lá, zero.

Momentos de lazer na China/ brasileiros

00:17:23:07 - 00:19:15:06

Bom, como um bom brasileiro, eu de jogar bola de futebol e eu conheci outro, outro, eu diria assim facilitador para a gente. Willi nós conhecemos bastante brasileiro lá. Nós chegamos em setembro de 2014. Nós matriculamos as meninas no final de setembro, começo de outubro, no final de outubro, na escola de lá, onde elas estudavam, teve uma feira internacional de comida e conheci uma outra pessoa, um outro brasileiro de vista.

Assim, tal, durante quando a gente levava as meninas para escola, uma brasileira oi, como vai? E tal, mas todo mundo muito apressado em deixar as crianças da escola ir pro trabalho. Mas aí nessa feira abriu a porta da China para família brasileira. Então a gente descobriu que tinha umas outras dez ou 12 famílias de brasileiros lá que já estavam há algum tempo, inclusive pessoas com quem a gente tinha entrado em contato quando a gente ainda estava no Brasil. E aí falaram para a gente olha, tem um grupo que joga bola, olha, vocês são católicos, tem igrejas que rezam a missa em inglês, faz uma missa em inglês,

então eles deram muita dica pra gente. Então jogar bola, churrasco, quase todo fim de semana próximo de casa, eu te falei aquela palavra laowai, sei lá, dois quilômetros de casa tinha uma rua de não sei se ainda tem o falo tinha porque mudou bastante.

Shanghai, uma rua de uns 300 metros, Wini só com restaurante internacional de todos os países que você imagina. Tailandês ahn, fast food de tudo que é, de tudo que é lugar, japonês, francês e tudo. Então a gente ia muito nessa rua que chamava Laowai e Mía Jia e rua ultrapassa palavra esse aí que você está aprendendo em chinês.

Então a gente ia muito nesse lugar e ia. Mas tinha uma rua com uns dois lados e um canteiro central só com bares e restaurantes internacionais. Então era isso que a gente fazia. A gente costumava viajar e a empresa pagava uma viagem por ano para a gente. Então, basicamente era esporte, um lazer a fim de comer nesses restaurantes internacionais e viagens. Era o que a gente passava nosso tempo lá.

Choque cultural na China

00:20:53:07 - 00:22:05:06

Então uma coisa assim é um diferencial, principalmente no ambiente de trabalho com os chineses, com os chineses. Isso explica muito a expatriar são do mundo ocidental para a China e a exportação de chineses pra eles pegarem essa flexibilidade, essa lente um pouquinho mais aberta do ambiente ocidental, do mundo ocidental. E depois do recrutamento desses chineses de volta, é o seguinte eu vou te dar um exemplo.

Eu falava lá com um funcionário meu, um expert num determinado assunto lá você prefere pintar isso aqui de verde ou de amarelo? A resposta deles era invariavelmente sim ou não, sim ou não. Mas eu te pedi uma, uma ideia, uma alternativa, uma, uma proposta sua. Eles eram muito receosos nesse aspecto. E com o tempo a gente foi entendendo porque o ambiente naturalmente comunista, um ambiente fechado, onde as pessoas veladamente não podem expressar muito as suas opiniões, tudo muito controlado.

00:22:05:11 - 00:22:43:12

Não sei se você sabe, a gente não tinha acesso, por exemplo, a Facebook, YouTube ou WhatsApp. Você precisava de um VPN. Tudo muito controlado. E a gente ficou sabendo que era monitorado, principalmente os estrangeiros eram monitorados. Então, talvez a combinação desses dois aspectos. Assim, a interação com os chineses deles não terem muita, muita liberdade. Se você sentia que eles até queriam mais, com um receio já meio que intrínseco, já meio que arraigado na cabecinha deles, eles ficavam meio receosos.

00:22:43:12 - 00:23:15:03

E aí parte da minha função era abrir um pouquinho a mente deles, porque eu tinha funcionários, eu não podia tomar a decisão sozinho, sem ter um subterfúgio deles, sem ter a parte técnica deles. Então eu precisava dar propostas. Então eu fui aos pouquinhos. Eu não consegui com todo mundo, mas obtive uma taxa de sucesso aceitável. Então essa restrição assim de abertura e de flexibilidade, talvez tenha sido o maior, o maior choque cultural.

Saudade

00:24:34:04 - 00:25:03:05

A gente sentiu a família, A família. Pelo fuso horário, a gente estava 11h12 horas quando tinha o horário de verão. Então a comunicação era, era não restrita. Mas era difícil, né? Quando a gente estava indo dormir, o pessoal do Brasil estava acordando e vice-versa. A minha, minha, a minha irmã foi a família dela. Eles foram visitar a gente, matar um pouquinho da saudade.

00:25:03:07 - 00:25:26:03

A minha mãe ainda era viva na época que a gente estava na China. Então, saudade dos amigos, saudade da rotina, né? Como eu te falei, eu sempre gostei de jogar futebol e ao campo assistir o meu time, a tranquilidade. Sabe aquela zona de conforto? Assim foi como eu te falei, foi. Foi uma mudança, sim, bem radical.

Da China para Rússia

00:28:03:01 - 00:28:25:07

Isso é gente. Exato. A gente chegou em setembro de 2014 na China, em março e três anos e meio, três anos e sete meses, aproximadamente quatro anos na China. E aí em fevereiro foi fevereiro, dia 28 de fevereiro de 2018 a gente chegou na Rússia.

00:29:37:17 - 00:30:11:23 E era nessa empresa aí que tinha sido comprada pela Renault, que tinha sido comprado pra ela. Mas eu já, eu já te dou os detalhes. Foi assim, Como é que foi a transição? Eu tava procurando e coincidentemente me apareceu eu via LinkedIn, uma rede Hunter, uma agência de outplacement e falou assim Olha, temos uma vaga com o seu perfil, você está disposto? Eu falei olha, eu não vou correr o risco de ficar sem emprego, né? Vamos conversar. E foi isso aí. Foi o primeiro contato que depois, graças a Deus, deu tudo certo e a gente mudou.

Choque cultural na Rússia

00:34:21:07 - 00:35:20:19

Então, em relação a alimentação, não teve choque nenhum, nada. Alimentação muito parecida com ocidente né? Inclusive eles têm uma sopa de beterraba lá chamada Borsch, que é muito gostosa. Recomendo eles. Eles usam bastante batata, tubérculos na alimentação deles. Tem muita carne, muita, muita variedade de carne. Então o choque cultural foi em relação ao frio. A gente chegou lá no final do inverno, a gente chegou lá em fevereiro...

Xenofobia

00:37:56:10 - 00:39:25:10

É isso. Olha, e eu ainda tenho dúvida se era uma xenofobia ou se era um misto de esse cara é um cara brasileiro chegando da China que nunca trabalhou na Renault e está vindo aqui para mudar completamente os processos da automação automível. É uma empresa que hoje deve ter mais de 60 anos, 60 ou 70 anos, se não me engano.

Líder de mercado na Rússia, a líder de mercado na Rússia e chegou a arrendou e comprou Alto Vaz e queria mudar tudo. Então imagina, você está acostumada e já está indo de vento em popa, como a gente fala nos seus processos, procedimentos, sistemas e chega alguém que compra sua empresa, muda tudo, muda tudo. Então, a primeira impressão que eu tive dos meus funcionários eu era um gerente sênior, eu era um ED de departamento lá, como a gente chama. Então eu tinha gerentes, engenheiros, técnicos respondendo para mim o e-mail. No primeiro dia eu já senti uma certa. Então eu acho que era mais um pouquinho o fato Não, não, não. Xenofobia, que não era xenofobia. Não estou sendo um pouco injusto aqui, mas o fato de estar chegando um estrangeiro para implementar alguma coisa que eles são um pouquinho o que eles eram, um pouquinho relutantes para não dizer avessos, né?

Momentos de lazer

00:47:29:11 - 00:48:24:20

A gente, quando as meninas entraram na escola, tinha um casal, ele era turco e ela francesa. A gente pegou uma amizade com eles, eu com o pessoal. Eu tive na empresa, eu tive problema com os meus gerentes lá nos outros departamentos eu não tinha o problema que eu tinha com as pessoas e o futebol também. O futebol também jogava bola duas vezes por semana. Participei de campeonatos lá e tal. Então era com essa família do turco e da francesa. A gente jantava, a gente em restaurantes, a gente conheceu um restaurante lá, uma cantina chamada Osteria. Mário Sensacional. A gente sente muita falta dessa cantina sensacional. E era basicamente isso. A gente ficava muito tempo em casa, muito, muito mais em casa do que a gente.

Planos para o futuro

01:41:55:05 - 01:43:21:03

No Brasil agora a gente virou turista mesmo, né? A gente tem a minha irmã aí, a família dela tem os amigos e tal, mas é uma vez por ano, até porque agora a gente não tem o benefício da empresa, não tá pagando a passagem. Sai do bolso. Eu preciso me organizar direitinho, mas definitivamente não, não é voltar para o Brasil. O Green Card tem validade de dez anos, tem

validade de dez anos e com possibilidade de estender por mais dez Quando? Quando terminar. Então a nossa ideia agora. Hoje é dia 8 de dezembro de 2023. São dez e 40 que este meio de 40 é hoje. O cenário é a gente ficar aqui. A gente cumpriu o período do green card, depois eu não sei quando terminar o período do Green Card e vai ter época de eu me aposentar. Daqui a pouco as meninas estão indo para para faculdade e o foco é para elas. Óbvio que eu quero ter o meu conforto, dar um conforto para minha esposa. O foco é a gente pagar a faculdade delas e não é barata. Aqui também não é. É é ficar aqui os dez anos aqui ó, dez anos.

Daniele de Santana Santos

Local: Argentina – Buenos Aires

Data da migração: 2016

Auto descrição

01:20 Daniele: Eu sou Daniele, sou uma mulher negra, eu estou usando trança neste momento. Bom sou uma mulher negra parda, atrás de mim tem uma parede, um armário com vidros e bom a minha cozinha e tudo mais, eu acho que é só isso né?

02:10 Daniele: Eu tenho 36 anos, nasci no ano de 1987 no dia 29 de julho, em Minas.

Motivação da viagem

07:19 Daniele: Bom, eu em 2016, estava no Brasil né e fui candidata a vereadora esse ano, estava terminando também a minha faculdade em Duque de Caxias. Eu fiquei... Eu tinha com o meu companheiro, neste momento, planos de terminar a faculdade caso eu não fosse eleita. Terminar a faculdade e fazer um mestrado na Argentina. Ele é argentino. A ideia era no final de 2017 ele tomar uma licença né, ele era professor na UERJ, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ele poderia tomar a licença. E eu estava terminando a faculdade já. Planos pro final do ano de 2017. Só que no dia 30 de outubro de 2016, nós descobrimos que estávamos grávidos. E aí a gente pensou “cara não vamos adiar os nossos planos, se a gente tiver que ir, vai ter que ser agora, tipo antes do fim do ano, então vamos adiantar os planos”. E a Helena nasce na Argentina, até pensando mesmo em questão de estrutura. Bom, assim fizemos. Eu não fui eleita e também estava num processo bem desgastante, a política nesse momento, a minha participação na política [incompreensível]. Então eu falei “ah vamos, vou fazer outra coisa da minha vida assim não saindo totalmente da política, mas eu quero estudar e focar em outras coisas”. [09:23] Só que aí eu fiquei grávida, tive que trancar a faculdade e vim para Argentina em março de 2017, sem falar em espanhol praticamente, eu fiz um curso online e é totalmente diferente do que você aplica no seu dia a dia, então vim praticamente sem saber nada da língua, num país diferente, grávida, sem a minha família né, os meus amigos eram os amigos do meu companheiro. Assim, eu cheguei aqui na Argentina. Eu estendo muito ne desculpa.

Adaptação no exterior

[20:30] Então foi um lugar que eu também tive a possibilidade de fazer política, dentro do Ministério do interior, e é muito é muito louco pensar que em tão pouco tempo uma mulher negra imigrante na Argentina consegue ocupar esse lugar, que talvez no Brasil eu...tarde, aí muitos anos ainda né... não sei, hoje com a bagagem que eu tenho, mas para eu conseguir ser coordenadora de juventude na minha cidade, eu rolei muito né e era um cargo mínimo. Hoje, eu posso dizer que eu remei contra a maré e o doce de leite, porque imigrante, negra no país que tem... É muito contraditório. E aí consegue entrar no Ministério para ser assessora, não é um dado menor.

Vontade de voltar

23:12 Daniele: (...) A vontade de voltar é porque hoje eu acho que eu tenho muito para contribuir com a bagagem que a Argentina me deu. Eu também na Argentina, dentro do Ministério do interior, tive a possibilidade de trabalhar com capacitação de gênero, aqui a gente tem uma lei que se chama, e Lei Micaela, que capacita os três poderes em gênero, e uma das minhas funções era capacitar também o ministério nas questões temáticas de gênero. Isso é uma questão que eu gostaria muito de trabalhar no Brasil. Voltar para o Brasil para mim seria no objetivo de cumprir uma agenda também, sabe,

porque eu acho que hoje eu estou capacitada, hoje eu acho que eu estou... E aí entra um pouco a contradição de querer voltar e não (querer), porque ao mesmo tempo que eu acho que eu vou contribuir muito com a política atual no Brasil, eu tenho medo, porque eu ainda tenho aqui uma sensação de segurança na Argentina, que eu não tenho... Aqui em Buenos Aires ne. Não posso falar por todo um país, eu posso falar da minha região que é diferente, que é uma cidade autônoma, tem dinheiro, tem outras províncias que vão passar muito pior, por todas as políticas que o governo atual está propondo, do que Buenos Aires, por mais que seja um governo de direita. Mas assim, eu ainda tenho uma sensação de segurança que uma mulher negra do Rio de Janeiro não tem, e não lembro de ter tido..

Como é na Argentina?

33:20 Então assim, a Argentina é muito avançada nas leis de pauta LGBT, de gênero, mas na questão identitária, Brasil tem muito a ensinar e passar não só para a Argentina, mas pra toda região, em relação às políticas públicas, também é outra coisa que não traduz socialmente... Na Argentina, outro paralelo, tem uma das melhores leis de imigração da nossa região, qualquer pessoa pode vir aqui e se erradicar, ter o seu documento, nós somos hoje - por um trabalho que a gente levantou...porque eu também sou coordenadora do GT anti-racista do núcleo do PT na Argentina. E gente fez um trabalho com renapec, é um órgão do governo que faz estatística, dados de imigrações, somos 110.000 brasileiros com documento de DNI na Argentina. Esse número está concentrado entre a província de Buenos Aires que a capital do Estado a Cava, cidade autônoma de Buenos Aires.

Ironi Isabel Ribeiro

Local: Tanzânia - Aruxa

Data da migração: 2013

Auto descrição

00:50

Meu nome é Ironi, sou uma mulher preta, de cabelos ondulados filha de mãe negra com pai mestiço. Tenho 65 anos, sou mãe de três filhos, todos os três adotivos, dois dos meus filhos são do Sudão do Sul, o mais velho tem 25 anos, o segundo tem 23 e eu tenho uma filha brasileira de 19 anos. Eu vivo na Tanzânia há 10 anos, eu vivo em África há 10 anos.

Motivação da viagem

02:22

Bom, em princípio, eu era funcionária pública do governo de Mato Grosso onde eu trabalhei 30 anos, 9 meses e um dia como papiloscopista. Eu me aposentei em maio, em maio eu fiz 55 anos e me aposentei. Eu já tinha vindo para Tanzânia em 2010, como aluna de pós-graduação de missiologia, eu sou evangélica, fiz o curso de especialização em Missiologia e vim passar 3 meses no Quênia para escrever a minha dissertação. Retornei para o Brasil, continuei a trabalhar, me aposentei em 2013 e vim pra cá. Eu digo que eu recebi o convite, atendi esse chamado a vim. O convite foi feito pelo Senhor, por Deus, uma chamada missionária e eu vim para cá exatamente para atender a esse chamado.

03:54

Nós fundamos, eu fundei uma organização aqui chamada Niumba A Bibi Sebastiana, que em português quer dizer a casa de Vovó Sebastiana. Essa organização resgata meninas vítimas de diferentes tipos de abuso. Em Tanzânia, ainda se pratica mutilação genital, albinos são assassinados, tem seus membros amputados para fazerem feitiçaria... Então, nós só trabalhamos com mulheres, com jovens, nós resgatamos essas meninas, muitas jovens são massai. Na tribo massai é muito comum os pais venderem as suas filhas, trocarem por gado, por dinheiro, por açúcar, por cabrito, e muitas vezes a menina tem 11, 12 anos, é uma criança, então nós resgatamos essas meninas e trazemos para o nosso projeto. Hoje que a organização já é conhecida, muitas garotas fogem das Aldeias antes da mutilação genital e antes de serem entregues em casamento. E

nós pagamos, mantemos essa fuga, ela tem um custo né, então a gente consegue mantenedores no Brasil, pessoas que mantém o projeto e nós bancamos e fuga delas das Aldeias para até e cidade onde está o nosso projeto.

Saudade

05:34

Muita, comida, família, amigos...

05:53

Eu espero retornar ano que vem. A minha mãe tem 97 anos, então eu gostaria de vê-la novamente.

06:30

Eu estou sempre em contato com as pessoas né, a minha família, os nossos mantenedores, eu estou sempre em contato com as pessoas mas essa falta que a gente tem, é uma falta... Mas assim, quando eu estou aí, também eu sinto muita falta de estar aqui, eu tenho uma vida estabelecida aqui. Então eu sinto falta da família, da vida, da comida, sabe? É muito diferente, a vida no Brasil é muito diferente da vida aqui. Eu moro numa vila... Na verdade, assim, aqui tem poucos lugares que tem asfalto, então eu costumo dizer que nós temos duas estações aqui: a da lama e a da poeira. Nesse momento nós estamos na estação da lama. É muita chuva, muita lama. E eu sinto falta de viver. A vida no Brasil é muito mais confortável, não tenha dúvida disso, a educação, o acesso a bens materiais, você poder viajar, poder ir e lugares, comer e comida brasileira. Para você ter uma ideia, às vezes vem pessoa do Brasil, e me trás uma feijão preto, eu como dividido em quatro meses, cada mês 250g, imagina? Uma coisa que aqui para nós é tão comum, a farinha, a tapioca, entendeu? É isso, o aconchego da família...

26:50

Eu tenho vontade de ir embora. O quê que eu vou fazer com as minhas meninas? Para muitas delas, eu sou a mãe. Desculpa. Eu gostaria de voltar para casa, eu tô cansada, eu estou envelhecendo, claro. Eu gostaria de ir embora, sabe? Eu me aposentei da polícia em maio de 2013, no dia primeiro de agosto eu já estava aqui, então eu não tive tempo para descansar. Eu gostaria de voltar, de viver, estar perto da minha família, dos meus amigos, de descansar a viver um pouco o Brasil. Mas quando eu penso em voltar, eu penso quem vai cuidar delas? Até que alguma delas esteja forte o suficiente para assumir tudo isso, eu vou esperando, entendi?

Costumes - Comida que gosta daí

08:15

Olha nós temos aqui basicamente as mesmas coisas que tem no Brasil, frutas, arroz, feijão... O custo é caro, pra você ter uma noção, o quilo... Eu sou de Mato Grosso, Mato Grosso é a terra dos grãos, o valor que eu pago aqui em dois quilos de arroz equivale a 5 quilos, não sei hoje, mas a dois anos e pouco atrás, eu pagaria 5 quilos de arroz. Então, a alimentação aqui, a comida típica, se come muita banana verde cozida, é uma coisa que eu aprecio demais, banana verde cozida com carne, com frango, com peixe, é uma comida muito gostosa. O Gali que é uma mistura de... é tipo uma polenta feita de milho verde mas o milho aqui é branco, e essa polenta é cozida na água sem tempero, sem sal, sem nada, e você come com folhas verdes. Eu aprecio, mas eu não posso comer muito, porque é muito carboidrato. E tem uma outra comida que eu já ouvi dizer que tem no Brasil, que se cozinha feijão com milho, aqui se come muito. O Gali com folhas verdes e o feijão com milho é uma comida, digamos assim, muito popular, a maioria da população pobre come isso todos os dias e às vezes só come arroz no fim do ano, uma festa, um casamento, coisas assim.

10:38

Aqui tem uma coisa muito interessante, os casamentos ocorrem a partir de julho porque as pessoas plantam milho e feijão, e elas colhem em junho e julho, então elas tem dinheiro a partir de julho, todos os casamentos acontecem a partir desta data, nós estamos numa época ótima, eu vou em casamentos. Eu tenho muitos convites de casamento, só neste ano seis garotas que foram alunas do meu projeto se casaram e todas elas nos convidam, então eu vou em todos os casamentos. Então me atrevo a dizer a você que meu maior divertimento é ir à festa de casamento.

Brasileiros aí

11:31

Nós somos 3 famílias de brasileiro aqui, 4 famílias, aliás. Tem o pastor Osnei com a pastora Milena, que eles estão aqui há muito mais tempo que eu, quando eu vim do Quênia pra cá, eu servi na base deles por 9 meses, eles tem um Ministério grande estabelecido. Aí tem e Bel com o esposo, que chegaram a pouco tempo, e a filha que trabalha com o pastor Osnei. Tem um outro casal, Aione com o esposo. E nós aqui. Aqui em Aruxa. Eu moro em Aruxa, somos quatro famílias, mas eu sei que em Tanzania tem outros brasileiros, porque neste ano, é o primeiro ano que nós pudemos votar aqui em Tanzania, porque teve gente suficiente pra abrir uma urna eleitoral.

Experiência

18:13

Sabe, quando eu era criança... eu venho de uma família muito, muito pobre, mas todos nós estudamos muito, fizemos faculdade e nos estabilizamos na vida. E escola minha tem o nome de Bibi Sebastiana. Sebastiana é o nome da minha mãe, uma senhora negra que criou oito filhos a partir de uma máquina de costura. A história da minha mãe é muito parecida com as histórias das mulheres daqui, onde os homens vem, faz um filho, vai embora, um ano, dois anos volta, depois faz outro filho e não querem nem saber dos filhos. Mas a minha mãe foi uma mulher muito valente, muito valorosa, por isso a escola leva o nome dela. Naquela época que eu era criança, havia na minha cidade, sabe aqueles caminhão tombeira? Já ouviu falar? Aquele caminhão vinha cheio de brinquedos doados pelo Rotary a saia distribuindo. Bom, eu estou com 65 anos, estou falando de coisa de 55 anos né... Eu lembro quanto aquilo fazia bem para gente, o quanto nós ficávamos felizes em receber aqueles brinquedos. Eu sempre tive isso em meu coração. Então, o ano passado nós conseguimos doações e compramos brinquedos. Porque criança nem sempre está preocupada, tão preocupada, com alimento. Mas as crianças daqui não brincam, não têm brinquedo não têm acesso à educação, não tem acesso a roupas, a calçados, a alimentação. Alimentação a gente procura levar a cada dois meses, então nós decidimos levar brinquedos também, sabe? Gerar memória afetivas saudáveis, e foi uma experiência maravilhosa.

Sonho

32:50

Meu maior sonho é que a jovens daqui não precisassem mais passar por tanto horror. Isso não é o dinheiro que vai fazer, é mudar a mentalidade das pessoas, é preciso que haja leis, que acabe com a violência contra e mulher aqui, no Brasil. Eu acompanho no Brasil o índice de violência alarmante contra nós mulheres, e contra nós mulheres negras é muito maior. Então, meu maior sonho é que nós não tivéssemos que passar por tanta coisa ruim.

Patricia da Silva Nascimento

Local: Portugal - Viana do Castelo

Data da migração: 2019

Auto descrição

05:00 Eu sou Patrícia, eu sou uma mulher de pele clara, cabelos pretos, curtos, cacheados, assim.

05:23 Meu nome é Patrícia Garcia da Silva Nascimento, eu tenho 40 anos, nasci em 8 de maio de 1983 em Foz do Iguaçu no Paraná.

05:42 Atualmente eu vivo em Vila Praia de Ancora, é uma freguesia de Caminha, distrito de Viana do Castelo em Portugal.

05:54 Estou aqui há quatro anos e pouquinho, viemos em julho, no final de Julho de 2019. Um pouco mais de 4 anos.

Motivação

06:21 Acho que o principal foi pra melhorar a qualidade de vida pras crianças, principalmente, ter acesso a uma educação melhor e de custos mais baixos, ter acesso a uma educação pública de mais qualidade a mais qualidade de vida também, mais por eles.

Saudade

08:14 Eu sinto falta mais das pessoas de poder estar com amigos, encontrar com a família, mas assim de viver no Brasil? Não, não sinto muito não. Eu levava uma vida assim muito privada assim, em casa, se bem que aqui é igual. Mas aqui é mais fácil de você sair para dar uma voltinha, é muito tranquilo, é muito seguro, para dar uma volta com as crianças a tal. Em particular aqui também é uma cidade de praia, tem lugares maravilhosos. Não que não Brasil não tivesse, mas já não tava tão próximo, vivia mesmo em São Paulo. Nesse sentido, não sinto muita falta, não.

O que te aproxima do Brasil?

09:09 Eu acho que são as pessoas mesmo assim, o falar com a família, com os amigos praticamente quase todos os dias, trocando uma mensagem, alguma coisa assim. E também o fato de estar aqui, a convivência com as pessoas aqui, sempre vai ter um Brasil envolvido, tem uns que já me conhecem, me chamam 'oh zuca', 'brazuca' e tal, às vezes quando acabam de me conhecer e percebem que eu sou brasileira acho que isso nunca vai, acho que dificilmente eu vá perder. A não ser que, sei lá, mude a forma de falar e comecem não mais perceberem, mas eu acho difícil, a essa altura já tem uma coisa mais arraigada, uma coisinha ou outra acaba assim mudando a forma de falar, algumas coisas, algumas palavras que uso mais como aqui, mas o sotaque dificilmente eu acho que eu vá perder. Isso eu acho que me aproxima do Brasil, eu tô sempre a falar sempre me perguntam sobre o Brasil, então eu acho que isso não tem como perder.

Preconceito ou xenofobia

10:32 Não é muito explícito, sabe, mas às vezes tem um pouquinho, assim, menospreza um pouquinho, às vezes julgam inferior, eu acho que é muito por não conhecerem mesmo, porque aqui é uma cidadezinha muito pequena mesmo, onde eu vivo. É muito diferente a cultura, a forma como as pessoas pensam, conhecem a todos e tal, isso desperta mais curiosidade, algumas pessoas eu sinto assim que... mas não é muito explícito também, não é muito constante no meu círculo de convivência, mas às vezes acontece sim. Não foi comigo mas esses dias, por exemplo, nós conhecemos um casal de brasileiro aqui também e por acaso têm os filhos na mesma idade que os nossos, estão na mesma turma, estudam juntos, hoje em dia meio que acabou estudando juntos, mas o pai, esse amigo nosso, o Roberto, ele faz doutoramento, faz doutorado em Braga, é na área de comunicação social, jornalismo, cinema... E abriram umas matérias como se fossem optativas na escola, o primeiro ciclo e uma das disciplinas é cinema não tinha professor, ele se ofereceu e está como voluntário nessa aulas. Uma menininha, que é colega dos nossos filhos disse a ele 'Ah o meu pai não gosta de brasileiros mas eu gosto de você'. Foi muito inocente. É uma situação engraçada, é que criança é muito, nossa, pura né, então acaba soltando essas coisas. E ele provavelmente nunca diria, o pai né. Mas isso foi curioso, foi meio recente.

Com o meu marido no trabalho também, meu marido tem trabalhado com eventos aqui, faz mais na parte de montagem de palco, de som e tal. No verão ele foi trabalhar num evento que é festival de folclore em Lourenço, já é na Espanha na região da Galícia aqui perto. Lá tinha uma situação de lidar, conversar com, não sei se eram argentinos ou mesmo espanhóis, não sei... Mas pela forma de falar, assim, rápido, ele não percebeu e pediu para repetir, não sei... E o senhor que é o chefe, o contratante da empresa chegou perto e falou 'não liga son brasilenos' e é assim como se a dificuldade fosse por... E ele se sentiu muito mal nesse dia, de ter sido... Isso acontece muito.

Ele está a trabalhar, meu marido trabalha como técnico luz e som na escola onde ele fez o curso técnico aqui, instituto politécnico de Viana, e tem coisas às vezes que ele precisa solicitar e tal, que ele às vezes acaba pedindo para algum colega português, porque ele sabe que se for ele, vai ter uma complicação a mais. Pra às vezes explicar alguma coisa, se for por telefone, se não for algo por escrito, ele sente isso mais...

No meu cargo é mais comum encontrar outros brasileiros, apesar que aqui ainda tem bastante português a trabalhar assim como empregado de mesa e esses trabalhos assim, que não exigem conhecimentos mais técnicos, mas acaba tendo menos essas coisas. É mesmo mais tranquilo, percebo, sinto menos.

Comunidade de Brasileiros

14:38 Olha, no meu caso não, na verdade a gente veio especificamente para esta cidade, porque uma parte da família do meu marido é daqui, a mãe, os pais da minha sogra nasceram aqui em Portugal a ela foi criada no Brasil, então viemos aqui. Porque tinha essa casa que é da família do meu marido, é da minha sogra né, ela herdou. Tem alguns familiares ainda aqui, são mais velhos, são tios-avós, vivem aqui em frente da nossa casa. Então a gente veio muito assim, já com os cuidados da família, sem muito contato com outros brasileiros. Eu acabei já por conhecer estando aqui, a primeira que eu conheci é uma moça que trabalha na loja de bugigangas, chinês, ela é muito acolhedora. Eu sinto que gira em torno dela um núcleo de apoio e quando eu cheguei ela me deu muita atenção, me convidava para fazer coisas e tal, me apresentava outros brasileiros, mas eu conheci mais aqui e acabei por um tempo e pela pandemia nos distanciamos. Agora trabalhando na padaria eu acabo por conhecer de novo muita gente, na época da fábrica não tinha contato mesmo com ninguém, mas aqui na pastelaria acaba por conhecer porque são clientes e vem e entra e sai de muita gente. E é aonde eu tenho visto mais e tem aumentado muito, muito, muito, muito. Quando nós viemos há 4 anos eu acho que na escola da Bebel no infantilário, era só ela de brasileira e na escola do Theo tinham 2, agora... tem mais, tem muito mais gente e parece que sempre chegando mais, tenho visto, mesmo aqui, que não é assim um lugar tão conhecido, um destino assim, dos mais procurados, mesmo por aqui tem aparecido bastante, tem vindo bastante.

Voltar para o Brasil

17:07 Pra viver eu não sei, assim passear eu não vejo a hora, quando eu puder rever todo mundo aí, mas pelo menos essa fase escolar é aqui, até que eles terminem mesmo o ensino médio a faculdade, aí já não sei, depende o que vai escolher, poderia ser no Brasil, poderia ser até um outro país aqui da Europa. Mas assim, a princípio a fase escolar das crianças e gente pretende ficar aqui.

M8.AV1.e-Depoimentos - Ficha de crédito

- Em uma parede lateral a relação dos depoentes conforme consta na ficha de créditos.
- Nas narrações dos depoimentos, após a fala, citar somente o nome do depoente e a nacionalidade.

Luis Felipe Fontes Lessa

Local: EUA - Miami
Data de nascimento: 1991
Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo
Data da migração: 31/06/2015
Data do depoimento: 14/12/2023

Benjamim Abras

Local: França - Normandia
Data de nascimento: 06/01/1975
Naturalidade: Brasil- Minas Gerais - Contagem
Data da migração: 11/12/2018
Data do depoimento: 07/12/2023

Mayara Longo Vivian

Local: África do Sul - Cidade do Cabo
Data de nascimento: 1991
Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo
Data da migração: 2020

Data do depoimento: 07/12/2023

Thiara Gizili

Local: Portugal - Porto

Data de nascimento: 23/01/1986

Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo

Data da migração: 2019

Data do depoimento: 08/12/2023

Juliano Augusto Cândido Silva

Local: Emirados Árabes Unidos - Dubai

Data de nascimento: 1989

Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo

Data da migração: 2021

Data do depoimento: 08/12/2023

Felipe Modesto

Local: Canadá - Victória

Data de nascimento: 1984

Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo

Data da migração: abril 2023

Data do depoimento: 12/12/2023

Paulo César Pereira

Local: Argentina - Buenos Aires

Data de nascimento: 16/08/1984

Naturalidade: Brasil - São Paulo - Campinas

Data da migração: 2013

Data do depoimento: 06/12/2023

Day Rodrigues

Local: Cidade do México

Data de nascimento: 27/08/1982

Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo

Data da migração: 2022

Data do depoimento: 07/12/2023

Renata Vilela Benites Cotas

Local: Argentina - Buenos Aires

Data de nascimento: 23/01/1984

Naturalidade: Brasil - São Paulo - São Paulo

Data da migração: 2019

Data do depoimento: 08/12/2023

Adriano Augusto Fernandes Machado

Local: EUA - Boston

*Viveu na China - Shangai e na Rússia - Samara

Data de nascimento: 18/01/1972
Naturalidade: Brasil – São Paulo – são Paulo
Data da migração: China 2014, Rússia 2018, Vietnã 2022, EUA 2023
Data do depoimento: 08/12/2023

Daniele de Santana Santos

Local: Argentina – Buenos Aires
Data de nascimento: 29/07/1987
Naturalidade: Brasil – Minas Gerais –
Data da migração: 2016
Data do depoimento: 14/12/2023

Ironi Isabel Ribeiro

Local: Tanzânia – Aruxa
Data de nascimento: 1958
Naturalidade: Brasil – Mato Grosso –
Data da migração: 2013
Data do depoimento: 06/12/2023

Patricia da Silva Nascimento

Local: Portugal – Viana do Castelo
Data de nascimento: 08/05/1983
Naturalidade: Brasil – Paraná – Foz do Iguaçu
Data da migração: 2019
Data do depoimento: 06/12/2023

M8.AV2 - Projeção Diáspora Brasileira

Tabela e gráfico com números de brasileiros no exterior

N^{os} de 2022 ([Tabela e gráfico](#))

N^{os} de 2012 a 2022 ([Tabela e gráfico](#))

Mapa

Distribuição das comunidades de brasileiros no exterior (destacar países com maior número de brasileiros)

Global ([Mapa - Gráfico](#))

América do Sul ([Mapa - Gráfico](#))

América Central e Caribe ([Mapa - Gráfico](#))

América do Norte ([Mapa - Gráfico](#))

África ([Mapa - Gráfico](#))

Ásia ([Mapa - Gráfico](#))

Europa ([Mapa - Gráfico](#))

Oriente Médio ([Mapa - Gráfico](#))

Oceania ([Mapa - Gráfico](#))

Fonte: [Ministério das relações exteriores](#)

*Últimos dados do governo federal sobre a quantidade de nacionais que vivem fora do Brasil e sua distribuição pelo mundo.

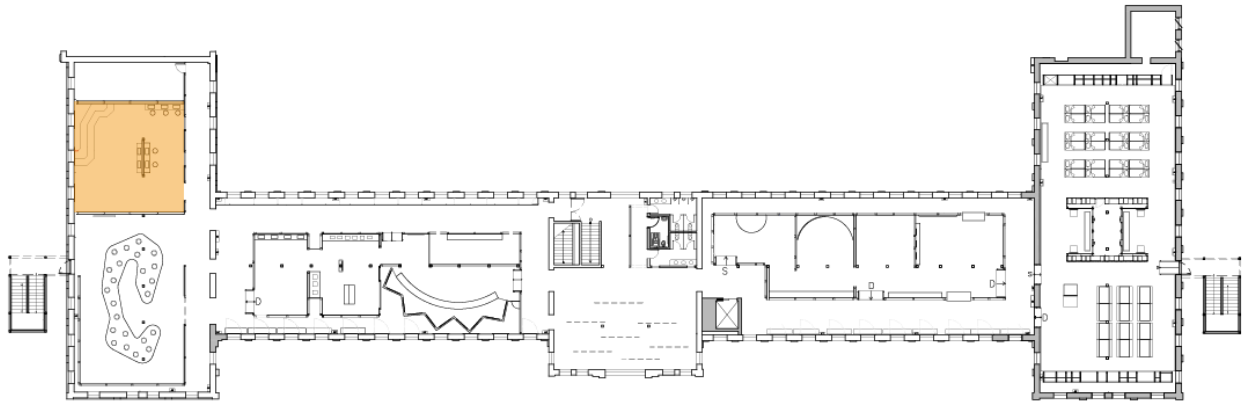
Imagens de brasileiros no exterior

Local: Vídeo projeção

Legenda	Link da imagem
Família Katagiri Machado - EUA - NY - Times Square	1_Adriano Machado Times Square-NY.jpeg
Luis Felipe Fontes Lessa - EUA - Miami	2_brasileiros em miami_Luiz Lessa.jpeg
Daniele de Santana Santos - Argentina - Buenos Aires	3_argentina_Daniele.jpeg
Daniele de Santana Santos - Argentina - Buenos Aires	4_brasileiros na argentina_Daniele2.jpeg
Ironi Isabel Ribeiro - Tanzania - Aruxa	5_brasileiros em tanzania_Ironi.jpeg
Ironi Isabel Ribeiro - Tanzania - Aruxa	6_brasileiros na tanzania_Ironi.jpeg
Ironi Isabel Ribeiro - Tanzania - Aruxa	7_brasileiros na tanzania_Ironi.jpeg
Gali: polenta de milho verde - Tanzania - Aruxa	8_Tanzania_Gali_polenta de milho verde .jpeg
Ironi Isabel Ribeiro - Tanzania - Aruxa	9_tanzania_Ironi.jpeg
Família Katagiri Machado - Vietnã - Hanói	10_brasileiros no vietnam_adriano machado.jpeg
Felipe Modesto - Canadá - Victória	11_brasileiros no canada_Felipe Modesto.jpeg
Debora Miyuki Yamada e Franklin Yuiti Yamada - Canada - Toronto - Bay Station	12_debora_miyuki_yamada_e_franklin_yuiti_yamada - Canada Bay station.jpeg
Família Katagiri Machado - China - Shangai	13_brasileiros em Shangai - Adriano Machado.jpeg
Família Katagiri Machado - China - Shangai	14_brasileiros em Shangai - Adriano Machado.jpeg
Família Fonseca Andrade e amigos - Austrália	15_familia Fonseca Andrade e amigos - australia.jpeg
Carla - Austrália - Sydney - Opera House	16_carla opera house australia.jpeg
Felipe Cruz Nakandakari e Joyce Sueko Dias Tamachiro Nakandakari - Austrália - Sydney	17_Felipe Cruz Nakandakari e Joyce Sueko Dias Tamachiro Nakandakari - Australia.jpeg
Helena - Itália - Roma - Coliseu	18_helena_roma italia.jpeg
Jessica Santiago Haldborg - Portugal - Lisboa - Mosteiro dos Jerônimos	19_jessica_santiago_haldborg.jpeg
Família Katagiri Machado - Rússia - Samara	20_brasileiros na russia_adriano machado.jpeg
Raquel Palmineri - Inglaterra - Londres - Camden Market	21_Raquel palmieri londres camden market.jpeg
Rafaela Silva e Giovana Gomes - Irlanda - Dublin	22_rafaela_silva_e_giovana_gomes_Dublin .jpeg
Reginaldo Juca - Irlanda - Dublin - Howth Head Coast	23_reginaldo_juca_irlanda_Howth Head Coast.jpeg
Raquel Palmineri - Suíça - Zurique	24_raquel Palminere Zurique suica.jpeg
Arlete Akemi Oshiro e Katia Nakandakari Kudaka - Japão - Província de Tochigi - Cidade de Oya	25_Arlete Akemi Oshiro e Katia Nakandakari Kudaka - Japão - Província de Tochigi - Cidade de Oya.jpeg
Jair Shoko Kudaka - Japão - Província de Saitama - Cidade de Gyoda	26_Jair Shoko Kudaka - Japão - Província de Saitama - Cidade de Gyoda .jpeg
Thiago Cassiano Mecequel - Istambul Turquia	27_Thiago Cassiano Mecequel_Mesquita Santa Sofia_Istambul Turquia.jpeg

João Pedro Fernandes - Chile Atacama	28_João Pedro Fernandes Chile Atacama.jpeg
Maria Eduarda Monsaraz - Portugal	29_Maria Eduarda - Monsaraz - Portugal.jpeg
Daniela Mediolaro Benazzi - Áustria - Viena	30_Daniela Mediolaro Benazzi - Áustria_Viena.jpeg
Daniela Mediolaro Benazzi - Áustria - Graz	31_Daniela Mediolaro Benazzi - Áustria_ Graz.jpeg
Karolina Abreu - Espanha	32_Karolina Abreu_Espanha.jpeg
Danilo Guerra e Gabriela Picolo - vista da "The Palm Jumeirah" - Dubai (Emirados Árabes Unidos)	33 - Danilo Guerra e Gabriela Picolo_Dubai

MÓDULO 10 - Observatório das Migrações



O espaço é uma sala tecnológica com 6 recursos multimídia, incluindo terminais de consulta e projeções.

M10.AV1 - Projeção Interativa Mapa-Múndi

Descrição de conteúdo

Os pontos de interação vão apresentar um texto breve e uma fotografia de centros de imigração do mundo inteiro, além efeitos sonoros provenientes da navegação. Ao todo são 23 localidades que estarão no mapa.

Mapa-múndi com as localidades definidas:

https://www.histoire-immigration.fr/sites/default/files/styles/image_moyenne_desktop/public/musee/thumbnails/image/migration-museums-map.jpg?itok=ap7l6fx8

M10.AV2 - Terminais de Consulta Plataformas de Imigração

Descrição de conteúdo

Os terminais de consulta darão acesso às seguintes plataformas:

OBmigra (Observatório das Migrações Internacionais) : plataforma conectada a diversos bancos de dados sobre imigração, disponibiliza consulta e filtros para pesquisa

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio>

base de dados do SISMIGRA (sistema de registro migratório)

<https://datamigra.mj.gov.br/#/public/bases/sisMigraAnoRegistro>

base de dados dos "Solicitantes de Refúgio"

<https://datamigra.mj.gov.br/#/public/bases/stimar>

Unicamp plataforma NEPO (Núcleo de Estudos de População Elza Berquó)

Censo Demográfico 2010

<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/censo-demografico/>

Imigrantes internacionais registrados no Brasil

<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/>

Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado ativas em 5/12/2020

<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/conare/>

Estudantes imigrantes internacionais no Brasil matriculados no ensino básico

<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/censo-escolar/>

Estudantes imigrantes internacionais no Brasil matriculados no ensino superior

<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/censo-educacao-superior/>

mapa colaborativo de pessoas, grupos e organizações que atuam na área das migrações da Prefeitura de São Paulo

<https://imigrantesmapeamento.prefeitura.sp.gov.br/explorar>

M10.AV3 - Projeção Plataformas de Imigração

O vídeo apresenta uma simulação da navegação nos 8 links disponibilizados nos terminais de consulta.

M10.AV4 - Terminais de Consulta Desvendando Fotografias

Será utilizado o conteúdo das postagens nas redes sociais do MI da série “Desvendando Fotografias”, que incluem uma fotografia acompanhada por um texto descritivo. Após escolher o idioma, o terminal apresenta uma lista de temas. Ao escolher o tema são apresentadas miniaturas das fotografias e uma pequena descrição, que podem ser selecionadas tanto através do touchscreen quanto dos botões físicos. Ao selecionar uma imagem, ela é ampliada e o texto descritivo é exibido. São até 30 fotografias e até 5 temas.

Exemplos de conteúdo:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4935185103175347&set=no-desvendando-fotografias-d-e-hoje-refletiremos-sobre-o-papel-do-pr%C3%A9dio-do-hospi>

<https://www.memorialdoimigrante.org.br/eventos/presencial/desvendando-fotografias-18a-semana-nacional-de-museus>

M10.AV5 - Terminais de Consulta MI Indica

A tela de espera apresenta a seleção de idiomas: português, inglês e espanhol. Será utilizado o conteúdo das postagens nas redes sociais do MI da série “MI Indica”, que incluem uma imagem acompanhada por um texto descritivo. Após escolher o idioma, o terminal apresenta uma lista de temas. Ao escolher o tema são apresentadas miniaturas das imagens e uma pequena descrição, que podem ser selecionadas por meio do touchscreen ou dos botões físicos. Ao selecionar uma imagem, ela é ampliada e o texto descritivo é exibido. No caso do texto conter links, utilizar um QR code. São até 30 conteúdos e até 5 temas.

Exemplo de conteúdo:

https://www.facebook.com/Museudalmigracao/photos/mais-uma-lista-o-mi-indica-est%C3%A1-no-ar-dessa-vez-os-conte%C3%BAdos-selecionados-pela-e/3942921269068407/?locale=es_LA&paipv=0&eav=AfZ64PN0so6Bw-rcHldjff6Vioaao-29NdXwAOjWMMDw5urVucAKjD6b4zWyWZb1kYw&_rdr

M10.AV6 - Terminais de Consulta Sobrenomes Site do MI

Os terminais interativos dão acesso ao site do Museu da Imigração, para consultar informações nos livros de registro. Link para a consulta nos livros de registro do MI:

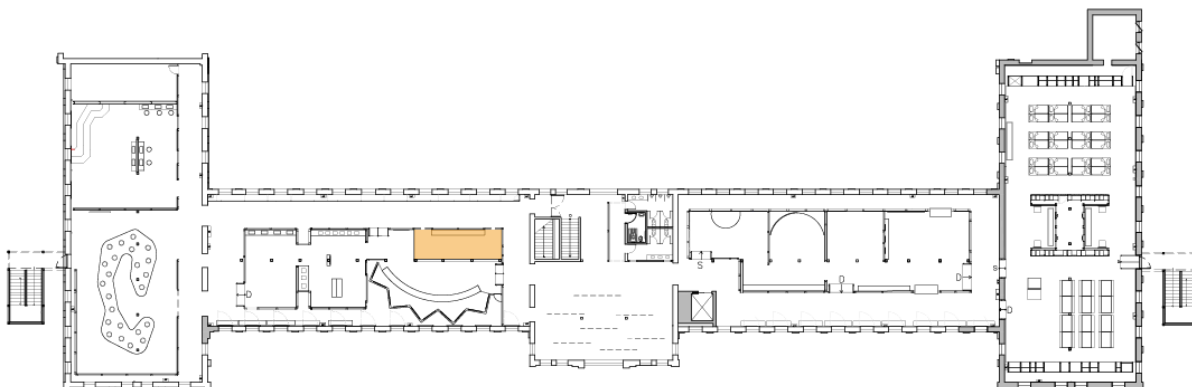
<https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/livros.php>

Após a pesquisa ser feita é possível acessar a informação por uma imagem do livro. Exemplo:

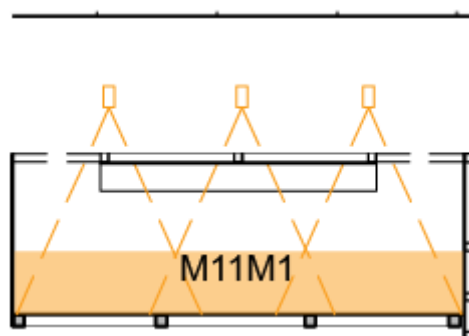
https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/livros/pdfs/L06A_071.pdf

Como a leitura da imagem é difícil, o site também apresenta as informações por texto.

MÓDULO 11 - Sobrenomes



Uma sala retangular ocupada por uma grande projeção e bancos.



M11.AV1 - Projeção Sobrenomes

O conteúdo da projeção foi produzido para a instalação videográfica SobreNomes. O MI irá implementar o conteúdo em sua exposição permanente. Link para assistir o conteúdo: https://youtu.be/sh9KoTzAz_k?si=qSmt2l04u0lX-aoU

Deve apresentar o gráfico indicativo de passagem do tempo (reloginho) além dos recursos de acessibilidade.